



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS

Departamento Social e Cultural

**OLHAR A VIDA EM TRÊS REGISTOS:
Percursos de Jovens em Centro Educativo**

PATRICIA MENDONÇA

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em
Educação Social: Intervenção com Crianças e Jovens em Risco

Orientadora: Professora Especialista Fernanda Carvalho (ISCE)

Julho, 2015

Odivelas

“(...) se eu pudesse voltava atrás com o tempo...”

Madalena. 18 anos

AGRADECIMENTOS

Muitas e belas coisas poderiam e deveriam ser ditas neste momento... mas gostaria de dizer apenas uma palavra, mesmo sabendo que ficará muito aquém do que desejaria que ela significasse.

OBRIGADA!

Obrigada a quem confiou que, apesar das pedras que surgiram no caminho, “era possível”!

À Dr.^a Fernanda Carvalho que me ajudou incondicionalmente quer com o seu saber académico e científico quer com a persistência e disponibilidade que a caracterizam como pessoa... e juntas chegámos à meta.

Ao Dr. Rogério Canhões que me “abriu as portas” do Centro Educativo que dirige com o humanismo que lhe é próprio e com um profissionalismo incomparável.

À Dr.^a Gabriela Carapinha que acompanhou o trabalho realizado no Centro Educativo e a todos os Técnicos desta Instituição.

Às Irmãs da Apresentação de Maria que contribuíram para o meu processo formativo.

À minha família que tanto me apoiou neste momento crucial da minha caminhada.

Aos jovens e às jovens com quem contatei nas entrevistas e que me fizeram “olhar o seu mundo” de um modo tão diferente... e que de algum modo me mudaram interiormente...

A quem nunca duvidou de que “eu valho pelo que sou e não pelo que faço”... **OBRIGADA!**

RESUMO

Com o presente estudo, pretende-se compreender se a execução da medida tutelar de internamento em Centro Educativo, com a consequente aplicação de programas e métodos pedagógicos específicos, tem feito com que os jovens adquiram as competências necessárias para a sua reinserção social. Para tal, realizou-se uma investigação de natureza qualitativa, a partir das narrativas de 12 jovens (11 em medida de internamento e um jovem que se encontra a cumprir medida cautelar de guarda) e da consulta dos respetivos processos e Projetos de Intervenção Educativa. Tornou-se, assim, essencial: compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expetativas futuras; saber quais as representações dos jovens relativamente ao Centro Educativo, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos; e conhecer a Lei Tutelar Educativa e modelo de intervenção educativa a que estão sujeitos.

A delinquência juvenil, fenómeno de elevada visibilidade pública e académica, tem gerado debates e medidas políticas, sociais e penais orientadas para a intervenção e prevenção. Em Portugal, os menores que pratiquem tais comportamentos poderão incorrer numa medida tutelar educativa, que se traduzirá no cumprimento de uma medida de internamento em Centro Educativo. A intervenção em Centro Educativo orienta-se, em geral, pelo projeto de intervenção educativa do Centro e, em especial, pelo Projeto Educativo Pessoal, no sentido de uma intervenção diferenciada adequada ao percurso de cada jovem.

A finalidade do nosso estudo é a de dar voz aos jovens internados em Centro Educativo, sob a ótica de que é essencial acreditar na capacidade de mudança do ser humano e, assim, ajudar a refazer o tecido da nossa sociedade contemporânea, olhando-os sob o pano de fundo de que “essas pessoas somos nós”.

Não será possível generalizar as conclusões obtidas, uma vez que se trata de um estudo qualitativo cujas conclusões apenas dizem respeito aos sujeitos estudados.

Confirmou-se, todavia, que a execução da medida tutelar de internamento em Centro Educativo, com a decorrente aplicação de programas e métodos pedagógicos específicos, tem feito com que os jovens adquiram as competências necessárias para a sua reinserção social.

Palavras-chave: Delinquência Juvenil, Lei Tutelar Educativa, Centros Educativos, Intervenção Educativa, Reinserção Social.

ABSTRACT

The present study aims to understand if the execution of the internment measure in Education Center, with the subsequent application of programs and specific pedagogic methods, has made youngsters acquire the necessary ability for their social reintegration. For that, an investigation of qualitative nature has been made, based on narratives of 12 young people (11 on internment measure and one youngster that is serving caution guard measure) and the consult of their respective processes and Educational Intervention Projects. It has thus become essential: to understand how young people see their social-educational trajectory, before and after the interment, and what are their future expectations; to know which are the youngsters' representations in regards to the Education Center, namely in what concerns the type of intervention to which they are submitted, and to learn about the Education and Guardianship Law and the model of educational intervention to which the youngsters are submitted.

Juvenile delinquency, phenomenon of highly public and academic visibility, has generated debates and political, social and penal measures oriented to intervention and prevention. In Portugal, minors that practice such behaviors could run into a tutelary educational measure, which will translate in the compliance of an internment measure in Education Center.

The intervention in Education Center is guided, in general, by the educational intervention project and, specifically, the Personal Education Project, for a differentiated intervention suitable to the course of each youngster.

The purpose of our study is to give voice to the young people interned in Education Center, under the idea that is essential to believe in the capacity of change of the human being and, in that way, help to rebuild the framework of our contemporary society, looking at those youngsters under the believe that "those people are us".

It won't be possible to generalize the obtained conclusions, since it is a qualitative study whose conclusions only matters the studied individuals.

It has been confirmed, though, that the tutelary internment measure in Education Center, with the application of pedagogic and specific programs and methods, has made youngsters to acquire the necessary ability for their social reintegration.

Keywords: Juvenile Delinquency, Education and Guardianship Law, Education Centers, Educational Intervention, Social Reintegration.

SIGLAS

CE – Centro Educativo

DGRS – Direção Geral de Reinserção Social

EFA – Educação e Formação de Adultos

LPCJP – Lei de Proteção das Crianças e Jovens em Perigo

LTE – Lei Tutelar Educativa

MI – Medida de Internamento

PEI – Plano Específico de Integração

PEP – Projeto Educativo Pessoal

PIE – Projeto de Intervenção Educativa

RGDCE – Regulamento Geral e Disciplinar dos Centros Educativos

TPRS – Técnico Profissional de Reinserção Social

TSRS – Técnico Superior de Reinserção Social

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS.....	ix
1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	3
2.1. DELINQUÊNCIA.....	3
2.1.1. Comportamento Desviante, Desvio e Comportamento Antissocial	3
2.2. DELINQUÊNCIA JUVENIL	6
2.3. FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO	9
2.3.1. Fatores de Risco	9
2.3.2. Fatores de Proteção	13
2.4. A DELINQUÊNCIA JUVENIL EM PORTUGAL	15
2.5. A FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO PRIVILEGIADA DE SOCIALIZAÇÃO	16
2.6. JUSTIÇA JUVENIL: CONTEXTO DA INTERVENÇÃO JUDICIAL EM PORTUGAL..	18
2.6.1. Enquadramento Legal Português.....	19
2.6.2. Lei Tutelar Educativa	21
2.6.3. As Medidas Tutelares Educativas	23
2.7. CENTROS EDUCATIVOS	24
2.7.1. Um olhar global sobre os Centros Educativos	24
2.7.2. Centros Educativos: A Intervenção Educativa.....	25
2.8. EXECUÇÃO DA MEDIDA TUTELAR EDUCATIVA DE INTERNAMENTO	27
2.8.1. Regimes de Execução.....	29
2.9. INTERVENÇÃO EDUCATIVA	32
2.9.1. Sistema de faseamento e progressividade nos regimes fechado, semiaberto e aberto ...	33
2.9.2. Programas.....	35
2.9.3. Programa de Formação.....	35
2.9.3.1. Programas de Animação Sócio-Cultural e Desportivos	36
2.9.3.2. Programas de satisfação das Necessidades Educativas Específicas Associadas ao Comportamento Delinquente	37

2.9.4. Tutoria e Aconselhamento.....	37
2.9.5. Sistematização e Avaliação da Intervenção	39
2.10. (RE)EDUCAÇÃO E (RE)INSERÇÃO SOCIAL	40
2.11. PROJETOS DE VIDA: a construção de caminhos de responsabilidade e autonomia em Centros Educativos.....	40
3. METODOLOGIA	43
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENTRO EDUCATIVO NAVARRO DE PAIVA.....	43
3.1.1. Contexto histórico CENP	43
3.1.2. Caracterização do CENP	46
3.2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	48
3.3. OBJETIVOS DE ESTUDO: GERAL E ESPECÍFICO	49
3.4. TIPO DE ESTUDO	50
3.5. UNIVERSO - AMOSTRA	50
3.6. INSTRUMENTOS	51
3.7. PROCEDIMENTOS	53
4. RESULTADOS	55
4.1. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	55
4.1.1. Entrevistas Semiestruturadas.....	55
4.1.2. Processos Individuais dos Jovens internados	93
4.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	123
5. CONCLUSÃO	130
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
7. APÊNDICES	139

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Mapa de Faseamento e Progressividade.....	34
Quadro 2: Área Formativa.....	47
Quadro 3: Programas Terapêuticos e Residências.....	47

1. INTRODUÇÃO

A investigação apresentada surge no âmbito do Mestrado em Educação Social, área de especialização em Intervenção com Crianças e Jovens em Risco, e incide no campo da Delinquência Juvenil e na intervenção em Centro Educativo (CE), com especial ênfase nas representações dos jovens sujeitos a uma Medida Tutelar de Internamento.

A Delinquência Juvenil, sendo um fenómeno de elevada visibilidade pública e académica, demarcada pela intolerância social perante comportamentos transgressivos realizados pelos jovens (Carvalho, 2000), tem gerado debates assim como respostas sociais, políticas e penais específicas orientadas para a intervenção e prevenção no sentido de alterar os comportamentos dos jovens, reeducando-os.

Toda esta problemática conduziu ao evoluir da legislação em matéria de crianças e jovens, levando a que o enquadramento legal possibilitasse distinguir crianças e jovens que tivessem o seu desenvolvimento condicionado, de jovens menores infratores. Em Portugal, os menores delinquentes, quando praticam algum ato que socialmente não é aceitável, e é punível criminalmente, poderão incorrer numa Medida Tutelar Educativa (MTE), que se traduzirá num cumprimento de uma Medida de Internamento (MI) em CE.

A intervenção em CE obedece a um regulamento geral e a orientações pedagógicas estabelecidas para todos os Centros Educativos, com vista à realização uniforme dos princípios fixados na lei em matéria tutelar educativa. A intervenção orienta-se, em geral, pelo Projeto de Intervenção Educativa (PIE) do Centro e, em especial, pelo Projeto Educativo Pessoal (PEP) que considere fatores do percurso individual de cada jovem.

Pela literatura analisada, verificamos que existem variadas dimensões no fenómeno da delinquência juvenil, nomeadamente, dimensões familiares, escolares e sociais, nas quais se salientam os fatores de risco e os de proteção. Também nos deparamos com diversa literatura sobre Internamento e Centros Educativos, especialmente, no que diz respeito às dinâmicas institucionais. No entanto, existe uma lacuna na investigação no que diz respeito às representações que os próprios jovens, internados em CE, têm sobre a sua trajetória de vida passada, presente assim como perspetivas de futuro. Pela razão apontada, entendemos que se trata de uma investigação pertinente, do ponto de vista social e científico, potenciadora de reflexão quer do universo académico quer do universo profissional, sobretudo daqueles

que desenvolvem ações neste contexto, pois ao dar-se voz aos jovens, acreditamos que estamos a contribuir para o conhecimento real da medida de intervenção a que os jovens estão sujeitos e quais os resultados da mesma.

Considerando o estudo em causa, afigurou-se pertinente construir um enquadramento teórico abrangente, havendo a necessidade de realizar uma revisão bibliográfica com base em temas fundamentais: o fenómeno da Delinquência Juvenil; Justiça Juvenil; Contexto da intervenção em Portugal; Centros Educativos; Medida Tutelar Educativa de Internamento e sua execução; intervenção Educativa; (Re)Educação e (Re)Inserção Social; Projeto de Vida.

De seguida, contextualizaremos o processo metodológico que sustenta esta investigação, de cariz compreensivo e de abordagem qualitativa, no sentido de dar resposta à questão de partida: Será que a execução da medida tutelar de internamento em Centro Educativo, com a consequente aplicação de programas e métodos pedagógicos específicos, capacita os jovens para a sua (re)inserção social futura?

Os objetivos do presente estudo passam por compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento, e quais as suas expectativas futuras, analisar as representações dos jovens relativamente ao CE, particularmente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos assim como conhecer a LTE e o modelo de intervenção educativa.

Sendo que a finalidade do nosso estudo é a de dar voz aos jovens internados em CE, optámos pela utilização da entrevista semiestruturada, aplicada a todos os participantes - amostra aleatória de 12 - com o intuito de captar a forma como constroem o pensamento e o que querem dizer nas entrelinhas a partir da análise de conteúdo das mesmas. Num processo de triangulação de recolha de dados, para além da entrevista, fez-se uma pesquisa documental que se traduziu na análise exaustiva dos processos individuais dos jovens e do PIE do Centro Educativo Navarro de Paiva (CENP).

Finalmente, descreveremos e interpretaremos os resultados obtidos, seguido pela conclusão final, onde serão apresentados os objetivos alcançados assim como a resposta à pergunta de partida.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1. DELINQUÊNCIA

Matos (1996) define o ato de delinquir, de forma muito sintética, como a prática de delitos que desrespeita o que está legalmente estabelecido. Negreiros (2001) descreve o conceito de delinquência como:

aquele que está associado a uma maior imprecisão. Com efeito, o termo delinquência tanto pode ser definido em função de critérios jurídico-penais, sendo delinquente o indivíduo que praticou atos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais, como pode confundir-se com a definição de comportamento antissocial, assumindo, desse modo, uma muito maior amplitude (p.14).

No entender de Sampaio (2010) delinquir significa

a acção de cometer uma falta ou delito no desrespeito pelos quadros de regras que uma sociedade tem legalmente instituído; na transgressão dos limiares de tolerância dos grupos sociais, portadores de sistemas de normas e de valores de uma sociedade num dado momento da sua evolução (p. 8).

A mesma autora esclarece ainda que “por actos delinquentes compreende-se os actos anti-sociais ilegais que levam os indivíduos ao contacto com as instituições” (2010, p. 9).

2.1.1. Comportamento Desviante, Desvio e Comportamento Antissocial

Na literatura, os comportamentos que envolvem violação de normas sociais são frequentemente encontrados sob diversas designações, tais como, comportamento desviante, desvio e comportamento antissocial. De seguida, iremos definir e distinguir estes termos.

O comportamento desviante pode ser interpretado como qualquer comportamento que implica uma transgressão ou violação de normas ou expectativas de um grupo de indivíduos ou da comunidade (Guimarães, 2012). Para Demartis (2006) os comportamentos considerados desviantes, num determinado povo, podem não o ser noutro, assim como, no seio da mesma sociedade, o mesmo comportamento pode ser considerado desviante numa determinada época e não o ser noutra.

Quanto ao desvio, Simões (2007), apoiando-se numa perspectiva sociológica, indica que o indivíduo está sujeito às normas, aos valores e aos princípios éticos ou legais da sociedade em que este se insere. De acordo com Demartis (2006), fala-se de desvio na referência a comportamentos pelos quais indivíduos ou grupos violam as normas de uma sociedade. Porém, nem todos os que infringem uma regra podem ser considerados desviantes, tornando-se apenas aqueles que não respeitam normas e expectativas sociais importantes, objeto de

valorização negativa por parte de grande número de pessoas (Ramos, 2013). Precisamente por ser relativo ao conceito de norma e, em particular, de tudo o que é considerado norma fundamental, o desvio não pode ser considerado como algo de objetivo, mas é sempre relativo a um contexto normativo e, por conseguinte, relativamente a um determinado sistema cultural (Ramos, 2013). De qualquer modo, o conceito de desvio implica não só uma deformação das regras do grupo e, portanto, a reprovação por parte do mesmo, mas também reações pessoais e coletivas tendentes a isolar, corrigir ou curar quem comete a infração (Castro, 2000). Para Demartis (2006), se é verdade que a criminalidade faz parte do desvio, os dois fenómenos, todavia, não coincidem. A criminalidade refere-se às atividades que infringem, não uma norma qualquer, mas a lei, estando o indivíduo que o pratica, sujeito às punições aplicadas pelos magistrados enquanto representantes do Estado. Pelo contrário, o termo desvio é mais amplo e inclui, não só fenómenos criminais, mas também outros comportamentos que não são abrangidos pelo Código Penal (Ramos, 2013). Nas palavras de Becker (1963, citado por Machado, 2008, p.97):

O desvio não é uma qualidade de ato cometido por uma pessoa, mas antes a consequência da aplicação, pelos outros, de normas e de sanções a um 'transgressor'. O desviante é aquele ao qual este rótulo foi aplicado com sucesso e o comportamento desviante é aquele ao qual a coletividade atribui este rótulo.

Rotular publicamente alguém como “desviante” pode levar a que sejam postos em ação diversos mecanismos que conduzam a moldar a criança, ou o jovem, à imagem que as pessoas têm dela, contribuindo para a solidificação de tal trajetória. Neste sentido, o autor sugere que, em vez de se rotularem e estudarem os jovens, deveria antes estudar-se os motivos e valores que levam os adultos e as sociedades a essa rotulagem, residindo aí, provavelmente, o cerne do estudo desta problemática (Becker, 1963, citado por Machado 2004).

Em suma, na perspetiva de Becker (1963, citado por Machado, 2008) o desvio é sobretudo uma consequência das reações dos outros ao ato de uma pessoa. O desvio não se trata de uma categoria homogénea, pois o processo de designação não é necessariamente infalível, podendo haver indivíduos designados como desviantes sem terem transgredido normas e indivíduos que transgridem mas não recebem o rótulo de desviantes. Becker (1963, citado por Machado, 2008, p.9) resume o conceito de desvio do seguinte modo: “O desvio é uma propriedade, não do próprio comportamento, mas da interação entre a pessoa que comete o ato e as que reagem a esse ato.”

A respeito do comportamento antissocial, Fonseca (2000) refere que este abrange comportamentos que vão desde a oposição e mentira até crimes graves contemplados no código criminal. Estes comportamentos passam a ser considerados inadequados ou patológicos quando se apresentam com muita frequência ou com grande intensidade ou, ainda, durante um longo período de tempo (Fonseca, Simões, Rebelo & Ferreira, 1995). No entender de Negreiros (2001), o termo comportamento antissocial é muito abrangente, referindo-se a um espectro lato de atividades como fugas, agressão, furto, roubo, vandalismo e outros atos que violam as normas da sociedade em que o jovem se (des)insere.

Em conclusão deste ponto, note-se que o termo desvio, atrás definido, é um conjunto de comportamentos que violam as normas e expectativas sociais, não estando implicadas, necessariamente, quaisquer leis penais, pelo que a definição de comportamentos desviantes é indissociável do quadro de referências morais, partilhadas por um determinado grupo social. De tal forma que o comportamento desviante pode ser definido em contraposição com o termo delinquência, comumente entendido como todo e qualquer comportamento que viola uma norma legal, fazendo do primeiro um constructo mais amplo e abrangente (Hirschi, 2002). Não obstante a consistência desta definição de desvio nos diversos trabalhos, Hirschi (2002) considera que lhe podem ser apontadas algumas limitações, tais como o facto de a prática de um comportamento desviante isolado não ser suficiente para declarar o seu ator como desviante ou delinquente. Segundo Born (2005), é na resposta a esta consideração que se pode estabelecer a diferenciação entre delinquência ocasional e delinquência crónica, ou ainda, a distinção entre delinquência limitada à adolescência e delinquência de carreira (Moffitt, 2006). Assim, percebemos a impossibilidade de dissociar o fenómeno do comportamento desviante da adolescência, pois a entrada na adolescência impõe uma clara descontinuidade face à infância, sobretudo entre os 11-12 anos de idade, sendo marcada por um acentuado aumento na prática de comportamentos desviantes que, aquando da entrada na idade adulta, são habitualmente abandonados (Emler & Reicher, 1995).

2.2. DELINQUÊNCIA JUVENIL

A definição de delinquência juvenil tem-se revelado um tanto difícil, dado que constitui um dos conceitos mais imprecisos para a qual vários autores utilizam critérios distintos para a sua caracterização. A delinquência não é um conceito heterogêneo e, por tal, deve ser estudada como um “fenómeno dialético e não absoluto” (Veríssimo, 1990, p.203).

Antes de apresentar a definição do conceito de delinquência juvenil, é de extrema importância definir e analisar alguns conceitos que se encontram comumente associados ao primeiro, relativos às fases da vida juvenil, tais como o de juventude e adolescência.

Segundo (Marteleira, 2004) o conceito de juventude baseia-se num estereótipo impreciso, apresentado geralmente como “uma fase natural da vida que decorre entre a infância e a idade adulta, em que o indivíduo passa de um estado de dependência ao estatuto social de adulto” (p.25) estando associado, geralmente, a atitudes de rebeldia, a dificuldades em acatar ordens e prosseguir regras, a um espírito crítico infundado e ainda a problemas relativos ao desemprego ou ao consumo de drogas. Contudo, é importante a não generalização deste paradigma de juventude, visto que, analisando sociologicamente com mais detalhe, este não é de todo homogêneo, variando conforme a época e o contexto sociocultural (Marteleira, 2004). Exemplo disso é o conceito de infância que, segundo Ariès (1988), na época medieval, não existia enquanto etapa do desenvolvimento humano, ou ainda o conceito de adolescência que, enquanto fase específica do desenvolvimento pessoal e sexual do jovem, deriva das sociedades contemporâneas (Marteleira, 2004).

Para Pais (1996) é na adolescência que têm lugar a grande maioria dos fenómenos desviantes, uma vez que, determinadas culturas juvenis poderão ter valores, representações e normas não coincidentes com as que regem o mundo dos adultos, o que não quer dizer que a prática de delitos rotule, imediatamente, qualquer jovem como delinquente, e que qualquer delito seja considerado crime.

O conceito de delinquência juvenil passou a ser alvo de particular atenção, por parte de vários investigadores no início do século XIX, destacando-se o trabalho de sociólogos como Travis Hirschi ou David Matza (Marteleira, 2004).

Assim, Matza (1964) propõe um modelo analítico situacional, segundo o qual o delinquente se situa constantemente no limite entre o crime e o convencional, respondendo, alternadamente, a ambos, relacionando-se a delinquência à atração que a situação exerce.

Por seu lado, Hirschi (2002), na análise da delinquência juvenil, conclui que a raiz do problema não se encontra na necessidade de saber as razões pelas quais os jovens delinquentes, essencialmente, saber porque não o fazem. A realidade é que os sistemas de punição existentes na sociedade operam como uma ação de controlo sobre os indivíduos, o que explica a conformidade e um número reduzido de delinquentes (Marteleira, 2004). No entanto, para Hirschi (2002), o ato delincente ocorre quando o elo de união entre o indivíduo e a sociedade se corrompe ou enfraquece.

A teoria da associação diferencial de Sutherland defende que o jovem se torna delincente pelo excesso de associações a condutas delinquentes. Nesta lógica, podemos concluir que as práticas criminais poderiam ser apreendidas junto do seu grupo de pares (Marteleira, 2004).

Henggeler (1950) afirma que os comportamentos delinquentes dizem respeito a diversas atividades ilegais realizadas por crianças ou adolescentes. Já Glueck e Glueck (1950) definem, de um modo mais simplista, o conceito de delinquência, afirmando que qualquer criança que cometa um simples ato que transgrida a lei é considerado tecnicamente um delincente. A proposta de definição de delinquência de Dickes e Hausman (1986, citado por Carvalho, 2003) é mais abrangente. Estes investigadores consideram que a delinquência diz respeito a

todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso da transição dos jovens para a vida adulta, sendo estes entendidos como os comportamentos de quebra das condutas sociais convencionais que o indivíduo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil (p.27).

Segundo Negreiros (2010), a delinquência juvenil pode assumir definições diferentes, consoante a área a que se dirige, nomeadamente, área legal, sociológica ou psiquiátrica/psicológica. Assim, conforme a definição legal, o conceito de delinquência baseia-se em critérios jurídico-penais, em que o “delincente é o indivíduo que praticou atos dos quais resultaram uma medida ou condenação pelos tribunais” (Negreiros, 2001, p.14).

A definição sociológica considera a delinquência como o comportamento que se afasta significativamente das normas, padrões de conduta e expectativas sociais determinadas por uma dada cultura (Dias, 2012). Com base na definição psiquiátrica/psicológica, a delinquência é o “comportamento antissocial que é clinicamente significativo no sentido em que se situa para lá dos limites do que clinicamente pode ser considerado como o funcionamento normal” (Negreiros, 2001, p.12).

Para Ferreira (1997), o conceito de delinquência juvenil é uma construção social e institucional em torno da qual se reúnem definições e ideias sobre situações e comportamentos que contrastam com o conceito ideal que temos da infância e da juventude.

A intervenção legal face a determinados comportamentos é justificada pela gravidade dos mesmos, gravidade esta, caracterizada pelo desrespeito por valores institucionais e sociais e ainda pelas ofensas à sensibilidade dos outros (Ferreira, 1997).

Como verificado anteriormente, a adolescência é definida como fase de transição entre a infância e a idade adulta. É caracterizada por mudanças ao nível psicossocial, cognitivo e físico, que levantam questões sobre o próprio «eu», originando consequências psicológicas que se traduzem na autoestima, nas emoções, na representação de si próprio e do outro, na autoconfiança e na interação social que se estabelece entre grupos dos quais se faz parte (Dias, 2012). Tendo em conta esse sentimento de pertença a um grupo, o adolescente procura ao mesmo tempo a sua pertença na comunidade e na sociedade. Assim, o grupo de pares, além de promover as competências sociais, contribui igualmente para o desenvolvimento psicológico do adolescente, dado que, ao interagir com os outros, o sujeito irá gradualmente definir-se enquanto pessoa (Dias, 2012).

Alguns adolescentes adotam padrões de vida convencionais que são socialmente aceites para a sua integração na comunidade, outros há que, por razões adversas, adotam padrões de vida não convencionais, não normativos ditos delinquentes (Dias, 2012). Todavia, esta quebra da conduta social e convencional deve ser entendida à luz da sociedade em que se aplica (Born, 2005).

A delinquência juvenil remete para todo o tipo de infração criminal que ocorre durante a infância e a adolescência. Abrange o conjunto de respostas e de intervenções institucionais e legais em relação a menores que cometem infrações criminais, nomeadamente quando revelam comportamentos desviantes e desajustados da realidade psicossocial do grupo etário a que pertencem (Ferreira, 1997).

Esta encontra-se ainda relacionada com o comportamento que os jovens estabelecem com a sua rede mais próxima em locais caracterizados pela delinquência (Ferreira, 1997) sendo portanto um conceito heterogéneo, pois inclui diversos comportamentos (Quay, 1987). Os comportamentos delinquentes mais frequentes entre os adolescentes são o roubo, assalto, vandalismo, violência contra pessoas, uso de drogas, invasão de propriedades, furto, compra

de artigos roubados, prostituição, desordem de conduta, invasão de domicílio e mendicância (Henggeler, 1950; Quay, 1987). No entanto, apesar da delinquência juvenil ser um fenómeno de enorme complexidade e de se manifestar, cada vez mais, entre os jovens, a relação entre delinquência juvenil e comportamento criminal futuro não é linear, uma vez que muitos dos jovens desenvolvem uma trajetória delinvente somente durante a adolescência, entrando na idade adulta, adotando comportamentos adequados à sociedade (Dias, 2012) sendo difícil prever o que desencadeará no jovem o comportamento delinvente, uma vez que existem demasiados fatores que influenciam o mesmo (Oliveira, 2011).

2.3. FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO

Como vimos supra, a delinquência juvenil é um fenómeno bastante complexo, heterogéneo, variável de pessoa para pessoa, que se manifesta numa faixa etária também ela variável, e é influenciado por um vasto e distinto conjunto de fatores – *fatores de risco* e *fatores de proteção*, determinantes para os jovens seguirem por um caminho desviante, ou desenvolverem um percurso de vida normativo (Dias, 2012).

Nos pontos infra, far-se-à uma revisão da literatura sobre a etiologia dos fatores de risco e de proteção a que os jovens autores de atos infracionais estão expostos.

2.3.1. Fatores de Risco

No presente ponto, pretende-se identificar os fatores de risco associados ao fenómeno da delinquência juvenil apontados pela literatura como potenciadores de condutas desviantes.

Sumariamente, entende-se que o conceito de fatores de risco pode ser definido como “qualquer tipo de influência que aumente a probabilidade de aparecimento de um determinado problema e da sua manutenção” (Dias, 2012, p.9).

Como veremos, os fatores de risco associados a comportamentos delinquentes são múltiplos e de origens diversas, tais como, fatores individuais, familiares, económicos, práticas parentais, entre outros (Guimarães, 2012).

Farrington (2001) encara os fatores de risco como uma das estratégias mais importantes para detetar e prevenir fenómenos como o da delinquência juvenil. De acordo com Matos, Simões, Gaspar & Negreiros (2009), os fatores de risco traduzem-se em fatores que levam o jovem a enveredar por condutas transgressivas. Webster-Stratton (1998) define fatores de risco como variáveis relacionadas com a alta probabilidade de, no desenvolvimento humano,

ocorrerem resultados negativos ou indesejáveis, abrangendo comportamentos que podem comprometer o bem-estar, a saúde e o desempenho social do indivíduo.

Os fatores de risco associam-se facilmente aos adolescentes e são indicadores que levam o jovem a envolver-se e a desenvolver novas condutas criminais (Barata, 2006). Saliente-se que estes indicadores podem derivar da sua própria personalidade ou de meios sociais onde este se movimenta como veremos (Pral, 2007).

No que respeita à delinquência juvenil, há uma enorme diversidade de fatores de risco, enumerados de várias maneiras por diferentes autores, os quais nem sempre são coerentes na nomenclatura que utilizam para os categorizarem.

Farrington (2001) acusa a impulsividade, os baixos resultados académicos, a reduzida supervisão parental, pais criminosos ou o nível socioeconómico baixo como fortes preditores da carreira delinquente.

Hawkins, Catalano e Miller (1992) dividiram os fatores de risco em dois grandes grupos: fatores de risco contextuais e fatores de risco individuais e interpessoais. No entender de Dias (2012), os fatores de risco contextuais estão “relacionados com as leis e as normas, com a disponibilidade para as drogas, ligação a pares que consomem drogas, dificuldades económicas e comunidades residenciais desorganizadas” (p.9). Para a mesma autora, os fatores de risco individuais e interpessoais incluem os

fatores fisiológicos, tais como influências bioquímicas e genéticas, famílias aditas, práticas de gestão e conflito familiar, laços frágeis com a família, problemas comportamentais persistentes e precoces, insucesso escolar, baixo envolvimento escolar, rejeição pelos pares, alienação e rebeldia, atitudes positivas quanto ao uso de drogas e ao início precoce do consumo de drogas (p. 9).

Por sua vez, Borum (2006) classificou alguns fatores de risco de acordo com a fase do ciclo vital em que ocorrem, dividindo-os em fatores de risco precoces e fatores de risco tardios. Os fatores de risco que se manifestam numa fase precoce da vida de um indivíduo, designadamente na infância entre os 6 e os 11 anos, podem determinar a adoção de comportamentos de risco na adolescência. Segundo Silva (2010), são mais significativos os fatores de risco de origem individual, como complicações no parto, hiperatividade, procura de sensações e impulsividade, e os fatores de origem familiar, como o comportamento parental antissocial ou criminal, abuso de substâncias e práticas de educação de baixa qualidade. Todavia, podem surgir mais tarde, por volta dos 12 e os 14 anos, ou seja, aquando da entrada do jovem na adolescência, alguns fatores de risco como a associação a pares

delinquentes e antissociais e a débil ligação à sociedade (Borum, 2006).

No que respeita à associação dos jovens a pares delinquentes e antissociais, note-se que há duas formas distintas de atuação dos pares junto dos jovens, fazendo-os adotar comportamentos antissociais e delinquentes, a saber, a associação com pares desviantes e a rejeição dos pares (Dias, 2012). Assim, a associação com pares desviantes diz respeito aos pares que influenciam os jovens com histórico de delinquência fazendo aumentar a gravidade ou a frequência dos seus comportamentos delinquentes (Silva, 2010). Já a rejeição dos pares pode levar a um aumento do risco para condutas antissociais crónicas, principalmente nas crianças agressivas, bem como uma maior probabilidade de se tornarem membros de grupos de pares desviantes (Dias, 2012).

Considerando os fatores de risco suprarreferidos, os adolescentes delinquentes tendem a ser excluídos ou a colocarem-se à margem dos grupos normativos da sociedade dominante, e a criarem os seus grupos, geralmente denominados de *gangs*, cujas regras são definidas pelos próprios membros do *gang*, que à partida partilham os mesmos ideais, símbolos, valores e costumes (Dias, 2012). A autora considera que é decisivo afirmar que os membros dos *gangs*, sobretudo os rapazes, são mais delinquentes que os jovens que não fazem parte de nenhum *gang*. Os adolescentes associam-se aos *gangs* desviantes para serem aceites pelo grupo e para melhorarem a sua autoestima, associação essa que vai aumentar a delinquência nos jovens, dado que cometem o mesmo tipo de atos delinquentes e em grupo (Dias, 2012). Contudo, não é só a predisposição para a associação a pares desviantes que leva ao comportamento delincente, mas também alguns fatores de risco individuais, referidos anteriormente. A impulsividade é um desses fatores de risco, que, de acordo com Dias (2012), pode ser definida como “uma predisposição para reações rápidas e não planeadas, quer a estímulos internos, quer a estímulos externos, sem ter em conta as consequências negativas dessa reação, quer para o próprio, quer para os outros” (p.12).

De acordo com Lipsey e Derzon (1998), as variáveis de risco que identificam adolescentes entre os 12 e os 14 anos, que apresentam uma probabilidade acrescida de se tornarem futuramente delinquentes graves e violentos são: a falta de laços sociais e a presença de pares antissociais; o envolvimento em atividades delinquentes; a manifestação de comportamento agressivo; fraco desempenho escolar; presença de um diagnóstico psicopatológico; fracas relações pais-filhos e ainda serem vítimas continuadas de violência física.

Para Jessor (1992), ao nível individual podem ser evidenciados alguns fatores de risco, associados ao trajeto delinquente como a personalidade do jovem, a perceção de fracas oportunidades de vida, a baixa autoestima e a propensão para assumir o risco. Por sua vez, Andreou (2000) identifica no indivíduo os seguintes fatores de risco: insucesso escolar; apetência pelo comportamento desviante; autoconceito desfavorável; absentismo escolar; personalidade com traços de maquiavelismo; manipulação.

De acordo com Kazdin e Buela-Casal (1995), a complexidade das relações entre os fatores de risco é um dos principais problemas quando se pretende identificá-los individualmente. Quando os fatores de risco não estão agrupados, isto é, quando inúmeros fatores concorrem num só sujeito, como por exemplo, família numerosa, baixo nível de rendimento e escassa supervisão dos pais, estes tendem a acumular-se e torna-se difícil perceber os contributos de cada um no sujeito.

No que diz respeito aos fatores de risco individuais, importa referir que estes são intrínsecos ao sujeito e responsáveis pela adoção de comportamentos desviantes (Vale, 2011). A literatura tem apontado como frequentemente associados ao fenómeno da delinquência juvenil, fatores como: (i) baixa autoestima; (ii) baixa motivação; (iii) impulsividade; (iv) hiperatividade; (v) isolamento social; (vi) agressividade; (vii) o uso/abuso de substâncias; (viii) absentismo escolar; (ix) expulsões e suspensões escolares; (x) comportamento antissocial precoce; (xi) baixa inteligência; (xii) pouco vínculo com a família; (xiii) poucas competências sociais; (xiv) baixo rendimento académico e intelectual; (xv) comportamentos ofensivos; (xvi) temperamento; (xvii) procura de sensações; entre outros (Kazdin & Buela-Casal, 2001; Matos et al., 2009; Vale, 2011). Estes fatores, segundo Paludo e Koller (2005), podem estar relacionados com diversos problemas, quer a nível da genética do ser humano, de défice de competências sociais e intelectuais (dificuldade em controlar as emoções e baixo nível de empatia), de género, como também a nível das características psicológicas. Os jovens que infringem a lei são olhados como sujeitos que não interiorizaram normas e que, constantemente, desafiam os limites socialmente impostos. Estes manifestam também um défice de empatia pelo próximo e ausência de culpa, que são facilitadores para a prossecução do crime (Pinho et al., 2006).

Marques (2012) considera que, no que diz respeito aos fatores de risco presentes na escola, devem ser tidos em conta: (i) a associação a pares desviantes; (ii) as políticas e práticas escolares rígidas; (iii) a disciplina repressiva; (iv) as avaliações rígidas; (v) a relação negativa

entre alunos e professores; (vi) o insucesso escolar; (vii) as escolas com elevados níveis de desconfiança entre alunos e professores; (viii) as regras pouco claras e inconsistentes; (ix) a falta de participação dos alunos; (x) as turmas com muitos alunos; (xi) as características do meio; (xii) a atitude dos docentes; (xiii) o pouco suporte da cultura escolar; (xiv) o tamanho e estrutura da escola; (xv) o fraco envolvimento na escola; (xvi) as desigualdades sociais; (xvii) a exposição repetida à violência; (xviii) a discriminação, racismo e a xenofobia.

2.3.2. Fatores de Proteção

Considera-se um fator protetor aquele que mitiga os efeitos de uma situação de risco, de modo a que os indivíduos consigam adaptar-se com mais sucesso a essa situação do que se os fatores de proteção não existissem, isto é, os fatores de proteção são qualquer tipo de influência que pode, de algum modo, mudar os efeitos dos fatores de risco (Conrad & Hammen, 1993; Kaplan, 1999, citado por Chitas, 2010). Por isto, nem todos os jovens expostos a fatores de risco exibem problemas no desenvolvimento e vulnerabilidade (Nardi & Dell’Aglia, 2010).

Alguns autores como Assis, Pesce e Avanci (2006, citados por Nardi & Dell’Aglia, 2010) despertam-nos para a necessidade de dar realce aos aspetos saudáveis e positivos do desenvolvimento do indivíduo e aos do próprio, definindo-se quais os fatores de proteção que impedem os comportamentos delinquentes, tornando-se possível a construção de novos caminhos, novos projetos de vida e perspetivas.

Garnezy (1985) categoriza em três os fatores de proteção: fatores de proteção individuais; fatores de proteção familiares; fatores de proteção relacionados com o suporte social.

Os fatores protetores individuais estão relacionados com o temperamento do indivíduo e características da personalidade, como o nível de atividade, a capacidade de reflexão no confronto com novas situações, competências cognitivas e respostas positivas às necessidades dos outros (Dias, 2012). Os fatores de proteção familiares têm a ver com a coesão familiar, a afetividade e presença de uma figura adulta cuidadora, como os avós, tios, ou outros familiares que assumam o papel parental na ausência dos pais, ou em situações de conflito conjugal ou separação (Dias, 2012). Por fim, os fatores de proteção relacionados com o suporte social podem ser respeitantes ao suporte atribuído por uma figura substituta da mãe, uma instituição ou um professor (Dias, 2012).

Jessor, Bos, Costa e Turbin (1995) identificaram uma série de fatores protetores, associados ao comportamento desviante na adolescência e ao consumo de drogas. Como fatores de proteção, estes autores identificam:

positive orientation to school, positive orientation to health, and intolerant attitudes toward deviance (and, in later waves, religiosity) from the personality system; positive relations with adults, the perception of strong social controls or sanctions for transgression, and awareness of friends who model conventional behavior, from the perceived environment system; and actual involvement in prosocial behaviors, such as volunteer work and family activities, from the behavior system (p. 924).

Também de acordo com Dias (2012), existem ainda outros fatores de proteção, indicados por outros autores, que podem ajudar a diminuir a predisposição para a delinquência e para o comportamento antissocial nos adolescentes e, que de certa maneira, podem moderar a predisposição dos jovens para os fatores de risco, sendo eles delinquentes ou não delinquentes, tais como

a orientação social positiva, o quociente intelectual elevado, o temperamento resiliente, relações calorosas e afetivas, adesão a linhas convencionais de atuação, crenças adequadas e precisas quanto aos comportamentos estandardizados (Dias, 2012, pp.13-14).

São identificados pelos autores Masten e Garmezy (1985) três grupos de fatores de proteção fundamentais ao desenvolvimento do indivíduo, sendo eles:

-atributos pessoais: como por exemplo, a autonomia, orientação social positiva, a autoestima e a inteligência;

-coesão familiar: nível de comunicação elevado, existência de afecto, ausência de conflitos e de pelo menos um adulto responsável pela criança;

-existência de sistemas externos de apoio: presença de recursos no meio em que o indivíduo está inserido e que o apoiam face a contrariedades.

Segundo Steinberg (2000), os jovens que vivem em famílias afetivas apresentam níveis inferiores de depressão e ansiedade, melhor desempenho escolar e elevados níveis de autoconfiança e autoestima, apresentando probabilidades mais baixas de cometerem comportamentos delinquentes.

Existem alguns fatores considerados de proteção que podem impedir a entrada dos jovens no mundo delincente ou, ainda, apoiá-los na saída desse mesmo mundo, tais como: a rede de apoio social e afetiva onde se incluem as relações familiares; algumas características

individuais que denotam uma maior aceitação e conformidade com as normas da sociedade; o grupo de pares com o qual são partilhados sentimentos bons e saudáveis; as atividades ocupacionais como o estudo e o trabalho (Assis e Souza, 1999; Silva, 2002; Nardi & Dell’Aglia, 2010). Para Gallo e Williams (2008) é necessário a frequência escolar pois “é importante acolher estes adolescentes no sistema educacional ao invés de expulsá-los” (p.41).

2.4. A DELINQUÊNCIA JUVENIL EM PORTUGAL

No final dos anos 90 desenvolveu-se, em Portugal, um processo de reforma da justiça juvenil que aponta para uma distinção, até então inexistente, entre jovens agentes de crimes e crianças ou jovens que necessitam de proteção (Perista, Cardoso, Silva & Carrilho, 2012).

Em consonância com Perista et al. (2012), os documentos legais que se constituem como os fundamentos do direito de menores em Portugal, e que permitem a distinção anteriormente referida, são:

- Lei Tutelar Educativa aprovada pela Lei n.º166/99 de 14 de setembro;
- Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) aprovada pela Lei n.º147/99 de 1 de setembro.

Não obstante a nítida separação entre jovens agentes de crimes e crianças/jovens vítimas, as leis estabelecem pontes de articulação entre as duas situações já que os jovens infratores conferem, também com frequência, situações de perigo (Perista et al., 2012). Assim, a Lei n.º 133/99 de 28 de agosto, que alterou o Decreto-Lei n.º 314/78 de 27 de outubro, na parte referente aos processos tutelares cíveis, diz explicitamente, no seu artigo 148º, que “as decisões que apliquem medidas tutelares cíveis e de proteção, ainda que provisórias, devem conjugar-se e harmonizar-se entre si, tendo em conta o superior interesse do menor”.

De seguida, indicaremos alguns dados estatísticos sobre delinquência e criminalidade juvenil em Portugal.

No Relatório Anual de Segurança Interna, referente ao ano de 2009, pode ler-se que, naquele ano, foram registadas 3 479 participações de natureza criminal junto das Forças de Segurança, um aumento de 318 registos face ao ano de 2008 (Sistema de Segurança Interna, 2010, p.90).

Em 2010, aquele número sobe para 3 880, porém, em 2011, regista-se uma descida muito acentuada já que o número de participações, no âmbito da criminalidade juvenil, foi de 1978 (Sistema de Segurança Interna, 2011, p.118; Sistema de Segurança Interna, 2012, p.108).

Note-se que estes números refletem uma grande diversidade de situações, visto que podem abranger desde crime de injúrias a homicídio. Desta forma, embora as estatísticas não permitam verificar a gravidade dos crimes registados como criminalidade juvenil, nem a evolução da mesma, a tendência mais recente aponta para um decréscimo do volume dos atos de criminalidade juvenil registados.

Nas participações de natureza criminal tem-se observado a mesma tendência geral de decréscimo, o que significa que não só o número das participações referentes a criminalidade juvenil desce, em termos absolutos (-1501, ou seja, -43% entre 2009 e 2011), como o seu peso relativo, no conjunto das participações, diminui também: em 2009, a criminalidade juvenil representava 0.8% do total, enquanto em 2011 representava 0,5% do total de crimes registados (Sistema de Segurança Interna, 2012).

Segundo Perista et al. (2012), ao longo dos anos mantém-se a tendência para a maior parte dos atos serem cometidos no interior do espaço escolar (cerca de 2/3).

2.5. A FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO PRIVILEGIADA DE SOCIALIZAÇÃO

No ponto que se segue, apresentaremos uma reflexão sobre as ligações entre a figura transgressora juvenil e a família, sendo esta, a matriz referencial e espaço de socialização e normalização, interferente na estruturação e gestão de um projeto de vida desviante (Castro, 2000).

A família, como instituição privilegiada da transmissão da lei e das normas sociais, apresenta flutuações ao longo do seu percurso histórico, decorrentes do papel assumido culturalmente, em função das relações estabelecidas entre o poder político e os cidadãos. Dado que as formas da família variam histórica, social e culturalmente, não existindo, por isso, um tipo definido, mas uma grande combinação e diversidade de lares (Castellan, 1996).

A estrutura familiar reflete, assim, a própria organização social de uma dada época, acompanhando as suas mudanças aos níveis estrutural e organizacional (Castro, 2000). A evolução desta instituição de socialização normativa acompanha, de forma indissociável e articulada, as condições de emergência histórico-política e culturais da figura transgressora juvenil (Castro, 2000). Consequentemente, o papel da criança e do jovem apresenta

alterações significativas ao longo dos tempos, no seio da organização e da dinâmica familiar (Castro, 2000).

O carácter de indissociabilidade existente entre família e jovem decorre da própria definição de família proposta por Bourdieu (1997), segundo o qual se trata de “um conjunto de indivíduos aparentados ligados entre si ou por aliança, casamento, ou por filiação, ou ainda e mais excepcionalmente pela adoção (parentesco), que vivem sob um mesmo tecto (coabitação) ” (p.93). Enquanto grupo de pessoas, este espaço organizacional possui uma dinâmica funcional particular, regulamentada por normas mais ou menos explícitas, que determinam as interações, papéis e funções de cada elemento participante (Castro, 2000).

Uma família é especialmente um lugar de comunicação, de trocas afetivas entre pessoas, da mesma geração ou não, que vivem sob o mesmo teto, sinónimo de confiança, de troca, de estabilidade para os seus elementos e de proteção face ao exterior (Born, 2005).

Detentora de uma visibilidade mais privada ou pública, consoante as alterações socioculturais e políticas ocorridas ao longo dos tempos, a família desde sempre se instituiu como espaço privilegiado de normalização que o tecido social acolhe e nutre, no sentido do conformismo social (Castro, 2000). A família, percepcionada como ator social, institui-se como um dos veículos privilegiados de acesso à normatividade que se encontra subjacente à organização e gestão dos projetos de vida da figura juvenil desviante e dos demais atores intervenientes neste espaço de vida (Castro, 2000). A família constitui uma das dimensões que tem vindo a ser descrita e referida pela investigação científica como uma das mais influentes e interferentes no processo de construção permanente em que se encontra o jovem nesta fase da vida, uma vez que a adolescência corresponde a um período de vulnerabilidade biológica, psíquica e social (Castro, 2000).

Independentemente do tipo de estudos desenvolvidos, de carácter mais etiológico-explicativo, ou mais compreensivo, mantêm-se algumas regularidades que se configuram como aspetos pertinentes no processo de socialização dos jovens e que contribuem, eventualmente, para a emergência de condutas associadas (Castro, 2000).

Alguns dos aspetos encontrados dizem respeito a práticas de gestão familiar, associadas a monitorização parental pobre ou inexistente, disciplina parental inadequada ou rígida, ausência de modelos de autoridade consistentes, qualidade dos relacionamentos ao nível familiar, modelos de criminalidade familiar, estatuto socioeconómico, dimensão do agregado e organização conjugal (Castro, 2000).

Para Ferreira (1997), a relação entre pais e filhos é fulcral para a compreensão da génese da delinquência. O mesmo autor considera que a influência protetora da família em relação à delinquência estrutura-se em redor de três dimensões: a supervisão familiar; a identificação com os pais; a comunicação íntima. O elevado grau de sensibilidade, em relação às preocupações e às orientações dos pais, aumenta a probabilidade da criança ter em conta essas preocupações e orientações quando se debate com a possibilidade de cometer um ato delinquento (Ferreira, 1997). Os laços familiares inibem ou controlam a delinquência, já que o adolescente não quer pôr em causa as relações positivas que mantém com os pais, pelo contrário, a inexistência de relações próximas na família cria condições que propiciam a delinquência dado que minimiza a sensibilidade do adolescente relativamente às opiniões dos pais, expondo-o às solicitações situacionais e ao encorajamento dos amigos (Ferreira, 1997).

Para Cusson (2007), as crianças deficientemente acompanhadas pelos pais, submetidas a medidas disciplinares incoerentes e que vivem em famílias sem coesão, têm fortes probabilidades de se tornarem delinquentes persistentes. Opinião partilhada por Sprinthall e Collins (1994), pois, uma vez que, os primeiros espelhos das crianças são a família, será na sua família que estes irão buscar a base da sua autoimagem, afirmando que a maioria dos casos de delinquência juvenil, têm as suas raízes na família.

2.6. JUSTIÇA JUVENIL: CONTEXTO DA INTERVENÇÃO JUDICIAL EM PORTUGAL

O objetivo da institucionalização é originar uma reintegração futura na sociedade, fazendo com que os jovens desenvolvam um caminho de vida que até então não tinham (Strecht, 2003)

Seguidamente, para se compreender o contexto da intervenção judicial em Portugal, no que concerne à justiça juvenil, apresentaremos um breve enquadramento histórico-social sobre a institucionalização de crianças e jovens.

A história da institucionalização de crianças e jovens nas sociedades ocidentais é vasta, havendo alusões à prática de instituições públicas que tinham como fim o acolhimento e o cuidado de menores em risco. Contudo, o modo como a institucionalização de jovens se organiza e os objetivos da mesma têm sofrido alterações (Martins, 2004).

A institucionalização, como modelo de proteção social, apenas surge no fim do século XIX, deixando os menores maltratados, abandonados ou com comportamentos desviantes de

serem vistos apenas como responsabilidade da família mas, por outro lado, passando a estar sob responsabilidade do Estado, ao nível da proteção e educação (Gomes, 2001).

A reestruturação das medidas de institucionalização dos jovens é marcada, nas décadas de 80 e 90 do século XX, pela emergência de textos fundamentais de cariz internacional, dos quais se destacam, entre outros, as Directrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil ou Diretrizes de Riade, num esforço de harmonização no que respeita à justiça de menores à escala internacional. Estas medidas compreendem um plano de trabalho em colaboração com os diversos agentes educativos e judiciais (Quintãs, 2009).

Apesar da essência do direito penal de menores ter permanecido inalterada, com as publicações e manifestações internacionais no âmbito da proteção social da criança ou jovem, o termo institucionalização sofreu alterações, englobando, hoje, uma dimensão pedagógica e tutelar, centrada, essencialmente, na formação e construção integral da criança ou jovem, enquanto sujeito de direito e membro de uma sociedade em construção (Funes & González, 1998).

2.6.1. Enquadramento Legal Português

O sistema legal português de proteção à criança inspira-se nos princípios do direito internacional, tendo como referência principal a «Convenção dos Direitos da Criança» de 1989. Esta Convenção foi ratificada por Portugal em 1990 de forma a promover o bem-estar a todas as crianças, em especial às mais desfavorecidas.

No que concerne ao direito nacional, Portugal foi pioneiro no que respeita às disposições penais relativas a menores, dado que já na primeira década do século passado, a 17 de maio de 1911, foi criada a primeira Lei da Infância e Juventude (Gonçalves & Sani, 2013), mais tarde denominada Lei de Proteção à Infância, a qual foi sendo gradualmente alterada na denominação e no conteúdo, com sucessivas modificações, resultantes na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, abreviadamente LPCJP (Lei n.º 147/99 de 1 de setembro), atualmente em vigor.

A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo tem por objeto a promoção dos direitos e a proteção das crianças e jovens em perigo, de forma a garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral. Regula, ainda, a criação, competência e funcionamento das denominadas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), produzidas pelo Decreto-Lei n.º 189/91, de 17 de Maio. Estas Comissões permitem promover uma intervenção

interdisciplinar, através de um conjunto de instituições que asseguram de forma alargada a proteção da criança ou jovem, ao nível da educação formal e informal da mesma, da sociabilidade e solidariedade entre si, bem como através do trabalho com as famílias, a escola e a comunidade (Ferreira, 2011).

Um outro marco significativo que assinala a importância da infância, no sistema legal português, foi a publicação da Organização Tutelar de Menores, de 1962. Um processo simples e informal que assentava na ideia de que os menores não eram responsáveis pelos seus atos, mas sim, vítimas das circunstâncias e, por isso, não deviam ser punidos. Esta foi revista pela Organização Tutelar de Menores de 1978 e, posteriormente, pela Lei Tutelar Educativa, pois considerava-se que a primeira não respondia de forma eficaz e adequada ao aumento da criminalidade juvenil, nem à necessidade de segurança da comunidade (Ferreira, 2011).

A Lei Tutelar Educativa está consagrada pela lei 166/99 de 14 de Setembro, na medida de salvaguardar os direitos das crianças, atribuindo legitimidade à intervenção e à satisfação das expectativas comunitárias de paz social e segurança (Gonçalves & Sani, 2013).

Apesar de ter feito uma rutura com o regime anterior, a Lei Tutelar de Menores não elimina a ideia de proteção, apenas passa a regular-se pela norma mínima de intervenção possível, pelo princípio da necessidade e exigência do respeito pelos direitos fundamentais do menor (artigo 4º da Lei Tutelar de Menores).

Este novo modelo integrado de proteção e intervenção junto de menores, composto pela Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, pela Lei Tutelar Educativa e, ainda, pelo Regulamento Geral e Disciplinar dos Centros Educativos (RGDCE), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 323-D/2000, de 20 de Dezembro permitiu “a reestruturação das instituições de menores do Ministério da Justiça, visando a criação de centros educativos e o desenvolvimento de programas educativos visando a sua inserção social e a prevenção da reincidência” (Santos et al., 2004, p. 151).

Mais recentemente, têm surgido algumas recomendações a nível internacional em matéria de justiça juvenil. O Comité dos Direitos da Criança, em 2007, no seu comentário geral n.º 10, realça a necessidade de prevenção da delinquência juvenil, dando maior relevo às medidas socializadoras de integração da criança ou jovem, do acesso à educação, assim como ao envolvimento dos pais no processo educacional dos seus filhos. Relativamente à institucionalização de jovens em CE, o Conselho da Europa, na Recomendação CM/Rec de

2008, recomenda o recurso a este tipo de medida apenas em último recurso e, nas situações em que o uso desta se manifeste necessária, a importância do envolvimento dos familiares mais próximos no processo de educação e inserção social (Martins & Carvalho, 2013).

2.6.2. Lei Tutelar Educativa

Em Portugal, a maioridade penal tem início aos 16 anos, sendo os jovens, a partir desta idade, penalmente imputáveis nos termos do disposto no artigo 19.º do Código Penal, ou seja, os quadros jurídicos relativamente às problemáticas da delinquência e da criminalidade delimitam como patamar mínimo para a imputabilidade penal os 16 anos de idade, dois anos abaixo da maioridade civil que se alcança aos 18 anos. Dito de outro modo, quer dizer que o menor do ponto de vista da lei civil não significa o mesmo que o menor do ponto de vista da lei penal (Neves, 2008b). Sendo assim, uma qualquer infração que tenha lugar até aos 16 anos, ainda que punida pela lei penal e qualificada como crime, pode, no caso dos delinquentes menores, ser alvo de intervenção que leve ao estabelecimento de medidas educativas e de proteção, não podendo, em caso algum, a criança ou jovem ser levado a julgamento criminal que tenha como risco o cumprimento de uma pena de prisão.

Dado que a criança ou adolescente não possui maturidade emocional e discernimento suficientes, não existe a necessidade de imposição de um código na execução de uma pena, mais do que isso, é importante sim, a aplicação de uma medida tutelar que atue no sentido de adequar o comportamento do jovem, levando-o a uma não reincidência.

Assim, os jovens maiores de 12 anos e menores de 16 que tenham praticado factos qualificados na lei como crime, ficam sujeitos a uma legislação própria, a Lei Tutelar Educativa (LTE) (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro). No entanto, a “execução das medidas tutelares pode prolongar-se até aos 21 anos, momento em que cessa obrigatoriamente” (LTE, artigo 5.º).

Vejamos de seguida em que consiste esta Lei Tutelar Educativa (LTE).

A LTE constitui o quadro de referência da intervenção da DGRS, é uma lei tutelar, na medida em que integra, em termos constitucionais, a proteção das crianças e jovens a cargo do Estado, e é uma lei educativa, uma vez que pretende prevenir infrações futuras e garantir a segurança da sociedade, desenvolvendo ainda nos jovens competências integradoras que alteram comportamentos desajustados, e ainda promover a aquisição de normas em sociedade. A Lei consagra um conjunto de medidas, designadas como medidas tutelares

educativas que “visam a educação do menor para o direito e a sua inserção de forma digna e responsável, na vida em comunidade” (LTE, artigo 2.º).

A aplicação da LTE pressupõe a existência de condições adequadas à execução das medidas tutelares educativas e de outras decisões judiciais, nomeadamente das que implicam o internamento de menores e jovens em instituições do sistema da justiça (Alão, 2009).

A LTE, documento jurídico, reúne um conjunto de medidas educativas que não podem ser definidas como sanções penais, e que, além de protegerem os direitos e garantias dos jovens, têm como objetivo último a sua reinserção responsável na comunidade. Assim sendo, a intervenção do Estado, balizada pela LTE, pretende, sobretudo, segundo Manso (2006)

garantir o respeito pelos direitos individuais do menor, proteger o processo de desenvolvimento e formação das crianças e jovens rumo ao exercício autónomo e responsável da liberdade, evitando a sua marginalização e o incremento da delinquência juvenil e, por fim, garantir a proteção da segurança e dos valores indispensáveis da convivência coletiva (p.42).

No contexto dos princípios orientadores, com base nos quais o Estado intervém à luz da LTE, importa analisar os que são indispensáveis, como o princípio da intervenção mínima, que pressupõe o respeito pelo direito do jovem à liberdade e à autodeterminação, assim como o de se desenvolver no seu ambiente sociofamiliar natural, sem que o Estado ou outra entidade apresente constrangimentos.

Para que se justifique uma intervenção tutelar, terão que estar reunidos determinados aspetos, nomeadamente, a existência da prática de um ato considerado pela lei penal como crime, tendo desse modo ofendido os bens jurídicos essenciais. Da mesma forma que, para uma medida tutelar educativa ser aplicada, é fundamental e incontornável que se conclua, objetivamente, a necessidade de corrigir a personalidade do menor no pleno dever jurídico que se traduziu na prática do delito. O princípio da tipicidade, refere-se à enumeração das medidas tutelares que são adequadas às condições de vida do menor e ao seu desenvolvimento, aplicadas tendo em consideração o respeito pela sua dignidade, educação e necessidades demonstrando uma flexibilidade, quer no seu conteúdo, quer nas modalidades de execução. Pretende-se, sobretudo, que a interferência na autonomia do menor seja a mais reduzida possível e que suscite a sua adesão, bem como a adesão dos seus pais ou representantes legais, facto que se constitui de extrema importância para a eficácia de todo o processo tutelar.

No que concerne às medidas tutelares - cuja competência para a sua aplicação está delegada ao Tribunal de Família e Menores, no qual decorre o processo tutelar educativo - estas têm como derradeiro objetivo a “educação do menor para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável na vida em comunidade” (LTE, artigo 2.º).

Vejamos mais sobre essas medidas no ponto seguinte.

2.6.3. As Medidas Tutelares Educativas

Previstas na LTE, as medidas tutelares são de diversa ordem, sendo que a sua aplicação varia conforme a necessidade de educação do menor para o direito, a gravidade do delito, o nível de maturidade do jovem e a situação sociofamiliar do mesmo, obedecendo assim ao princípio regulativo da proporcionalidade, que impede o Estado de aplicar medidas tutelares desproporcionais, tendo em conta os aspetos supracitados.

Encontramos explícito no Artigo 4.º da LTE as variadas medidas tutelares passíveis de serem aplicadas a jovens que cometeram atos classificados na lei penal como crime. São as seguintes as medidas tutelares:

- a) admoestação;
- b) privação do direito de conduzir ciclomotores ou de obter permissão para conduzir ciclomotores;
- c) reparação ao ofendido;
- d) realização de prestações económicas ou de tarefas a favor da comunidade;
- e) imposição de regras de conduta (não frequentar certos meios, locais ou espetáculos”; “não acompanhar determinadas pessoas”; “não consumir bebidas alcoólicas”; “não frequentar certos grupos ou associações”; “não ter em seu poder certos objetos”);
- f) a imposição de obrigações (frequência da escola; de formação profissional, de programas de tratamento de natureza variada ou outras ações que permitam o fortalecimento de condições psicobiológicas necessárias ao desenvolvimento da personalidade do/a menor);
- g) frequência de programas formativos;
- h) acompanhamento educativo;
- i) internamento em CE.

Considerando-se medidas não institucionais as medidas de a) a h) e medida institucional a última apresentada, i).

A medida de caráter institucional prevista na LTE, como o internamento em CE (artigo 4.º), implica o afastamento temporário do/a jovem do seu meio natural de vida. Sendo que o internamento em CE pode ter lugar em regime aberto, fechado ou semiaberto, questão de que trataremos infra.

Conforme vimos, a aplicação da medida tutelar educativa deve ser, em todo o caso, orientada no interesse do/a menor, permitindo uma responsabilização do menor pelos atos praticados. Neste sentido, será dada preferência à medida que interfira menos na autonomia de decisão e de condução de vida do menor, no sentido de obter uma maior adesão assim como da família ou de um representante legal que tenha a sua guarda.

2.7. CENTROS EDUCATIVOS

2.7.1. Um olhar global sobre os Centros Educativos

Os Centros Educativos, como refere a LTE, são estabelecimentos que estão sob o domínio do Ministério da Justiça, na dependência orgânica e hierárquica dos serviços da DGRS. Têm como missão proporcionar aos jovens, sujeitos a medida tutelar de internamento, a aquisição de conhecimentos, competências e valores sociais com vista ao sucesso da sua reinserção social e profissional.

Como observámos supra, o internamento em CE constitui-se como a única medida de caráter institucional prevista, sendo aplicável a jovens que evidenciem «necessidades educativas especiais» que impliquem o «afastamento temporário do seu meio habitual» e o recurso a «programas e métodos pedagógicos» (LTE, artigo 17.º, n.º 3).

Os seguintes artigos mostram-se relevantes para a caracterização dos CE e estão presentes no RGDCE:

Artigo 1.º Finalidades da Intervenção

1 — A intervenção em CE visa proporcionar ao educando, por via do afastamento temporário do seu meio habitual e da utilização de programas e métodos pedagógicos, a interiorização de valores conformes ao direito e a aquisição de recursos que lhe permitam, no futuro, conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável.

2 — A defesa da ordem e da paz social é igualmente tida em consideração na intervenção em centro educativo.

Artigo 2.º Princípios orientadores

1 — A intervenção em CE subordina-se ao princípio de que o educando é sujeito de direitos e deveres e de que mantém todos os direitos pessoais e sociais cujo exercício não seja incompatível com a execução da medida aplicada.

2 — Os programas e métodos pedagógicos e terapêuticos utilizados em CE subordinam-se ao princípio da adequação, considerando a finalidade e a duração do internamento e as necessidades do educando, nomeadamente ao nível do seu desenvolvimento pessoal e social e do reforço do seu sentido de responsabilidade.

Artigo 8.º Natureza e Finalidades

1 — Os centros educativos são estabelecimentos integrados na estrutura orgânica do Instituto de Reinserção Social.

2 — Os centros educativos destinam-se exclusivamente, consoante a sua classificação e âmbito: a) execução da medida tutelar de internamento; b) execução da medida cautelar de guarda em centro educativo; c) internamento para a realização de perícia sobre a personalidade, quando incumba aos serviços de reinserção social; d) cumprimento da detenção; e) internamento em fins-de-semana.

Artigo 9.º Competência

Aos centros educativos compete assegurar, mediante o desenvolvimento de métodos e programas adequados, a execução de decisões judiciais que apliquem as medidas previstas no número 2 do artigo anterior.

Ao menor internado em CE é-lhe também atribuído “o dever de respeito por pessoas e bens; o dever de permanência; o dever de obediência; o dever de correção; o dever de colaboração; o dever de assiduidade; o dever de pontualidade” (artigo 172.º da LTE).

No que concerne à duração da medida de internamento, em regime aberto e semiaberto, esta tem a duração mínima de três meses e a máxima de dois anos, em regime fechado tem a duração mínima de seis meses e a máxima de dois anos, ou de três anos no caso de o menor ter cometido um facto qualificado na lei penal como crime que corresponda a uma pena máxima de prisão superior a oito anos.

2.7.2. Centros Educativos: A Intervenção Educativa

O tempo passado na instituição é um fator que se afigura relevante, e ao qual Neves (2007) concede especial atenção. Os educandos não têm o poder de o controlar, uma vez que se resumem a seguir uma rotina reproduzida dia e noite ao longo de todo o período de internamento. Porém, esta não é a única questão que Neves (2007) coloca no que respeita ao tempo, defendendo que a sua falta de controlo, por parte dos jovens internados, origina um

distanciamento de si próprio, alegando que “o sujeito que não é dono do seu tempo não é dono de si” (Neves, 2007, p.1028). Na perspectiva do autor, o tempo, ou a falta do seu controlo, contribui para que o período de internamento se torne insustentável, como que para desviar a atenção do jovem acerca do motivo que o levou à sua institucionalização e, naturalmente, ao processo de mudança individual (Neves, 2007).

Ainda segundo Neves (2008b), as relações entre funcionários e jovens internados têm por base, na sua maioria, a constante avaliação do comportamento destes, tendo sempre em consideração o que é, ou não, permitido. A autoridade deste tipo de instituições é colocada em prática mediante um conjunto de itens de conduta ou, se quisermos, de um regulamento que visa o bom comportamento e atitudes assertivas dos internados, o que Goffman (1961) compara a uma escola de boas maneiras. Neves (2008a) argumenta que o conflito deve ser entendido como uma fonte de aprendizagem nesta relação entre funcionários e educandos, pois se tal não se verificar, as relações na instituição, particularmente entre esta e os jovens, podem tornar-se relações de força e não relações de sentido, potenciadoras de resultados positivos no processo de ressocialização.

Quanto aos estímulos positivos e negativos nos Centros Educativos, Duarte-Fonseca (2005) fala-nos do princípio da motivação do jovem para participar ativamente e colaborar na execução do seu Plano Educativo Pessoal (PEP- tema que trataremos com mais atenção infra) e adotar um comportamento ajustado e responsável, sendo este um pressuposto de extrema relevância na intervenção em CE, que pressupõe – de modo a alcançar os objetivos indicados – a atribuição de prémios. No mesmo sentido, para prevenir o incumprimento do jovem, relativamente aos seus deveres, particularmente o dever de respeitar bens e pessoas, de permanecer no Centro e de obedecer às pessoas e normas vigentes, a lei concede a possibilidade de serem aplicadas medidas de contenção (Azevedo, 2013). No entanto, os comportamentos que não se identifiquem como infração disciplinar tal como a lei prevê, “são corrigidos mediante métodos educativos, oportunos e exequíveis, não lesivos dos direitos do menor” (Artigo 187.º da LTE).

Garcia (2002) explica que, apoiada no comportamento dos jovens e nas suas atitudes face às situações vividas no CE, a equipa técnica toma medidas ao reconhecer a conduta normativa através da atribuição de créditos ou rejeitando o não cumprimento de regras por meio de punições.

Neves (2007) sustenta a ideia de que “à medida que se tornam progressivamente reflexivas e orientadas para a sua estabilidade, estas instituições concentram-se essencialmente na defesa de si mesmas e dos perigos potenciais latentes no seu interior” (p.1036). Deste modo, na ótica do autor, verifica-se que a preocupação com a transformação individual do jovem não é exclusiva, existindo, simultaneamente, o cuidado em manter íntegro o sistema no qual se inserem.

A medida de Internamento em CE, conforme o Artigo 17.º, nº1 da LTE, “visa proporcionar ao menor, por via do afastamento temporário do seu meio habitual e da utilização de programas e métodos pedagógicos, a interiorização de valores conformes ao direito e a aquisição de recursos que lhe permitam, no futuro, conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável”.

Esta medida contém uma função socializadora, uma vez que pretende a interiorização dos valores fundamentais partilhados em sociedade e das normas jurídicas por parte do menor, possuidor de uma personalidade ainda em formação. Trata-se da medida mais gravosa do conjunto de medidas tutelares patenteadas no Artigo 4.º da LTE, pelo facto de ser aquela que se apresenta como a mais intrusiva na autonomia de vida da criança ou jovem. Pelas suas características, é aplicada somente nos casos mais problemáticos, em que se verifica a necessidade do afastamento temporário do meio natural, que pode ser a residência familiar, o bairro e os vizinhos, ou até mesmo a localidade, de forma a não intensificar o alarme social causado pela prática ilícita do menor.

O facto de serem criados vínculos afetivos influencia a adaptação ou o desajustamento do indivíduo, pois são responsáveis por gerarem sentimentos de segurança no adolescente face às adversidades. Durante o cumprimento da medida tutelar aplicada mostra-se essencial a consolidação destes mesmos vínculos, através do apoio da instituição responsável pela aplicação da medida, sendo esta o elo que sustenta a ligação entre o jovem e a sua família (Nardi & Dell’Aglia, 2010).

2.8. EXECUÇÃO DA MEDIDA TUTELAR EDUCATIVA DE INTERNAMENTO

A medida de Internamento em CE supõe a elaboração e a execução de um Projeto Educativo Pessoal (PEP), que deve ser construído 30 dias após a entrada do jovem na instituição relevando o regime e duração da medida, no qual se descreve a intervenção planeada para o período de internamento do jovem no CE, como é apresentado no Artigo 164.º da LTE. Para

tal, e para que os objetivos da medida acima referidos sejam atingidos, mostra-se imprescindível a definição de metas, programas e métodos pedagógicos adequados às necessidades e especificidades de cada jovem e respetiva problemática, à sua situação escolar, profissional e sociofamiliar, considerando, porém, os seus interesses, motivações e pareceres (Gomes, Trincão, Almeida, Duarte & Fernando, 2004).

Este trabalho deve ser planificado e cumprido de forma a potenciar o sentido de responsabilidade dos jovens internados e a estimulá-los a adquirir conhecimentos, atitudes e capacidades necessárias a uma vida social e juridicamente responsável (Gomes et al., 2004). São ainda aceitáveis e previsíveis alterações pontuais no PEP, tendo em conta a evolução da situação do jovem, sendo que a participação deste na elaboração do projeto, designadamente na definição de objetivos e das atividades para os alcançar, é fundamental, não só para a consciencialização do seu percurso e evolução, como para assegurar o reconhecimento do menor como agente e beneficiário de vontade própria e responsável (Gomes et al., 2004). O PEP deve ser enviado, necessariamente, ao tribunal para a sua homologação, num período máximo de 45 dias, após o internamento do jovem no Centro (Gomes et al., 2004).

O jovem internado em CE é percebido como sujeito de direitos e deveres, cujo quotidiano nesta instituição deve assemelhar-se o mais possível à vida social do jovem, do mesmo modo que deve facilitar o contacto deste com o exterior – que pode ser levado a cabo por via da realização de atividades que potenciem a sua reinserção social – com vista a minorar os danos que o internamento em CE acarreta para os menores e seus familiares.

Assim, importa citar os Artigos 171.º e 172.º da LTE que expressam os direitos e deveres, respetivamente, dos menores internados em CE. Conforme o artigo 171.º, nº3 da LTE, estes jovens possuem deveres de várias ordens, designadamente

a que o centro zele pela sua vida, integridade física e saúde; a um projecto educativo pessoal e à participação na respectiva elaboração, a qual terá obrigatoriamente em conta as suas particulares necessidades; à preservação da sua dignidade e intimidade; a manter outros contactos autorizados com o exterior, nomeadamente por escrito, pelo telefone, através da recepção ou da realização de visitas, bem como da recepção e envio de encomendas; a ser ouvido antes de lhe ser imposta qualquer sanção disciplinar; a ser informado, periodicamente, sobre a sua situação judicial e sobre a evolução e avaliação do seu projecto educativo pessoal; a efectuar pedidos, a apresentar queixas, fazer reclamações ou interpor recursos; a ser informado pessoal e adequadamente, no momento da admissão, sobre os seus direitos e deveres, sobre os regulamentos em vigor, sobre o regime disciplinar; sendo mãe, a ter na sua companhia filhos menores de 3 anos.

A medida de internamento em CE pressupõe a definição de três regimes distintos que, por seu lado, interferem na classificação dos próprios Centros, uma vez que estes são designados

pelo seu regime de funcionamento, pelo seu grau de abertura ao exterior, bem como pela intervenção educativa especializada em determinadas problemáticas, nomeadamente, elevado nível de agressividade, crimes sexuais, graves problemas emocionais, entre outros (Azevedo, 2013).

A LTE permite a existência de CE que abrangem unidades residenciais com mais do que um regime de execução da medida, como também admite CE de regime misto, como são classificados. Todavia, os CE mistos ou polivalentes podem acarretar dificuldades, já que para que seja possível assegurar todas as condições para a execução da medida num determinado regime, existe o risco, quase inevitável, de influenciar outras unidades de outros regimes (Azevedo, 2013). A diferenciação dos regimes de internamento e as suas especificidades contribuem para as dificuldades enunciadas, quando os CE são mistos ou polivalentes, evidenciando-se a probabilidade destas prejudicarem a intervenção educativa e os seus preceitos (Azevedo, 2013).

2.8.1. Regimes de Execução

A medida tutelar educativa de internamento em CE é a medida tutelar educativa mais grave aplicável a jovens entre os 12 e os 16 anos que tenham praticado factos qualificados pela lei como crimes (artigo 1.º da LTE), sendo a medida que implica maior restrição da liberdade e da autonomia. A LTE, no artigo 7.º, n.º 1, determina que a medida tutelar “deve ser proporcionada à gravidade do facto e à necessidade de educação do menor para o direito manifestada na prática do facto e subsistente no momento da decisão”. A medida de internamento está, assim, reservada aos casos em que, encontrando-se reunidos os respectivos pressupostos legais, não é adequada e suficiente nenhuma medida não institucional, dada a gravidade dos factos e as necessidades de educação para o direito.

Quanto à duração das medidas de internamento, está previsto no artigo 7.º, n.º 2 da LTE, que as mesmas não podem, “em caso algum, exceder o limite máximo da pena de prisão prevista para o crime correspondente ao facto”. Assim, a duração da medida de internamento está diretamente referenciada ao limite máximo da pena de prisão prevista para aquele facto, esclarecendo o artigo 18.º, n.º 1 do mesmo diploma, que a medida de internamento “em regime aberto e semiaberto tem a duração mínima de três meses e a máxima de dois anos”, acrescentando o n.º 2 que, em regime fechado, a medida de internamento “tem a duração mínima de seis meses e a máxima de dois anos”, apresentando o n.º 3 a ressalva de que a medida de internamento “em regime fechado tem a duração máxima de três anos, quando o

menor tiver praticado facto qualificado como crime a que corresponda pena máxima, abstractamente aplicável, de prisão superior a oito anos, ou dois ou mais factos qualificados como crimes contra as pessoas a que corresponda a pena máxima, abstractamente aplicável, de prisão superior a cinco anos”.

Ademais, para que seja aplicada a medida de internamento em regime semiaberto e em regime fechado, é necessário que se verifiquem os requisitos definidos na lei – artigo 17.º, n.ºs 3 e 4 da LTE – referentes ao tipo, ao número e/ou à gravidade dos factos ilícitos cometidos. No caso de internamento em regime fechado, o jovem tem, também, de ter idade superior a 14 anos – artigo 17.º, n.º 4, b) da LTE.

O Tribunal é o responsável pela fixação dos regimes de execução do internamento, sendo estes distinguidos pelo grau de limitação da liberdade e da autonomia que é concedida aos jovens a cumprir medida.

Os regimes de execução das medidas de internamento, na Portaria 1200-B/2000, de 20 de dezembro, foram distribuídos pelos vários centros educativos da seguinte forma: os regimes aberto e semiaberto existiam nos Centros Educativos de Santa Clara, Santo António, Dr. Alberto de Souto, Bela Vista, Corpus Christi e São José; com regime semiaberto e fechado o legislador criou os centros educativos do Mondego, Olivais e Padre António de Oliveira; com regimes aberto, semiaberto e fechado havia o CE de São Bernardino e apenas com regime semiaberto existiam os centros educativos de São Fiel, Vila Fernando e Navarro de Paiva.

De seguida, veremos os traços caracterizadores dos três regimes de execução de medidas.

2.8.1.1. Regime Aberto

As grandes linhas de execução do regime aberto, de acordo com os artigos 167.º da LTE e 13.º do Regulamento Geral e Disciplinar dos Centros Educativos (RGDCE), são as seguintes: os jovens residem e são educados nas unidades residenciais de regime aberto, podendo, preferencialmente, frequentar no exterior, as actividades escolares, educativas ou de formação, laborais, desportivas e de tempos livres previstas no seu projecto educativo pessoal. A frequência de tais actividades no exterior depende, como refere o n.º 2 do artigo 13.º do RGDCE, “das efectivas oportunidades existentes no meio social, considerando as necessidades educativas específicas do educando, a fase do seu projecto educativo pessoal e o grau de responsabilização que consegue assumir”. O n.º 3 do artigo 167.º da LTE acrescenta

que os centros educativos de regime aberto, no desenvolvimento da actividade educativa, “devem incentivar a colaboração do meio social envolvente, abrindo ao mesmo, tanto quanto possível, as suas próprias estruturas”.

De forma gradual, atendendo à evolução do seu PEP, os jovens em regime aberto são autorizados a “saídas sem acompanhamento para frequência de actividades no exterior, bem como para passar férias ou fins-de-semana com os pais, representante legal, pessoa que tenha a sua guarda de facto ou outras pessoas idóneas”, podendo ser impostas obrigações a cumprir durante o período de saída, de acordo com o n.º 3 do artigo 13.º do RGDCE.

As unidades residenciais de regime aberto, nos termos do disposto no artigo 11.º, n.º 2, a) do RGDCE, não podem exceder 14 educandos.

2.8.1.2. Regime Semiaberto

O regime de execução semiaberto caracteriza-se por os jovens residirem, serem educados e frequentarem actividades educativas e de tempos livres nos centros educativos, “mas podem ser autorizados a frequentar no exterior actividades escolares, educativas ou de formação, laborais ou desportivas, na medida do que se revele necessário para a execução inicial ou faseada do seu projecto educativo pessoal”, nos termos dos artigos 168.º, n.º 1, da LTE e 14.º, n.º 1, do RGDCE.

Neste regime de execução, nos termos do n.º 2 do artigo 14.º do RGDCE, as saídas para frequência de actividades no exterior “são normalmente acompanhadas por pessoal de intervenção educativa e estão condicionadas à avaliação contínua e rigorosa do grau de adesão do educando ao seu projeto educativo pessoal e ao cumprimento das normas e orientações que lhe são fixadas, considerando a duração e as finalidades específicas da medida aplicada”. No caso de se verificar uma evolução favorável do seu projeto educativo pessoal, de acordo com o n.º 3 do artigo 14.º, os educandos “podem ser autorizados a passar períodos de férias com os pais, representante legal, pessoa que tenha a sua guarda de facto ou outras pessoas idóneas, podendo-lhes ser fixadas obrigações a cumprir nesses períodos”.

A lotação máxima de cada unidade residencial em regime semiaberto é de 12 jovens, de acordo com o disposto no artigo 11.º, n.º 2, b) do RGDCE.

2.8.1.3. Regime Fechado

No regime fechado, aquele que mais limita a liberdade de movimento, os jovens “residem, são educados e frequentam actividades formativas e de tempos livres exclusivamente dentro do estabelecimento”, de acordo com os artigos 169.º, n.º 1, da LTE e 15.º, n.º 1, do RGDCE.

Neste regime de execução, nos termos do n.º 4 do artigo 15.º, “as saídas são estritamente limitadas ao cumprimento de obrigações judiciais, satisfação de necessidades de saúde ou outros motivos igualmente ponderosos e excepcionais” sendo os educandos “sempre acompanhados por funcionários do centro” e as saídas “limitadas ao tempo mínimo indispensável e precedidas de autorização escrita do diretor do centro”. De acordo com o n.º 5 do artigo 15.º do RGDCE, numa “fase avançada de execução do projeto educativo pessoal e verificando-se condições que permitam experimentar uma flexibilização do regime com vista a avaliar a possibilidade de revisão da medida, podem os educandos ser autorizados pelo tribunal a sair, sem acompanhamento, por períodos limitados, mediante proposta fundamentada do diretor do centro”.

O legislador, nos números 2 e 3 do artigo 15.º do RGDCE, com o objetivo de minimizar os efeitos decorrentes do regime fechado, determinou que “o CE deve proporcionar ao educando diferentes opções de actividades formativas, desportivas e de tempos livres, fazendo intervir, sempre que possível, elementos da comunidade na animação dessas actividades”, acrescentando que o apoio psicológico e terapêutico individualizado “deve ser intensificado neste regime, por forma a ajudar os educandos a ultrapassar as dificuldades pessoais e sociais que apresentam, nomeadamente as que motivaram a aplicação do regime fechado”.

2.9. INTERVENÇÃO EDUCATIVA

O Projecto de Intervenção Educativa (PIE) surge consignado no art. 162º da Lei Tutelar Educativa (LTE), e no art. 17º RGDCE, e constitui um instrumento fundamental que estrutura e organiza a intervenção educativa em CE.

A execução das medidas tutelares educativas, nomeadamente, a medida tutelar de internamento, tem como fim a educação para o direito do jovem infractor. Pretende-se que o jovem possa compreender e interiorizar valores, regras e normas sócio-jurídicas

fundamentais, que garantam a convivência social e favoreçam o seu desenvolvimento como pessoa e cidadão, com sentido de responsabilidade.

A intervenção educativa em CE assenta em quatro princípios-chave:

A responsabilização do jovem

O jovem deve ser considerado como um sujeito responsável de acordo com a sua idade e desenvolvimento, constituindo-se como o principal interlocutor/actor na execução do seu projecto educativo pessoal. O jovem deve compreender a natureza da sua infracção, o que pressupõe que o mesmo efectue um reconhecimento apropriado do impacto dos seus actos nos lesados e se disponibilize para a reparação do dano causado.

O internamento como oportunidade de mudança

A intervenção deve ser percebida pelo jovem como uma oportunidade. É dirigida para activar no jovem processos de reestruturação cognitiva e a reorganização de aspectos afectivos e relacionais, facilitadores da sua inserção social, consciencializando-o de que ele é o “sujeito da sua própria história”, permitindo-lhe o confronto consigo próprio, a compreensão do seu presente e a perspectivação do seu futuro, e ensinando-o a responder assertivamente aos estímulos sociais, pela aprendizagem de novos comportamentos.

O Modelo Sistémico

A intervenção, ainda que centrada no jovem, tem necessariamente que compreender uma estratégia que envolva o seu contexto familiar e social, nomeadamente no que concerne às competências parentais de supervisão e acompanhamento, e os recursos existentes na comunidade que vão permitir a sua (re)inserção no meio de origem.

A Relação como Motor da Mudança

A intervenção deve ocorrer num clima afectivo-relacional compreensivo, firme e regulado, assente na relação pedagógica entre agentes educativos e jovens, potencializado pelo aconselhamento e tutoria.

2.9.1. Sistema de faseamento e progressividade nos regimes fechado, semiaberto e aberto

Plano de Intervenção Imediata

Aquando do acolhimento no CE, o jovem é sujeito a um Plano de Intervenção Imediata, o qual engloba um conjunto de acções que visam apoiar a inserção gradual na dinâmica e quotidiano do centro, de acordo com objectivos pré-definidos. O Plano de Intervenção

Imediata tem a duração máxima de 7 dias, prorrogáveis até um máximo de 15 dias, em situações excepcionais devidamente fundamentadas.

Quadro 1: Mapa de Faseamento e Progressividade

Designação e Unidade	Objetivos	CrITÉrios de Mudança
FASE 1 INTEGRAÇÃO (Unidade de Acolhimento)	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer que os factos que determinaram a aplicação da medida constituem para si um problema. • Compreender os motivos do internamento. • Participar na elaboração do PEP. • Conhecer as principais regras de funcionamento do CE e cumpri-las, ainda que com ajuda. • Adquirir e exercitar hábitos de higiene pessoal. • Adquirir e exercitar hábitos de limpeza e organização do espaço pessoal (quarto, unidade). 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ter atingido os objectivos desta fase, sem que tenha tido participações de ocorrência que correspondam a uma infracção grave ou muito grave no último mês.</i>
FASE 2 AQUISIÇÃO (Unidade de Acolhimento)	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as motivações para a prática dos factos. • Adquirir competências pessoais e de relacionamento interpessoal em função dos contextos. • Adquirir hábitos de trabalho (investimento nas actividades). • Ser autónomo no relativo a hábitos de higiene pessoal. • Ser autónomo no relativo a hábitos de limpeza e organização do espaço pessoal. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ter atingido os objectivos desta fase sem que tenha participações de ocorrência que correspondam a uma infracção grave ou muito grave na última metade da Fase 2.</i>
FASE 3 CONSOLIDAÇÃO (Unidade de Progressão)	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidar as aquisições anteriormente efectuadas. • Identificar e reconhecer valores que inibam ou evitem a prática de factos ilícitos. • Apresentar sentido de responsabilidade e adequação nas saídas/actividades na comunidade. • Apresentar hábitos de trabalho. • Apresentar indicadores de adesão a um projecto de mudança corporizado no PEP. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ter atingido os objectivos desta fase sem que tenha participações de ocorrência que correspondam a uma infracção grave ou muito grave na última metade da Fase 3.</i>
FASE 4 AUTONOMIA (Unidade de Progressão)	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção das aquisições anteriormente efectuadas. • Aprender a estruturar o quotidiano revelando autonomia e responsabilidade. • Identificar e usar estratégias que previnam a reincidência, nomeadamente no que respeita a factores/situações de risco. • Consolidar hábitos de trabalho. • Constituir-se em referência para os jovens que cumprem a Fase III. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ter atingido os objectivos desta fase</i> • <i>Não ter participações de ocorrência</i>

2.9.2. Programas

De acordo com o nº 1 do art. 25º do RGDCE:

cada centro educativo, de acordo com a sua classificação, finalidades específicas e projecto de intervenção educativa, desenvolve um conjunto diversificado de programas educativos e terapêuticos, organizados em função das necessidades dos jovens, visando a ajuda e a orientação sócio-educativa individualizada bem como a aquisição de recursos facilitadores da sua inserção na vida em comunidade.

Em conformidade com o previsto no nº 2 do artº 159º da LTE, a intervenção nos centros educativos deve

ter como referência a vida social comum e minimizar os efeitos negativos que o internamento possa implicar para o menor e seus familiares, favorecendo os vínculos sociais, o contacto com familiares e amigos, e a colaboração e participação das entidades públicas ou particulares no processo educativo e de reinserção social .

A escolha e desenvolvimento dos programas educativos e terapêuticos deve ter por base:

- o levantamento/agrupamento das necessidades diagnosticadas nos grupos tipo da população do CE;
- as questões relativas as necessidades específicas que visem promover a alteração do comportamento delinquente, com enfoque no autoconhecimento e capacidade de avaliação do risco e factores protectores;
- a promoção das competências pessoais e sociais subjacentes às necessidades de educação para o direito;
- a promoção de competências que estimulem a adopção de um estilo de vida saudável e facilitem a autonomia;
- a promoção de competências escolares e profissionais que facilitem a (re)inserção e autonomização no meio social.

2.9.3. Programa de Formação

Os jovens que se encontram a cumprir medida de internamento mantêm-se abrangidos pelos deveres no que concerne à escolaridade obrigatória. Neste sentido devem ser motivados a prosseguir e/ou completar um plano de estudos.

Existe, ainda, a possibilidade de frequência de formação escolar e/ou profissional no exterior do CE, nomeadamente no regime aberto, podendo, ainda em situações excepcionais, estender-se a jovens do regime semiaberto, condicionada pelo sistema de faseamento e

progressividade e avaliação das necessidades e potencialidades de cada jovem internado, em conjugação com o previsto no seu Projecto Educativo Pessoal.

O CE promove uma formação de dupla certificação, formação de base e formação tecnológica, através dos cursos de Educação e Formação de Adultos – EFA - e formações modulares de acordo com o Catálogo Nacional de Qualificações. No CE decorrem dos seguintes cursos EFA:

- EFA B2 em Jardinagem e Espaços Verdes – Unidades Residenciais Masculinas (necessita habilitação académica de 1º ciclo do ensino básico e confere certificado do 2º ciclo do ensino básico e de nível 1 de qualificação profissional);
- EFA B2 em Canalização - Unidades Residenciais Masculinas (necessita habilitação académica de 1º ciclo do ensino básico e confere certificado do 2º ciclo do ensino básico e de nível 1 de qualificação profissional);
- EFA B3 em Instalação e Operação de Sistemas Informáticos - Unidades Residenciais Masculinas (necessita habilitação académica de 2º ciclo do ensino básico e confere certificado do 3º ciclo do ensino básico e de nível 2 de qualificação profissional, com diploma do ensino básico);
- EFA B2 em Cozinha - Unidade Residencial Feminina (necessita habilitação académica de 1º ciclo do ensino básico e confere certificado do 2º ciclo do ensino básico e de nível 1 de qualificação profissional);
- EFA B3 em Manicura e Pedicura - Unidade Residencial Feminina (necessita habilitação académica de 2º ciclo do ensino básico e confere certificado do 3º ciclo do ensino básico e de nível 2 de qualificação profissional, com diploma do ensino básico).

2.9.3.1. Programas de Animação Sócio-Cultural e Desportivos

- Programa de Animação em Acção desenvolvido pelo Chapitô com os seguintes ateliers:
 - Artes Circenses;
 - “Projecto Mala”;
 - Faz-tudo;
 - Capoeira;
 - Música;
 - Casa das Histórias;
 - Banda Desenhada e Caricatura;
 - Hip-hop;
 - Domingos da Lua.
- Clube de Futebol;
- Projectos Sócio-educativos e desportivos.

2.9.3.2. Programas de satisfação das Necessidades Educativas Específicas Associadas ao Comportamento Delinquente

O CE dispõe de um programa especificamente destinado à satisfação das necessidades educativas associadas ao comportamento delinquente, ajudando-os a adoptar comportamentos socialmente ajustados. Este programa consiste num treino de competências pessoais e sociais que permita responder às necessidades específicas de cada jovem manifestadas na avaliação de diagnóstico, nos termos em que for definido no seu projecto educativo pessoal.

O Centro dispõe ainda de um programa de educação para o direito que permite a aprendizagem básica das regras em sociedade e dos normativos legais que as definem, dos direitos das vítimas e das penalizações previstas face à prática de ilícitos criminais nos termos do direito penal.

2.9.3.3. Programas de Educação para a Saúde e Terapêuticos

- Programa de Educação e Saúde Sexual;
- Psicodrama;
- Sociodrama;
- Apoios Psicológicos/ Psicoterapia;
- Programa de Gestão e Prevenção dos Comportamentos Agressivos;
- Programa de Desenvolvimento de Competências Pessoais e Sociais;
- Programa de apoio à família.

2.9.4. Tutoria e Aconselhamento

O Projecto Educativo Pessoal (PEP) constitui um instrumento obrigatório de planeamento da execução da medida de internamento, visando, de acordo com os termos concretos da decisão judicial, uma intervenção técnica individualizada e correctamente planeada, em ordem à prossecução das finalidades da medida de internamento e das medidas tutelares em geral – “a educação do menor para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade” (nº 1 do art. 2º da LTE).

A execução da medida – planificada através do PEP – deve essencialmente preparar o jovem para, no futuro, não cometer crimes, adquirindo competências pessoais e sociais e atitudes de respeito pelas regras da vida em sociedade, de forma a nela conseguir inserir-se de “forma digna e responsável”.

A **Tutoria** visa orientar, monitorizar e supervisionar o percurso do jovem no CE em função do pré-estabelecido no PEP, ou enquadrar quaisquer outras circunstâncias supervenientes.

A Tutoria deve contemplar as avaliações diárias e semanais do **Programa de Contingências**, caracterizando-se por uma avaliação permanente e quantitativa das atitudes e comportamentos dos jovens em CE.

A Tutoria deve adoptar a metodologia de uma entrevista semi-estruturada que deverá obrigatoriamente incidir sobre as áreas do PEP, de acordo com o modelo de tutoria constante do Guião de Intervenção Tutelar Educativa e do Regulamento Interno.

O **Aconselhamento** visa, complementarmente à tutoria, orientar, monitorizar e supervisionar o percurso do jovem no CE, em função do RI e PIE, abrangendo aspectos transversais ao PEP de todos os jovens, isto é, mudança do comportamento delinquente, em contexto grupal.

A **Tutoria** é da responsabilidade do TSRS-tutor

- Efectuada com periodicidade mínima quinzenal e duração média de 45 minutos para cada sessão.
- Relativamente às **Tutorias**-chave, obrigatórias, deverão ser agendadas de acordo com as metas estabelecidas no PEP, e designadamente:
 - No período que antecede a Passagem de Fase e/ou Unidade Residencial
 - Na integração em novos Programas ou Formações
 - Na Avaliação Final da frequência de programas
 - No período coincidente com a elaboração do relatório periódico de execução de medida
 - Antes de e após o gozo de períodos de férias
 - Precedendo a mudança de regime e/ou transferência de C.E., devendo sobre cada uma delas ser efectuado o registo em modelo próprio.

As reuniões referidas relativamente ao **Aconselhamento** deverão ser registadas em memorando sinopse. São do seguinte tipo:

- Reunião geral – É da responsabilidade do Director ou de quem o substitui, em caso de ausência deste; Todos os jovens devem estar presentes, salvo situações excepcionais, devidamente autorizadas; periodicidade mensal;
- Reunião de Unidade, nos períodos de almoço e jantar – da responsabilidade

do TSRS que poderá ser substituído na sua ausência ou impedimento pelo Supervisor ou TPRS; periodicidade diária;

- Reunião preparatória e avaliativa de fim-de-semana – Deve ser promovida pelo TSRS responsável pela Unidade residencial, ou, na sua ausência ou impedimento, por outro TSRS que o substitua; têm lugar às segundas e sextas-feiras.
- Reunião temática – da responsabilidade de qualquer agente educativo, mediante apresentação prévia e aprovação das propostas em Conselho Pedagógico; periodicidade mensal.
- Reunião Extraordinária – da responsabilidade de qualquer agente educativo que, por motivos de gestão da unidade, conclua pela necessidade de discussão imediata.

As reuniões de aconselhamento realizar-se-ão entre as 18h e as 19h e, preferencialmente, em dias não coincidentes.

2.9.5. Sistematização e Avaliação da Intervenção

O Projecto de Intervenção Educativa, enquanto instrumento de intervenção, é um documento dinâmico, em contínua transformação e construção. A avaliação constitui um instrumento de gestão do PIE, sendo através dessa dinâmica que o mesmo poderá ser reformulado com vista a atingir o fim a que se destina: que o jovem possa compreender e interiorizar valores, regras e normas sócio-jurídicas fundamentais; que garantam a convivência social e favoreçam o seu desenvolvimento integrado como pessoa e cidadão, com sentido de responsabilidade.

Cada objectivo específico – sistema de faseamento e progressividade, programas, interactividade PIE-PEP e coesão da intervenção educativo-terapêutica - remete para momentos de avaliação, que vão contribuindo no decurso da execução do PIE, e de uma forma transversal, para a sua reestruturação e reformulação.

Dessa forma poderão ser estabelecidos **períodos específicos de sistematização e avaliação da intervenção** no que concerne a:

- Evolução do conjunto dos jovens no sistema de faseamento e progressividade;
- Resultados globais atingidos através dos programas implementados;

- Resultados globais, resultantes da análise das fichas de avaliação inicial e final, aplicados no período de acompanhamento/ tutoria;
- Levantamento das necessidades/constrangimentos avaliados e medidas/estratégias implementadas para as colmatar.

Com esta metodologia será possível, no final de cada ano, cada CE sistematizar a sua análise, concretizada num documento final que, apoiado, por exemplo, numa apresentação em suporte informático, poderá ser difundido e discutido de forma alargada. A sistematização de todos esses contributos constitui uma mais-valia, quer para o próprio CE, quer para o sistema no seu todo, promovendo a partilha de resultados entre as unidades orgânicas nucleares, e contribuindo para o aperfeiçoamento e a inovação das metodologias adoptadas no âmbito da execução da medida tutelar de internamento.

2.10. (RE)EDUCAÇÃO E (RE)INSERÇÃO SOCIAL

A Direcção-Geral de Reinserção Social é “o serviço responsável pela definição e execução das políticas públicas da administração de prevenção criminal e de reinserção social de jovens e adultos, designadamente, pela promoção e execução de medidas tutelares educativas e medidas alternativas à prisão” nas quais se inserem as Medidas Tutelares de Internamento. Assim, assegura a gestão dos Centros Educativos destinados à reintegração social de jovens agentes de factos legalmente tipificados como crime (Ministério da Justiça).

A expressão «Agir para Integrar» manifesta a identidade e orientação da Direcção-Geral de Reinserção Social, englobando os valores básicos da organização: acreditar na capacidade de mudança do ser humano; garantir a promoção dos direitos humanos; valorizar a reinserção social; e servir a comunidade (Ministério da Justiça).

Desta forma, entidades e profissionais trabalham, diariamente, orientados por estes valores, no sentido de (re)educarem melhores cidadãos que sejam capazes de construir uma sociedade justa e segura para todos e no sentido de apoiarem a sua (re)inserção na mesma. Para isto, os projetos de vida construídos no âmbito das Medidas Tutelares de Internamento constituem instrumentos essenciais para a (re)inserção social.

2.11. PROJETOS DE VIDA: a construção de caminhos de responsabilidade e autonomia em Centros Educativos

Como vimos, um dos princípios orientadores dos Centros Educativos é o desenvolvimento

pessoal e social do educando e o reforço do seu sentido de responsabilidade e autonomia, para que possa tomar as suas próprias decisões com base na razão, não condicionado a “agir”, mas impulsionado por uma forte autoexigência, fundamentando-se nas regras e normas da sociedade de que faz parte.

Sendo sabido que a adolescência ocupa um espaço singular entre a infância e a idade adulta, caracterizado por um estado que não é de dependência absoluta nem de responsabilidade completa, e que os jovens, à medida que vão amadurecendo, têm crescentes necessidades de autonomia, ao jovem educando do CE deve ser proporcionado um sentido de comando da sua vida, uma capacidade de criar programas ou projetos, um sentimento de exercer domínio sobre a sua vida e o seu futuro, sendo assim capaz de equilibrar futuramente responsabilidade e autonomia, capacidade fulcral no decurso da sua vida adulta.

No âmbito da intervenção com crianças e jovens institucionalizados demonstra-se muito importante a relação destes com os técnicos com o objetivo de criação de um ambiente ideal para a construção dos projetos de vida de cada um. Contudo, o projeto não deixa de ser da criança ou do jovem e é para este que deve ter significado, por isso este assume, neste processo, o papel de protagonista.

Gomes (2010, p.109) define projetos de vida como “aquilo que se perspetiva que, num futuro próximo, venha a ser concretizado na vida de cada criança ou jovem, na sequência do plano de intervenção concertado que com eles está a ser desenvolvido”, assegurando a sua integração na sociedade e fácil adaptação ao deixar a instituição.

A construção de um Projeto de vida encontra-se já prevista aquando da aplicação de uma medida tutelar constituindo deste modo uma fator de proteção que visa capacitar o jovem para a sua futura reinserção social. O cumprimento da mesma deve potenciar a promoção e proteção do jovem infrator ao invés de uma punição que visa estritamente salientar os factores negativos do indivíduo, através de um projeto de vida que vise a integração social, a felicidade e a concretização de objectivos (Costa & Assis, 2006).

Para Gomes (2010), a construção dos projetos de vida relaciona-se também com o processo de construção de identidade na medida em que remete para o futuro, delineando novas perspetivas de vida, mas sem esquecer o passado, ou seja, a história pessoal de cada um.

Gomes (2010) propõe ainda “a participação do jovem não só no momento de definição do seu projeto de vida, mas também nos momentos de avaliação e reajuste do mesmo, caso este

venha a acontecer, bem como em todas as decisões que afetem diretamente a sua vida” (p.112), no sentido de desenvolver a sua autonomia, o seu sentido de responsabilidade e de promover a sua integração social.

3. METODOLOGIA

Neste ponto serão apresentadas as opções metodológicas realizadas no âmbito desta investigação, bem como a sua fundamentação. Inicialmente, será apresentado o local onde foi realizado o estudo, o CENP e, de seguida, a problemática e os objetivos do estudo que, para além de permitirem compreender o que pretendemos atingir, permitem também contextualizar e justificar a seleção dos métodos e dos instrumentos utilizados no processo de recolha de dados. Serão, ainda, identificados e caracterizados a amostra da investigação e os procedimentos levados a cabo para a concretização deste estudo. Por último, analisaremos os resultados obtidos através da recolha dos diversos dados.

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENTRO EDUCATIVO NAVARRO DE PAIVA

3.1.1. Contexto histórico CENP¹

A ideia de especialização que radicava nas teses positivistas (a pretensão de cientificidade no diagnóstico das causas do crime e no respetivo remédio), subjacentes à Lei de Proteção à Infância (1911), geraram o sentimento de necessidade de intervenção específica para os menores anormais delinquentes.

A intervenção praticada e tida como boa nas instituições para menores delinquentes ou em risco de delinquir, baseada no trabalho e na disciplina rígida, não se adequava a menores com deficiência do foro mental, que aí eram sentidos como um enorme estorvo.

A reafetação do legado patrimonial do Juiz Conselheiro Navarro de Paiva acabou por se constituir como uma forma de resolver um problema que se vinha arrastando ao longo de décadas porque a filosofia da intervenção também não se tinha alterado. De facto, com a sua morte, o Estado viu-lhe legada a quantia de 670 000\$00 (seiscentos e setenta mil escudos) para que viesse a ser utilizada para "*regenerar os delinquentes menores*". É assim que, em 1927, com as "Florinhas da Rua" como Instituto Médico-Pedagógico, se previa uma resposta para os menores anormais do sexo feminino. Todavia, o protocolo celebrado acabou por ter uma reduzida aplicação prática.

Três anos mais tarde, em 1930, pelo Decreto-Lei nº 18375, de 17 de maio, é criado o Instituto Dr. Navarro de Paiva enquanto serviço especial do Refúgio da Tutoria Central da Infanta de Lisboa, destinado ao acolhimento de menores delinquentes anormais do sexo masculino. Em

¹ Informação cedida pelo Diretor do Centro Educativo Navarro de Paiva

1931, os Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Menores regulamentaram o tipo de organização e os princípios da intervenção educativa, com a consequente delimitação da sua ação. Porém, entre o "parecer que era" e "o ser" foi uma distância de três décadas, pois só em 1956 foram regulamentados os pressupostos inerentes ao funcionamento do Instituto, nomeadamente a fixação do quadro e as remunerações do pessoal. Na realidade, embora fazendo parte integrante do Refúgio do Tribunal Central de Menores de Lisboa, o Instituto Navarro de Paiva passava a ser um serviço especial da generalidade dos tribunais de menores que se destinava *“à observação médico-psicológica e ao internamento de menores delinquentes e indisciplinados do sexo masculino mentalmente deficientes ou irregulares”*.

A autonomização da direção do Instituto surge em 1961, passando a depender da então Direcção-Geral dos Serviços Jurisdicionais de menores, mais tarde Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores, o que coincide com a sua abertura ao acolhimento de menores do sexo feminino.

No âmbito da revisão da Organização Tutelar de Menores de 1978, com o Decreto-Lei n.º 506/80, de 21 de Outubro, o Instituto passou a designar-se Instituto Médico-Psicológico, dotado de autonomia administrativa e ainda na dependência da já referida Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores, e com competências redefinidas, uma vez que passou a destinar-se *“à observação de menores mentalmente deficientes ou irregulares e à colocação dos mesmos com exceção dos deficientes irrecuperáveis”*. A sua ação alargou-se, então, a menores de 18 anos que não tivessem praticado infração criminal, e se encontrassem em situação de risco, ou seja, desadaptação, abandono, negligência, mendicidade, vadiagem, prostituição, libertinagem e consumo de aditivos.

Com a extinção, em 1995, da Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores, decorrente da entrada em vigor da Lei Orgânica do Instituto de Reinserção Social, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 58/95 de 31 de março, o Instituto Médico-Psicológico é integrado no IRS e a sua designação passa a ser "Colégio Navarro de Paiva" destinado ao *“acolhimento de grupos específicos de menores, em função da sua situação de saúde mental”* mantendo, no entanto, as atribuições reservadas pela OTM de 1978 aos institutos médico-psicológicos.

Entretanto, o modelo em que se baseava o sistema de justiça de menores deixou de corresponder às necessidades impostas pelas problemáticas juvenis a que visava dar resposta, o que resultou numa profunda Reforma do Direito de Menores em Portugal concretizada pela publicação de vários diplomas legais, dos quais destacamos a Lei n.º

147/99, de 1 de setembro (Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo) e a Lei n.º 166/99, de 14 de setembro (Lei Tutelar Educativa). Esta reforma vem, assim, introduzir uma profunda alteração ao nível da intervenção do Estado junto dos menores. Com uma vincada separação de intervenções, consoante se trate de menores em risco/perigo (intervenção tutelar de proteção) ou menores com comportamento delinquente (intervenção tutelar educativa). A Lei Tutelar Educativa abrange os menores que pratiquem facto qualificado pela lei como crime entre os 12 e os 16 anos e tem por finalidade que a intervenção assente na "responsabilização do menor" enquanto ator social, sem deixar de o olhar como pessoa, titular de direitos e garantias.

É, assim, neste contexto que deverá agora ser perspectivado o agora designado CENP, criado através da Portaria nº 1200-B/2000, de 20 de dezembro, com uma lotação para 24 educandos, distribuídos por duas Unidades Residenciais, destinando-se, em regime semiaberto, à execução das medidas tutelares educativas de Internamento, cautelar de guarda, internamento para realização de perícia, cumprimento de detenção e internamento em fins-de-semana.

A Lei Tutelar Educativa prevê a classificação dos Centros Educativos em função dos projetos de Intervenção educativa que desenvolvem para grupos específicos de menores, o que veio mais tarde a ser reforçado pelo Regulamento Geral e Disciplinar dos Centros Educativos, com a possibilidade de serem especializados e desenvolverem *"projetos de intervenção educativa e terapêutica especialmente orientados para grupos de educandos com necessidades específicas"*.

É por isso que, e fundamentalmente, num contexto de educação para o direito, o Projeto de Intervenção Educativo do CENP assenta num tipo de intervenção sustentada nos princípios da socialização, da escolarização, da orientação vocacional e formação profissional, da individualização, da participação, da contratualização, da responsabilização e da progressiva autonomia de vida. Mas, simultaneamente, aposta o mesmo Projeto na implementação de programas diferenciados, com vista a uma melhor resposta às necessidades de grupos de educandos com necessidades na área da saúde mental.

Seja por imperativo da Lei Tutelar Educativa, seja no âmbito de uma maior especificidade que decorre da adequação à especificidade da problemática da saúde mental, ressaltam os princípios básicos de promoção do bem-estar físico e psicológico dos educandos e de garantia de um ambiente securizante e contendor, na sua função protetora e envolvente e,

simultaneamente, de regulação de comportamentos, por forma a poder garantir a sua educação para o direito bem como constituir-se como uma mais-valia terapêutica.

3.1.2. Caraterização do CENP²

O CENP prossegue os fins previstos no artigo 145.º da LTE, isto é, destina-se à execução de medidas tutelares de internamento e outros internamentos, norteados toda a sua intervenção em função do estipulado em sede do PIE, do RI e do PEP delineado para cada um dos jovens, atendendo ao regime de execução das medidas, à sua duração, e também às suas particulares motivações, necessidades educativas e de reinserção social.

O CENP acolhe jovens de ambos os sexos e executa medidas tutelares de internamento e outros internamentos, em regime aberto e semiaberto, no caso dos jovens (sexo masculino), e em regime aberto, semiaberto e fechado, no caso das jovens (sexo feminino).

Na sequência daquilo que tem sido tradição neste CE, a intervenção tem, como fim último, motivar, capacitar e responsabilizar cada um dos jovens pelo seu processo educativo, com vista à sua reinserção plena na vida em comunidade. Neste sentido, a par da formação de dupla certificação, conferida pelos Cursos de EFA, foram ainda desenvolvidos, complementarmente, um conjunto de programas gerais e específicos, de que destacamos os seguintes: Desenvolvimento de Competências Pessoais e Sociais, Educação e Saúde Sexual, Gestão e Prevenção dos Comportamentos Agressivos, Tutoria e Aconselhamento, Psicodrama, Sociodrama, Reuniões Temáticas, Apoios Psicoterapêuticos e Animação em Ação.

Em termos de filosofia de intervenção, o CE continua a apostar numa intervenção de tipo relacional, com um forte investimento de toda a equipa educativa nas relações de afeto e empatia, com o fim último de, num primeiro estágio, permitir aos jovens a (re)construção de referências positivas e, num segundo criar as condições necessárias para o desenvolvimento completo do jovem, quer numa dimensão individual, quer social.

O Plano de Atividades do CE inscreve-se no protocolado em sede de PIE. Os vetores centrais do plano são a formativa, e programas de intervenção direcionados para o comportamento delinquente, sobre os quais se desenvolve a logística necessária à organização do quotidiano.

² Informação recolhida no PIE e no RI do CENP

Estão em execução no CENP os denominados cursos de Educação Formação para Adultos, que conferem aos jovens uma dupla certificação. O quadro abaixo discrimina os referidos cursos:

Quadro 2: Área Formativa

Unidade Masculina	EFA B2 EFA B3 EFA B3	Jardinagem e Espaços Verdes Canalizações Instalação e Operação de Sistemas Informáticos
Unidade Feminina	EFA B2 EFA B3	Cozinha Manicura e Pedicura
	Nos dois semestres e para todos os cursos Educação Física	

Quadro 3: Programas Terapêuticos e Residenciais

PROGRAMAS PREVISTOS	PERIODICIDADE / N.º de EDIÇÕES
Contingências	Semanal
Aconselhamento e Tutoria	Diário / Quinzenal
Reuniões Temáticas	Semanal
Sociodrama	Semanal
Psicodrama	Semanal
Apoios Psicoterapêuticos ou Psicológicos	Quinzenal
Gestão e Prevenção dos Comportamentos Agressivos	Uma edição / Semanal
Educação e Saúde Sexual	Uma edição / Semanal
DCPS	Semanal

Nos programas socioeducativos, o projeto de Animação, cujos *ateliers* são desenvolvidos por animadores do Chapitô, durante a semana, entre as 20h e 21:30h, e aos fins-de-semana, abrangeram áreas como: Capoeira; Trabalho com barro; Música e Hip-Hop; Histórias e contos tradicionais; Artes Círcenses: Pintura, BD e Caricatura.

3.2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A delinquência juvenil, sendo um fenómeno de elevada visibilidade pública e académica, demarcada pela intolerância social perante comportamentos transgressivos realizados pelos jovens (Carvalho, 2000) tem gerado debates e medidas políticas sociais e penais orientadas para a intervenção e prevenção. Assim, na atualidade, assistimos a uma resposta social, política e penal específica que pretende alterar e reeducar os jovens nos seus comportamentos desviantes/delituosos.

Toda esta problemática levou ao evoluir da legislação em matéria de crianças e jovens, levando a que o enquadramento legal possibilitasse distinguir crianças e jovens, que tivessem o seu desenvolvimento condicionado, de jovens menores infratores. Em Portugal, os menores delinquentes, quando praticam algum ato que socialmente não é aceitável e é punível criminalmente, poderão incorrer numa medida tutelar educativa, que se traduzirá num cumprimento de uma medida de internamento em CE.

A intervenção em CE obedece a um regulamento geral e a orientações pedagógicas estabelecidas para todos os Centros Educativos, com vista à realização uniforme dos princípios fixados na lei em matéria tutelar educativa. A intervenção orienta-se, em geral, pelo projeto de intervenção educativa do CE e, em especial, pelo PEP que considere fatores do percurso individual de cada jovem. A reeducação exige o reconhecimento e atuação face às dinâmicas e influências contextuais particulares e motivacionais, em que se podem destacar fatores que contribuem para a emergência, manutenção e/ou agravamento do comportamento delincente, por isso deve existir uma intervenção diferenciada adequada ao percurso de cada jovem.

Após análise da literatura efetuada, acumulada através de uma cuidada e exaustiva revisão da bibliográfica, assim como dos conhecimentos retirados das unidades curriculares inseridas no plano de estudos do presente mestrado em Educação Social (especialização em Intervenção com Crianças e Jovens em Risco), tornou-se possível refletir sobre a importância de perceber se a passagem por um CE, através de um modelo de intervenção educativa, contribui para a aquisição de competências, por parte dos jovens, para que, no futuro, estes possam conduzir as suas vidas de forma consciente.

É nesta sequência de pensamento que surge **a pergunta de partida:**

Será que a execução da medida tutelar de internamento em Centro Educativo, com a

consequente aplicação de programas e métodos pedagógicos específicos, capacita os jovens para a sua (re)inserção social futura?

Sendo que a finalidade do nosso estudo, é a de dar voz aos jovens internados em CE, sob a ótica de que é essencial acreditar na capacidade de mudança do ser humano, e assim, ajudar a refazer o tecido da nossa sociedade contemporânea olhando-os sob o pano de fundo de que “essas pessoas somos nós”, afigura-se-nos pertinente selecionar as seguintes **questões**

Investigativas:

1. Que representações têm os jovens da sua trajetória de vida que antecedeu o seu internamento?
2. Qual a perceção que os jovens têm de si próprios, dos seus atos e da sociedade?
3. Qual o contributo das condições institucionais (contextuais, físicas, humanas e técnicas) no processo de mudança dos jovens?
4. A passagem pelo CE contribui para a aquisição de recursos que lhe permitam, no futuro, conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável?

3.3. OBJETIVOS DE ESTUDO: GERAL E ESPECÍFICO

Após a identificação da problemática da investigação, apresentamos os objetivos que sustentam e orientam a pesquisa.

Objetivo Geral:

- Compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expetativas futuras;
- Analisar as representações dos jovens relativamente ao CE, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos;
- Conhecer a lei tutelar educativa e o modelo de intervenção educativa

Objetivos Específicos:

Para a concretização do objetivo geral, sentimos necessidade de definir os objetivos específicos, de forma a delimitar a nossa investigação, dando respeito às respostas imediatas que se pretendem alcançar com os resultados deste trabalho:

- Reconstituir as trajetórias de vida dos jovens em internamento e os motivos que estiveram na origem do mesmo;

- Identificar e caracterizar as representações dos jovens sobre a intervenção tutelar educativa;
- Identificar e descrever a lei tutelar educativa e os programas educativos implementados no decurso da execução da medida tutelar de internamento;
- Explicitar a perceção que os jovens têm do seu projeto de vida futuro.

3.4. TIPO DE ESTUDO

Tendo em consideração o problema, as questões por ele suscitadas e os objetivos, este estudo enquadra-se numa investigação de natureza qualitativa e mais concretamente compreensiva. Estes estudos evidenciam-se pela importância que dão à análise holística dos fenómenos, assim como, a posição dos investigadores qualitativos ao não demonstrarem uma posição determinista, mas contrariamente, uma posição construtivista.

Concretamente, o objetivo do investigador qualitativo passa pela compreensão do comportamento e experiência humana (Bogdan e Bilken, 1994). Para os autores, as investigações qualitativas são extremamente relevantes e necessárias para estudar as relações sociais, pela pluralidade dos seus universos. Este tipo de estudos não só nos permitem obter informações fundamentadas empiricamente, como através da captação pessoal da realidade, nos permite interpretá-la, reconhecer os contextos e refletir acerca dos seus significados. Bogdan e Biklen (1994) sublinham igualmente a dupla dimensão deste modelo de investigação, porque, por um lado, os dados recolhidos são qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e por outro, privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspetiva dos sujeitos que fazem parte da investigação. Estes autores sustentam que neste tipo de investigação há uma preocupação com os significados que as pessoas atribuem às suas vidas, levando os investigadores a confrontarem os participantes com os seus próprios dados pessoais, e com a interpretação que é feita deles, existindo, para tal, lugar a esclarecimentos de significados

3.5. UNIVERSO - AMOSTRA

No CE, onde foi efetuado o estudo, encontravam-se à data da investigação, um **Universo** de 31 jovens, 10 do género feminino e 21 do género masculino. Desse universo foi constituída uma **Amostra Aleatória**, a partir dos jovens que se voluntariaram, depois do apelo da TPRS para fazerem parte do corpus de entrevistas. Nessa amostra, 11 jovens estão a cumprir

medida de internamento e um jovem encontra-se a cumprir medida cautelar de guarda, por um período de três meses, aguardando parecer judicial com vista à atribuição de medida de internamento neste CE.

3.6. INSTRUMENTOS

Neste estudo foram utilizados dois instrumentos estruturados de recolha de informação: **o inquérito por entrevista** e a **pesquisa documental** que se traduziu na consulta dos **processos individuais dos jovens** e do **Projeto Intervenção Educativa**. A combinação destes instrumentos, ou destas fontes de informação, é designada por triangulação de dados, o que permite o acesso do investigador a maior variedade de aspetos históricos e comportamentais (Yin, 2010). A grande vantagem de um processo de triangulação é o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação, sendo mesmo um processo que permite enraizar melhor o conhecimento (Yin, 2010).

Inquérito por Entrevista - Sentimos a necessidade de construir uma entrevista, pois a forma como a resposta é dada pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria (Bell, 1997). A entrevista, por sua vez, é uma técnica que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas (Richardson, 1999).

A escolha pela entrevista semiestruturada deu-se no sentido de proporcionar ao entrevistador um melhor entendimento da perspetiva dos entrevistados e com o intuito de que os entrevistados possuíssem alguma “liberdade de falar sobre o assunto e de exprimir as suas opiniões” (Bell, 1997, p.141), em detrimento da entrevista livre, pois esta, ao permitir que os entrevistados falem livremente, resulta num imenso acumular de informações, difíceis de analisar. Além disso, a entrevista semiestruturada facilita, de certa forma, a ação do entrevistador, pois este pode conceber o guião previamente, estruturando questões e tópicos de acordo com os objetivos da entrevista e, assim, preparar-se para a mesma.

Sendo um estudo de abordagem qualitativa, as respostas dadas pelos jovens foram analisadas de forma diferente dos dados provenientes de estudos de abordagem quantitativa. Bardin (2009) ressalta a importância do rigor na utilização da análise de conteúdo na necessidade de ultrapassar as incertezas e descobrir o que é questionado.

Quando se utiliza a análise de conteúdo, deve existir uma clara explicitação de objetivos, pois ajudará a delimitar os dados e os seus significativos. É preciso considerar, além do

conteúdo explícito, as formas de codificação e transmissão da mensagem. Não existem limites lógicos para delimitar o contexto da análise. Isto vai depender do investigador e dos objetivos propostos para a investigação, além da natureza dos materiais sob análise.

Segundo Bardin (2009), a categorização é uma das etapas mais criativas da análise de conteúdo. Mas seja com categorias definidas a priori, seja com uma categorização a partir dos dados, o estabelecimento de categorias necessita obedecer a um conjunto de critérios. A amplitude e precisão das categorias estão diretamente ligadas ao número de categorias, em geral, quanto mais subdivididos os dados e quanto maior o número de categorias, maior a precisão da classificação. Uma vez definidas as categorias e identificado o material constituinte de cada uma delas, é preciso comunicar o resultado deste trabalho. Para Bardin (2009), a descrição é o primeiro momento desta comunicação. O momento da descrição é de extrema importância na análise de conteúdo. É o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas. Não adianta investir muito tempo e esforço na constituição de um conjunto de categorias se no momento de apresentar os resultados não se tiver os mesmos cuidados. Será geralmente através do texto produzido como resultado da análise que se poderá perceber a validade da pesquisa e dos seus resultados.

Para Moraes (1999), o capítulo em que se apresentam as descrições dos resultados da análise de conteúdo é certamente um dos capítulos mais importantes, contudo não é suficiente. Requer-se chegar à interpretação, pois uma boa análise de conteúdo não deve limitar-se à descrição. É importante que se procure ir além, atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens através da interpretação. Seja a partir de um fundamento teórico definido a priori, seja a partir da produção de teoria a partir dos materiais em análise, a interpretação constitui um passo imprescindível em toda a análise de conteúdo, especialmente naquelas de natureza qualitativa. A leitura dos dados recolhidos constitui-se numa interpretação. No entanto, o investigador ao exercitar, com maior profundidade, este esforço de interpretação, não o vai fazer só sobre os conteúdos manifestados pelos entrevistados, como também sobre os dissimulados, sejam eles ocultados consciente ou inconscientemente. Na análise de conteúdo, o investigador pode ir além do implícito, pode captar algo de que nem o entrevistado tinha consciência, revelado antes pelo não dito do que pelo expresso. Isto corresponde a uma leitura que capta nas entrelinhas sentimentos revelados por discontinuidades e contradições (Moraes, 1999). A procura de uma compreensão mais profunda não pode ignorar o conteúdo oculto das mensagens. É

importante que se procure ir além, atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens através da interpretação, próprio da pesquisa qualitativa. Uma interpretação que nos leve à compreensão (Moraes, 1999).

Pesquisa Documental - esta mostrou-se pertinente na medida em que nos permitiu descobrir elementos essenciais para responder às questões que nem sempre são respondidas pelos sujeitos através de outras técnicas de recolha de dados, assumindo assim um papel complementar no que respeita às mesmas (Quivy & Compenhoudt, 1995).

A pesquisa documental reside na observação de elementos escritos relativos a um lugar ou situação, mostrando-se um método de recolha e verificação dos dados (Quivy e Compenhoudt, 1995). Os mesmos autores defendem que esta é uma técnica, com características de complementaridade na investigação qualitativa, para triangular os dados conseguidos por meio de outras técnicas.

A pesquisa documental concretizou-se na consulta dos processos individuais dos jovens institucionalizados e do PIE do CENP.

A consulta dos processos individuais realizou-se com base numa grelha de análise previamente elaborada. Esta fonte contém toda a informação oficial do jovem a cumprir medida de internamento em CE, dados estes referentes ao percurso antecedente ao internamento, assim como dados relativos ao percurso do jovem em contexto institucional. Ainda neste domínio, o Projeto Educativo Pessoal de cada jovem, afigurou-se um elemento de extrema importância, visto que expõe o plano de intervenção a ser aplicado ao longo do período de cumprimento da medida, bem como os objetivos que esta procura atingir.

A análise do PIE do CE, enquanto documento que enquadra a prática do mesmo, prende-se com a necessidade de conhecer os moldes da intervenção levada a cabo, quais os objetivos, princípios e valores que preconiza, que estratégias assume e em que fundamentos se apoia.

Na perspetiva de Yin (2010), a consulta e análise de documentos relevantes é uma tarefa fundamental em qualquer recolha de dados.

3.7. PROCEDIMENTOS

Após a escolha do tema de investigação, que surgiu de um amplo estudo bibliográfico sobre crianças e jovens a cumprir pena em Centros Educativos, o passo seguinte consistiu na seleção de uma instituição. Por critérios de conveniência, a escolha do CENP, recaiu por

critérios de localização geográfica, situando-se este na cidade de Lisboa, zona de estudo da investigadora e, também, por ser um CE de referência.

Numa primeira fase, contactou-se a Direção desta instituição à qual foram explicados os objetivos e a finalidade do estudo, salientando-se o facto da informação se destinar estritamente para fins de investigação, mantendo-se o anonimato e a confidencialidade dos dados. Foi então entregue uma declaração da Comissão de Coordenação do Mestrado em que este se integra, onde todos estes aspetos estavam explicitados de modo a formalizar o pedido de consentimento da instituição de acesso à informação necessária à realização da investigação (Apêndice 1 e 2). Foram igualmente explicados os procedimentos metodológicos a utilizar, o tempo que se estimava para a realização do trabalho empírico e o tipo de dados que interessava recolher.

Cumprindo os requisitos éticos inerentes ao trabalho de investigação, foi obtido o consentimento, assinado pelo Diretor enquanto representante legal.

Após a elaboração da grelha de entrevista (Apêndice 3) com as questões formuladas, esta foi enviada para conhecimento e análise por parte da socióloga do CE, elemento que serviu de ligação entre a instituição e a investigadora.

4. RESULTADOS

Com esta investigação pretende-se, para além do estudo do fenómeno da delinquência juvenil, saber se a execução da medida tutelar de internamento no CENP, com a consequente aplicação de programas e métodos pedagógicos específicos, capacita os jovens para a sua (re)inserção social futura.

4.1. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Neste ponto, iremos apresentar dois instrumentos utilizados e desenvolvidos em duas fases:

- numa primeira fase, analisaram-se os discursos dos próprios jovens, através de entrevistas semiestruturadas mediante um guião (Apêndice 4);
- numa segunda fase procedeu-se à consulta dos processos individuais dos jovens através de uma grelha de análise

4.1.1. Entrevistas Semiestruturadas

As entrevistas foram realizadas a 12 jovens internados que manifestaram interesse em participar no estudo. As entrevistas foram realizadas pela investigadora, individualmente com cada participante, num gabinete disponibilizado pela Instituição.

Antes de cada entrevista, e após uma breve apresentação, foram explicados aos jovens participantes os objetivos da entrevista, garantidos o anonimato e a confidencialidade da informação prestada e realizado o pedido de autorização para a gravação da entrevista em formato áudio (gravador). A realização da entrevista foi feita após o consentimento dos participantes, podendo estes, a qualquer momento, desistir da sua participação.

As entrevistas tiveram a duração que variou entre os 45 minutos e os 90 minutos (dependendo de cada participante) e decorreram durante o mês de Março e Abril de 2015.

No sentido de garantir o direito à privacidade e proteger a identidade de todos os indivíduos que colaboraram na investigação, para além de a entrevista ter sido efectuada num local que assegurava o sigilo das informações, todos os elementos identificativos de cada participante foram alterados neste texto de modo a não serem reconhecidos.

Para dar cumprimento aos nossos objetivos foi construído um guião de entrevista a partir dos mesmos.

Análise das entrevistas

Tal como mencionado anteriormente, numa fase do processo de pesquisa, a investigação centrou-se nos discursos dos próprios jovens através da realização de entrevistas semiestruturadas individuais. Tornava-se necessário compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expectativas futuras, saber quais as representações dos jovens relativamente ao CE, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos, assim como, conhecer qual o modelo de intervenção educativa a que estão sujeitos

A apresentação dos resultados apurados seguirá a lógica que conduziu a realização do estudo (Apêndice 5).

1. Reconstituir as trajetórias de vida dos jovens em internamento e os motivos que estiveram na origem do mesmo.

Começaremos por apresentar o percurso de cada um dos sujeitos através das apreciações que os próprios fizeram, em linhas gerais, da reconstituição das suas trajetórias de vida (Apêndice 6).

O Olhar das suas vidas num 1º Registo.

Categoria A: Relações Familiares e Sociais

A1) Subcategoria: Representações Familiares

*“O meu pai faleceu (...) tinha eu cerca de 5 anos... desde a morte do meu pai que fiquei um pouco **virado do avesso, desorientado**...acho que foi a partir daí que começou a vir **alguns problemas**... vivi a minha vida com um pouco de **revolta**(...) pensava como é que as pessoas conseguiam viver sem um pai e uma mãe ou só com uma mãe... Mas sempre me deram **apoio**... a minha família, a minha irmã principalmente. Eu **relacionava-me bem** com a minha mãe... não muito com o meu padrasto. Ao início...ele foi morar lá em casa e eu **aceitei-o, respeitei-o**.”*

Diogo, 17 anos

*“Então... não tive infância.(...) o meu pai **abandonou-me**, tive com o meu pai em pouco tempo porque ele depois **abandonou-me**... tive com a minha mãe, não gostava de estar com ela porque era **mal tratado**. A minha mãe era **toxicodependente** e depois vinha-me **bater** a mim quando não tinha o que queria. Tomei conta de uma irmã bebé com um atraso no desenvolvimento, sozinho, **não tinha a ajuda de ninguém** (...) Fui um jovem **sem infância**... **não tive tempo para ser criança**... **a minha vida não me deixou** (...) “Tinha o **apoio** dos meus avós mas não conseguia estar com eles”*

Luís, 16 anos

*“Os meus pais **divorciaram-se** também cedo... vivia com o meu pai, mãe e o meu irmão. Fui sempre **reguila** mas quando eles se **separaram** era também novo, tinha para aí 6 anos 7... foi também quando comecei mais a **desatinar**... depois fiquei a viver só com a minha mãe e o meu irmão e depois tive um padrasto(...) Com a*

minha mãe a relação sempre foi positiva, sempre admirei muito a minha mãe, a minha mãe sempre trabalhou muito... para nos sustentar... o meu pai nunca foi assim muito agarrado a mim só depois de que eu vim para aqui é começou assim a ter mais ligação comigo, a querer ligar-se mais comigo. O meu padrasto a relação também é positiva, também me dava bem com ele. O meu irmão...era aquelas confusões de irmãos mas sempre gostamos muito um do outro."

Pedro, 17 anos

"Vivia com a minha mãe, o meu pai... as minhas irmãs... nós somos 7, sou a mais nova mas também há dois mais novos que eu. Entretanto o meu pai faleceu há dois anos (...) Quando o meu pai faleceu as coisas mudaram muito, eu comecei a fazer porcarias, comecei a ficar assim... um bocado da cabeça...(...) quando o meu pai faleceu passado 3 meses a minha mãe foi para a França trabalhar. Levou os meus irmãos mais novos os dois e eu fiquei com as minhas irmãs. Só que não deu resultado e fui para o colégio.

"Antes do meu pai falecer era tudo muito bonito. O meu pai trabalhava e a minha mãe tomava conta de nós (...) Eu quando sair daqui se Deus quiser vou para a França ter com ela, tenho que fazer a minha vida."

Maria, 16 anos

"Eu aos nove meses fui adoptada...a minha mãe deixou-me, já tinha tido um filho ...a minha mãe era muito novinha tinha 16 anos ...fui adoptada pelos meus tios-avós. E vivi com eles até aos 12 anos, aos 12 anos fui abusada... sexualmente... e depois comecei a ter um comportamento diferente (...) só quando fui para o colégio é que eu contei. (...) depois conheci o meu pai biológico era toxicodependente e alcoólico e eu tornei-me toxicodependente também. (...) Ele era muito agressivo... ele tentou-me matar com um machado. (...) Ele chegava aos móveis e arrastava tudo. Partia tudo. (...) ele batia no meu irmão também... o meu irmão era mais velho do que eu...ele apontava a navalha ao meu irmão eu é que me punha sempre no meio. (...) o meu pai faz parte de um gang, a partir daí eu comecei-me a dar com essas pessoas. E pronto... e comecei a andar na má vida.

"A relação com os meus pais [adotivos] sempre foi boa... às vezes iam-me visitar aos colégios. Tenho boas recordações da minha infância, gostava se pudesse voltava atrás com o tempo... Eu chamo mãe e pai a eles, para mim eles foram os meus pais e os meus irmãos."

Madalena, 18 anos

"Eles [pais] davam-me tudo o que eu precisava só que eu é que quis seguir outro caminho. Em casa os meus pais davam-me alguns castigos mas eu tentava sempre quebrar as regras... não via o castigo como uma solução. Gostava de fazer tudo à minha maneira... eu decidia por mim não ouvia os outros...(...) A minha vida era muito boa... a minha família era muito unida e ainda continua a ser independentemente de eu estar em CE. ...a minha mãe o meu pai, 6 irmãos comigo 7... tenho 8 sobrinhos... éramos unidos estávamos sempre juntos... a minha mãe e o meu pai nunca se separaram... tínhamos uma boa relação..."

António, 17 anos

"Primeiro vivi na margem sul, na Trafaria, depois mudei-me quando tinha 6 anos, vim aqui para Alfama. Depois fui passando com a minha mãe aqui em Alfama e depois arranji muitos amigos... no bairro, depois fui crescendo com os amigos, andei na creche com eles. Vivia com a minha mãe e o meu padrasto. Conheci o meu pai. Tenho três irmãos... tenho um do meu pai e da minha mãe e dois do meu padrasto. Dei-me sempre bem com a minha mãe, falava com ela... tudo... já vivi com o meu pai e corria bem."

Manuel, 14 anos

"Aos três meses fui para uma instituição em Alverca onde estive lá até aos 6 anos... comecei a fazer lá a pré... e a infância toda... a creche e a pré escola e depois fiz lá o primeiro ano e depois fui para casa da minha avó. Tive lá a fazer o 2º e o 3º... foi só isso só esses dois anos... depois fui para a casa da minha mãe...e fiquei mais dois anos, fiz outra vez o 3º, o 4º e o 5º... depois fui para a casa do meu pai em Mértola... fiquei lá três anos, acho eu... fiquei aí até 2012. Fui para uma instituição da Santa Casa. Fiquei lá, fiz esta asneira que me levou a entrar aqui. ... com a minha mãe dava-me mais ou menos... não era assim... tão bom (...)"Estive desde os 3 meses até aos 6 anos lá porque a minha mãe não tinha condições para me ter, ia ver-me de vez enquanto... ia mais a minha avó... eu era criança... eu era feliz.. eu precisava de estar lá. É normal. Quando passei para casa da minha avó foi bom, porque eles iam-me sempre lá ver... iam lá buscar a mim e ao meu irmão gémeo. Ele está na BelaVista agora, entrou à pouco tempo. Tivemos lá e nós gostávamos de estar lá quando eles nos iam buscar ao fim de semana. Dávamo-nos bem eu obedeci sempre. Fiz um furto quando estava no [LIJ X]... passei da casa do meu pai para a casa da minha mãe, depois tinha problemas na escola, e a cpcj interview e eu fui para o [LIJ X].... Fomos sempre os dois [irmão] onde eu ia ele, também ia.

Francisco, 17 anos

"Eu nasci na Moldávia, não sou de famílias nem muito pobres nem muito ricas. O meu pai veio para cá em 2000, depois veio a minha mãe ter com o meu pai em 2005 e passado um ano viemos nós, eu e a minha irmã

(...) depois entretanto faleceu o meu pai. O meu pai faleceu ao pé de mim... antes de vir para cá estava sempre a praticar boxe... tinha que ir para umas competições a nível europeu. Eu e o meu pai acordávamos de manhã para irmos correr...entretanto ele teve um enfarte morreu logo ao pé de mim..."

"Na Moldávia eu vivi com os meus avós... respeitava-os"

André, 18 anos

"A minha mãe faleceu quando eu tinha um ano (...) Cresci no Barreiro na casa na minha avó materna... e sempre tive uma suposta liberdade...chegava a casa à hora que queria... fazia porcarias quando estava na rua (...) O meu pai tem uma família e teve um filho agora... quando fui viver com ele, ele já tinha outra pessoa, e a viver com a minha avó, mãe do meu pai, que eu chamo de mãe (...) o meu pai foi-me buscar quando eu tinha 6 anos... e ele exigiu de mim tudo aquilo que eu não tinha. Eu não tinha liberdade com ele e eu já estava habituada... foi-me tirado tudo...comecei a fugir de casa com 10 anos... o meu pai começou-me a dar porrada... fui para S. Bento... faltava à escola... fugia.. Depois a CPCJ viu que as coisas não estavam a correr bem e meteu-me num colégio de freiras... e a coisa também não correu muito bem. Portava-me mal na escola... roubava, agredia... depois correu tudo bem uns tempos, durante um ano estava a correr tudo bem, o meu pai até estava a estranhar... sai do colégio, fui para casa do meu pai e as coisas não correram bem outra vez. Fiquei um ano com o meu pai e depois voltei outra vez para um colégio... fugi do colégio, já era mais velha, já tinha 13 anos, já fugia para outros bairros para ir para discotecas, drogas, roubava coisas maiores, e pronto foi a partir daí que a minha vida começou-se a estragar completamente.

A partir dos 6 anos, tudo foi diferente.... foram tantas coisas más que não me lembro das boas... a pior da minha infância foi levar com o cinto na cara... fiquei com a marca... tipo do zorro (...) A minha infância... foi triste... eu não tive infância praticamente."

Daniela, 18 anos

"Sou da ilha Terceira, vivi com os meus pais e a minha avó até aos 9 anos... fui para uma instituição com os 9 anos... fui para lá por causa de umas coisas que se passou... eu não tinha uma boa relação com a minha família mas às vezes fugia para ir para casa... tenho mais irmãos...a minha irmã também foi para a instituição... e quando ela saiu foi aí que eu comecei a fugir mais... tenho um irmão também mas não foi para a instituição..."

Margarida, 17 anos

"Quando eu tinha 5 anos estava a viver com os meus pais mas depois fui parar a um colégio.... era de freiras... e foi lá que eu vivi a minha vida toda... depois a minha irmã saiu... a minha irmã saiu porque já tinha 18 anos... e eu tinha um irmão também mas ele não foi... depois eu portei-me mal e fui para outro colégio para mais longe, para eu não fugir, porque eu fugia... e depois fiz a minha vida toda lá... para os lados de Mafra... Ericeira...(..)Fomos para o colégio porque não tínhamos condições em casa e o meu pai batia na minha mãe. A minha mãe ia ver-me, mas agora aqui não vêm muitas vezes porque a minha mãe não tem dinheiro e a minha irmã está a trabalhar...(..)A minha infância foi má.... eu não gostei de estar sempre em colégios...nunca podia estar com a minha família por esses motivos... Gosto da família que tenho mas achava que dentro dela tinha montes de problemas que precisavam de ser resolvidos...e comecei a falar com pessoas para compreender melhor porque antes eu estava do lado do meu pai...depois é que fiquei a perceber o lado da minha mãe... porque era mau o meu pai estar a bater na minha mãe e eu estar a favor do meu pai."

Catarina, 16 anos

A2) Subcategoria: Percurso Escolar

"Ao início eu não ligava muito à escola... mas não era por não querer porque eu era uma pessoa esperta e com vontade de estudar, de trabalhar...eu também era muito influenciável... aquelas pessoas diziam anda... e como era o meu grupo de amigos eu também gostava de ir, né? Eu era uma pessoa que se esforçava na escola mas com algumas dificuldades também... eu entrei aqui no CE e estava a fazer ... um curso. A escola estava tudo bem só que depois vim aqui parar... já acabei o 6º ano e agora vou fazer o 7º, 8º e 9º... mas não vou acabar por causa do fim da medida."

Diogo, 17 anos

"Até ao 5º ano sempre fiz bem a escola. Nunca tinha chumbado. Porque o meu avô sempre me deu aquela ideia dos estudos, que podia melhorar a minha vida, para ajudar a família mas depois fui por maus caminhos, deixei-me levar. A partir do 6º ano nunca mais passei. Ia à escola mas não ia às aulas e quando ia não conseguia estar atento, sempre tive alguma dificuldade em me concentrar mas quando estava concentrado aprendia rápido. Gostava de ir à escola mas pronto... este ano antes de vir para aqui estava

tudo a correr bem, e que este ano ia conseguir fazer as coisas bem... tive de começar do zero, mais uma vez. Não era bom aluno na escola... as professoras gostavam de mim mas tinha dificuldade na aprendizagem."

Luís, 16 anos

"Em relação à escola, desde o 1º até ao 5º ano sempre fui bom aluno só que depois comecei a desleixar-me mais para a escola... comecei a faltar, a desrespeitar assim os adultos..."

Pedro, 17 anos

"Eu tenho o 9ºano feito, só que é um problema. Eu estava no pief e estava a tirar um curso. No estágio, era cuidar das crianças, 3, 4 e 5 anos. Mas elas dão muito trabalho e fazem muito barulho... Antes de o meu pai falecer eu não fazia desordem na escola. Depois eu faltava às aulas... e ia p'ra rua sempre... e às vezes não ia à escola...ia vadiar ..."

Maria, 16 anos

"Eu sempre fui excelente aluna na escola. Depois eu fui para os colégios, eu acho que foi o pior que me aconteceu porque conheci pessoas..."

Madalena, 18 anos

"Tive algumas retenções na escola... sim faltava muito... Lá fora fiz só até ao 5º. Entrei para aqui tinha 15 anos... andei na escola até aos 15... sempre a reprovar na escola... chumbei no 3º e depois chumbei 3 vezes no 5º ano. Muitas faltas... por causa da minha turma... eram muitas crianças e eu já tinha uma certa idade e ainda estava no 5º ano"

António, 17 anos

"Com 10 anos passei para a escola X. Depois comecei a estudar lá, tive três anos lá e chumbei as 3 vezes... estraguei-me naquela escola... vinha para a rua... comecei a faltar às aulas... comecei a fugir da escola... e tinha amigos... depois passei para a casa Pia ... Fui para a Casa Pia porque lá na Escola X não me expulsaram mas... mas também não me queriam mais naquela escola porque naquela escola causei muitas desordem... e o diretor me disse que não me queria mais na escola... (...) Depois fui às minhas apresentações e disseram-me que iam-me dar mais uma oportunidade e para ir na escola de Casa Pia de [X]. Eu aceitei..."

Manuel, 14 anos

"Só tenho até ao 5º ano... só fiz até ao 5º..."

Francisco, 17 anos

"Sempre fui um menino exemplar, a escola lá...[Moldávia] o ensino é muito mais rigoroso. Depois vim para cá vim para o terceiro ano, fui para uma turma em que aprendia muito rápido o português. Tive uma professora que me ensinou muito bem. (...) Eu aprendi rápido e tive sempre boas notas... sempre fui um bom jovem até que comecei a descamba, isso foi no 6º ano..."

André, 18 anos

"Eu tenho o 9º ano... eu sempre fui boa aluna, percebe? Só como andava fugida não podia ir à escola... porque senão era apanhada, percebe? Eu adoro mesmo escola... eu adoro estudar, percebe? Eu só não estudava porque não podia ir para a escola... porque senão era apanhada. "

Daniela, 18 anos

"Comecei a fugir... porque na escola conheci assim uns amigos, e quando estava com eles só fazia era porcaria... fugia muito da instituição, quase nunca estava lá... e quando estava só fazia era confusão..."

Margarida, 17 anos

"Faltava às aulas... não tinha bons amigos... era isso... Fiz até ao 6º ano...ia para a escola mas não ia às aulas..."

Catarina, 16 anos

A3) Subcategoria: Grupo de pares

" Eu cresci com alguns problemas porque seguí uma vida que hoje sei que não devia ter seguido... cometi atos ilícitos... assaltos... tinha droga e coisas assim e andava com pessoas que não devia, foi mais ou menos assim..."

Diogo, 17 anos

“Antes de vir para aqui sempre tive o meu grupo de amigos, crescemos juntos, eles sabiam da minha vida. Alguma vez quando viam alguma coisa que se passasse comigo eles ajudavam-me, nunca me deixavam sozinho... Quando eu me comecei a meter na vida do crime aconselhavam-me a não fazer... outros faziam comigo... diziam que me queriam ajudar e eu sempre os ajudei em tudo o que pude, alguma dificuldade que tivessem, tudo o que eu pudesse, procurava qualquer opção para os poder ajudar. Depois cometi muitos erros, assaltei casas, roubei pessoas, mas eu não culpo a minha infância por isso. A minha infância não tem nada a ver com isso, eu podia não ter feito... podia ter dito que não a essas coisas... muitas delas ... o tráfico eu não tive opção. Com aquela idade, a única que eu tinha das ruas era a opção que eu via. Roubar pessoas... como eu não queria fazer mal às pessoas optei por isso. Ou fazia mal de certo modo, fisicamente... eu sei que fazia mal na mesma em vender droga...Depois isso foi passando, parei com isso. Continuava com os roubos (...) Entrei para a Casa Pia e os roubos acabaram, tive aquelas confusões de rebeldia quando se metiam comigo. Tinha 14 anos acho eu. Ainda estava com aqueles instintos de rua de me defender de tudo e de todos. Não confiava em ninguém, até hoje ainda não confio. Não vejo ninguém em quem posso confiar. Mas fui-me habituando a ouvir mais as pessoas. Conselhos do meu avô também, que sempre gostou muito de mim e foi o meu conselheiro para ouvir melhor os adultos. Ia lá passar o dia com eles, ou uma tarde era o suficiente. O meu avô sempre soube que eu nunca confiei em adultos. O meu avô sempre soube de tudo, os meus avós sempre souberam tudo o que eu fiz, nunca escondi nada. Achei que são pessoas que não mereciam, não merecem... havia algumas coisas mais graves que eu não conseguia contar. Não por cobardia mas por amor que eu sinto aos meus avós. Não gostava de ver eles tristes. Sempre gostei que eles tivessem orgulho em mim e não que me vissem como um bandido qualquer. Eles sempre me apoiaram e por isso sempre quis eles orgulhosos de mim.”

Luís, 16 anos

“Os meus amigos também muitos deles eram más influências, claro, mas sempre foram meus amigos... mas também tenho outros amigos que são bons amigos. Comecei a fazer coisas que não devia, tipo roubos e coisas assim tinha pr’ ai 12 anos, com outras pessoas e as vezes sozinho.

Desde que os meus pais se separaram até aos 12 anos, a minha mentalidade foi crescendo muito, os pensamentos que eu tinha desapareceram, comecei a lidar mais com outras pessoas, criei mais a má vida assim e a escola comecei-me a desleixar. Comecei a fumar, comecei a querer outras coisas para a minha vida, nem eu sabia quais. Basicamente isso, depois comecei a roubar...”

Pedro, 17 anos

“Quando eu era pequenininha eu dava-me bem com toda a gente... era tudo muito bonito e quando as pessoas crescem [ri-se] ainda melhor!!! Depois comecei a fazer porcarias, comecei a fumar, a beber, e a sair e olha... os meus amigos eram muito mais velhos e vadiavam. “

Maria, 16 anos

“Passei da família para o colégio porque portava-me mal e eles acharam que era melhor para ver se começava a portar bem, mas eu comecei a portar-me ainda pior no colégio... conheci pessoas diferentes, pessoas com outros hábitos de vida... depois aos 14 anos comecei a andar na droga... e tornei-me toxicodependente...”

Madalena, 18 anos

“Tive muitos amigos ainda tenho alguns, mas os que eram maus amigos, já não me dou com eles... dou-me com as pessoas do meu bairro que sempre estiveram ao meu lado enquanto eu estou aqui...”

António, 17 anos

“O meu grupo de amigos na Casa [X] era tudo tranquilo... a minha infância e adolescência foi bom... eu danço, eu ia a espetáculos, toco, sou DJ... costumava sair com os meus amigos, quando eu ia a alguma festa eu convidava-os e eles vinham comigo.”

Francisco, 17 anos

“Comecei a faltar às aulas... comecei a fumar, a fumar haxixe, a sair à noite... a ter namorada, a sair com os grupos, comecei a descambar e a escola já não me dizia nada. Não tinha muito interesse, ia à escola mas não ia às aulas... era só os amigos... depois comecei a praticar alguns crimes... mas nunca tive falta de nada... não foi por falta de dinheiro, nem de comida... tive sempre as condições... sempre tudo... e às vezes é por pensar que sempre tive tudo que entrei nestes modos... às vezes a minha mãe dava-me dinheiro para comer e eu comprava haxixe... depois quando queríamos mais e mais comecei a roubar e isso... também com os grupos e alguns colegas... a fazer asneiras, era a adrenalina... era o grupo... com quem eu me dava... era

com eles que eu praticava. Queríamos era loucuras, droga, álcool... (...) eu nunca tive falta de nada... sempre fui um jovem exemplar..."

André, 18 anos

"... com 13 anos fui violada... andava metida em coisas que não devia... em coisas muito avançadas... e... foi-me proposto ir para a prostituição... e eu disse que não, tipo de maneira nenhuma... e agarraram em mim para eu não saber das coisas... com cordas... foi praticamente um... sequestro... vendaram-me... depois consegui fugir... e fui para o pé do meu pai... o meu pai quase que ia matar as pessoas... mas eu disse para ele não fazer isso porque eu depois fico sem pai... fico sem ninguém no mundo... denunciei mas não deu em nada... disseram que eu fiz por própria vontade. Desestabilizou-me um bocadinho."

Daniela, 18 anos

"Conheci uma rapariga, namorei com ela, morei com ela... parei de fazer asneiras só que fiquei o tempo todo a fugir da instituição... Depois quando eu acabei com ela fui para a instituição, pouco tempo antes de vir para cá... fui para a instituição porque cometi um crime com 16 anos... e era obrigada a ir à esquadra e por isso tinha que estar na instituição... a minha infância? Não tive infância... (...) Dos 10 aos 16 anos foi horrível... diverti-me... houve momentos em que diverti mas foi horrível... eu roubava... e tenho família na Ilha quase toda e ia para casa deles... só ao princípio é que ia... andar fugida parecia que tinha a sensação que toda a gente me estava a ver... e andava revoltada..."

Margarida, 17 anos

"Estava com amigos, queria ir com eles e eles faltavam e eu também queria ir... isso começou quando eu tinha 12 anos... fui quando mudei de colégio... mas eu já fugia... porque queria ir para o pé dos meus pais porque via o meu pai a bater na minha mãe... e não queria que ele fizesse isso, e ia..."

Catarina, 16 anos

No discurso dos jovens ao reconstituírem as suas trajetórias de vida, através dos indicadores apresentados, constata-se o papel fulcral da **Família** como célula base para a construção do indivíduo. Percebemos que, para 5 dos 12 jovens entrevistados, o falecimento de um dos progenitores foi a causa de uma certa, ou total, desorientação na recondução das suas vidas, quer por ter influenciado a dinâmica familiar a nível económico - fazendo com que a figura materna tivesse que ser o garante de subsistência do agregado - quer por se ter sido entregue a outra figura de referência, que não os progenitores.

O abandono por parte de um dos progenitores, o divórcio e a reconstituição de um novo agregado, o querer quebrar as regras e seguir por outro caminho, a existência de maus tratos, a revolta e a falta de condições, quer a nível de recursos económicos quer a nível de competências parentais, fizeram com que muitos destes jovens procurassem por eles próprios percursos alternativos. Uma jovem chega mesmo a referir que começou a consumir estupefacientes depois de ter conhecido o pai biológico (toxicodependente), sendo por este influenciada a consumir droga, o que podemos apurar de forma mais consistente em documento processual.

Constatamos que, dos 12 entrevistados, 7 relatam que foram institucionalizados. Estas institucionalizações estão à guarda do Estado e dão-se sob o Regime de Promoção e Proteção

de Crianças e Jovens em Perigo. Estes jovens tinham sido acolhidos em Instituições para serem protegidos. No entanto, uma jovem afirma que ter ido para o “colégio” foi o pior que lhe aconteceu pois conheceu pessoas que não deveria ter conhecido.

Um jovem afirma convictamente que não teve tempo de ser criança, outros dizem que a infância foi triste e má e só uma jovem diz ter boas recordações da infância.

Passando para o **Percurso Escolar**, todos os indicadores nos apontam para um desinteresse generalizado pela escola marcado pelo absentismo. Verifica-se que, maioritariamente, os problemas têm início no 5º ano. Até este nível académico fizeram um percurso aparentemente normal, alterando-se depois com retenções e desmotivação permanente. Apenas dois frequentaram a escola até ao 9º ano, inseridos em programas profissionais, e dois até ao 6º ano. Uma das jovens não frequentava a escola.

O **Grupo de Pares** acaba por vir interligado com o percurso escolar, uma vez que quando referem que faltam às aulas fazem-no com os amigos. Identificam agora o grupo de amigos como tendo sido uma má influência e com o qual se iniciaram no consumo de drogas, álcool, fugas, furtos e comportamentos sexuais de risco. Há, ainda, a referência ao grupo como gerador de emoções fortes, de adrenalina.

Categoria B: Comportamento e Motivo do internamento em C.E.

B1) Subcategoria: Representações sobre o seu Comportamento

*“Eu sempre fui um jovem com alguma revolta dentro de mim, sempre que me diziam alguma coisa (...) eu **era muito reativo**, respondia, **não pensava**, agia logo, era aquela rotina lá de fora, **não tinha regras**, a minha mãe ou a minha irmã diziam-me para fazer aquilo e eu fazia mas depois saía, **era muito reativo**... o meu problema era mesmo esse... **era muito influenciável** também... é só mesmo esse o meu problema de ser **muito influenciável** assim... **reativo**...”*

Diogo, 17 anos

*“Tomava conta de mim, não precisava de adultos, como a maior parte da minha vida nunca precisei... sabia fazer bem as coisas... sabia o que está bem e o que está certo... **comecei a traficar com 9 anos... tinha amigos com uma história parecida com a minha e optamos por essa opção**... eu sabia onde é que estava as coisas (droga) sempre soube tudo. Sabia onde é que se tinha que ir fazer... quando fui para Oeiras é que comecei a expandir, **além de fazer dentro da escola fazia na rua também**. Foi quando comecei a expandir mais... **ganhava muito dinheiro com isso**... depois de ir para Oeiras **já não tinha a preocupação da minha irmã**, porque **sabia que ela estava num bom sítio... ela era bem tratada** eu cheguei a ir lá vê-la... notava-se que **gostavam da minha irmã e ensinavam-lhe as coisas**... as senhoras lá **diziam-me para eu estar descansado e eu lá reparava que tinham afeto, não era aquele fingido... tratavam bem da minha irmã** então comecei a lucrar mais para mim... **tive, tenho o meu grupo... São os meus rapazes e lucrávamos para nós. Roupas, íamos comer fora, ao cinema, íamo-nos divertir**.”*

Luís, 16 anos

*“**Muito mau, muito mau**... sempre tive a consciência que isto (CE) para mim foi o melhor que me podia ter acontecido, eu ter vindo parar ao CE, porque senão eu não ia conseguir parar e já não ia parar aqui ia parar*

tipo aos serviços prisionais... eu estava mesmo a ficar um bocado cego, estava só no mundo da droga, com os amigos, já não ligava nenhuma à família... a minha vida, a escola nem queria saber... já estava mesmo a chegar à minha sepultura.”

Pedro, 17 anos

“Mau... mau... vejo que as coisas não correram bem... de eu andar a fumar e a sair, essas coisas não devia ter acontecido. Mas como os jovens de hoje em dia já querem tudo, já experimento aquilo e aquilo... é normal agente ter... como é que eu hei-de dizer.... passar por essas fases... acho que é normal e eu fiquei lá nessa fase (...) No centro de acolhimento, fazia tudo direito, eu melhorei muito e graças a eles consegui mudar. Houve uma vez quando cheguei logo lá, fugi... foi só para ir dar uma volta à noite mas depois vim... mas depois tive a técnica à minha espera e tive a GNR. Fiquei de castigo, tive quando cheguei lá, tive 8 meses sem ir a casa. Mas depois comecei a ir a casa e a fazer de tudo e... elas já tinham confiança em mim e eu já era a melhor delas todas, porque elas faziam a porcaria e eu já estava bem. Estava tudo bem... depois houve este problema e eu tive que vir.”

Maria, 16 anos

“Acho que não há explicação... acho que eu era uma pessoa completamente diferente... eu tive um comportamento desadequado sempre, mas nunca era para os outros, eu nunca fiz mal a ninguém... eu fazia mal a mim própria... quando consumia droga... ou quando estava mal... fazia mal a mim própria. Fiz assaltos... e era assim...”

Madalena, 18 anos

“Um comportamento de um jovem rebelde, é verdade! E sinto-me arrependido de ter feito o que fiz.”

António, 17 anos

“O meu comportamento, se eu não viesse agora para aqui... mais dia, menos dia, eu vinha parar aqui, porque lá fora o comportamento era... eu andava sempre aí com os meus amigos e depois... o meu bairro tinha confusões e confusões com outros bairros... menos dia mais dia eu vinha para aqui... já sabia que vinha... Era mau, não respeitava, falava mal, dizia asneiras... a partir do 5º ano também comecei a fumar... a minha cabeça já não deu, comecei a explodir... depois respondia às pessoas... menos à minha mãe e à minha família...”

Manuel, 14 anos

“O meu comportamento era razoavelmente bom, só que depois deu-me uma paranoia, fiz este furto, mas só foi isso o único problema, não tive mais problemas com a justiça nem nada.”

Francisco, 17 anos

“Estou muito arrependido... foi muito o mal que fiz às pessoas... que não mereciam isso... fiz isso sem consciência, sem pensar nas consequências, nos meus pais e em tudo o que era importante para mim... simplesmente sinto-me arrependido de coisas que foram muitas vezes por brincadeiras... sinto-me muitas vezes arrependido... ao olhar para mim, agora que fiz 18 anos olho para mim e digo: “tu és um miúdo agora”... e fico a pensar “Antes eras o quê?” há uns anos atrás quando começaste a fumar eras o quê? Quando começaste a roubar? E às vezes fico muito sentido... eu comecei a fumar tabaco com 7 anos... se agora com 18 anos sou um miúdo... o que era eu com 7 anos? Estes tempos para trás tu eras o quê, André...? É bom pensar... para refletir e ver que as coisas não são realmente como nós pensamos que são. Queremos crescer à força... e eu quis crescer à força... com o falecimento do meu pai... a minha mãe começou a trabalhar para me sustentar a mim e ao meu irmão. E nós tínhamos mais liberdade... a minha mãe com tanto esforço para não nos faltar nada e nós...” (comoveu-se... e fez-se silêncio...)

André, 18 anos

“Eu era um bocadinho como não sou agora... era diferente.. era mais frustrada. Mais agressiva... não me preocupava muito do que vinha... eu fazia porcaria e sabia que ia para a esquadra e não me preocupava muito com isso... continuei sempre a roubar até vir para aqui...”

Daniela, 18 anos

“Era mau... era malcriada, não respeitava ninguém...”

Margarida, 17 anos

“O meu comportamento era mau... eu roubava, tratava mal as pessoas...”

Catarina, 16 anos

B3) Subcategoria: Representações sobre o que determinou a medida de internamento

“Explodiu mesmo...!!!Um grupo de amigos que não era bom, que não estavam bem e então assaltaram, numa noite, duas pessoas e eu estava nesse grupo... mas não fiz nada... e quando fugiram e eu reparei que estavam a fugir...eu fugi com eles, foi em Alcântara... eu não sabia o que é que estava a acontecer... eles fugiram para uma rua onde estava muita gente e a polícia apareceu e apanharam-nos todos... e então foi o que deu origem a esta medida, 15 meses... só faltam 59 dias... já cumpri um ano e um mês.... só faltam 59 dias... conto os dias... tem que ser... eu nunca fui apanhado a roubar nada... quem roubava eram as outras pessoas, o meu problema foi o grupo com quem eu estava, sempre foi esse o meu problema... não foi eu roubar ou não. Eu sempre que fui apanhado não foi de ser eu a roubar. Eram os outros que roubavam, e como eu estava com eles, era como se eu tivesse sido também. Para abrir o olho! “

Diogo, 17 anos

Mandaram-me uma carta para eu vir para aqui e eu vim pelo meu próprio pé... foi por causa de roubar, assaltar as casas, fazer bombas com ácido. Fazer coisas assim... eu lutava muito. Por isso é que tenho os meus dedos tortos, lutava com pessoas mais velhas. Lutava muito. E estou arrependido disso”.

Luis, 16 anos

Tenho alguns processos, tenho uns 5 ou 6... uns foram de roubo... apanharam-me... um foi de roubo e esfaqueamento... apanharam-me pelas câmaras da estação. Outra foi também no comboio essa apanharam-me mesmo em flagrante... depois levaram-me para a esquadra e depois chamavam a minha mãe... passado algum tempo... e outros foram de roubo e ameaça. Um processo que ainda está pendente é um que eu tinha 12 anos... mas depois de três meses, quarto... fui a tribunal, falei com o procurador, o procurador mandou logo para julgamento porque era demasiado grave e depois desrespeitei um bocado a juíza e mandaram-me para Caxias... e estou aqui há um ano...”

Pedro, 17 anos

“(...) há professoras que até dão raiva. E ela chegou ao pé de mim.. e eu tinha um casaco em cima da mesa... e eu já está assim meia almareada logo de manhã... a professora chegou ao pé de mim tirou o casaco e mete na mala dela. Na mala dela... eu... oh atão onde é que tu vais? E ela assim... falou mal e eu cheguei ao pé dela e tirei o casaco... fui mesmo à mala dela e tirei o casaco. E fez-me assim e assim...(apertou o braço) e eu já estava nervosa... puxei-lhe no cabelo e bumba, e bumba... foi até ao quadro... (ri-se) não foi de propósito porque eu sei que tive mal mas a professora também teve. Se fosse hoje não lhe batia porque eu não queria estar aqui nesta... ela ficou toda arranhada, o quadro caiu-lhe para cima... a minha irmã era da minha turma nessa altura e quem nos separou foi a minha irmã, mais ninguém. Depois chamaram os funcionários, chamaram tudo, a polícia veio à escola buscar, levou-me pa casa, fui expulsa da escola... passado 3 meses fui para o Centro e depois fui a julgamento duas ou três vezes e disseram que tinha que vir pra qui. (...) Não pensei que vinha para aqui porque as técnicas me diziam “tá tudo bem contigo” porque estás a ser uma mulher aqui e não sei que, não sei que... mais... e depois eu vim para aqui...”

Maria, 16 anos

“O crime? Foi um furto. Estou cá há 1 ano e 4 meses. Eu era menor. Foi uma casa. Fui acompanhada só que eu pus as culpas todas para mim... Eu tinha 14 anos e vim para aqui com 17... (...) continuei no colégio e continuava a consumir...”

Madalena, 18 anos

“ Eu bati com um pau num jovem e fizeram queixa. Um jovem que não era do meu grupo de amigos... e apanhei 2 anos de medida. E fui o único que apanhei medida... os meus amigos não apanharam nada... só eu... é injusto... porque eles safaram-se porque um é filho de uma advogada e o outro de uma assistente social. Têm cunhas claro. É mais fácil apanhar pena suspensa do que cumprir medida de internamento. Os meus pais trabalham os dois... a minha mãe é cozinheira e o meu pai é da construção civil... agora os pais deles são Drs...”

Foi-me aplicada uma lei de acompanhamento lá fora, antes de vir para aqui... também de 2 anos por causa de outro processo... que foi um roubo de telemóvel. Tinha menos de 9 anos...”

António, 17 anos

“Um deslize... foi um assalto com um amigo...um assalto mas não foi nada... eu tinha uma faca na manga... depois nós... o meu amigo pediu dinheiro ao homem, ele não deu, depois veio a polícia ... fui para a esquadra... depois vim a tribunal no dia a seguir de manhã(...) fui julgado, a juíza disse que não me ia dar

medida já e que era difícil, no meu caso, dar medida já... e para não fazer mais porcaria lá fora, deu-me medida cautelar de três meses... e eu vim para aqui. Eu nunca fui assim de assaltos..."

Manuel, 14 anos

"Tinha 15 anos. Foi em abril... estava lá com os meus amigos e eles disseram "vamos aí procurar telemóveis"... eu disse está bem. Aí encontrámo-nos com uns miúdos que tinham telemóveis e fomos lá... depois parece que um deles conhecia um que estava comigo e foram atrás dele, a polícia... Fomos para a esquadra... esperei um ano para entrar aqui..."

Francisco, 17 anos

"Assaltos... o que mais me prejudicou e me trouxe para cá foi um assalto a uma casa... eu estou muito sentido com isso, não foi por falta de cuidado nosso... mas foi por um colega se "xibar"... é este o termo que nós usamos... estava muita gente envolvida... mas houve outras.. conduzir sem carta... não estar na escola, ajuda muito a eles pegarem logo no jovem se ele não frequenta a escola a pô-lo num colégio... porque aqui fazem a escola, cursos tecnológicos, eles contam muito com isso... na altura eu tinha sido expulso...por faltas... e quando consumia..."

André, 18 anos

"Tinha 15 anos, foi no ano em que eu vim para aqui... fiz uma tentativa de homicídio... a uma suposta conhecida... que até apareceu no telejornal... A rapariga roubou 500 euros ao meu ex namorado e ele disse que tinha sido ela, só que ela disse que tinha guardado num sítio e fomos lá e não estava e eles começaram a bater nela, mesmo eu não querendo... só que ela começou a gozar tanto com a nossa cara "ai eu não digo onde é que tá..." que começaram a bater nela e eu depois também participei no ato. Bati nela, mandei-a despir... e abandoná-mo-la na praia e ela estava quase em perigo de morrer... e já tínhamos feito porcaria numa pensão. Estragamos a pensão toda. (...) estes processos que eu estou aqui são de roubos... fugir de táxis e essas coisas e esse processo veio quando eu já estava aqui dentro... porque ela identificou-me..."

Daniela, 18 anos

"Desde que comecei a fazer crimes ...com 16 anos... fui julgada e acusada de assalto à mão armada... a maioria dos meus crimes são roubos de carros. E entrada em propriedade privada... roubava os carros, os meus amigos conduziam e eu ia atrás... eu não sabia conduzir nessa altura..." (Recusou-se a falar sobre o assalto à mão armada)

Margarida, 17 anos

"Drogas... vendia drogas e fui apanhada... estava a vender na Ericeira e chegou a polícia... ja tinha tido problemas com a polícia por roubos mas nunca tinha tido nada assim... levavam-me para a esquadra, tinha que ir lá a pessoa encarregada por mim... e quando chegava ao colégio ficava de castigo mas não cumpria... e fugia. Eu também consumia... quando vim para cá foi difícil, mesmo difícil... porque comecei a consumir com 13 anos..."

Catarina, 16 anos

B3) Subcategoria: Representações sobre a medida atribuída

"Ao início eu pensei "o que é que isto era" não sabia o que que isto era, né? Mas ao longo do tempo fui aprendendo, aprendendo a respeitar as pessoas, os meus colegas... comecei a estar mais perto da minha família. A comunicar mais e essas coisas assim... a ter e a dar mais mimos e essas coisas assim... aprendi muitas coisas aqui... também essa situação de pensar antes de agir... que tem-me ajudado bastante... mesmo muito. Tenho que respeitar aqui as pessoas. (...) Mas vir para o Centro Educativo, numa certa parte até que me fez bem, também me tem ajudado, acabei já a escola, também trabalho e vejo como é que é as coisas no trabalho... vai-me ajudar bastante!"

Diogo, 17 anos

"Foi mau, porque o tribunal sabia que eu já tinha construído uma vida do zero outra vez, e eu já estava bem, e foram-me pôr a começar do zero outra vez... estava normal... eu já estava bem e estão-me a pôr a começar do zero de novo. Eu sabia que um dia tinha que pagar pelo que fiz mas dois anos para mim foi um exagero... mas pronto tenho que cumprir..."

Luís, 16 anos

“Sinceramente acho que foi **muito adequada** mesmo. E até **podia ter sido pior...** podiam-me ter deixado em Caxias também. **Podiam-me ter dado mais medida.** Mas sinceramente acho que eu vou conseguir **organizar a minha vida e já estou a conseguir.**

Em X era um clima muito mais tenso... é regime fechado. Aqui estamos sempre **a apanhar ar...** lá não... só apanhávamos ar duas vezes por semana e no máximo eram duas horas. (...) Sinceramente, no outro CE era muito pesado, mas gostava muito de lá estar porque gostava muito das pessoas... **aqui apanhamos mais ar,** estamos mais na rua **mais abertos... ”**

Pedro, 17 anos

“(...) tenho que **aceitar** porque fiz mal e tenho que cumprir a medida... depois eu saio daqui como se fosse uma mulher... oh pá... o importante é que eu estou aqui e vou **aprender** mais coisas, cada dia nós **aprendemos... ”**

Maria, 16 anos

“Para mim **foi a melhor coisa que me aconteceu...** senão hoje, se calhar, já não existia... ou estava aí pelo cantos...”

Madalena, 18 anos

“Sempre **concordei** que tinha que vir... **queria mudar também...** mas **não concordo com a extensão da medida...** foram 2 anos... tá bem que me deu para acabar o 9º ano... mas foi muito grande.”

António, 17 anos

“Acho que **foi uma medida bem aplicada...** (...) Às vezes os TPRS falam comigo e eu não respondo... se eu me portar mal aqui dentro, apanho logo medida.”

Manuel, 14 anos

“O diretor e os técnicos do LIJ X também interviram, eles abriram recurso e não me disseram nada. Eles ficaram mesmo do contra, diziam que não fazia sentido... eu também concordei mas... mas era preciso **pagar por aquilo que fiz...** já apanhei menos 6 meses... e mudaram-me o regime para semiaberto... sim apesar de tudo... **um ano é das melhores medidas. ”**

Francisco, 17 anos

“2 anos... quando eu estava no julgamento eles disseram um ano, um ano e meio... depois o juiz pediu a uma senhora que estava lá sentada para ligar para o Colégio CE para confirmar **quanto tempo era preciso para acabar a escola com curso,** e explicaram como é que era as coisas porque eu tinha o 8º ano e disseram que era um ano e meio que era preciso. Depois eles deram-me **dois anos e se me portasse bem, saía quatro meses mais cedo.** No início quando entrei, devia encarar isto bem porque eu sempre **fiz um percurso aqui dentro...** agora **no final é que me está a custar mais** porque eu acabei a escola, e o meu curso todo... e só faltava 6 meses e eles puseram-me **a estagiar lá fora. Custa porque são dois ambientes em simultâneo,** eu não posso fazer isto e aquilo porque estou no CE, eu não posso fumar um cigarro porque estou no CE, eu estou a trabalhar o dia todo e quero descansar um bocadinho mas às 6h tenho que apanhar o autocarro para entrar para aqui... **esquecer o mundo exterior, e esquecer tudo o que está lá fora...** e isso custa um bocadinho... são quatro meses... acho que **a lição que eu tinha que apanhar já apanhei...** há muito tempo. Agora nem que eu tenha que fazer a meta de joelhos eu **vou acabar** e acabar em grande, mesmo com as **falhas** não são grandes **falhas,** mas são as **falhas** que me podem aparecer ao longo da vida, que podem **desmanchar o meu caminho. ”**

André, 18 anos

“ **2 anos mais 1 ano de medida...** foi muito trágico porque eu fugi... eu já fugi três vezes aqui do CE e sempre fui apanhada. Eu não consigo perceber isso de andar **sempre a fugir...** percebe? Eu falo sobre isso mas as pessoas não me percebem, isto é um coisa que eu tenho dentro de mim... porque eu já **fujo dos problemas desde muito pequena,** percebe? Isto é um problema, eu **fujo dos colégios,** o colégio é um problema, percebe? Sim o colégio é que é um problema, porque eu quero estar em casa, percebe? O **problema está dentro de mim...** eu consigo perceber... eu já **fujo desde muito pequena...** e quando eu entrei aqui dentro eu disse “não vou aguentar” ... não consigo ficar fechada, eu não consigo... e fugi a primeira... estava numa saída... lúdica... eu já estava numa fase avançada... e fugi do monitor... fugi sozinha... 11 dias sem me encontrarem.. foi um monitor que me viu e chamou a polícia. Estava na **II fase e passei para a I...** depois **passei novamente para II...** correu tudo bem andava-me a portar bem... conseguia-me controlar... passei **para a III,** depois apanhei mais um ano, foi no ano passado e não consegui lidar com isso... **fugi novamente... durante 6 dias...** nas duas

*primeiras vezes fui para casa de amigas... um dessas já esteve cá... há 3º vez não correu muito bem... **fugi com uma rapariga daqui de dentro** (...) e apanharam-nos... não aceito bem as medidas... mas não sei explicar... eu sei que fui incorreta com as pessoas, percebe? Mas dois anos bastava... **três anos é um exagero de medida...** é exagero mesmo... eu não consigo lidar com isso... e parece que nunca mais me vou embora....”*

Daniela, 18 anos

*“Por um lado **foi mau...** mas por outro... se não fosse isso acho que a minha vida estava... **não ia ter futuro...** (...) eu não sei do meu pai... não sei quem é o meu pai... e com a minha mãe tenho uma relação assim... sou mais chegada à minha avó... a minha avó reagiu um bocado mal... **aqui nunca tenho visitas...** “*

Margarida, 17 anos

*“1 ano e meio regime fechado por tráfico e 1 ano em semiaberto por roubos, de dinheiro em casas... ia armada e com mais gente... e apanhamos todos... foram presos... e outros foram para outros centros ou medida lá fora... Acho que **1 ano e meio chegava**, não era preciso mais um ano... **foi bom para eu pensar e refletir** sobre as coisas que fiz... e **pensar no mal que fiz às pessoas que roubei** e isso, porque eu também não gostava que me fizessem a mim... (...) A minha mãe ficou triste quando soube dessas coisas... mas nós nunca falámos muito sobre isso... e a minha irmã também... mas eu **vou-me compor.**”*

Catarina, 16 anos

Pelos indicadores apresentados, verifica-se que existe a consciência geral de que o seu comportamento era mau e desadequado, consciência esta que só foi adquirida no âmbito do cumprimento da medida que lhes foi aplicada. Há a incidência de vários fatores tais como, revolta, reatividade, falta de regras, ser muito influenciável, não ligar à família, rebeldia, não respeitar ninguém, agressividade, frustração e fazer mal a si mesmo e a terceiros. Um jovem chega mesmo a referir que tomava conta de si próprio e da irmã não precisando de adultos para o fazer. Começou a traficar com 9 anos. Outro jovem mostra um grande arrependimento e chega mesmo a refletir deste modo: “... *se agora com 18 anos sou um miúdo... o que era eu com 7 anos? Estes tempos para trás tu eras o quê...?*”. Nesta reflexão do jovem, está latente o desejo de querer/ter que crescer à força antes de tempo.

Apenas 1 jovem diz ter tido sempre um bom comportamento e que este furto foi um ato isolado.

Nenhum dos jovens entrevistados revela desconhecimento do que determinou a medida de internamento em CE. Nove dos jovens inquiridos dizem estar a cumprir medida por roubo, nomeadamente, assaltos a casas, roubo de telemóveis, assalto à mão armada e roubo de carros. Dois dos jovens por agressão e um por tentativa de homicídio. É necessário salientar que a maioria destes jovens praticou mais do que um crime.

Quanto à representação da medida atribuída, à exceção de dois jovens, os outros 10 aceitam a medida que lhes foi atribuída. Seis acharam que foi um exagero de medida, isto é, que foi tempo excessivo e os outros seis dizem que foi bem aplicada ou que foi uma boa medida,

existindo mesmo uma jovem que verbalizou: “foi o melhor que me aconteceu”. Um dos jovens diz que podia ter sido pior e que assim pode organizar a sua vida.

2. Identificar as representações dos jovens face ao seu internamento em Centro Educativo

Este é um ponto essencial no estudo que procuramos fazer pois, a partir do seu internamento, dá-se uma mudança de rumo nas vidas dos jovens.

Se até aqui falavam num 1.º Registo das suas vidas, dando voz à sua história, a uma história que faz parte do passado, um passado que condicionou o que estão a viver, agora falam num 2.º Registo, o presente: um presente que decorre no CE.

Que impacto teve essa mudança? E como é que cada jovem perceciona essa mudança em si mesmo?

Categoria C: Mudanças de Comportamento do jovem em C.E

C1) Subcategoria: Impacto de estar no CE

“É sempre um pouco **importante** porque **aprendemos sempre um pouco mais, aprendemos um pouco na vida.** Para mim foi importante porque lá fora se calhar neste momento, estava na rua com os meus amigos... acho que **me fez mesmo bem vir para aqui. Ter regras e cumprir horários e os horários das refeições, de estar com a família, de estar com os colegas, com outras pessoas... é isso mesmo. Estou a contar os dias para me ir embora mas consigo aprender sempre mais alguma coisa aqui...se eu estivesse aqui revoltado também não estaria na fase em que estou. Estou na fase II, não estaria na unidade de progressão... isso quer dizer que tenho andado a progredir, que tenho andado muito bem, tenho mais autonomia e essas coisas assim... e então acho que tenho feito um bom esforço, quero mesmo mudar, mudar a minha vida.**”

Diogo, 17 anos

“**Sim é importante.** Por um certo lado sim porque aqui pelos menos **tenho gosto pela escola, tomei gosto pela escola...** não é por me obrigarem a ir mas **eu mesmo tomei gosto pela escola. Gosto da minha formação** porque me puseram numa **formação de jardinagem** e eu sempre gostei muito de tudo o que tem a ver com a natureza, animais... sempre **gostei** muito de trabalhar com as máquinas. **Gosto de cortar relva com a roçadora, gosto bastante. Poder cortar as árvores e essas coisas... tratar das plantas... eu gosto.**”

Luís, 16 anos

“Se é importante para mim? **É!** Para já porque **ajudou-me** em muitos aspectos **a nível psicológico...** e porque está a fazer com que eu **crie mais ligações ainda de afectos com a minha família, está a fortificar mais a nossa relação.** E também claro... para **pensar mais na minha vida e criar outros objectivos para a minha vida, tornar-me mais resistente à facilidade de voltar para a mesma vida.**”

Pedro, 17 anos

“**É.** Para ver se eu **aprendo, para ver se entra alguma coisa na minha cabeça.**”

Maria, 16 anos

“Para mim **é importante** porque fez-me ver as coisas de outra maneira... **pôr-me no lugar das outras pessoas a quem eu fazia mal. Pôr-me no lugar dos meus pais, o que eles sofreram por me verem a ir por esse**

*caminho... e fez-me crescer em muitas coisas... ver a vida de outra forma... emocionalmente e fisicamente... mas mais **emocionalmente**... fez-me ser uma **pessoa mais segura e mais confiante**. Não me deixar influenciar pelos outros porque eu era muito **influenciável**.”*

Madalena, 18 anos

*“Precisamente.... **hoje não digo que preciso estar aqui... porque não preciso**... estou aqui para acabar a formação tecnológica... mas dizem que há sempre alguma coisa para aprender mas eu digo que **aqui já aprendi tudo**... o que tinha a aprender. Estou na **IV fase**... eu praticamente já não estou cá... **trabalho fora... estou a acabar um estágio**... conclui o 9º ano no dia 25 de março e a partir daí, no dia 7 de abril comecei a tirar um **estágio em animação sociocultural num lar de idosos**. Venho cá jantar e dormir... estou lá há um mês... é o que eu gosto de fazer.”*

António, 17 anos

*“É importante estar no CE porque **quando eu sair vou ser outra pessoa**. Vou respeitar, eu às vezes estou no quarto... estou fechado e penso... porque é que eu vim parar aqui.. **isto aqui não é lugar para ninguém** mas os erros que eu fiz lá fora... foi bem merecida a medida que me deram... assim vou-me portar bem aqui... para ver se mudo e **desde que estou aqui as minhas atitudes mudaram completamente**...”*

Manuel, 14 anos

*“Para mim não é importante... **nunca concordei com nada disto**... para mim estar aqui, ou não, é igual... tenho que obedecer, né... faço tudo normal... só espero é o meu tempo de saída. Eles sabem... eu estou na **II fase**, não passei mais porque eu sou transparente.”*

Francisco, 17 anos

*“Porque... **aprendi... aprendi a dar valor** ao que tenho, **ao pouco que tenho** ... o mal que eu fiz entendi... custame... as pessoas sempre me respeitaram... **o tempo que nós temos aqui é para refletir**... estou sentado e estou a **pensar**... estou no quarto, fecham-me às 10h e eu fico sempre a **pensar**... estás a ver? O maior tempo que nós temos aqui é para **refletir**... e custa-me ver a pessoa que eu era... **era um bom jovem, era atleta... com futuro garantido se tivesse andado sempre no bom caminho**... por causa de umas boas noites estraguei a minha vida... mas ainda vou a caminho porque **só tenho 18 anos... e está tudo a começar agora**... O CE fez-me **perceber** muita coisa e **dar valor** ao pouco que tenho...”*

André, 18 anos

*“Não é... porque eu **vou sair mais revoltada** do que o que estou... se eu tivesse apanhado 2 anos de medida... não... já ia sair daqui com a capacidade de perceber que não voltava aqui outra vez, percebe? Mas eu **apanhei um exagero de medida**... e só me vai deixar mais **revoltada**, percebe? E eu acho que para mim **foi a pior coisa que me aconteceu mesmo**...”*

Daniela, 18 anos

*“É importante... porque eu lá fora não ia estudar... e aqui dentro **sou obrigada a estudar**. Quando vim para aqui **tinha a 6ª**... e agora aqui estou a fazer até ao **9º**. Eu aqui, quando olho para trás... **não pensava como penso agora**...”*

Margarida, 17 anos

*“Sim... porque **saio com algumas competências** que eu não tinha e com as coisas que aprendi aqui...”*

Catarina, 16 anos

C2) Subcategoria: Perceção e mudança acerca de si

*“**Raiva! A Raiva!** Sempre tive uma **coisa**... sempre que alguém falava assim comigo... que já me começasse a assim a subir a voz, sentia-me mal e não dava... depois eu falava e essa pessoa também falava e depois já ia para outro lado... eu sempre senti assim alguma **coisa**, **sentia-me quente** e o meu **coração começava a bater**”*

muito rápido...sempre fui assim, tinha muita raiva... agora sinto raiva mas consigo controlar-me e isso tem sido muito bom para mim... conseguir controlar isso agora. Antes não tinha controlo em mim e agora já tenho ... foi uma evolução mesmo fantástica. ”

Diogo, 17 anos

“Já. Tou mais calmo. Já oiço mais os adultos, já tomo mais em conta o que me dizem. Não consigo confiar nos adultos mas sigo mais os conselhos que me dão. Tento... faço um esforço maior para seguir os conselhos que me dão.”

Luis, 16 anos

“Já mudei a maneira de ver as coisas... já criei mais objectivos para a minha vida. Já comecei a pensar mais na minha mãe, mais na minha namorada, no meu pai, no meu irmão, na minha família e nas pessoas que realmente me amam e me valorizam... claro, os meus amigos também... os verdadeiros. (...) Antes era muito frio... era muito... não tinha sentimentos para com as outras pessoas... fazia as coisas e não pensava nos outros, agora quando penso numa pessoa que eu fosse roubar já ia pensar mais “porque é que fui fazer aquilo?” aquela pessoa como é que vai ficar agora? Naquela altura não queria saber disso, era irrelevante para a minha vida.”

Pedro, 17 anos

“A maneira de pensar é outra.”

Maria, 16 anos

“A relação que eu tenho com as outras pessoas... eu antes fazia mal a mim própria e agora já consigo controlar isso. Já me tentei suicidar e às vezes cortava-me.”

Madalena, 18 anos

“Cresci... interior e exterior... cresci muito. Abri os olhos, aprendi muitas coisas, fez-me bem acabar o 9º ano. É uma coisa fundamental. Fui-me matricular hoje para uma escola e fui aceite para o 10º ano. E mudei muito, a minha atitude , o meu auto controlo. A minha maneira de agir...”

António, 17 anos

“Sim já... já mudei os comportamentos e a maneira de falar... já sei ser educado antes não sabia...”

Manuel, 14 anos

“Que eu veja assim... nada... porque eu sou contra as mudanças aqui do CE... porque não é por estar aqui que vai mudar a minha vida... são as situações lá fora que me vão mudar... a minha maneira de ser... não é estar aqui porque tenho que cumprir isto... e aquilo que vai mudar alguma coisa.”

Francisco, 17 anos

“As mudanças... mexeram muito comigo... mexeram muito com a minha mentalidade... há uma coisa que para mim faz muito sentido... maturidade não é aquilo que já vivemos... mas é o que já aprendemos porque nós os jovens que estamos neste mundo, a vivência de muitos jovens que estão noutra tipo de vida não têm as mesmas vivências que nós... da nossa idade.... nós vivemos muito quer sejam nas más condições, boas, nas que fizemos... penso que mexeu muito... fiquei mais maduro... com mais... penso mais sobre as coisas, já não penso só em mim...”

André, 18 anos

“Mudanças? Com a minha família... aproximei-me mais da minha família... é o mais importante.”

Daniela, 18 anos

“Mudanças? Muitas... a minha maneira de estar... eu não me punha muito à vontade... ensinaram-me a respeitar porque eu não respeitava...”

Margarida, 17 anos

“A maneira de falar... a minha relação com o meu pai mudou um bocado...”

Catarina, 16 anos

Mudámos de registo e ao mesmo tempo fizemos uma transição “de fora para dentro”, não só do “fora” como mundo exterior ao CE, mas do fora como exterior de “si mesmo” para “dentro de si”.

Os indicadores demonstram que 10 jovens têm a percepção do impacto que o CE causou nas suas vidas como sendo algo importante, nomeadamente, no que concerne ao processo de aprendizagem, à aquisição de regras, horários, gosto pela escola e pela formação, à criação de objectivos de vida, ao fortalecimento da relação com a família, à alteração da maneira de pensar, à valorização do pouco que se tem, ao posicionar-se no lugar do outro.

Constatamos, igualmente através dos indicadores, que alguns jovens têm consciência que cresceram, amadureceram, que se estão a tornar pessoas mais seguras e confiantes, que quando saírem serão novas pessoas e que querem mesmo mudar de vida. Porém, um jovem diz que não concorda com o CE e que estar, ou não estar, é igual. Uma das jovens diz que sairá mais revoltada.

Ao serem questionados sobre as mudanças que aconteceram em si próprios, 11 jovens dizem que de facto mudaram em algum aspeto. Os indicadores apontam para uma mudança ao nível do autocontrolo, do autodescentramento, da calma, da escuta ativa dos adultos, da maturidade, da relação com os outros, do respeito, da aproximação de algum membro da família, da maneira de pensar e de ver as coisas, da criação de novos objetivos de vida e da experimentação de sentimentos que anteriormente não sentiam ter.

Categoria D. Representações sobre o Centro Educativo

D1) Subcategoria: Opinião acerca da função dos Centros Educativos

*“Para **reeducar alguns jovens** que tenham dificuldade em aprender por exemplo **regras**, que **não respeitam ninguém**, que **não conseguem estar na sociedade** e que **cometem crimes**, ficam a **consumir drogas**... não estão bem para estar na sociedade.”*

Diogo, 17 anos

*“Para **reeducar os jovens**. Para aqueles que têm dificuldades saberem **distinguir** aquilo que **está bem do que está mal**. (...) aqui ensinam-nos que podemos ter um bom futuro, tudo o que fizemos mal fica lá para trás não volta só volta se nós quisermos e se tomarmos essa atitude. **Quem quiser melhorar temos aqui ajuda**. E então não dão uma pequena ajuda... **dão uma grande ajuda até**.”*

Luís, 16 anos

*“Para muitos rapazes, para os **educar, nunca tiveram uma educação** e outros mesmo, **reeducar para o direito, para o bem estar... ajudar-nos a pensar nos outros... a criar mais ligações com a família** porque nós **saímos do mundo da bandidagem**...”*

Pedro, 17 anos

“Por um lado, para as pessoas terem consciência do que fazem... porque senão não somos ninguém. Ajudam-nos... no que podem.”

Maria, 16 anos

“Primeiro eu acho que é uma oportunidade para nós. Para nós vermos o mundo de outra maneira e conseguirmos parar para pensar. Porque enquanto andamos lá fora nenhum de nós pára para pensar porque senão não cometia certos crimes e delitos que nós fazemos.”

Madalena, 18 anos

*“Para **melhorar** a qualidade de vida dos jovens. Para nos **prepararem** para nos **reinserirmos na sociedade** de outra maneira.”*

António, 17 anos

*“Acho que é para os **jovens se endireitarem**... depende dos jovens... há aqueles que quiserem sempre a má vida vão estar sempre na má vida... mesmo que tenham vindo para o CE... o CE é para mudar as atitudes dos jovens... as formas de falar... **dar educação**...”*

Manuel, 14 anos

*“Para **reeducar** para **não haverem reincidentes** outra vez... para os jovens não voltarem a cometer crimes outra vez.”*

Francisco, 17 anos

*“Pelo que eu percebi é para **investir nas pessoas**... eu vejo o quanto se gasta por cada jovem, roupas, monitores, cozinha, Drs., todas as pessoas que trabalham aqui... temos as condições básicas e não nos falta nada... quando estamos em baixo **temos quem nos apoie**... quando estamos em alta temos quem nos abaxe o ritmo... e é assim... eles aqui **investem nas pessoas**... muitas vezes é bom eles **querem que a gente mude**, mas eu digo por mim... eu **não posso mudar tudo**... mudei algumas coisas e melhorei outras mas mudar... assim uma pessoa que tem 17 anos... fazer uma lavagem cerebral... isso não é possível... e **mesmo aqueles que não querem saber nada disto aprendem sempre algumas coisas**...”*

André, 18 anos

*“Para **mudar**... (...)para nos **fazer revoltadas**... para **ficarmos revoltadas**... eu não gosto muito de falar do CE.”*

Daniela, 18 anos

*“Lá fora eu pensava que isto era um castigo, não é? Para nos tornar pessoas diferentes... **para nos educar**...”*

Margarida, 17 anos

*“Para **educar**...” [ri-se...]*

Catarina, 16 anos

D2) Subcategoria : Conhecimento e o que ouvia acerca dos C.E antes da sua entrada

*“Não, não... de colégio já ouvi falar mas de **CEnão**. Mas o que eu penso é que **colégio e centros educativos é muito diferente**. Posso dizer que sou um jovem com sorte porque vim para o pé de pessoas que me ajudam, me apoiam...”*

Diogo, 17 anos

“Já. Desde pequeno. Os mais velhos diziam isso.”

Luís, 16 anos

*“Já... **tinha muitos amigos** que já tinham vindo parar aqui... eu também já tinha passado muitas vezes aqui de comboio e olhava para aqui...”*

Pedro, 17 anos

“Sim... lá no CAT tá lá um assim um meio louco, e que já teve em Coimbra e ele diz que o centro dele é igual a este. E ele contou-me as coisas.”

Maria, 16 anos

“Sim... porque as pessoas diziam... olha se continuas assim qualquer dia vais parar a uma CE e explicaram-me o que é que era isto... só que eu pensava que nunca me ia acontecer isso. Nós pensamos sempre que só acontece aos outros...”

Madalena, 18 anos

Sim. O meu irmão esteve num centro educativo. Por causa de bombas de ácido...

António, 17 anos

“Já. O meu irmão já teve aqui. Saiu daqui no dia 2 de janeiro. Ele fazia assaltos.”

Manuel, 14 anos

“Já... porque no LIJ X, já alguns tinham vindo para aqui... e por acaso até antes de eu entrar tinha lá um que tinha acabado de sair daqui... já sabia mais ou menos... o impacto de chegar aqui foi mau mas eu quis vir o mais rápido possível... deram-me 10 dias para me apresentar mas eu disse vou já para despachar já isto... quanto mais rápido for lá para dentro mais rápido volto para fora...”

Francisco, 17 anos

“Já. Tinha um rapaz da minha zona que tinha estado mesmo neste C.E.. Mas depois dele sair, saiu bem, voltou a estudar... mas quando ele saiu passados uns meses entrei eu... (...) quando eu vim para aqui pensei que vinha para uma coisa aberta, em que saís, vais para a escola... tens as tuas coisas no quarto e não sei quê... pensava que isto não era assim...”

André, 18 anos

“Já... já conhecia... o namorado de uma amiga minha tinha andado aqui... e nós vínhamos-lhe buscar todos os dias aqui... quando ele ia de fim de semanas... ele explicava tudo como isto era... ele explicava de uma forma negativa e positiva... mais negativa do que positiva...”

Daniela, 18 anos

“Já... amigos meus... e eu tinha uma amiga que já tinha estado aqui... dizia-se que nos batiam... e ouvia-se falar muito mal disto...”

Margarida, 17 anos

“Não... só ouvia falar de casas de correção... disseram que eu vinha para uma casa de correção.”

Catarina, 16 anos

D3) Subcategoria: O que considera pior no C.E

“O que é mau é que às vezes alguns jovens que não estão no bom caminho, e vêm que outros jovens estão a fazer um bom percurso para irem a casa, para estar perto da família e querem mudar e eles tentam prejudicar esses jovens...”

Diogo, 17 anos

“Tar longe de tudo o que estávamos habituados. Tar longe da família, dos amigos e da realidade que tinha antes. Eu falo por mim que tinha liberdade.”

Pedro, 17 anos

“Fechada aqui o dia todo é obra. É sempre a mesma rotina, até dá dó. O quarto... só tem a janela... assim um quadrado... e não tem maçaneta... e de dentro não tem e a gente não consegue abrir, sorte é, que tenho lá a campainha... não consigo dormir à noite... deitar às 8h... aquilo é tijolos, não tem propriamente guardafatos é prateleiras... e é tipo um colchão mas tem tijolos... eu quando vim para aqui fiquei à toa... nunca pensei... aqueles quartos é para quando a gente vem... os outros também são assim... mas depois a gente começa a ter as nossas coisas... o quarto... detesto o quarto mas tem que ser.”

Maria, 16 anos

“O pior é estar fechada... mas eu acho que se também não fosse isso todas nós fugíamos daqui e não estaríamos aqui a aprender nada. E estar longe da família... estar sem liberdade.”

Madalena, 18 anos

“A pior coisa? Para mim a pior coisa é ter de lidar com dois mundos aqui dentro... quando eu vou lá para fora... sei que tenho que voltar e largar tudo... é outro mundo... lá fora, imagine, estou com telefone, mp3, não é o meu caso... quando vier cá para dentro tenho que me desligar de tudo. E outro mundo... é dois mundos mesmo.... quando cheguei cá, sabia o que era isto, porque tinha perguntado ao meu irmão. Já sabia que vinha para aqui, tinha que vir ele disse: “vais dormir num bocado de esponja em cima de uns tijolos... e é verdade quando cheguei cá tinha mesmo isso, mas quando cheguei cá consegui me adaptar facilmente.

Já tive conflitos com jovens cá dentro, isso toda a gente tem... cá dentro... de darem uns murros... sempre respeitei toda a gente... nunca fui para o quarto de isolamento... já tive suspensão de convívio mas nunca tive no quarto mesmo de isolamento. Participações de louvor tive várias... festa de natal – ajudei a fazerem as coisas no refeitório da unidade de acolhimento, ajudei de limpar tudo, a lavar a loiça, a pôr as mesas... a retirar as coisas das mesas... a limpar o chão... tive uma participação de louvor por causa disso.”

António, 17 anos

“A pior coisa é estar fechado aqui...”

Manuel, 14 anos

“O pior é estar fechado e não ter contacto com as pessoas lá fora.”

Francisco, 17 anos

“A rotina é a pior coisa... raramente muda aqui alguma coisa...”

André, 18 anos

“Pior? Ir para o quarto quando vamos de castigo... já fui muitas... quando falto ao respeito a alguém... ficamos três dias fechadas no quarto e no máximo sete... no de isolamento... não dá para abrir a janela... um colchão e tijoleira... já me aconteceu muitas vez... já tive muitas PO... porque faltamos ao respeito a alguém... também já levei Pos de Louvor... e as Pos também me fizeram pensar....

Mas eu quando estou no quarto de isolamento, só durmo... nem penso... ou então penso no meu futuro lá fora... não penso nas coisas daqui...”

Daniela, 18 anos

“A pior... trancarem-nos a porta do quarto à noite... agora já estou habituada mas no princípio era mau... ficava com medo mesmo... quando eu cheguei, eu ainda almocei cá... foi puré de batata... logo para começar... depois fazemos umas tarefas mas eu cumpri... nos primeiros dias, estava com medo... estava longe de casa... naquela altura é que eu pensava, fogo... ao princípio tinha dificuldade em conversar e em estar com outras pessoas... Tive muitas participações de ocorrência por falta de respeito... por exemplo, aqui não podemos dar a última palavra... eu falava também muito alto... dizer “é pá” é também uma falta de respeito...

Também tive participações de louvor porque eu gosto muito de trabalhar... Estou em regime fechado e estou na II fase... e estou a pedir mudança de regime para semiaberto...”

Margarida, 17 anos

“O pior são algumas pessoas... falsidade aqui dentro... entre as colegas e adultos... já tive participações de ocorrência por causa de coisas mesmo estúpidas... às vezes toques... não nos podemos tocar e essas coisas... por partilhar comida... esse tipo de coisas estúpidas... se eu tiver um po por partilhar comida vou arrancar ervas... e vão para o tribunal... só os 1 e os 2 é que não... mas é nota negativa... (...) As pessoas lá fora não sabem nada disto... disseram-me que me iam bater... eu vinha frustrada... estava ali naquele portão e disseram-me para tirar as coisas dos bolsos e isso... e que não podia ter nada. As senhoras do outro colégio é que me trouxeram... depois de passar o portão senti uma dor... forte... depois fui fazer aquela revista ali... de abaixamentos... depois entrei... deram-me roupas todas largas e sapatilhas mesmo grandes e depois fui para o quarto de isolamento. Eu só pensava em lá fora e em porque é que eu fiz isso e na minha mãe...”

Catarina, 16 anos

D4) Subcategoria: O que considera melhor no C.E

*“A melhor é vermos que **estamos a fazer um esforço** e **sabermos que estamos a lutar** por isso e que ao longo desse tempo temos as pessoas, os monitores e os nossos técnicos e diretor a apoiar-nos e a dizer-nos **“estás a fazer bem! Continua!”** termos os apoios e isso é bom...”*

Diogo, 17 anos

*“Darem a **oportunidade** de termos **um novo futuro**.”*

Luís, 16 anos

*“É **conviver** com as colegas, com os tprs, com os diretores, falar é bom...”*

Maria, 16 anos

*“O **apoio** que nós temos e a **segurança** que nos dão...”*

Madalena, 18 anos

*“Para mim... sinceramente... é das 10h da noite às 7h da manhã **quando estou a dormir**...”*

António, 17 anos

*“As **pessoas** daqui são **simpáticas**... **falam bem**...”*

Manuel, 14 anos

*“Não sei... em comparação com lá fora isto aqui não é nada bom... **o desporto**... aqui fazemos muito desporto... temos capoeira e rap também... mas não é assim grande coisa... eu lá fora tenho o meu estúdio... faço as minhas coisas lá...”*

Francisco, 17 anos

*“[Silêncio...] os Drs.... **ajudam** sempre, **ajudam** toda a gente com o que podem mesmo... o **Diretor é o primeiro a ajudar**... sempre o primeiro. E isso é muito bom... Outra coisa boa é **irmos a casa e termos férias depende do regime**...”*

André, 18 anos

*“Melhor??? Os **telefonemas** com o meu pai e as **visitas**...”*

Daniela, 18 anos

*[Silêncio longo...] “**ter alguém com quem falar**...”*

Margarida, 17 anos

*“Para mim é a **escola**...”*

Catarina, 16 anos

D5) Subcategoria: Identificação do mais importante no C.E

*“(...) havia um monitor que esteve cá já há algum tempo... era um senhor que eu gostava muito. (...) foi a primeira pessoa por quem eu chorei cá dentro no centro educativo... (...) E isso é uma delas... outra foi a minha **primeira saída**, fui ao exterior... penso que fui ao Sporting... outra delas, é **ver as pessoas que têm feito algum esforço mesmo tendo altos e baixos, vê-las terminar a sua medida**. Isso também é muito bom... gosto sempre de saber qual é a sensação de cada um... **fico feliz**... **toda a gente merece a liberdade apesar dos seus erros**. Ninguém merece estar longe da família e de quem se ama.”*

Diogo, 17 anos

*“Foi quando voltei a **ver a minha irmã**, aquela que eu tomei conta. Ela estava com o pai dela e eu não sabia o contacto e um dia ela apareceu aí. Fizeram-me uma surpresa, ela veio aí com o pai dela. O pai dela sempre*

gostou de mim também **achava-me um bom rapaz...** e eu quando vi a minha irmã fiquei todo contente. **Foi a melhor coisa até hoje.**”

Luís, 16 anos

“Quando **passamos de fase** é muito importante... porque é demonstrar que **alguém confia** em nós e que **aposta em nós**. E **ir de férias...** é o momento mais importante e mais feliz... é uma ansiedade...”

Pedro, 17 anos

“Houve... está tudo a ser simples e normal... o que eu fico mais contente é quando tenho **telefonemas...** ontem falei com a minha mãe...”

Maria, 16 anos

“Olhe, para mim, acho que **foi o meu aniversário** porque desde que estou em colégios eu nunca tive um aniversário bom... e aqui **proporcionaram-me um aniversário...** eu sou do curso de cozinha e **duas amigas** minhas fizeram-me **um bolo com dois andares...** **um bolo que eu nunca tive na minha vida**. Era um círculo e depois por cima **era um coração**, o segundo andar. **Bolo de brigadeiro...** eu nunca tinha tido um bolo assim. Foi isso que me marcou.”

Madalena, 18 anos

“A **primeira vez quando fui a casa...** a primeira apresentação que fiz **cá de artes circenses..** acho que nunca nenhum jovem saiu com **um certificado do Chapitô** e eu vou sair com certificado...”

António, 17 anos

“Foi passar o PII e estar os meus amigos... a melhor coisa foi quando acabei o PII e fui apresentado aos meus amigos... **tomar as refeições com os meus amigos...** fiquei sempre contente e o tempo passou mais rápido.”

Manuel, 14 anos

“Não estou a ver...”

Francisco, 17 anos

“Estou a **gostar** muito de estar a **estagiar** lá fora... é uma **empresa de informática**, estou lá em contexto de trabalho... trabalho com outras pessoas... e isso é espetacular pelo menos **posso experimentar o que é trabalhar...** e **ver as coisas que fazem sentido para mim.**”

André, 18 anos

“Quando eu fugi o meu pai não desistiu de mim e veio-me visitar.”

Daniela, 18 anos

“Os dias **passam e temos coisas boas...** mas coisas felizes não... é tudo o mesmo, os dias aqui são todos iguais...”

Margarida, 17 anos

“Foi ter uma **pessoa que me dava grande suporte de apoio**. Mas já se foi embora, uma colega.”

Catarina, 16 anos

D6) Subcategoria: O momento mais negativo

“Mais negativo... foi numa das **primeiras semanas**, eu cheguei, não me dava assim com ninguém claro... né! E um dos jovens **pregou-me uma partida e meteu necessidades à porta da casa de banho**, como eu era daquele corredor e tinha saído do quarto, o Sr. pediu para limpar e eu disse **“não fui eu”** porque tinha ainda aquela **mentalidade ainda da rua**, lá de fora e disse que não apanhavam, que não tinha sido eu... e que não ia apanhar... **leveí um 1...** e **ele conseguiu-me prejudicar**. E leveí **procedimento disciplinar** que é quando nos portamos mal vai um **relatório para o tribunal** a dizer o que é que aconteceu... e depois ou atrasam-nos um mês para passagem de fase ou se tivermos na II fase podemos regredir para a I, podemos não ir de férias... é isso o ponto negativo...”

Diogo, 17 anos

“Foi ter vindo para aqui. O mais negativo não foi andar à porrada... foi eu não ter tido capacidade para poder dizer que não. Não ter capacidade para me controlar, foi o que me frustrou mais. É não me conseguir controlar diante de certos impulsos não me controlo.”

Luís, 16 anos

“Chegar aqui. Fartei-me de chorar e era para partir a janela.. precisava de fumar... a cabeça já andava à roda... eu já andava a tremer. Pensei três vezes...pensei...”

Maria, 16 anos

“Foi quando eu me tentei suicidar... porque estava numa fase em que não estava a conseguir gerir as coisas na minha cabeça... tentei enforcar-me... eles conseguiram-me salvar a tempo... mas sim eu já estou bem.”

Madalena, 18 anos

“Foi uma notícia que recebi do mundo exterior... um grande amigo meu por acaso... não fazia porcaria, não fumava, não bebia... e deu-lhe um ataque cardíaco... tinha 19 anos... fiquei um pouco triste... mas geri bem... não pude ir ao funeral porque ainda estava na fase I.”

António, 17 anos

“Foi o primeiro dia que vim para aqui... cheguei olhei para isto e disse: não acredito que estou aqui dentro... depois vi o aspecto dos quartos... terrível... um bocado de pedra e depois tem um colchão... todos os dias temos que tirar os lençóis e dar nós... para ficar bem esticado... não estava habituado a dobrar roupa e já aprendi isso tudo...foi o pior dia. Não gostei... os horários já estava habituado... deitar cedo... agora não me custa mas as primeiras semanas... custou-me imenso... dormia tarde... e aqui é às 9h... agora já consigo dormir...”

Manuel, 14 anos

“Tem vários... quando temos situações injustas ou quando nos dão uma PO eu fico passado da cabeça... não gosto... (...) quando eu fiz anos, claro aqui, dentro não gostei nada... em comparação com os outros anos... O PII vivi isso muito mal... estava habituado lá fora... mas depois tive que me habituar...”

Francisco, 17 anos

“É estar no quarto de isolamento... eu sou uma pessoa que não consegue estar fechada, mesmo lá fora eu não conseguia estar todo o dia em casa... nem pensar nisso... só tem uma janelinha... fiquei lá uma vez... fiquei lá dois dias... foi o pior... eu não consigo...”

André, 18 anos

“Quando eu fugi... e sentia culpa... porque eu sentia que o meu pai sentia que eu fugia por causa dele...”

Daniela, 18 anos

“Acordar às 6h30 para ir arrancar erva, quando levo Pos que são castigos... ja fiquei 3 dias no quarto... já acordei duas ou três vezes às 6h30 para ir arrancar ervas... vamos para a cama às 8h...”

Margarida, 17 anos

“Estar no quarto quando tentei fugir... fui ao dentista e depois tentei fugir e fui para um beco sem saída... e depois cheguei cá dentro e quarto de isolamento... depois disso passou e percebi que foi o melhor para mim... mas fiquei mesmo mal... três dias naquele quarto fechada sem sair mesmo... só estar lá fechada e não se via nada... comia lá e tudo...”

Catarina, 16 anos

D7) Subcategoria: No processo de intervenção o que poderia ser alterado, ou não.

“Não sei... algumas regras por exemplo.

Não alterava nem os monitores nem os técnicos, não alterava. São boas pessoas, vêem que quando algum jovem não está bem ou está em baixo, são os primeiros a ir ter connosco e ajudar. Há um ambiente de família entre alguns jovens e monitores. Esta é a minha família, estou na minha segunda casa, tenho que pensar assim porque senão vai-me dar uma coisinha má e vou morrer aqui dentro a pensar negativamente. Jovens, monitores é a minha família... lá em cima éramos muito unidos – na unidade de acolhimento... cá em baixo

(unidade de progressão) temos mais autonomia, mais liberdade, mas não somos tão unidos...é diferente. **Gosto muito do diretor ajuda-nos bastante também...**

Diogo, 17 anos

“A ajuda que dão aos jovens. **Financeiramente e com os sentimentos.** Não são pessoas que falam só por falar. São pessoas que falam para nos sentirmos bem. **As pessoas aqui têm carinho por nós e isso e é um carinho verdadeiro, sinto-me acolhido.**”

Luís, 16 anos

O chapitô, temos **capoeira...** e isso não mudava... porque **ajuda-nos muito. Nem sequer as regras eu mudava,** algumas eu não concordo mas não mudava... por exemplo: não podermos ter o cabelo como queremos, não podermos ter a barba grande, não podermos fazer a depilação...essas regras... não podermos deitar-nos mais tarde... (...) obrigarem-nos a fazer as faxinas, isso é muito importante também para a nossa vida. **Ajuda-nos a criar hábitos...** que nós lá fora muitas vezes não tínhamos...

Pedro, 17 anos

“O essencial é as tutorias... quando falamos com a nossa Técnica. Termos alguém em quem **podemos confiar,** estamos a falar com essa pessoa e sabermos que essa pessoa... vai ficar ali a conversa... aqui dentro isso é o mais importante porque nós precisamos... eu falo por mim... gosto de desabafar e preciso sentir a confiança da parte do outra pessoa.”

Madalena, 18 anos

“A maneira como nos recebem... recebem-nos muito bem... eu mal cheguei, chorava ao telefone, quando falava com a minha família... foi uma coisa que me ajudou no princípio foi falar com os meus familiares. **O apoio que me deram...**”

António, 17 anos

“As regras e os horários, as **faxias** também não... e a **relação com os adultos** também não mudava porque é muito positivo. As **tutorias** são muito positivas até porque nos safa aí das aulas e isso.”

Francisco, 17 anos

“Que continuem sempre e investir nos jovens mesmo que existam falhas da nossa parte... chegar atrasado, cheirar a tabaco, beber uma cerveja... nunca devem desistir das pessoas porque há momentos baixos, momentos altos... e **nunca deixaram de investir em mim... tipo cortar as asas a uma pessoa que está a aprender a voar...** nunca se deve fazer...”

André, 18 anos

“Não sei... não estou a ver... levantar cedo... porque custa mas tem que ser... não é? Dou-me bem com as pessoas...”

Daniela, 18 anos

“Tudo tem a sua razão de ser... [silêncio longo]... o acompanhamento com a técnica...”

Margarida, 17 anos

“As regras e as reuniões... porque é importante nós **falarmos** sobre o dia... o que é que aconteceu para vermos o que é que estamos mal e em que é que podemos mudar e isso... **quem quiser falar fala...** há monitores que perguntam diretamente como é que correu o teu dia e há outros que não... **fala quem quiser...**”

Catarina, 16 anos

D8) Subcategoria : O mais importante no C.E para a sua vida futura

“É importante porque aqui aprendo coisas novas. Eu quero ser cozinheiro claro que não tem nada a ver com jardinagem mas é sempre bom saber. (...) o que é bom lá para fora saber cuidar de alguma coisa... mesmo que não fosse para mim eu podia ajudar...”

Luís, 17 anos

“É importante porque estas pessoas estão-me a ajudar a criar os meus objectivos... ajudar-me a pensar e ver que na minha vida não pode ser tudo ao acaso. Tenho que pensar na vida com antecedência, tenho que pensar

*no que eu quero para a minha vida e isso que eu estou a fazer... a **restruturar** bem o que é que eu quero para a minha **vida**. Estou a pensar nisso dia para dia... e a tentar que isso se realize.*”

Pedro, 17 anos

*“Sem dúvida que foi importante... se eu não tivesse vindo para aqui se calhar **hoje** ou **não estaria viva** ou **estaria numa prisão**.”*

Madalena, 18 anos

*“Deu para **pensar** e para **refletir**... o **fundamental** foi a **escola**.”*

António, 17 anos

[o jovem desviou-se do tema da questão e falou da morte de um amigo como o factor que mais marcou a sua adolescência]

Manuel, 14 anos

*“Muito... **fez-me muito bem estar aqui**... agora já custa porque já lá vão 22 meses... **ajudou-me** porque se eu não estivesse cá não pensava desta forma, não via a realidade desta forma...”*

André, 18 anos

*“Acho... **para o meu futuro sim** mas **para mim não**... **por causa dos estudos só**... mais nada... todas estas regras que eu tenho aqui já as tinha praticamente todas... já sabia fazer quase tudo das regras que eles têm aqui dentro...”*

Daniela, 18 anos

“Sim...”

Margarida, 17 anos

*“Acho... porque isto **vai-me ajudar a crescer** e também **vou sair daqui com formação** e com escola que eu não tinha... **vou sair daqui com o 9º e com o curso de operadora de pré-impressão** e depois vou ainda para a de cozinha... não sei se vou conseguir concluir o de cozinha...”*

Catarina, 16 anos

Após a análise realizada, através dos indicadores apresentados nas respostas, verificamos que, acerca da função do CE, 11 jovens são unânimes na resposta “*Educar e Reeducar*”.

Consolidam a resposta com aspectos que tocam a sua experiência pessoal, levando-os a afirmar que têm a percepção que estão a ser preparados para se reinserirem na sociedade com novas competências. Evidenciam, de forma indireta, o papel dos técnicos e do Diretor (dizem mesmo que este é o primeiro a ajudar) neste caminho da reeducação. Todos lhes dão uma grande ajuda, ajuda essa que passa por fazê-los pensar nos outros, criar ligações com a família, sair do mundo da bandidagem. Um jovem reforça várias vezes a ideia de que estes investem nas pessoas e nunca deixam de investir.

Dez jovens já tinham ouvido falar de CE e sabiam muito bem o que era. Alguns já tinham tido irmãos, amigos, colegas da instituição onde residiam ou jovens da sua rede alargada de conhecimentos com experiência de passagem por um CE.

Sobre o que é o pior do CE, podemos verificar, através dos indicadores apresentados, que maioritariamente referem que é mesmo o facto de estarem fechados, privados de liberdade,

as rotinas, as portas dos quartos serem trancadas à noite, o quarto de isolamento, a falsidade entre colegas e o terem que lidar com “dois mundos”, o CE e o mundo lá fora. Esta dualidade de mundos, muito diferentes, é referida por dois jovens que se encontram em contexto de estágio.

A consciência do que é melhor do CE é muito diversificada, voltando a incidir sobre o trabalho que os técnicos exercem junto de cada um deles. Reforçam as atitudes de simpatia, confiança, apoio e segurança transmitida pelos técnicos, mediante o esforço dos jovens na sua própria mudança. É referida a oportunidade que lhes é dada para terem um futuro novo.

O momento mais importante para alguns, em contexto de CE, foi a primeira saída, irem de férias, passar de fase, os telefonemas e as visitas da família. Só um jovem refere que para ele nada é importante dentro do CE.

Como momento mais negativo, quatro jovens referem o primeiro dia em que chegaram ao CE e o cumprimento do PII, assim como as participações de ocorrência ou disciplinares e situações por vezes injustas. Depois há uma diversidade de momentos, nomeadamente o de um jovem que, perante uma situação que se afigurou de violência física, não ter sido capaz de dizer “não”; a tentativa de suicídio por parte de uma jovem; o terem de se levantar cedo; assim como a referência ao quarto de isolamento, conotado negativamente por parte de duas jovens.

Quando questionados acerca daquilo que poderia eventualmente ser alterado ou não no processo de intervenção do CE, por unanimidade, os jovens posicionaram-se naquilo que não alterariam. Nas respostas surgem vários indicadores, dos quais salientamos a importância dos técnicos, monitores e diretor e como estes potenciam relações equiparadas às familiares, na sua vertente positiva de ajuda e estímulo assim como ao nível dos afetos. Um jovem chega mesmo a referir que as pessoas têm carinho por eles e que esse carinho é verdadeiro. As Tutorias, na sua dimensão de aconselhamento são referidas como facilitadoras de uma relação de confiança. São referenciadas como algo essencial dentro do CE. As atividades, como o Chapitô e a capoeira, são referidas como nota positiva.

Quatro jovens não mudavam as regras, nem as reuniões, nem as faxinas pois como dizem “*ajudam-nos a criar hábitos*”. Um jovem até deixa um apelo revendo-se naquilo que fizeram com ele “*nunca deixem de investir nos jovens!*” pois, como ele diz, nunca deixaram de investir nele.

Olhando para a sua vida presente e passagem pelo CE, os jovens referem que o que os está a ajudar mais, numa perspectiva futura, é a criação de objectivos, o pensar e reestruturar a vida, a escolaridade adquirida. Uma jovem refere mesmo que se não estivesse no CE hoje não estaria viva ou estaria numa prisão.

3. Explicitar a percepção que os jovens têm do seu projeto de vida futuro.

Depois dos indicadores de vidas passadas antes de entrarem no CE (1º Registo) e das vivências no presente em CE, que lhe aportam novas competências (2º Registo) apaz-nos mudar de Registo (3º): o futuro. Como é que os jovens imaginam, veem o seu futuro.

Qual é o projeto de vida dos jovens, projeto este que obrigatoriamente deve constar no PEP do jovem a cumprir medida de internamento

Categoria E: Expetativas futuras do jovem

E1) Subcategoria: Projeto de vida

*“Quanto mais **ocupado estiver... melhor!** E é exatamente o que eu quero fazer lá fora... tenho andado a falar com a minha família para tratar já da escola lá fora, que eu **quero continuar a estudar...** (...) Então se eu for estudar à noite quero trabalhar durante o dia para me manter ocupado. Agora o meu cunhado tem um bar por baixo da minha casa e então **eu vou trabalhar para lá, com ele...** vou trabalhar com ele durante o dia e há noite vou estudar e também quero tirar a carta de condução. **Quero mesmo manter-me assim ocupado.** Vou viver para a minha irmã... tenho ido de férias e tenho estado bem nas férias sem ir para aquele grupo de amigos. E tem corrido tudo muito bem.”*

Diogo, 17 anos

*“Desde pequeno que sempre tive o sonho de **ser cozinheiro.** E é o que eu vou seguir quando sair daqui. Sempre lutei por isso. Cozinhava.... e fazia experiências em casa. **Gostava de ter um restaurante.**”*

Luís, 16 anos

*“Para já quero, **tirar o 10º, 11º e 12º...** quero tirar a **carta**, quero tirar um **curso de segurança** e claro ir também para o **ginásio...** estar **entretido...** constituir **família** e os meus **filhos...**”*

Pedro, 17 anos

*“Devo ter... era para ir num **curso... de mesa e bar.** Não sei... **cada vez é um dia...** eu não penso muito... desde que se ganhe dinheiro e esteja tudo bem na vida isso é o mais importante.”*

Maria, 16 anos

*“Sim. Quando eu sair de cá... eu vou... **eu neste momento estou sem família... tou sem nenhum apoio e aqui estão-me a tentar ajudar...vou para um sítio que se chama CATA** – centro de acolhimento temporário para adultos- até conseguir receber o rendimento de reinserção social para poder ter um quarto, e depois estudar e trabalhar... são os meus planos. Quero tirar o 12º ano, com um curso e depois quero **seguir mais para a frente... é um bocado difícil sair daqui e não ter ninguém...** (...) temos medo de voltar a cair outra vez...”*

Madalena, 18 anos

*“**Inscrever-me na escola ASAS** de apoio social e serviço. Penso os 3 meses depois de sair daqui, junho, julho e agosto ir trabalhar para ter as minhas coisas e depois começar a escola. Vou para casa dos meus pais...”*

António, 17 anos

“Vou ser diferente... **não vou roubar mais**, não vou fazer essas parvoíces assim porque senão tenho que ser castigado... eu não gosto de estar longe da minha família, só vejo a minha mãe no fim de semana... (...) eu não quero voltar mesmo aquela vida, porque **a rua não me dá um futuro nem vai fazer de mim um homem.**”

Manuel, 14 anos

“Já tinha... em termos de trabalho... curso... eu estava a fazer um **curso de eletricidade** na aldeia de Santa Isabel. Estava lá a fazer, estava no nível I... vou voltar para lá porque também já fiz a inscrição. E vou continuar no LIJ X...Eu **toco... tenho sempre convites**... quando fui a casa na Páscoa tive convites mas não pude aceitar... porque estava aqui... mas quando sair daqui continuo.”

Francisco, 17 anos

“O estágio acaba praticamente quando eu sair... daqui a dois meses... não quero voltar para o Algarve, quero ficar cá em Lisboa. **Trabalhar, quero começar a trabalhar para me arranjar um pouco**... depois lá mais para a frente quero **acabar o 12º ano... a estudar à noite**... mas quero acabar...Cá em Lisboa se ficar cá vou ficar em casa de um afilhado da minha mãe e depois, se me arranjar bem também gosto da minha independência.”

André, 18 anos

“**Quero ser técnica de turismo... ou cabeleireira**... quero **trabalhar e estudar** ao mesmo tempo... vou para a casa do meu pai... o meu pai costuma vir visitar-me.”

Daniela, 18 anos

“Quando sair de cá quero ir para o **Exército**... quero ir para os Açores... é algo que eu gosto... vou ter com a minha família. Estou a **pensar em estudar**, gosto de aulas... talvez quero **estudar** mas ainda não sei bem...”

Margarida, 17 anos

“Sim... quero ter uma **casa** para mim e para a minha mãe e quero ter uma **profissão, ser polícia**...”

Catarina, 16 anos

E2) Subcategoria: O que deseja após a saída

“**Ter uma boa vida lá fora, sossegada.** Criar a minha família, cuidar dos meus e ser sossegado. Já chega de stresses e essas coisas todas.”

Luis, 16 anos

“Para já quero, tirar o 10º, 11º e 12º... quero tirar a **carta**, quero tirar um curso de segurança e claro ir também para o ginásio... **estar entretido**... constituir família e os meus filhos...”

Pedro, 17 anos

“Gostava de ir ter com a minha mãe, para a **França**, para **trabalhar**. Aprender francês.. quero ter uma vida normal. Eu daqui tenho de ter já uma ideia... eles aqui já querem saber...”

Maria, 16 anos

“(...) ter um **aniversário diferente** de todos estes que eu tive até agora...”

Madalena, 18 anos

“Era ter logo um **trabalho na mão**. O que vai acontecer que é **ir para junto da minha família**... já lá vão dois anos e é muito...”

António, 17 anos

“**Continuar a ser feliz**... conseguir acabar os cursos que tenho para fazer...”

Francisco, 17 anos

“**Ter um trabalho.... e estudar**... Voltar a praticar desporto.”

André, 18 anos

“Ser **feliz....e ter saúde**...”

Daniela, 18 anos

“Quero estar com a minha avó mais do que tudo...”

Margarida, 17 anos

“Que a minha família seja toda unida... temos que trabalhar todos juntos... a minha mãe e o meu pai estão na mesma casa mas não se falam... a minha mãe não trabalha mas tem a minha irmã que lhe ajuda e isso...”

Catarina, 16 anos

E3) Subcategoria: Antecipação de dificuldades após a saída do CE

*“Dificuldades deveremos ter todos quando sairmos daqui... algumas pessoas... que moram perto de mim... vou tentar não voltar a estar muito tempo com elas para não me deixar ir outra vez... não vou deixar de falar mas simplesmente tenho que **aprender a dizer NÃO**... não posso, não quero e não vou. O meu medo mesmo é voltar...aquela vida... longe da família outra vez não...”*

Diogo, 17 anos

“Algumas, mas eu sei ultrapassar as minhas dificuldades. Aqui dentro estou a aprender também outras maneiras de ultrapassar certas situações. Eu chegando lá fora vou ultrapassá-las. E vou ser bem sucedido. Gostava de ir viver sozinho...”

Luís, 16 anos

“Quando eu quero uma coisa quero mesmo... e não vou desistir facilmente... as maiores dificuldades (...) vão ser voltar para o mesmo bairro, amigos, influências... fumo... roubos... aquelas coisas todas... mas eles já sabem o que é que eu quero para a minha vida... também já fui de férias e vou mostrando que já tenho as minhas mudanças e eles vão-me respeitando, é o que interessa. Estou na Fase III.”

Pedro, 17 anos

“Todos nós temos dificuldades em algumas coisas... não sei.”

Maria, 16 anos

“Claro que sim... não é fácil e eu ainda sou muito jovem. Tenho que aprender a gerir as coisas. E a vida lá fora não é fácil... principalmente eu que vou ficar sozinha... tenho que ter muita força... mas eu vou ser capaz...”

Madalena, 18 anos

*“Dificuldades só se for a **arranjar trabalho** porque de resto não...[Nem com grupos de amigos?] Tenho amigos que têm problemas com a policia mas eu não vou deixar de lidar com eles apenas quando eles fizerem alguma asneira vou chamar-lhes a atenção... se não me quiserem ouvir, o conselho está dado. E vou-me embora... eu sou forte...”*

António, 17 anos

*“Dificuldades como assim??? Vou ter que saber dizer não. Desde que entrei aqui já aprendi a dizer não. Porque não é bom estar aqui fechado e se apanhar medida só vou no natal a casa...e é difícil para mim... porque eu estou aqui dentro e eles estão lá fora a divertir, a rir... e eu aqui às choro e penso, porque é que não liguei aos conselhos da minha mãe. Não andar nesta vida... vou ter aquela dificuldade de **dizer que não**... porque eu cresci com eles... e agora vou ter que chegar lá fora e vou ter que **dar um não**.”*

Manuel, 14 anos

“Não... há coisas que vão ser difíceis mas assim em geral não...”

Francisco, 17 anos

“Não... a vida está cheia delas... mas temos que superá-las... nós estamos privados de tudo aqui... só temos os bens essenciais...”

André, 18 anos

“As más companhias... as amizades que eu tinha antes... tenho medo de... claro que eu vou lidar com elas... mas não quero seguir o que elas seguem... ter a minha opinião, dizer que isso não se faz...”

Daniela, 18 anos

*“Não quero falar sobre isso... **acordar cedo... isso é uma grande dificuldade se tiver que trabalhar... os meus amigos** estão lá na mesma... vou arranjar outros amigos... **é muito difícil continuar com esses amigos...**”*

Margarida, 17 anos

*“Claro que sim.. **não ter dinheiro para sustentar a minha família... mas eu quero ajudar...**”*

Catarina, 16 anos

Depois da análise de conteúdo efetuada, os indicadores, referentes à percepção que os jovens têm do seu projeto de vida, mostram-nos que sete gostariam de continuar a investir na sua formação escolar, continuando a estudar à noite e a trabalhar durante o dia. Dois deles referem a importância fundamental de se manterem ocupados. Todos manifestam desejos, como qualquer outro jovem da sua idade, nomeadamente, ter uma profissão, constituir uma família, tirar a carta de condução. Quanto ao local onde passarão a residir, quase na generalidade, voltarão para o meio de onde provieram, à exceção de dois. Há a referir que um ficará a residir em Lisboa, em casa de um familiar, e uma jovem sairá sem qualquer suporte de apoio familiar.

Como desejos, e ou expectativas após a saída, anseiam ter uma vida sossegada longe de problemas, não voltar à vida que levavam anterior à entrada no CE. Desejam principalmente ir para junto de quem mais amam, terem um trabalho, uma vida “normal” e serem felizes.

Quando se fala em dificuldades após o terminus da MI, aparece com frequência o medo de voltar à vida do crime, o medo de não terem a coragem de dizer “não” ao grupo de amigos, o medo de voltar a “cair” apesar de alguns referirem que no CE estão a aprender a ultrapassar as dificuldades. Todos têm consciência que a vida “lá fora” vai ser difícil mas que é necessário superar as dificuldades que vão surgindo e que fazem parte da vida. As más companhias, o grupo de amigos, não ter dinheiro para ajudar a família, acordar cedo se tiver um emprego afiguram-se-lhes como sendo os medos mais prementes.

E4) Subcategoria: Como seria a vida lá fora se não passasse pelo CE

*“O que é que estaria a fazer agora... às vezes também penso... será que estaria melhor ou pior? E penso sempre um pouco nos dois... e se estivesse melhor ainda bem para mim... estaria a **estudar**, ao lado dos meus **sobrinhos** ou a **trabalhar**... a ver o **crescimento deles que é uma coisa que eu adorava...** mesmo. Ao lado da minha família... tinha tudo 5 estrelas... Se estivesse mal, poderia estar talvez bem... **poderia estar a pensar que estava bem mas não era com o pensamento que aprendi aqui.** Com alguns remorsos talvez... eu via sempre a parte da outra pessoa que estava a ser vítima... **Sinto-me estranho às vezes quando vou lá fora... é outro**”*

mundo, às vezes parece que já nem sei andar na rua... eu quero sair daqui capaz de começar uma nova vida e estou-me a esforçar para tal."

Diogo, 17 anos

"Estava na escola... estaria a continuar com os estudos, continuaria na casa pia, o que me aconteceria era ir para um lar de acolhimento... iria continuar a minha vida."

Luís, 16 anos

"Estava na rua com os meus amigos a fumar... e há espera que alguém dissesse vamos dar uma volta para ver os alvos e pumba... e agora estaria em casa com a minha namora e a minha mãe, mas claro que também ia ter com alguns amigos, passava um tempo com eles e depois voltava para casa. Já namoro com ela há 2 anos e tal, ela desconfiava que eu andava nessa vida, mas desde que estou aqui ela sempre me apoiou... nunca me abandonou... escreve-me cartas todos os fins de semana. É uma pessoa muito presente..."

Pedro, 17 anos

"Ia correr bem porque eu estava noutra Centro e lá também me ajudam, eu fiz-me uma mulher desde que estou lá, porque aqui só estou há uma semana."

Maria, 16 anos

"Talvez se calhar já não estivesse viva ou então se tivesse vivia numa prisão ou seria uma toxicodependente."

Madalena, 18 anos

"Estava preso... se calhar..."

António, 17 anos

"Estava na mesma... até que não viesse cá para dentro..."

Manuel, 14 anos

"Bem... já estava no curso... tocava como sempre... namorava... ela não me vem visitar porque eu disse que não queria que ela viesse aqui... não quero que ela veja isso aqui."

Francisco, 17 anos

"Não imagino... nem quero pensar... não sei como é que seria... não sei..."

André, 18 anos

"A esta hora estava em Tires... já há muito tempo... porque eu não ia parar..."

Daniela, 18 anos

"Estava na mesma ou pior..."

Margarida, 17 anos

"A cometer grandes crimes... vou ter receio quando for lá para fora de voltar a fazer crimes... eu não quero voltar a fazer mas... se as situações se proporcionarem vou tentar ter força."

Catarina, 16 anos

E5) Subcategoria: Sentido da vida

"A minha vida é importante... não é ser convencido mas a minha vida é importante para bastantes pessoas... é importante para mim... Sinto que posso fazer muito mais do que o que já fiz, sinto que posso ajudar as pessoas... que estejam piores que eu. Além do respeito que já tenho quero ter mais respeito pelas pessoas aquelas que me conhecem sabem sempre que podem confiar em mim, podem sempre confiar, nunca as desiludi. Ter o respeito dos outros."

Luís, 16 anos

*“Sentido da vida: o grande objectivo da minha vida é ter uma **vida estável** e **ser o melhor pai do mundo**. Mas principalmente ser um bom pai... quero que os meus filhos tenham orgulho de mim...”*

Pedro, 17 anos

*“A minha vida tem um sentido. Queria ter a minha família ao pé de mim, sinto-me bem e feliz. E temos que fazer por isso... para que a vida tenha um sentido. **Eu estou arrependida**. Temos que bater com a cabeça na parede para aprender. Acho que as porcarias já foram.”*

Maria, 16 anos

*“Eu considero-me uma **pessoa feliz** mesmo estando aqui. Acho que isto **fez-me muito bem**. Foi um percurso que foi **importante para mim**. Por muito que eu ao princípio... me tenha custado muito e eu não tenha aceitado... isto para mim foi muito importante vir para aqui... eu agradeço a quem me pôs aqui... vivemos aqui 24h sobre 24h **somos um grupo**... já cheguei em alguns dias a dizer **em reunião que isto é como se fossemos uma família**...”*

*Conseguir-me **orgulhar** de mim própria... um dia mais tarde, chegar ao fim... e dizer: eu consegui... **consegui superar** todos os meus **medos**. E principalmente ter vontade de **reconquistar** a minha família.”*

Madalena, 18 anos

*“Tem um sentido muito bom... desejo tirar a carta, ter a minha casa, a minha mulher... o meu filho... estar bem na vida... e ter o meu trabalho e ser feliz acima de tudo... **Família... CE***

Vou levá-los para a minha vida... tem um jovem aqui dentro que é como se fosse meu irmão. Chorei a saída de um grande amigo... chorei de felicidade e também de saudade... e quando me for embora também vou deixar aqui muitas amizades... sei que vou chorar porque vai ser um momento importante...”

Vou recomeçar... renascer de novo...

Já mudei muita coisa e vou ser eu mesmo como eu era em alguns aspectos mas mudei muito a nível das atitudes... das escolhas e dos caminhos... vou seguir o melhor para mim...”

António, 17 anos

*“Tenho que me aplicar... tenho que ir atrás do meu sonho. Quero ter um **emprego**... quero ter **filhos**... **dinheiro**... ser **feliz**...”*

Manuel, 14 anos

*“Como assim? A tua vida tem sentido ou não? Tem... **Gosto da vida e gosto da aproveitar ao máximo**... o meu maior **sonho é ter família e tocar para muita gente**, no meu arena assim...”*

Francisco, 17 anos

*“A minha vida tem sentido porque se não tivesse já me tinha matado aí num quarto... já me tinha suicidado... mas isso nunca me passou pela cabeça porque eu **tenho amor à vida**... tenho a minha família e isso faz-me ter sentido... no **futuro** vejo-me com um **filho**... com um **marido**. (...) gostava que o meu filho se orgulhasse de mim...”*

Daniela, 18 anos

*“Acho que sim a minha vida tem sentido né? Quero ter um **futuro** e quero ser **feliz**... eu tenho **objectivos**... muitos...”*

Margarida, 17 anos

*“Sentido para a tua vida? Aqui dentro não... mas eu sou obrigada a estar aqui... mas a minha vida tem sentido. **Fazer a minha mãe feliz**... era o meu sonho e o objectivo da minha vida.”*

Catarina, 16 anos

Mediante a questão “se não passasse pelo CE 3 como seria agora a tua vida?”, dez jovens têm a plena convicção que, ou continuariam na vida do crime, como estavam, ou estariam já presos ou a cometer crimes numa escala maior. Um jovem referiu que possivelmente já nem estaria viva. Um jovem recusou-se a pensar nessa hipótese, abanando a cabeça e repetindo “eu nem quero pensar...”. Querem começar uma nova vida quando saírem do CE.

Quando foi abordado o tema acerca do sentido das suas vidas, a maior incidência de indicadores recaiu sobre o desejo de constituir uma família, serem respeitados, a necessidade de um novo recomeço, de um renascer de novo. Verbalizam também terem amor à vida e gosto de a viverem em plenitude sendo felizes de modo a que outros se possam orgulhar deles.

4. Identificar e caracterizar as representações dos jovens sobre a intervenção tutelar educativa.

Categoria F: Representações do jovem acerca da sua trajetória em C.E

F1) Subcategoria: Perceção da passagem pelo C.E

“Respeito e humildade.”

Diogo, 17 anos

*“A escola. A jardinagem, o meu curso. **Aprendi que é bom saber sempre pensar. Pensar sempre no que se faz e no que se vai dizer. Pode-se dizer tudo mas de uma certa maneira que não magoe as pessoas. Eu aprendi isso que quando vim para aqui. Aprendi a falar melhor com os adultos, com as pessoas em geral. Sinto-me melhor assim não preciso estar sempre assim a levar tudo para a violência. O que é bom para mim e para o meu bem estar.**”*

Luis, 16 anos

*“Na formação já **aprendi** muitas coisas, estou na manutenção hoteleira... remodelar casas... aquela casa cor de rosa as paredes estavam todas a cair e nós é que estamos a arranjar aquilo tudo e vamos mantendo.”*

Pedro, 17 anos

“Respeitar. Respeitar os outros.”

Maria, 16 anos

*“Acho que aqui **aprendemos** de tudo, **aprendemos** com os adultos, **aprendemos** com as nossas colegas... cada um tem a sua opinião e ouvimos a opinião dos outros e tiramos as nossas próprias **conclusões.**”*

Madalena, 18 anos

*“A **dar valor às palavras da minha família, dar valor a muita gente... não pensava antes de agir... não tinha autocontrolo nenhum.**”*

António, 17 anos

*“Já **aprendi** várias coisas... antes quando eu estava em casa eu **arrumava** o meu quarto mas a minha mãe é que fazia a limpeza à casa... agora já **aprendi** a fazer limpezas... antes não sabia lavar pratos, não fazia nada na cozinha porque a minha mãe também não gostava... dizia que não era lugar de homens na cozinha... agora já **aprendi** e já sei fazer as minhas coisas... lá em casa agora ...já vou ajudar a minha mãe...”*

Manuel, 14 anos

*“A **tomar rotinas... aqui temos sempre horários para tudo... e a mantermo-nos ocupados... não temos assim um grande espaço livre... isso é bom... no meio do mal é bom.**”*

Francisco, 17 anos

*“De importante? **Engolir sapos... saber levar sopapos no estômago... e continuar calado... na vida temos destes momentos... nós lá fora às vezes salta-nos a tampa muito rápido... às vezes mesmo que não tenhamos***

razão nós achamos que temos razão... mas isso é uma coisa que se **aprende** aqui... **aprende-se**... depende de pessoa para pessoa... quem quer **aprender** **aprende**... mas eu já tive colegas que se estão a borrar... não **aprendem** nada... e daqui sais pior porque só ganhamos uns com os outros... basicamente somos todos uns delinquentes, uns bandidos que partilhamos muitas coisas... de bandidagem... **se nós quisermos daqui saímos piores**... isto aqui só muda quem quer. **Aqui eles dão-nos as ferramentas, se tu quiseres trabalhar trabalhas**... porque senão estás só aqui a ver a vida passar... e isso custa mais...”

André, 18 anos

“**Aprendi a lidar melhor com a frustração... a conhecer-me a mim mesma... e só...**”

Daniela, 18 anos

“Não sei... [silêncio...] eu não gosto muito de falar sobre mim...”

Margarida, 17 anos

“**A lidar com outro tipo de pessoas... e a saber ouvir...**”

Catarina, 16 anos

F2) Subcategoria: O que pensa da intervenção do C.E

“**Tem corrido muito bem.**”

Diogo, 17 anos

“É bom para lidar lá fora também porque **muitas das coisas que se passam aqui acontecem lá fora**. A gente aqui **habituava-se para depois poder aplicar lá fora**. É bom porque ao menos aqui eu erro e tenho alguém que me corrige e diz “olha não é assim... é assim” e eu **aprendo** não é? Porque lá fora não ia ter depois ninguém para me ensinar isso.”

Luís, 16 anos

“É muito importante. Porque sinto que **as pessoas estão a lutar por mim e sabem que eu posso seguir outra vida e confiam em mim... querem confiar em mim... e que eu siga outra vida**. Eu gosto de ver isso nas pessoas que **confiam e apostam** em mim que é para eu também lhes causar **desilusões**, e saber bem em quem é que eu posso **confiar** e como é que eu hei-de ver como é que são as pessoas mesmo.”

Pedro, 17 anos

“**As pessoas aqui são boas pessoas. E ajudam-me. Quero cozinha para aprender para quando sair daqui... e a gente come... a gente faz e come... ontem comecei e comecei logo a comer.**”

Maria, 16 anos

“**Estou em cozinha...** não é uma área que eu goste muito mas **está a ser interessante** porque vou aprendendo algumas coisas... **eu já tenho o 9º ano. (...) Para mim foi o melhor que me aconteceu vir para aqui...** por muito que custe estar fechada... valeu a pena. Sinto-me bem aqui... sinto-me protegida.”

Madalena, 18 anos

“Foi e é importante porque dá para **desabafar**, dá para **discutir** o que tenho **dentro de mim...** o que acho que está bem e o que acho que não está bem... tento **resolver e desabafo**.”

António, 17 anos

“Está sim... é importante porque lá fora eu não tinha **desabafos** com ninguém... e aqui dentro **o tutor dá-me vários conselhos...** que eu não vim para aqui porque a justiça foi má comigo, a justiça só foi boa porque vou **mudar os meus comportamentos...** daqui para amanhã posso ter... um futuro lá fora... e se estivesse lá fora não tinha ninguém que me falasse assim... (...) desde que vim para aqui estou diferente...”

Manuel, 14 anos

“Não... aquilo que eu cometi foi **um caso isolado**. Sem ser isso eu lá fora sou chamado um menino exemplar eu não tenho nada, nada...”

Francisco, 17 anos

*“Acho que sim... **acho que sim... a escola principalmente...** porque acabamos aqui a escola, praticamente em 1 anos e meio os 3 anos...”*

Daniela, 18 anos

“Não sei... [silêncio...] eu não gosto muito de falar sobre mim...”

Margarida, 17 anos

“Não sei... [silêncio...]”

Catarina, 16 anos

Quando os jovens pensam na sua passagem pelo CE há uma palavra (indicador) que define todo o percurso “APRENDI”. Esta percepção do **Aprendi** estende-se a vários domínios: aprendi a falar melhor com os outros; aprendi a respeitar, aprendi a tirar as próprias conclusões; aprendi a dar valor às palavras da família; aprendi a ter rotinas; aprendi a manter-me ocupado; aprendi a lidar com a frustração; aprendi a conhecer-me a mim mesma.

No que respeita à Intervenção Educativa, há uma noção muito positiva, uma vez mais da figura dos técnicos que corrigem, que confiam nos jovens, que são boas pessoas, que protegem, que escutam desabafos e ajudam na resolução daquilo que se passa no interior de cada jovem.

Categoria G: Representações dos jovens sobre a intervenção tutelar educativa

G1) Subcategoria: Competências adquiridas em Centro Educativo

*“**Deu-me muitas ferramentas...** monitores e técnicos aqui dentro têm-me ajudado bastante... fizeram-me ver a realidade como tem que ser vista. **Aprendi mesmo muitas coisas. Aprendi a respeitar as pessoas...** essas coisas assim... **tenho computadores... de manhã tenho a escola e esforço-me para aprender...** lá fora quero estudar restauração e hotelaria.”*

Diogo, 17 anos

*“**Tou-me a tornar uma melhor pessoa** daquilo que já era. **Sinto-me mais responsável e dou conta do meu crescimento** em ocasião de lidar com várias coisas da vida boas e más. **Acho que é importante saber lidar com coisas mais e saber trabalhá-las para se tornarem boas.** “*

Luís, 16 anos

*“**Deram...** para que não **desistisse tão facilmente dos meus objectivos...** aprendemos a lidar mais com a frustração, a lidar com os outros... ajudam-nos muito à base nisso... “*

Pedro, 17 anos

*“**Sinto-me à vontade...** é que aprendo coisas que são importantes...”*

Maria, 16 anos

*“**Sim. Aprendi a confiar mais em mim.** A acreditar que **sou capaz...** porque eu era uma pessoa que dizia sempre “eu não consigo... não consigo... Acreditei que **sou capaz.** E mais coisas... saber como lidar em situações difíceis... uma discussão... um problema que me apareça... saber como lidar.”*

Madalena, 18 anos

“Todas as ferramentas que me deram aqui dentro fui eu que as conquistei, ninguém me as deu de mão beijada... fui eu que lutei para tê-las sempre conquistando, conquistando e acabei por concluir. Sempre pensei que queria ficar pelo 9º ano e começar a trabalhar, mas não... decidi seguir até ao 12º... se gostar pode ser que vá para a universidade.”

António, 17 anos

“Já estou mais concentrado na escola... estou a fazer jardinagem e gosto... a melhor coisa que está aqui dentro é jogar futebol... eu gostava de ser futebolista... todos os sábados de manhã jogamos... gostava de ser cozinheiro...”

Manuel, 14 anos

“Sim... deu-me ferramentas.”

André, 18 anos

“Fez-me ser mais mulher, so isso... fez-me crescer... porque eu cresci muito aqui dentro... eu entrei aqui com... 15 anos... e estou quase a fazer 19...”

Daniela, 18 anos

“Estão sim... tem sempre a sua razão de ser... vou sair daqui uma pessoa melhor...”

Margarida, 17 anos

“A nível de educação sim... tem muito sentido... eu lá fora não tinha ninguém que me ouvisse... e aqui as pessoas aqui têm mais tempo para nós...”

Catarina, 16 anos

Ao escutarmos ou lermos as respostas dos jovens acabamos, de certo modo, por entrar no mundo de cada um e no percurso que acabaram por fazer dentro CE. Percebemos que a intervenção realizada, tendo como principal objectivo que o jovem seja o protagonista nesse processo de mudança, dá os seus frutos também a curto e a médio prazo, sendo notória uma mudança comportamental assim como a aquisição de competências.

Deste modo, as respostas são francamente positivas quer da ótica do jovem quer da ótica de quem conduzia as entrevistas e de quem agora lê os resultados.

Verifica-se pela análise efetuada que começa a haver uma consciência de que se estão a tornar melhores pessoas, que se sentem mais responsáveis, que se apercebem do seu crescimento, de confiarem em si mesmos e que são capazes de alcançar objetivos.

Conquistas que se foram realizando e que continuarão a ser realizadas, ao longo deste percurso interventivo, de forma a consolidar a aquisição de competências quer pessoais quer sociais.

5. Identificar e descrever a lei tutelar educativa e os programas educativos implementados no decurso da execução da medida tutelar de internamento.

Categoria H: Conhecimento da Lei Tutelar Educativa

H1) Subcategoria : Conhecimento da L.T.E	
<i>“É aquilo da lei e dos artigos... é um livrinho que tem todos os artigos da lei... dos regimes... não percebo muito dessas coisas assim das leis. Essa lei é para os jovens que é têm entre 12 e 16 anos que fazem crimes... Ouvei no tribunal... mas não me explicavam muitas coisas... só me disseram o que ia fazer aqui.”</i>	Diogo, 17 anos
<i>“(...) é a medida que nos dão para cumprir e dentro dessa medida temos objectivos que devemos cumprir. Um jovem que chega aqui com uma medida é sempre bom cumprir tudo o que há para cumprir... pode achar que não é bom para ele mas um dia mais tarde ele vai pensar “se não fosse aquela medida eu não tinha aprendido isto!”... é sempre bom. Já ouvi os adultos lá fora e a minha tutora já me falou nisso.”</i>	Luís, 16 anos
<i>“Já! Já ouvi falar... é a lei dos jovens... tem lá os direitos e os deveres... medidas... os regimes... fala... das revisões de medidas... da gravidade dos crimes...Já... no tribunal e os Drs. aqui também falam disso.”</i>	Pedro, 17 anos
<i>“É isto. Não me lembro.”</i>	Maria, 16 anos
<i>“Sim... é o que estamos a cumprir. É um percurso que é definido para nós, para nos ajudar a ter um futuro melhor... para nos fazer compreender o porque de estarmos aqui e o porque de ser errado aquilo que fizemos. Por-nos no lugar dos outros... é essencialmente para os jovens para que um dia mais tarde, poder-nos prevenir agora, para não irmos parar a uma prisão...Já. Com a minha técnica.”</i>	Madalena, 18 anos
<i>“Uma medida de internamento... já ouvi falar porque tinha o meu irmão.”</i>	António, 17 anos
<i>“Não...”</i>	Manuel, 14 anos
<i>“É a que eu tenho. É a lei dos aos jovens entre os 12 e os 16(...) Já da nova lei que saiu agora, os Drs. explicou, fez aí uma reunião com todos... o Dr. Rogério com todos os técnicos...”</i>	Francisco, 17 anos
<i>“Já ouvi falar nisso só que já não me lembro bem... (...) Nunca a li mas já falamos numa reunião temática.”</i>	André, 18 anos
<i>“(...) é para os menores que cometem crimes até aos 15 anos (...) Já com a minha técnica...”</i>	Daniela, 18 anos
<i>“Sim... é a lei com que nos julgam... aos jovens que cometem crimes dos 12 anos aos 16 Anos (...)Com a minha técnica.”</i>	Margarida, 17 anos
<i>“Sim... nós aqui já falámos nisso sobre as leis... lei que é aplicada para os jovens que estão no CE... (...) Sim... os técnicos...”</i>	Catarina, 16 anos

H2) Subcategoria: O que pensa da L.T.E

*“Se não houvesse essa lei eu estava em casa ou num sítio pior. Penso que **ajuda** os **jovens** e não são coisas assim muito pesadas. É conforme o ato que a pessoa fez. Para mim foi justa a medida que me deram...”*

Diogo, 17 anos

*“Para alguns jovens sim... há jovens que pensam que nunca vão mudar e às vezes virem para um sítio assim como este **tornam-me** as melhores pessoas do mundo. **Conseguem-se tornar das melhores pessoas do mundo.**”*

Luís, 16 anos

*“Claro... se não fosse assim muitas vezes, **ninguém cumpria as leis**, ninguém fazia nada de bom...”*

Pedro, 17 anos

*“Para que as coisas não aconteçam... **para não acontecerem coisas más.**”*

Maria, 16 anos

*“Claro que sim... porque eu acho que enquanto somos jovens, **não são todos que saem daqui e que têm sucesso**, alguns voltam à mesma vida. Mas para alguns eu acho que **é importante porque saímos daqui e seguimos outro tipo de vida**. Começamos a ver as coisas de outra maneira. E é uma **oportunidade** que nos estão a dar para um dia mais tarde não irmos parar na prisão.”*

Madalena, 18 anos

*“É uma lei que deve ser aplicada a jovens como eu que se... **portaram mal** mas também têm que ver as medidas porque foi uma medida muito grande. Este mês de maio é o mês que eu vou sofrer mais, é o primeiro mês e o último mês... que eu vou sofrer mais porque estou quase a sair, ir para a minha família e para o meu meio ambiente...”*

António, 17 anos

*“Se não houvesse leis **toda a gente fazia o que queria...** roubar... matar... essas coisas...”*

Manuel, 14 anos

*“**Há coisas mais importantes do que o crime que as pessoas cometeram ...** estou a falar no meu caso, né... às vezes há outras coisas que sobressaem... **se é só um ato isolado... não é preciso fazer grandes filmes...**”*

Francisco, 17 anos

*“**Normas, regras... sem lei não havia esta sociedade...** não havia respeito... cada um fazia o que queria... se mesmo com lei já é uma bocado à balda... **umas leis fazem-me sentido... outras nem tanto...**”*

André, 18 anos

*“Depende eu não concordo com tudo o que a lei diz como é óbvio mas... acho que **é importante** porque era uma rebaldaria...”*

Daniela, 18 anos

*“A lei é **muito importante...**”*

Margarida, 17 anos

*“**Sem lei o mundo era uma porcaria...** estavam aí as pessoas a fazer tudo o que queria... eu não sabia quando estava lá fora... que havia esta lei... **se eu tivesse alguém que falasse comigo eu não estava aqui...**”*

Catarina, 16 anos

Pelos indicadores apresentados verifica-se que os jovens têm, maioritariamente, uma noção correta da chamada LTE.

Sabem qual a medida que estão a cumprir e porque a estão a cumprir, e ainda que há um sistema de regimes que se aplica aos jovens que têm entre os 12 e os 16 anos que cometem crimes e que visa a educação para o direito. Fazem referência de que é uma lei que ajuda os

jovens tornando-as pessoas melhores, e que são necessárias normas, regras e limites para que exista sociedade.

4.1.2. Processos Individuais dos Jovens internados

No intuito de entender a trajetória de vida dos jovens que se disponibilizaram para participar no estudo, e depois de terem sido feitas as entrevistas, consultámos os processos respeitando todos os valores éticos e morais. Neste sentido, e para uma perceção mais apurada, elaborámos uma grelha de análise (apêndice) a partir da qual apresentamos a caracterização de cada jovem participante do estudo.

Cremos que, depois de lhes darmos voz através das suas narrativas, seria pertinente apurar alguns pontos e clarificar os seus percursos. Assim, a caracterização procurará perceber o contributo das condições institucionais no processo de mudança destes 12 jovens, assim como apurar se a passagem pelo CE contribuiu para a aquisição de recursos que lhes permitam, no futuro, conduzir as suas vidas de modo social e juridicamente responsável.

Análise dos Processos Individuais dos Jovens:

- Diogo, 17 anos - 2ª Fase (Aquisição)

Factos ilícitos que fundamentaram a aplicação da medida: Prática de 2 crimes de roubo com coautoria (art. 210).

Regime de execução: Semiaberto, com Duração: 15 meses. O início da execução foi a 20 de março 2004 e o fim da execução a 20 de junho 2015.

Motivos da Intervenção: Desde a morte do pai e até há 18 meses atrás que Diogo, então com 7 anos, tem estado aos cuidados da mãe, figura afetiva central do seu desenvolvimento, tendo como suporte educativo e relacional a figura da irmã, do cunhado e da avó materna.

Com a entrada na puberdade e a mudança de meio escolar, houve uma crescente desvinculação das regras e da família e crescente filiação a colegas, amigos e conhecidos conotados no meio escolar como absentistas e disciplinarmente rebeldes (2º ciclo).

O Diogo apresentou comportamentos de maior oposição e rebeldia, ficando nervoso com os acessos de cólera (com a situação de saúde da mãe) revela-se frustrado com os problemas económicos e outros da família. Na relação com a mãe revelou-se no passado verbalmente desqualificante e agressivo, manifestou tristeza e irritação pela forma como a mãe o apoia e educa, e dificuldade em aceitar a ascendência da mãe. O Diogo revela maior incumprimento das regras, normas – não

cumprindo horários de regresso a casa, ausência da escola em período de aulas, absentismo, conflitos frequentes com cuidadores e pares, desenvolvendo hábitos e amizades que a mãe tende a desaprovar. Todos estes comportamentos surgem como potenciadores da manutenção/adoção de um estilo de vida não estruturante em detrimento da escolarização, normatividade, comportamentos descritos como perturbadores, em casa e na escola, desde os 13 anos.

O Diogo teve um percurso absentista da escola tendo reprovado três vezes no 6º ano. No meio escolar encontrava-se sinalizado por problemas de oposição, consumo de estupefacientes e dificuldades de ajustamento a regras e normas.

Beneficiou de processo de promoção e proteção este foi executado em 2013 alegadamente por falta de adesão de Diogo e por lhe ter sido aplicada em sede tutelar, frequência de programa formativo – programa de treino de competências pessoais e sociais.

O Diogo embora assíduo nem sempre foi pontual e revelou dificuldades em participar de forma efetiva nas dinâmicas havendo a convicção que a sua participação nas sessões foi funcional, persistindo um estilo de resolução de problemas pouco ajustado.

Quer o Diogo quer a mãe revelaram ambivalência e alguma resistência em lidar com as propostas disponibilizadas no meio escolar, no âmbito da Promoção e proteção e no âmbito da intervenção tutelar educativa.

Perceção sobre os atos ilícitos que praticou: Reconhece não ter agido de acordo com as regras e normas sociais vigentes, nem com as regras fundamentais de respeito pelo outro, ainda que desvalorize a sua atitude nem tenha consciência dos mesmos. Embora se preocupe em transmitir um discurso proactivo e tenha conhecimento dos contextos e de regras e normas sociais, por vezes, revela uma atitude de confronto e descrença dos valores éticos e morais comumente seguidos, apresentando uma postura de minimização do impacto de risco e do dano para a vítima, desculpabilizando-se ao revelar afiliação aos pares.

Atividades Educativas e Terapêuticas do PIE: Curso EFA B2 Formação Tecnológica “Jardinagem e espaços verdes”; Programa de Educação e saúde Sexual; Programa Gerar percursos sociais; Aconselhamento e tutoria; Apoio psicológico individual; Reuniões temáticas; Educação Física; Projeto de animação em Ação.

Progressividade na Execução da M.I.: Conhecimento progressivo das normas e regras institucionais, revelando uma menor dificuldade relativamente ao cumprimento das orientações dos técnicos. Aceita com maior facilidade os reparos e correções à sua conduta, fruto do seu investimento nas áreas que identificou como frágeis. Deverá continuar a desenvolver os seus recursos cognitivos e emocionais, de forma consolidada, a fim de garantir respostas adequadas em contextos de maior

exigência e disciplina, de modo a que não seja negativamente permeável ao grupo de pares, na perspetiva de um projeto futuro de vida no seu meio natural de vida.

Formação: Frequenta o curso EFA B3 (educação e formação para adultos) de dupla certificação com equivalência ao 3º ciclo de escolaridade com formação tecnológica em "Instalador e Reparador de Computadores", onde apresenta um desempenho e um comportamento favorável. No entanto, poderá ainda realizar as tarefas com maior empenho. Apresenta, igualmente, uma participação positiva nos ateliês de animação dinamizados pelo Chapitô e outras atividades de formação socioeducativa.

Progressividade na Execução da M.I.: No decorrer da presente MI, foi alvo de outro processo n.º 5274 /13.4 T3SNT, onde inicialmente era proposto um regime fechado de 18 meses. No entanto, tendo sido analisadas as aquisições do MI, foi proferida a sentença de 12 meses de acompanhamento educativo com imposição de obrigações de frequência num curso de formação com equivalência ao 9º ano e acompanhamento psicológico.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: Podemos verificar, no seu processo, que o Diogo verbalizou aos técnicos que o cumprimento da medida:

“Fez-me mudar e eu fiz a minha escolha, eu quis mudar os meus comportamentos, a minha maneira de pensar, com os adultos, com os meus colegas. Aprendi a respeitar, aprendi a ver que não é tudo à minha maneira. Quando sair vou continuar a respeitar, voltar a respeitar a minha família, saber com quem devo andar, não andar com maus grupos. Eu sempre fui muito reativo, não pensava, as pessoas falavam comigo de uma maneira que eu não gostava. Agora penso antes de responder. Agora sei que não deveria ter feito aquilo. Ao fazermos aquilo estamos a destruir muita coisa porque as pessoas podem não ter condições e depois chegam lá uns rapazes e retiram-lhes as coisas e eu não gostava que fizessem isso à minha família. Fui estúpido e estou arrependido. Se fosse hoje, ia lá ajudar!”

- Luís, 16 anos - 1ª Fase (Integração)

Factos ilícitos que fundamentaram a aplicação da medida: Dois crimes de dano, cada um deles pelo art.º 212, nº 1 Código penal, um crime de furto qualificado, pp., pelo art.º 204, nº2, al. F) do CP, um crime de furto simples, pp., pelo art.º 143, nº1 do CP, um crime de atentado à segurança de transporte rodoviário, pp. pelo art.º 290º, nº1 al.D) do CP.

Regime de execução: Regime de Execução: Aberto com duração de 24 de meses, tendo sido a decisão judicial a 27/11/2014. O início da execução da medida foi a 06/01/2015 e a previsão do termo de medida a 06/01/2017.

Motivos da Intervenção: O Luís residiu com os progenitores até cerca dos três anos, altura da separação do casal, tendo ficado confiado ao pai, integrado no agregado familiar, composto pelo pai e madrastra.

Aos sete anos, alegadamente por ter sido alvo de maus tratos, por parte da madrastra, o Luís é confiado à progenitora, até aproximadamente, aos 14 anos. Aquela apresentava um historial de toxicod dependência e desorganização há já vários anos. Durante este período, a mãe teve dois companheiros dos quais veio a ter filhas, com quem Luís viveu, acabando por presenciar situações de grande instabilidade e negligência, quer a nível habitacional e económico, quer a nível educativo e sócio moral.

Quando o último companheiro da mãe foi preso em 2011, a progenitora mantinha as mesmas condições de degradação, razão pela qual o Luís foi confiado pelo tribunal ao padrinho, junto do qual permaneceu durante o ano letivo 2011/2012.

Durante os poucos meses que viveu com o padrinho, o Luís revelou acentuadas dificuldades em aceitar regras, recorrendo a atitudes desadequadas na interação, absentismo escolar e autonomia disfuncional, associadas a comportamentos desviantes.

Mantinha um quotidiano desorganizado, rejeitava o controlo e supervisão, reagia com atitudes e comportamentos de desautorização, recorria à mentira e a ausências de casa sem autorização por vários dias, o que foi culminar com o abandono deste agregado, voltando a residir com a progenitora, até maio de 2013, altura em que foi acolhido na Casa Pia de Lisboa.

No decurso da execução da medida de promoção e proteção o jovem não cumpriu com o previsto no seu PPP, prosseguindo com um comportamento desviante associado ao cometimento de atos que a lei tipifica como crimes.

Perceção sobre os atos ilícitos que praticou: verbalizou - embora sem qualquer emoção e sensibilidade a par de um discurso baseado em argumentos desculpabilizantes - não ter tido a noção da gravidade e das consequências da sua conduta delituosa. Percebidas as consequências dos seus atos, o jovem refere que lamenta. O jovem não apresenta qualquer justificação plausível para a motivação que esteve na base dos atos cometidos e que a lei tipifica como crime.

Atividades Educativas e Terapêuticas do PIE: Frequência do curso EFA B2 na área tecnológica de Operador de Jardinagem; Aconselhamento e tutoria; Apoio psicológico; Programa de Reforços (avaliação diária); Reuniões bi-diárias de unidade Residencial; Programa de educação sexual; Programa “Gerar percursos Sociais” (GPS 25); Projeto de Formação socioeducativa nas áreas do desporto, cultura e lazer; Projeto Animação em Ação “Chapitô” e Treino de competências de vida diária – Tratamento de Roupas e Cozinha.

Progressividade na Execução da M.I.: É previsível que quando o jovem tiver interiorizado as regras e normas do CE, bem como estiver disponível para a mudança, possa vir a transitar de fase de

progresso de transição para a Fase II (Aquisição), transição que se prevê a partir de julho de 2015. Foram realizadas quatro entrevistas e contactos nos âmbitos do acolhimento e têm sido realizadas sessões de tutoria com o objetivo de esclarecer e envolver o jovem e a família na prossecução dos objetivos do presente PEP e da medida a cumprir.

A intervenção direcionada às necessidades do jovem e o envolvimento da família são objetivos estratégicos na medida em que existe uma forte ligação do jovem aos avós.

Tem-se tentado realizar um trabalho de sensibilização junto do pai, no sentido de incentivar e promover junto do Luís maior receptividade e adesão à medida de internamento, embora sem sucesso.

O jovem tem aderido positivamente ao acompanhamento técnico e reconhece a necessidade de adotar comportamentos mais ajustados. O Luís concorda e tem aderido aos objetivos do seu Projeto Educativo Pessoal, demonstrando disponibilidade e motivação para a prossecução dos mesmos. Verbaliza sentir-se bem e adaptado ao CE, não evidencia dificuldades no cumprimento das normas e regras nem no estabelecimento de relações interpessoais, embora adote uma postura ainda muito funcional.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: O jovem ainda não consegue perspetivar o final da presente medida de internamento no seu futuro, porém, verbaliza vontade de viver de acordo com normativos sociais, optando por uma vida honesta, embora não exista ainda quaisquer indicadores de sustentabilidade de tal intenção. A integração no sistema normativo e contentor do CE tem-lhe permitido adotar um comportamento mais ajustado, adquirir rotinas, bem como, realizar um percurso de aquisição e desenvolvimento de competências pró-sociais que eram deficitárias.

Pedro, 17 anos - 3ª Fase (Consolidação)

Factos ilícitos que fundamentaram a aplicação da medida: Prática de um crime de ofensa à integridade física simples previsto e punido pelo artigo 143º, nº1 do Código Penal; um crime de ameaça previsto e punido pelo artigo 153º, nº 1 do Código Penal, Prática em coautoria material e moral de dois crimes de ofensa à integridade física simples, previsto e punido no artigo 143º, nº 1 do Código penal; um crime de roubo, na forma tentada, previsto e punido no artigo 210º, nº2; 204º, nº2 e 22º e 23º do Código Penal; um crime de roubo, previsto e punido pelo artigo 210º, nº 2; 204º, nº 2 do código Penal; dois crimes de roubo, previsto e punido pelo artigo 210º, nº 1 do Código Penal.

Regime de execução: Regime Semiaberto com duração de 24 meses, tendo iniciado a 28 de maio 2014 e com fim previsto a 28 de maio 2016.

Motivos da Intervenção: Os progenitores do jovem encontram-se separados há 8 anos, altura em que o Pedro possuía nove anos de idade, por mútuo acordo e sem qualquer intervenção judicial para a regulação das responsabilidades parentais. De acordo com o jovem a relação com o padrasto é positiva, tendo este um papel importante na vida do jovem. Relativamente à vida familiar esta é pautada pela cooperação entre os elementos do agregado familiar. Apesar de a progenitora ter proferido as dificuldades em controlar muitos dos comportamentos do Pedro, dada a fase da adolescência em que se encontrava na altura dos factos.

O progenitor, apesar de estar separado da progenitora, constitui uma figura parental muito presente na vida do jovem, pelo que os contactos com este são frequentes. Existiu um afastamento há cerca de dois anos com uma reaproximação há cerca de um ano. Após a separação da mãe do Pedro, realizou novo relacionamento. A atual companheira do pai de Pedro encontra-se grávida, situação que agrada o Pedro.

Após a separação, segundo a mãe, Pedro teve acompanhamento psicológico, devido a alterações emocionais e comportamentais, tais como maior agitação motora, dificuldade de concentração e mais episódios de sonambulismo, os quais eram esporádicos antes da separação dos pais. Revela que já não ocorrem episódios deste tipo há três anos.

Ao longo do seu percurso escolar, o Pedro apresentou algumas irregularidades, embora não manifestasse problemas de aprendizagem. Apesar de evidenciar instabilidades comportamentais, frequentou o 1º e 2º ciclo de escolaridade com aproveitamento e de forma ajustada. No 7º ano frequentou a escola X, onde evidenciou diminuição do aproveitamento, tendo reprovado duas vezes no 8º ano. Evidenciando comportamentos desajustados, relacionados com a autoridade e atitudes provocadoras, na relação com professores e colegas, que determinam várias participações disciplinares. De acordo com o Pedro e a sua mãe as duas reprovações registadas deveram-se à falta de atenção e comportamentos desajustados, bem como ao desafio constante da autoridade dos professores. Na sequência destes comportamentos disruptivos, e por decisão dos pais, o jovem foi matriculado no Agrupamento de Escolas X, onde frequentou pela terceira vez o 8º ano de escolaridade, integrado num curso profissional de Assistente de Ourivesaria. Foram registadas várias participações disciplinares relacionadas com comportamentos desafiadores e agressivos contra professores e colegas, o que contribuiu para a mudança para o curso de Serralharia, da mesma escola, no qual o Pedro se integrou revelando melhorias a nível dos seus comportamentos e aproveitamento.

A nível da ocupação de tempos livres, Pedro empregava grandes períodos, na internet, no facebook e restante tempo, em convivência com amigos do grupo, com quem por vezes consumia substâncias psicotrópicas.

Percepção sobre os atos ilícitos que praticou: demonstrou alguma capacidade de identificar e desvaloriza a gravidade dos mesmos, no entanto, não demonstrou empatia para com as eventuais

vítimas, revelando uma atitude de alguma indiferença e insensibilidade pelas mesmas. Atualmente demonstra maior capacidade de análise dos seus comportamentos. Considera que as suas ações foram “*graves e não deviam ter acontecido. Roubar já é grave, e ter havido agressão é mais grave. A agressão aconteceu por estupidez, segundo o próprio, não havia motivos para ter havido a agressão.*” No tribunal teve oportunidade, criada pela Juíza do processo, de pedir desculpas à vítima.

Atividades Educativas e Terapêuticas do PIE: Curso E.F.A. B2, com formação tecnológica em Operador de Jardinagem; Programa específico de Saúde e Educação Sexual; Programa "Gerar Percursos Sociais" (GPS 25); Aconselhamento e Tutoria; Programa de Treino de Competências da Vida Diária — Tratamento de Roupas e Cozinha; Reuniões temáticas; Educação Física; Projeto Animação em Ação — Ateliês de Animação, dinamizadas por animadores do Chapitô (Circo, Capoeira, Modelagem em Barro, Expressão Plástica, Contos Tradicionais, Breakdance e Rap).

Progressividade na Execução da M.I. Encontra-se na Fase de Aquisição (II) desde 22 de agosto de 2014 na Unidade de Acolhimento do CENP onde a sua inserção tem sido gradual e progressiva, sem grandes oscilações. De notar que a previsão de progressividade é estimada para um percurso de mudança e interiorização e exercitação das regras e normas e em função da duração da MI, bem como das avaliações que são feitas em sede de Tutoria, as quais contemplam a avaliação de competências pessoais e sociais, bem como a atitude face às suas necessidades para uma vivência de acordo com o normativo social. Caso venha a conseguir dar continuidade às mudanças internas que tem operado, poderá vir a conseguir níveis de progressividade que lhe permitam entrar numa fase de consolidação em Fevereiro/Março. Desde o último relatório foi alvo de sete participações de ocorrência, tendo dado origem a sete medidas pedagógicas. Foi alvo de três Propostas de Louvor.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: O Pedro tem vindo a adquirir competências sociais e pessoais importantes para a relação com o mundo e a sociedade. Ao revelar um conhecimento progressivo das normas e regras institucionais, não tem revelado dificuldades relativamente ao cumprimento das orientações dos técnicos. No relacionamento com os agentes educativos tem mantido uma atitude respeitadora das orientações que lhe são dadas. No relacionamento com os pares tem demonstrado adequações positivas no sentido da coesão do grupo.

Madalena, 18 anos - 1ª Fase (Integração) (estava na II e regrediu após ausência não autorizada)

Factos ilícitos que fundamentaram a aplicação da medida: Crime de furto (art.º 203º, nº1 e 204º, nº1, al. f) e n.º2, al. e) do Código Penal.

Regime de execução: Fechado tendo a Decisão Judicial sido tomada a 08-05-2014 e o início da execução da medida a 08-05-2014. A previsão do termo da medida será a 08-05-2015.

Motivos da Intervenção: Falhas ao nível da supervisão da jovem e de incapacidade parental em impor a sua autoridade e limites; Indiferença face a regras e limites normativos; Desvinculação do núcleo familiar e associação a grupos de pares com influência negativa na jovem; Dificuldade ao nível da gestão das competências pessoais e sociais; Percurso de fugas das instituições onde se encontrava acolhida; Adoção de comportamentos de risco.

Perceção sobre os atos ilícitos que praticou: Reconhece os factos que deram origem ao presente processo, enquadrando o seu cometimento no estilo de vida que levava na altura. Assume os factos praticados tendo consciência da gravidade dos mesmos, ao mesmo tempo que tem capacidade de compreender que prejudicou as vítimas. Demonstra arrependimento e vergonha perante a família, e de lhes causar tristeza e desilusão. Revela capacidade de descentração reconhecendo o impacto das suas ações e capacidade de identificar sentimentos no outro, nomeadamente a tristeza e desilusão que causou aos tios-avós no caso dos factos do presente processo.

Atividades Educativas e Terapêuticas do PIE: Componente tecnológica do curso de Educação e Formação em Cozinha; aulas de Educação Física; Beneficia de apoio Psicológico; atividades socioeducativas a cargo do Projeto Animação em Ação Chapitô; Programa “Gerar Percursos Sociais” (GPS 25); Programa de Treino de Competências de Vida Diária; Programa de “Educação e Saúde Sexual”,

Progressividade na Execução da M.I: Tem apresentado um percurso institucional muito adequado. Permeável à intervenção adaptou-se com facilidade aos normativos institucionais, cumprindo-os de forma autónoma e responsável. Apesar da sua postura reservada está bem integrada no grupo de pares, sendo um elemento conciliador e cooperante. Interage de forma educada com os agentes educativos, enquanto figuras de autoridade, manifesta disponibilidade para a relação e permeabilidade às indicações dadas.

Revela alguma dificuldade em lidar com a frustração e desilusão, inicialmente uma postura triste, mas que gradualmente tem vindo a alterar, estando mais disponível e confiante em si e no seu percurso. Tem vindo a verificar-se um ligeiro reforço da sua autoestima e autoconfiança, com maior controlo na tomada de decisões tendo em conta os seus interesses e vontades, em detrimento da dos outros. Tem conseguido adotar uma postura assertiva para resolução das situações

Dado o percurso positivo que a jovem tem vindo a fazer e às aquisições já efetuadas, e de acordo com o artigo 136º, nº 1 alínea d), em conjugação com o artigo 139., n.º1. alínea c) da LTE, a jovem beneficiou com a revisão da Medida Tutelar de Internamento e respetiva alteração de regime de execução, passando de regime Fechado para o Regime Semiaberto. Esta mudança sustentou um maior investimento no seu P.E.P. contribuindo, também assim, para a consolidação das aquisições efetuadas. Acresce ainda que a possibilidade de substituição de regime de execução viabilizou saídas

ao exterior, onde pôde exercitar competências pessoais e sociais fundamentais ao seu processo de reinserção social, a par de uma aproximação familiar fundamental para o seu equilíbrio emocional, e conducentes a um projeto de vida estruturado, com autonomia e sentido de responsabilidade. Ao longo do seu percurso no CE verificou-se um fortalecimento das relações familiares, Retomou os contactos com os tios-avós, com quem não falava há cerca de 2 anos.

A Madalena mantém-se integrada na turma do curso EFA B3, como forma de reforçar as suas competências, onde mantém uma postura de interesse e empenho. Continuará a beneficiar do internamento em CE, como forma de continuar a reforçar as suas competências, minimizar as suas fragilidades e reformular um novo projeto de vida para si. No entanto, apesar dessa evolução e do ligeiro reforço da sua autoestima e autoconfiança. A jovem apresenta ainda fragilidades ao nível da necessidade de se sentir valorizada e integrada, pelo que a permeabilidade a influências exteriores e a cedência aos seus comportamentos mais impulsivos, *levaram a que efetuasse uma fuga*, colocando-se assim em risco e a todo o percurso que vinha a efetuar. Demonstrou ainda dificuldades em ativar as suas competências sem situações de maior tensão, cedendo aos seus desejos. As relações familiares que se vinham a fortalecer, quer com os seus tios avós quer com a progenitora, com quem se preparava a inserção futura de Madalena, encontram-se agora enfraquecidas, pela quebra de confiança.

Foi realizados contactos no sentido de reativar o processo de promoção e proteção da jovem e iniciadas diligências com o Centro Distrital da Segurança Social de X, por forma a se delinear um projeto alternativo para a Madalena, Aguarda-se ainda a confirmação de vaga institucional, mas prevê-se que a mesma venha a existir na zona de Norte do País.

No âmbito do Processo n.º1063/143TAVIS, da Comarca de X-DIAP_2.ª Secção, a jovem ainda tem uma pena a cumprir de suspensão provisória do processo, pelo prazo de 6 meses, mediante o cumprimento das injunções: a) pedido de desculpas por escrito ao ofendido (já cumprido) e b) efetuar trabalho de interesse comunitário em instituição, por período não inferior a 100h (o que será articulado com a equipa territorialmente competente da DGRSP, assim que estiver definido o local onde vai ser acolhida).

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: É uma jovem com competências para se pensar e pensar o mundo que a rodeia assim como as implicações dos seus atos em si, e nos outros, e ter em conta a opinião do outro. Demonstra ter consciência das regras e normas sociais, bem como uma boa capacidade de refletir sobre si própria. Denota capacidade de pensamento consequencial, conseguindo antever as consequências dos seus atos, bem como pensar em soluções alternativas para os problemas

A existência de uma rede de suporte torna-se muito importante para a prossecução com êxito do seu projeto de vida futuro, esperando-se que o acolhimento institucional e apoio técnico que virá a beneficiar funcione como parceiro na sua busca de vivências alternativas, como a procura de emprego/formação, enquadramento futuro habitacional e um possível retomar das ligações afetivas com a família. Encontra-se motivada na elaboração de um novo projeto de vida e consciente da responsabilidade que lhe assiste no sucesso do mesmo.

Aceita a medida aplicada, como consequência dos factos praticados, considera ainda que o tempo de internamento a poderá ajudar a melhorar o relacionamento com os “pais” e na construção de um projeto de vida futuro.

António, 17 anos - 4ª Fase (Autonomia)

Factos ilícitos que fundamentaram a aplicação da medida: Um crime de roubo na forma tentada previsto e punido pelas disposições conjugadas nos artigos 210º, nº1, 22º, 23º e 73º do Código penal.

Regime de execução: semiaberto tendo a Decisão Judicial sido tomada a 03/04/2013 e o início da execução da medida a 31-05-2013. A previsão do termo da medida será a 31-05-2015.

O António iniciou medida de internamento em regime semiaberto pelo período de 24 meses neste a 31.05.2013, com um início pautado por uma atitude de reduzido envolvimento e motivação para o seu processo de mudança e formativo.

Motivos da Intervenção: O jovem desde sempre integrou o agregado composto pelos pais e 6 irmãos mais velhos, dos quais 2 com idades de 18 e 31 anos ainda fazem parte do agregado. A mãe é quem assume o acompanhamento do jovem, demonstrando uma postura de proteção e alguma desculpabilização, no entanto, admite que necessitava de acompanhamento.

Em termos de percurso escolar teve diversas retenções desde o primeiro ciclo. Em 2012 o jovem abandonou a escola, após ter entrado numa atitude de absentismo, desafio e agressividade para com os alunos da mesma escola e desinvestimento escolar. Iniciou no instituto de apoio à criança – IAC no âmbito da medida de acompanhamento educativo, a frequência de um programa de desenvolvimento de competência, no entanto, manteve dificuldade em assumir o compromisso e uma postura adequada nas referidas sessões. O jovem não cumpria as apresentações regulares na equipa da DGRS.

O António acompanhava jovens que residem na mesma zona que ele, conotados com comportamentos desviantes, evidenciando não interiorização de regras sociais e institucionais e desresponsabilizações. O Jovem não conseguiu nem se esforçou para beneficiar da medida de acompanhamento educativo.

Perceção sobre os atos ilícitos que praticou: Confrontado com os factos praticados, o jovem, refere apenas estar presente no local mas não ter tido qualquer participação ou envolvimento na prática do crime, no entanto, já lhe foi aplicada medida de acompanhamento educativo pelo período de 2 anos pela prática de factos idênticos. Não identifica em si comportamentos que justifiquem a decisão da atual medida de internamento, que considera demasiado extensa. Demonstrou ter conhecimento das principais regras do CEpois o irmão já havia cumprido medida no CEX.

Atividades Educativas e Terapêuticas do PIE: Curso E.F.A. B2, com formação tecnológica em Operador de Jardinagem; Aconselhamento e Tutoria; Apoio Psicológico; Programa de Reforços (avaliação diária); Reuniões bi-diárias de Unidade Residencial; Programa de Educação e Saúde e Sexual; Programa "Gerar Percursos Sociais" (GPS 25); Projetos de Formação Socioeducativas nas áreas do desporto, cultura e lazer; Programa de Treino de Competências da Vida Diária (Tratamento de Roupas e Cozinha); Projeto Animação em Ação (Ateliês de Animação, dinamizadas por animadores do Chapitô.

Progressividade na Execução da M.I.: Maioritariamente assume uma atitude de desresponsabilização, assumindo sempre um papel secundário no contexto dos factos que lhe são imputados. Desde a sua entrada neste CE, de um modo geral, o António tem-se esforçado para manter uma conduta adequada com adultos e pares e tem investido ao nível escolar e formativo de modo a obter reconhecimento positivo. A atitude de reduzido envolvimento e motivação para o seu processo de mudança e formativo rapidamente deu lugar uma postura de maior pro-atividade e adesão, pelo que foi possível em dado momento, contraturalizar com o jovem uma tentativa de maior esforço a fim de tentar concluir, com êxito, a formação de Base do curso formativo em que estava inserido, ao que veio a corresponder de forma responsável e assertiva, estimando-se, à época, que poderia vir a concluir o 9º ano até Março, o que se confirmou. Porém, a sua participação diacrónica no curso e a sua motivação desenvolvendo e o jovem acabou por vir a gostar e a envolver-se de um modo que não era expectável até há cerca de quatro meses, podendo, à data de hoje, dizer-se que virá a concluir o curso Formação de Base e Tecnológica, até ao final da medida. Considerando os pressupostos da intervenção e que a família tem um papel fundamental e preponderante no processo de preparação do jovem para a sua reinserção, têm sido mantidos contactos regulares com a progenitora, no sentido de reforçar a articulação necessária ao acompanhamento. Deste modo, é possível avaliar criteriosamente numa lógica de reforço positivo, de forma pedagógica e responsabilizadora, a progressiva conquista de autonomia responsável no processo de reaproximação ao meio de origem, algo que tem vindo a ser conseguido pelo António.

O António transitou para a fase IV do sistema de faseamento em vigor no passado dia 20.02.2015, o que é indicador de que tem vindo a fazer um percurso bastante favorável. Consolidou competências pessoais e sociais, que atualmente lhe têm permitido desenvolver uma maior autonomia funcional

dentro do CEE no meio natural de vida durante os fins-de-semana e períodos de férias de que tem beneficiado com a família, mostrando-se cumpridor das suas responsabilidades e recetivo à intervenção.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: O António está prestes a terminar a Formação de Base do curso EFA B3 de Instalador e Reparador de computadores o que lhe dará equivalência ao 9º ano de escolaridade, e uma nova meta foi contratualizada no intuito de vir a concluir o curso na sua globalidade. Considerando que a informática é uma competência exigida em todas as áreas de formação, a conclusão do curso em 31 de maio é considerada uma mais-valia para o jovem, o que lhe poderá permitir maior acesso ao mercado de trabalho.

O António pretende dar continuidade aos seus estudos, tal como o mesmo tem vindo a expressar desde o início da medida, com vista a integrar um curso com equivalência ao 12º ano, na área das crianças. Neste sentido, em articulação com o CQEP- Centro para a Qualificação do Ensino Profissional do Centro Protocolar de Formação Profissional para o Setor da Justiça, estão em curso as diligências necessárias à sua inscrição na Escola Técnica Psicossocial de Lisboa. No decurso desta medida, continua a beneficiar de acompanhamento técnico em CEno sentido de melhor aprofundar a responsabilidade sobre os factos praticados e o pensamento consequencial, fatores fundamentais ao nível da prevenção do risco de reincidência.

O jovem assume e cumpre as tarefas e normas constantes no seu Projeto Educativo Pessoal que lhe têm sido propostas. As aprendizagens adquiridas pelo jovem têm favorecido a que o mesmo identifique a necessidade do respeito pelos valores ético-jurídicos fundamentais. É precisamente nesta fase (4ª- Autonomia) de treino de autonomia funcional, que os jovens em contacto com o meio natural de vida têm a oportunidade de ensaiar a capacidade de readaptação e compreensão da necessidade da existência destes mesmos valores para a vivência pró social.

O Jovem, poder beneficiar da prossecução da medida em regime aberto, em vez do semiaberto, tal como tem acontecido até ao momento.

- Francisco, 17 anos - 2ª Fase (Aquisição)

Os factos ilícitos que fundamentam a aplicação da medida ao Francisco de 17 anos foram: dois crimes de roubo, previsto e punível nos termos dos artigos 210.º, nº1 do Código penal.

Regime de execução: semiaberto tendo a Decisão Judicial sido tomada a 10/12/2013 e o início da execução da medida a 26/05/2015. A previsão do termo da medida será a 26/05/2015.

Motivos da Intervenção: Francisco encontrava-se institucionalizado no Lar de Infância e Juventude X até à data da sua entrada neste CE, sendo descrito pela equipa técnica, como um jovem cumpridor das regras institucionais e permeável à intervenção.

O percurso de vida deste jovem foi marcado por sucessivos abandonos e mudanças. Esteve acolhido em instituição com o seu irmão gêmeo desde os três meses aos 6 anos de idade, idade em que foi residir com o agregado da avó materna, posteriormente com a mãe e depois com o pai. Todavia, estes familiares não se organizaram enquanto respostas adequadas.

O percurso escolar do jovem tem sido condicionado negativamente pelas sucessivas mudanças de agregado, bem como o seu desenvolvimento psico-emocional.

Fora do contexto institucional o jovem apresenta problemas do ajustamento social, assumindo principalmente em contexto escolar, atitudes de desafio, contestando a autoridade, as regras e normas vigentes;

O Francisco foi sujeito a 4 retenções, apresentava elevado absentismo assumia atitudes de confronto e agressividade para com os professores tendo sido sujeito a diversos procedimentos disciplinares.

Fora da instituição e aos fins-de-semana o jovem normalmente deslocava-se para a área de reincidência da mãe onde tem o seu grupo de amigos, beneficiando de total liberdade na gestão do seu tempo. Acompanha jovens com comportamentos pró-delinquenciais.

Em suma o seu percurso de vida foi traumático marcado por vivências emocionais de rejeição e abandono, que o jovem ainda sente principalmente por parte da mãe, o que lhe provoca sentimentos de frustração e raiva pois já tentou sucessivas aproximações à mãe que se revelaram frustradas.

O Francisco é um jovem desconfiado e inseguro ao nível dos afetos, demonstrando comportamentos centrados no desafio, confronto das normas e testagem de limites.

Percepção sobre os atos ilícitos que praticou: O Francisco apresenta reduzido sentido crítico confrontado com factos e situações em que se envolveu. Confrontado com os factos praticados, o jovem, assume-os, desvalorizando os danos causados. Verbaliza zanga e sentimento de injustiça pois considera que a atual medida foi-lhe aplicada numa altura da sua vida em que estava a conseguir manter uns comportamentos socialmente mais ajustado. Confrontado com as suas atitudes e posturas menos adequadas o Francisco reage de forma defensiva, impulsiva e resistente.

As atividades educativas e terapêuticas do PIE que o Francisco está a são: o curso EFA B2 na área de Operador de Jardinagem; Aconselhamento e Tutoria; Apoio psicológico; Programa de Reforços (avaliação diária); Reuniões bi-diárias de Unidade Residencial; Programa de Educação e Saúde Sexual; Programa Gerar Percursos Sociais (GPS 25): programa de reabilitação psicossocial, constituído por 25 sessões, com base cognitiva e interpessoal, para desenvolvimento de competências

pessoais e sociais; Projetos de Formação Socioeducativa nas áreas do desporto, cultura e lazer; Projeto Animação em Ação desenvolvido pelo "Chapitô"; Treino de Competências da Vida diária - Tratamento de Roupas e Cozinha.

Progressividade na Execução da M.I.: Em contexto de CEnem sempre adere positivamente à intervenção, demonstrando uma atitude pouco responsável, necessita adquirir algumas competências, nomeadamente, maior aceitação e respeito relativamente ao que lhe é transmitido. Adota uma postura e discurso ambivalente, ora bastante adequado, ora hostil.

Na relação com os pares tem procurado integrar-se, relacionando-se de forma adequada com os colegas, no entanto, por vezes em parceria com alguns jovens assume comportamentos de desrespeito pelas regras e normas do CE.

Demonstra necessitar da presença e contacto regular com a família amiga e irmão e receia que a medida possa vir a ter um impacto negativo na sua vida, no que se refere ao retorno ao curso de formação e à instituição. O jovem pretende prosseguir o curso na SCML e regressar ao LIJ.

Desde o início do cumprimento da medida, o percurso do jovem tem vindo a ser marcado por uma gradual evolução ao nível da aceitação da medida e da necessidade de assumir a responsabilidade relativamente aos seus atos.

A intervenção tem como objetivo, nos próximos meses de medida, que o Francisco venha a ser capaz de cumprir de forma responsável todos os normativos do CE.

O Francisco por seu lado, tem realizado um esforço para cumprir as orientações transmitidas pelos agentes educativos, revela capacidade de relação com os colegas e integração no grupo de pares, o que facilitou a adaptação à instituição. Evita o envolvimento em conflitos, mostrando atitudes de apoio e alguma solidariedade positiva relativamente aos colegas.

Nas sessões regulares de tutoria o jovem reflete, realiza a auto análise e exterioriza alguns sentimentos, motivações e necessidades, principalmente ao nível dos afetos. O Francisco considera ter já adquiridas competências pessoais e sociais que lhe permitam integrar-se socialmente e aderir a um estilo de vida socialmente ajustado.

Demonstra motivação e confiança quanto ao futuro e conta com o apoio da família amiga. Pretende regressar para a instituição X onde espera permanecer até conseguir alguma autonomia que lhe permita seguir a sua vida fora da instituição. A presença regular e contactos com a referida família têm sido importantes para a segurança e estabilidade do Francisco. No que se refere à família biológica o pai nunca contactou o jovem desde o internamento e a mãe apenas o visitou 1 única vez, no presente mês de Agosto, não se tendo comprometido a manter a sua presença regular.

Desde o último procedimento, o Francisco tem vindo a modificar a sua atitude mostrando-se menos reativo e desconfiado, mais receptivo a manter relações de maior proximidade com os adultos, o que tem vindo a contribuir para a maior disponibilidade para colaborar e aderir aos objetivos definidos no seu PEP.

No âmbito do programa de contingências em vigor no CE, com base no qual é avaliado o quotidiano do jovem ao longo de uma semana, o Leandro tem mantido uma média de pontuação de 3,3 numa escala de 0 a 5, o que evidencia uma avaliação que embora positiva é baixa, desde a entrada no CE.

As sessões regulares de tutoria, têm sido bem aceites pelo jovem, proporcionando-lhe momentos de reflexão, auto análise e exteriorização de sentimentos e opiniões, o que já faz com maior assertividade, apresentado menor resistência. O Leandro verbaliza as suas motivações, e define objetivos pró sociais para a sua vida futura. No contexto escolar e formativo o jovem concluiu o curso EFA B2 de Operador de jardinagem. Está integrado na formação de base do EFA B3 de Instalador/ reparador de computadores mas não irá validar nenhuma unidade pois a medida termina em Maio.

O Jovem foi inscrito no Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nos cursos de eletricidade de edificações de nível II, cozinheiro de restauração coletiva e carpintaria/marcenaria por ordem de preferência. Os referidos cursos Prevê-se que tenham início apenas em Setembro de 2015. O **Francisco** foi também inscrito num curso similar de eletricidade na Casa Pia de Lisboa.

Uma vez que o jovem terminará a presente medida em Maio próximo, está a ser realizada procura de respostas de integração temporária, por parte deste CEem parceria com o CQEP- Centro para a Qualificação e Ensino Profissional do Centro Protocolar de justiça e Lar de Infância e Juventude X para que o jovem não fique 4 meses sem ocupação até Setembro.

No que respeita ao acompanhamento familiar o jovem beneficia de visitas regulares, da família afetiva, do irmão gémeo e do diretor e técnicas do LIJ X. Importa ainda referir que estes parceiros e o CEfoi desde o início da medida mantida estreita articulação no sentido de melhor acompanhar e orientar o percurso do jovem. O **Francisco** mantém fortes laços afetivos com a família amiga o que lhe tem transmitido segurança e estabilidade. Após o final da medida irá ser institucionalizado no LIJ X.

No exterior do CEem saídas com acompanhamento de agentes educativos, nomeadamente, nas de carácter lúdico pedagógico, o Francisco demonstra responsabilidade e autonomia funcional.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: O jovem mostra-se orientado para uma vivência socialmente ajustada tendo em conta a sua motivação para retomar atividades pró sociais. Tem revelado capacidade de aceitação dos objetivos do seu Projeto Educativo Pessoal,

mostrando-se motivado para a prossecução dos mesmos. Refere continuar a desejar manter um estilo de vida socialmente ajustado, na sequência do que já tinha começado a fazer nos meses que antecederam a entrada neste CE.

O Francisco carece de continuidade de acompanhamento ao nível do processo de desenvolvimento psico-emocional e social.

- André, 18 anos – 3ª Fase (Consolidação)

Os factos ilícitos que fundamentam a aplicação da medida ao André de 18 anos são: um crime de furto qualificado em coautoria sob forma consumada, pelas disposições conjugadas nos arts. 203º, 204º, nº1, alínea a) e 202º, alíneas a), d) e e) do Código penal, quatro crimes de furto simples, um crime de condução de veículo sem habilitação legal.

Regime de execução: semiaberto tendo a Decisão Judicial sido tomada a 03/06/2013 e o início da execução da medida a 03/07/2013. A previsão do termo da medida será a 03/07/2015.

Motivos da Intervenção: A ausência de uma intervenção parental mais adequada e contentora associada a dificuldades de adaptação à nova realidade familiar após a perda do pai, funcionaram enquanto fatores agravantes, levando a que a mãe permitisse que o filho levasse avante uma quase total autonomia ao nível da tomada de decisões e gestão da sua vida.

Percepção sobre os atos ilícitos que praticou: Confrontado com os fatos praticados o André não os nega e identifica as motivações que o levaram a cometê-los. Nas sessões de tutoria fala abertamente sobre a sua vida, motivações e interesses e aspirações para o futuro. O André reconhece que a medida de internamento poderá constituir a oportunidade para mudar e adquirir melhores competências sociais e pessoais. Reconhece a necessidade de educação para o direito e que os pais contrariamente a si e ao seu irmão sempre fizeram questão de ser pessoas honestas e íntegras, adaptando-se e cumprindo os normativos legais e sociais. Apesar das fragilidades familiares o André demonstra nutrir um grande sentimento de afetividade, carinho e respeito pela mãe que é recíproco da parte desta última.

Atividades educativas e terapêuticas do PIE a frequentar: o curso EFA B3 na área de Instalador e Reparador de Computadores; Aconselhamento e Tutoria; Programa de Reforços (avaliação diária); Reuniões bi-diárias de Unidade Residencial; Programa de Educação e Saúde Sexual; Programa Gerar Percursos Sociais (GPS 25): programa de reabilitação psicossocial, constituído por 25 sessões, com base cognitiva e interpessoal, para desenvolvimento de competências pessoais e sociais; Projetos de Formação Socioeducativa nas áreas do desporto, cultura e lazer; Projeto Animação em Ação desenvolvido pelo "Chapitô"; Treino de Competências da Vida diária - Tratamento de Roupas e Cozinha.

Progressividade na Execução da M.I.: Em sede de tutoria mostra-se adequado, participativo, reflete e responde de forma coerente, à intervenção técnica demonstrando boa capacidade de escuta, compreensão e uma postura adequada, demonstra compreender a relação entre o cumprimento da atual medida e os factos praticados.

O André assume uma postura calma e adequada no seu comportamento o que se tem refletido positivamente na forma como cumpre os normativos institucionais, bem como, na relação com adultos e pares, pautada pelo respeito. É notório que o jovem tem interiorizado regras de respeito e assertividade essenciais na relação com o outro. O André tem revelado capacidade de aderir a contextos estruturados e normativos, tem também demonstrado algum empenho e investimento ao nível escolar e formativo.

O André tem cumprido as regras e normas e apesar da tristeza pelo afastamento da família demonstrou facilidade e vontade em adaptar-se ao CE.

Identifica a necessidade de agir em conformidade com os normativos institucionais, tem mantido uma atitude digna e responsável, assumindo claramente os atos praticados. É capaz de identificar claramente os benefícios em alterar o percurso de vida que manteve até ao internamento. Identifica e adota com relativa autonomia estratégias de mudanças comportamentais.

Apesar do modelo de educação rígido adotado pelos pais o André assumiu um percurso desviante assente numa autonomia disfuncional que culminou no consumo de estupefacientes e associação a grupo de pares com comportamentos delituosos do qual fazia parte também o irmão.

O jovem não menciona as dificuldades financeiras da família enquanto motivação para a prática dos crimes, ou seja, o André nunca praticou delitos com o sentido de adquirir bens de primeira necessidade ou ajudar os pais mas sim, como forma de ter alguma autonomia financeira e acesso a bens pessoais não essenciais.

No CE foi integrado no curso EFA B3 de Instalador e Reparador de Computadores com equivalência ao 9.º ano; tempo de duração da presente medida de internamento permitirá ao André concluir o referido curso. A avaliação diagnóstica inicial e até ao momento dá nota de que o jovem tem competências ao nível escolar, não revela dificuldades a destacar ao nível dos conhecimentos básicos, nomeadamente, ao nível da língua portuguesa e matemática, nem ao nível das expressões oral e escrita e o seu desempenho e postura nas aulas e em contexto formativo, até ao momento, têm sido satisfatório.

O André encontra-se na Unidade de Acolhimento desde a sua entrada no CE em 03 em Julho de 2013, na fase I (Integração), do sistema de faseamento e progressividade previsto para este CE, o qual contempla 4 fases durante o internamento.

A 11 dezembro 2013 o André já se encontra na Fase de Aquisição (II) e está inserido na unidade residencial de progressão, desde o passado mês de Novembro, dado o facto de que o jovem demonstra boas competências. Devido à passagem de fase e à pontuação semanal bastante positiva o jovem poderá começar a beneficiar de saídas de carácter lúdico pedagógico ao exterior com acompanhamento de agentes educativos, com vista a treinar as competências de adaptação social.

26 de junho 2014, o André já se encontra em fase de Consolidação (III) desde o dia 05 do presente mês, beneficiou de períodos de férias em casa com a família. O André tem mostrado ter responsabilidade e autonomia funcional, respeitando as regras e normativo quer institucionais, quer sociais.

No âmbito do programa de contingências em vigor no CE com base no qual é avaliado o quotidiano dos jovens ao longo de uma semana, o André tem uma média de pontuação de 3.9 numa escala de 0 a 5, o que evidencia uma avaliação mais elevada.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: Nas sessões regulares de tutoria e aconselhamento e acompanhamento psicológico o jovem mostra-se empenhado em definir um Projeto de vida adequado à sua realidade familiar e exterioriza sentimentos, motivações e necessidades, através do recurso a uma linguagem e comunicação assertivas. Demonstra confiança e capacidade de compromisso para com equipa técnica e agentes educativos no geral. Contrariamente ao que o jovem referia com sendo os seus objetivos após terminar a medida que eram: permanecer em Portugal a viver com a mãe; prosseguir uma carreira militar; continuar os estudos, ou então como segunda alternativa ir para junto do irmão que está na Inglaterra. Neste momento ponderadas as possibilidade e condições familiares, o **André** refere que em primeiro lugar pretende começar a trabalhar para ter alguma autonomia financeira e ajudar a mãe e, posteriormente, mediante a capacidade de gestão do seu quotidiano, ingressar no ensino noturno e continuar a prática de boxe. Ir para Inglaterra implicaria deixar a mãe sozinha e o jovem sente que não o deverá fazer.

Desde que o jovem começou a ir mensalmente a casa a mãe pelo facto de trabalhar também ao fim de semana deixou de vir a Lisboa visitar o filho, mas mantém contactos telefónicos semanais e continua a colaborar de forma muito adequada com o CE.

O André por se encontrar na fase III- Consolidação do sistema de faseamento em vigor neste CE beneficia de autonomia funcional sendo que se desloca diariamente do CE para o local de estágio e regressa até às 20 horas, sem enquadramento.

Existindo assunção de uma situação de consumo de haxixe por parte do jovem fora do CE, tem existido a necessidade de haver maior controle da situação da sua saúde, de modo a prevenir um eventual retorno aos consumos fator de risco identificado e assumido pelo próprio jovem anteriormente ao internamento.

- Daniela, 18 anos – 1ª Fase (estava na II Fase e regrediu após ausência não autorizada)

Os factos ilícitos que fundamentam a aplicação da medida à Daniela de 18 anos são: Prática de 1 crime de ofensa à integridade física qualificada, p. e p. artº143, n.º1 e 2, conjugados com o art.º132 do Código penal; Prática de um crime de omissão de auxílio, p. e p. pelo artº200, n.º1 e 2 do Código Penal.

Regime de execução: Encontra-se em Regime de Execução: Aberto sob Decisão Judicial a 05-05-2014. Iniciou a execução da medida a 28-12-2014 e a previsão do termo da medida é a 28-12-2015.

Motivos da Intervenção: Inconsistência das figuras prestadoras de cuidados; Falta de identificação a um agregado; Falhas ao nível da supervisão da jovem e da imposição de limites por parte de uma figura de autoridade; Autonomia precoce e desajustada; Deficits ao nível das respostas emocionais; Consumo de estupefacientes; Insensibilidade social.

Percepção sobre os atos ilícitos que praticou: Daniela consegue identificar comportamentos reprováveis pela lei, e reconhece os factos que praticou, apresentando uma postura de vergonha e arrependimento face aos mesmos; em relação à vítima, consegue fazer uma identificação das consequências dos seus atos e das emoções sentidas por esta.

Daniela deu entrada neste CEa 20-08-2012, para cumprimento de Medida Cautelar de Guarda, tendo posteriormente iniciado o cumprimento da sua primeira medida tutelar de internamento a 17-12-2012.

Progressividade na Execução da M.I.:

Antes da sua entrada no CE, Daniela apresentava um percurso de institucionalizações desde 2008, muito irregular, com fugas e conflitos frequentes. A relação familiar era pautada por conflituosidade devido aos comportamentos adotados pela jovem.

Ao longo do seu período de internamento no CE, Daniela e a família (progenitor, avó e tias paternas) reforçaram os contactos, desenvolveram uma relação de maior confiança e proximidade, mostrando-se disponíveis para a acompanhar e colaborar no projeto de vida futuro da jovem, encarando a medida como a oportunidade para mudar o seu percurso.

No entanto, esta relação foi sendo abalada **pelas várias fugas efetuadas** ao longo do seu internamento anterior; apesar desta inconstância, a família tem-se mostrado disponível para continuar a apoiar a jovem.

A Daniela mantém uma posição ambivalente entre necessidade de proteção e necessidade de autonomia.

Com um percurso formativo pautado por instabilidade, absentismo e insucesso escolar, desde que iniciou o cumprimento da sua medida anterior, concluiu a formação de base do curso de Educação e Formação de Adultos (E.F.A.) B3, com formação tecnológica em Operador de Pré-Impressão, obtendo assim equivalência ao 9.º ano de escolaridade. Mantém-se integrada na turma do curso EFA B3, por forma a consolidar as suas aprendizagens e competências e concluir a formação tecnológica em Cozinha.

Apresentou inicialmente uma postura de alguma saturação e desinvestimento, mas que rapidamente alterou, revelando-se novamente empenhada, com uma postura adequada, executando as tarefas postostas, com respeito pelas normas, colegas e adultos.

No seu percurso institucional anterior, e apesar das várias regressões em virtude das fugas efetuadas, Daniela conseguiu progredir até à fase de Consolidação. Neste momento, dada a ausência não autorizada de 3 Janeiro, encontra-se na Fase da Integração.

Desde o início da presente medida, a jovem foi alvo de 3 Participações de Ocorrência (por incumprimento das regras e desobediência para com as indicações dos agentes educativos ou falta de respeito), que resultaram na instauração de 3 procedimentos Disciplinares e consequente aplicação de Medidas disciplinares.

Desde a sua entrada tem apresentado uma pontuação média semanal de 2,69 (numa escala de 0 a 5), o que corresponde, em termos qualitativos, a um nível Insuficiente.

Caso a jovem progrida de uma forma regular, e de acordo com os critérios estabelecidos para passagem de fase (nos quais se inscrevem a aquisição de competências pessoais e sociais, regras e valores que lhe permitam manter um estilo de vida conforme o dever ser social") prevê-se que possa transitar para a Fase Aquisição entre Maio e Junho 2015.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: Compreende as razões de aplicação da presente medida, **mas revela algumas dificuldades na sua aceitação**, dado o longo período de internamento que já cumpriu, manifestando alguma saturação.

Apesar da facilidade com que consegue adaptar-se às normas institucionais e cumpri-las de forma responsável, Daniela não está ainda verdadeiramente implicada na presente medida, sendo as perdas inerentes ao internamento mais valorizadas que as vantagens que poderá ter e mudanças que poderá efetuar na sua vida.

Apresenta por vezes algumas atitudes mais impulsivas, mas regra geral relaciona-se de forma adequada com as colegas e agentes educativos. Encontra-se na Fase de Aquisição (Fase 1 de um total de 4), **em virtude da Ausência não autorizada** que efetuou no passado dia 03 de Janeiro.

Ao longo do período de internamento cumprido no âmbito do PIE anterior, **Daniela** efetuou algumas mudanças, nomeadamente ao nível da sua capacidade de autocontrolo, com maior capacidade de

parar e evitar explosões emocionais em situações de maior tensão, maior capacidade de descentração e reforço da relação empática para como os outros e assim como da sua capacidade de análise e crítica face às diversas situações;

No entanto, Daniela revela dificuldade em aderir de forma consistente a um projeto e ao estabelecimento de relações duradouras, pelo que, perante dificuldades de gestão emocional e sentimentos de maior desamparo, levam-na a poder adotar respostas de cariz facilitista e de fuga para a frente, evitando a resolução dos problemas com que se depara, revela ainda permeabilidade a influência de terceiros.

A adesão a projetos de vida anteriores não se verificou consistente, pelas fugas que entretanto efetuou; tem recomeçado o seu percurso com vista ao futuro por diversas vezes, encontrando-se presentemente em definição um novo projeto de vida.

- Margarida, 17 anos - 2ª Fase (Aquisição)

Os factos ilícitos que fundamentam a aplicação da medida à Margarida, jovem de 17 anos são: um Crime de furto qualificado, p.p. pelo art.203º, nº1 e 204º, nº1 al.1), do Código Penal; um Crime de furto qualificado, p.p. nos artº 203º, nº1 2 204º, nº2, al.e), por referência ao artº 202º, al.d) todos do Código Penal; um Crime de furto qualificado, p.p. nos artº203º, nº1 2 204º, nº2, al.e), por referência ao artº202º, al.e) todos do Código Penal; um Crime de furto qualificado, p.p. nos artº30º, nº2, 203º,nº1, 204º, nº1, al.f), todos do Código Penal; um Crime de violação de domicílio agravado, em coautoria a na forma continuada, p.p. nos artº30º, nº2 e 190º, nº1 e 3, do Código Penal; um Crime de furto de uso de veículo, p.p. no artº208º, nº1 do Código Penal; um Crime de roubo, p.p. no artº 210º, nº1 e 2, al.b), por referência ao artº 204º, nº1, al.b), do Código Penal; um Crime de furto simples (desqualificado pelo valor), p.p. nos artº 203º, nº1 e 204º, nº1 al.b) do Código Penal; um Crime de burla informática, p.p. nos artº 221º, nº1 do C. Penal; um Crime de ofensa à integridade física, p.p. pelo artº 143º, nº1, do Código Penal.

Regime de execução: Fechado pela decisão Judicial de 18-11-2013. Iniciou da execução da medida a 09-06-2014 e a previsão do termo da medida é 09-12-2015.

Motivos da Intervenção: Fragilidades educativas, absentismo e desinteresse relativamente à escola; Falhas ao nível da supervisão da jovem e de incapacidade familiar em impôr a sua autoridade e limites; Indiferença face a regras e limites normativos, bem como contestação da autoridade; Dificuldade ao nível da gestão das competências pessoais e sociais; Desvinculação do núcleo familiar e associação a grupo de pares com potencial influência negativa na jovem; Autonomia precoce e disfuncional. A Margarida deu entrada neste CEa 06-06-2014, apresentando uma postura reservada

mas correta. Apesar de algumas dificuldades iniciais de integração junto do grupo de pares, dadas as suas fragilidades emocionais, gradualmente tem vindo a revelar-se mais integrada.

Percepção sobre os atos ilícitos que praticou: reconhece os factos que deram origem ao presente processo, enquadrando-os numa fase da vida em que não tinha objetivos definidos e em que a adrenalina sentida se impunha sobre qualquer outra decisão. Demonstra dificuldades ao nível da análise crítica dos atos praticados, assim como do verdadeiro impacto dos mesmos sobre terceiros, revelando *deficits* ao nível da sua capacidade de descentração. Aceita a medida que lhe foi aplicada, como consequência dos factos praticados, considera ainda que o tempo de internamento a ajudará na construção de um melhor projeto de vida futuro.

Atividades Educativas e Terapêuticas do PIE: Frequência da formação base do curso EFA B2, com equivalência ao 6º ano; Frequência da componente tecnológica do curso de Educação e Formação em “Operador de Pré-impressão”; Frequenta as aulas de Educação Física; Beneficia de Aconselhamento e Tutoria pela técnica tutora, Beneficia de apoio Psicológico; Integra as atividades socioeducativas a cargo do Projeto Animação em Ação Chapitô; Integra o Programa “Gerar Percursos Sociais” (GPS 25) Integra o Programa de Treino de Competências de Vida Diária; Frequenta o Programa de “Educação e Saúde Sexual”.

Progressividade na Execução da M.I.: Apesar de apresentar alguma capacidade de autocontrolo, Margarida funciona ainda sob um registo de impulsividade, agindo muitas vezes sem pensar nas consequências. Revela um baixo limiar de tolerância à frustração, adotando uma postura pessimista e derrotista quando confrontada com obstáculos. Nas situações em que se sente posta em causa, quer seja por comentários feitos, quer seja por chamadas à atenção, pode apresentar uma postura de alguma reatividade ou agressividade verbal.

Margarida apresenta um percurso pautado por separações e desamparo. Foi institucionalizada quando tinha cerca de 9 anos, juntamente com a sua irmã. Após a saída desta da instituição, o comportamento de Margarida sofreu alterações, passando a efetuar fugas frequentes e adotar comportamentos disruptivos e de risco para si e para os outros. Mantém uma relação afetiva preferencial com a avó materna e com a sua irmã Filipa, não se verificando contactos com a progenitora.

Desde que está no CE não beneficiou de visitas, mantendo apenas o contacto com a família através de chamadas telefónicas sendo este afastamento causador de tristeza e desamparo na jovem.

Margarida manteve, até cerca dos 13 anos, um percurso escolar regular, desde essa altura, iniciou um percurso de desvinculação à escola, absentismo e desinteresse. Antes da sua entrada no CE, Margarida não frequentava o sistema de ensino.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: O percurso de Margarida tem sido evolutivo, com melhor adaptação às normas do CE e maior capacidade de compreensão das razões da aplicação sua medida.

Apesar de manter uma postura reservada, ainda com envolvimento pouco ativo na sua mudança e dificuldades em expressar-se emocionalmente, tem vindo a demonstrar maior abertura ao outro e maior disponibilidade para a intervenção técnica. Apresenta um reforço na sua autoestima e autoconfiança, com diminuição dos receios de relacionamento com os pares.

Melhorou a sua capacidade de autocontrolo, mas mantém ainda um registo impulsivo, o que leva a que nem sempre tenha em consideração o impacto das suas palavras e ações nos outros. No entanto, tem vindo a demonstrar maior capacidade para pensar nos seus comportamentos, razões e consequências.

Ao nível escolar e formativo, continua integrada no curso EFA B2, revelando interesse, apesar das suas dificuldades.

O presente Projeto Educativo Pessoal da jovem Margarida tem como objetivo facilitar o envolvimento da jovem nas áreas pessoal, relacional e social, de modo a que possa desenvolver capacidades como autocontrolo emocional, de descentração e resistência à frustração.

Pretende igualmente constituir-se como uma tentativa de favorecer o seu equilíbrio psico-emocional através de um acompanhamento personalizado e de intervenção diversificada (apoio psicológico, tutorias), como forma de favorecer a sua capacidade de insight, gestão emocional e relacionamento familiar e social, com aquisição de competências ao nível do saber ser e estar.

- Catarina, 16 anos - 2ª Fase (Aquisição)

Os factos ilícitos que fundamentam a aplicação da medida à Catarina, jovem com 16 anos são:

5 Crimes de ofensa à integridade física simples, p.p. 143º, nº1, do Código Penal; 1 Crime de ameaça, p.p. pelo artº 153º, nº1 do Código Penal; Crime continuado, (artº30, nº2 e 3 do CP) de furto qualificado, p.p. pelo artº 203º, nº1, 204º, nº2, al. e) e artº 202º, al. f).

Regime de execução: Encontra-se em Regime de Execução: Fechado sob Decisão Judicial de 28-10-2013. Iniciou a execução da medida a 12-11-2013 e a Previsão do termo da medida é a 10-05-2015.

Motivos da Intervenção: Instabilidade familiar e relacionamento conflituoso com o progenitor; Falhas ao nível da supervisão da jovem e da imposição de limites por parte de uma figura de autoridade; Incapacidade/disfuncionalidade parental em impor a sua autoridade; *Deficits* ao nível das

respostas emocionais, com recurso à agressividade física; *Deficits* ao nível das competências pessoais e sociais; Falhas no que respeita à capacidade de respostas sociais adequadas.

Percepção sobre os atos ilícitos que praticou: assume os fatos praticados, mas sem ressonância interna da gravidade ou implicação dos mesmos; de acordo com o seu conjunto de crenças e valores, desadaptados do socialmente aceite, justifica as suas ações, que têm em conta as suas necessidades ou das pessoas de quem gosta, anulando as consequências para as vítimas; revela assim *deficits* ao nível da sua capacidade de descentração e empatia, apresentando um registo de funcionamento auto centrado. Catarina reconhece os fatores que deram origem ao presente processo, conseguindo no entanto, apenas explica-los de forma muito simplista, sem ressonância interna e sem capacidade de empatizar com as vítimas.

As atividades educativas e terapêuticas do PIE que a Catarina frequenta são: o curso de Educação e Formação de Adultos (EFA) B2, com equivalência ao 6º ano de escolaridade; Posterior integração em curso de Educação de Adultos (EFA) B3, com equivalência ao 9º ano de escolaridade tecnológica em Operador de Pré-impressão; Frequenta as aulas de Educação Física; Beneficia de Aconselhamento e Tutoria pela técnica tutora, Beneficia de apoio Psicológico; Integra as atividades socioeducativas a cargo do Projeto Animação em Ação Chapitô; Integra o Programa “Gerar Percursos Sociais” (GPS 25); Integra o Programa de Treino de Competências de Vida Diária; Frequenta o Programa de “Educação e Saúde Sexual”.

No CE Catarina foi integrada na turma do curso EFA B2, com equivalência ao 6º ano de escolaridade. Tem apresentado uma postura de pouco interesse, pouco empenho e pouca receptividade à intervenção do corpo docente.

Catarina não frequentava nenhuma atividade recreativa estruturada antes da sua vinda para o CE. No CE tem experimentado as atividades desenvolvidas pela equipa do Chapitô, referindo estar a gostar mais dos ateliers de “Artes Plásticas” e “Rap”.

Progressividade na Execução da M.I.: Manifesta dificuldades ao nível da sua capacidade de autocontrolo e baixa resistência à frustração, reagindo de forma hostil e agressiva perante tentativas exteriores de condicionamento dos seus comportamentos e vontades. Apresenta igualmente falhas ao nível da sua capacidade de pensamento consequencial e de resolução de problemas. Denota um estilo relacional evidente, como forma de defesa e pela sua dificuldade em confiar em terceiros. Desde que está no CE já beneficiou de algumas visitas e tem mantido contactos telefónicos regulares. A família de Catarina, considera que o internamento poder-lhe-á ser benéfico e uma oportunidade para a alteração dos seus comportamentos.

Antes da entrada no CE, Catarina encontrava-se a frequentar o 6º ano de escolaridade, numa turma de Percurso Curricular Alternativo. O seu comportamento na escola era de oposição e desafio perante

os professores e pares, posturas de destabilização, não acatando as orientações e efetuando ausências não autorizadas do recinto escolar.

De acordo com diagnósticos feitos anteriormente, Catarina revela dificuldades de aprendizagem, pouca curiosidade intelectual, dificuldade ao nível do pensamento abstrato assim como da memória a curto prazo e dificuldades na organização e processamento visuo-espacial.

Desde o início da presente medida, Catarina já foi alvo de 3 Participações de Ocorrência, as quais resultaram em 2 medidas educativas e na instauração de um Procedimento Disciplinar com aplicação da respetiva medida.

- A jovem iniciou a sua medida na fase I;
- Transitou para a Fase II a 26 de Junho de 2014, onde se mantém.

Durante a presente medida foi alvo de 15 Participações de Ocorrência, as quais deram lugar a 1 arquivamento, 12 medidas educativas e 2 procedimentos disciplinares. Por outro lado, foi merecedora de alguns louvores, pela sua disponibilidade e empenho nas tarefas.

Contributo das condições institucionais no processo de mudança: a Catarina é uma jovem que apresentou um percurso evolutivo no CE. Mantém algumas características iniciais, como a sua postura pouco participativa, algo passiva e fechada sobre si mesma, mas possível observar mudanças na sua forma de estar perante os outros. Melhorou o estilo de comunicação, passando de um registo defensivo e por vezes agressivo, para um estilo mais assertivo e disponível. A aceitação da intervenção e dos limites impostos foi outra das conquistas da jovem, que aprendeu a tolerar melhor as adversidades, a frustração e a encontrar soluções alternativas para os problemas.

Registou-se uma evolução ao nível da sua capacidade de auto controlo, com maior regulação da sua impulsividade. Apesar de ser uma jovem apelativa, com necessidade de obter do exterior a gratificação que não consegue obter internamente, consegue gerir melhor as suas vontades e desejos, com maior capacidade de descentração e tomar em conta o outro e o impacto dos seus atos.

Concluiu no CE o curso EFA B2, com equivalência ao 6º ano de escolaridade, e encontra-se presentemente integrada no curso EFA B3, com formação tecnológica em Operadora de Pré-impressão. Não concluirá o curso até ao final da presente medida, mas poderá vir a fazê-lo uma vez que continuará no CE no âmbito de um outro processo.

Ao nível formativo, Catarina evoluiu significativamente, apesar da sua falta de pré requisitos e dificuldades de aprendizagem, mudou a sua postura de recusa para uma postura de empenho e de querer aprender. Melhorou a sua capacidade de concentração e de compreensão dos assuntos, encontrando-se a ser trabalhados outros, como a sua capacidade de síntese, interpretação e comunicação. As suas dificuldades em expor-se levam a que nem sempre aceite bem a intervenção

dos pares. Ao nível prático, da componente tecnológica, revela uma prestação melhor que na parte da formação de base.

A família manteve-se presente durante o período de internamento, mas de forma irregular, nem sempre comparecendo às visitas, seja por questões económicas, seja por questões de não implicação no percurso da jovem, revelando fraco envolvimento no projeto de vida da jovem. Catarina demonstra ligação afetiva à família, colocando-se num papel de poder vir a ajuda-la a ultrapassar alguns dos problemas com que se deparam. Esta instabilidade familiar pode constituir como um fator de risco futuro para a jovem, o qual será trabalhado durante a execução da próxima MTI.

O CE funcionou como entidade externa reguladora, e Catarina foi capaz de uma maior capacidade de regulação interna. A abertura ao meio exterior, cora o cumprimento da próxima medida tutelar de internamento no âmbito do PTE 2151/04.3TMLSB-A-C, **por um período de 12 meses, funcionará como um reforço e consolidação das aquisições feitas, de forma gradual com vista à sua reinserção futura.**

- Manuel, 14 anos - medida cautelar de guarda

O Manuel, 14 anos encontra-se no CE a cumprir uma medida cautelar de guarda (*Colocação em CE em medida cautelar de guarda, (alínea c) do art. 57º da LTE*). Pressupõe a existência fundada de perigo ou fuga ou cometimento de outros atos qualificados pela lei como crime e a previsibilidade de aplicação de medida tutelar. Pode ser cumprida em regime semiaberto ou fechado.).

No âmbito do presente processo constam duas participações policiais que identificam o **Manuel** como suspeito de: prática de um crime contra a integridade física ocorrida na via pública e um crime contra a integridade física e um crime de ameaça, no estabelecimento de ensino que frequentava.

O Manuel revela um funcionamento imaturo e compulsivo, características que condicionam a sua capacidade de encontrar respostas adequadas para a resolução de problemas. É descrito como um jovem que diante de uma situação de confronto com as suas fragilidades, reage de forma violenta e imprevisível, movimento facilitador de passagem ao ato, com fraca capacidade para identificar consequências dos seus comportamentos, assim como fraca sensibilidade a sentimentos dos outros.

Denota compreensão do interdito e da problemática criminal onde está envolvido, todavia, manifesta sentido critico face ao próprio comportamento. Apresenta dificuldades ao nível do relacionamento interpessoal, apresentando comportamentos de oposição às regras, fazendo prevalecer os seus interesses pessoais e mostrando reatividade ao exercício da autoridade. Perante os factos que está indiciado, demonstra alguma indiferença e desvaloriza-os, revelando fraca capacidade para refletir sobre os seus comportamentos de forma tendencialmente normativa, o que constitui como um fator de risco para uma eventual reincidência.

No ano letivo que findou o jovem Manuel ficou retido mais uma vez no 5º ano de escolaridade, devido ao elevado absentismo, dificuldades relacionais quer com adultos quer com os pares, agregando-se a pares que tal como ele evidenciam um funcionamento disruptivo e problemático, que atenta contra as regras e o ambiente da escola.

Na esfera familiar, embora sejam perceptíveis os vínculos afetivos e preocupação da progenitora com o descendente, o exercício de autoridade parental ao nível da função educativa revela fragilidades em termos da organização, supervisão e regulação das rotinas e comportamentos do jovem.

O jovem mantém um quotidiano pouco estruturado, para além da escola não integra qualquer atividade, na família as regras são escassas e pouco claras o que lhe permite ter um estilo de vida excessivamente autónomo e desajustado à sua faixa etária, saindo e chegando à hora que quer, sem que lhe sejam colocadas questões ou obstáculos significativos.

No âmbito **da medida tutelar aplicada**, o tribunal definiu como áreas de intervenção: a formação escolar e/ou profissional, e de acordo com o diagnóstico efetuado deverão ainda ser efetuadas as áreas de desenvolvimento social e pessoal. Não foram definidas pelo tribunal regras de conduta obrigações ou programas formativos.

No dia 23 de março na sequência da prática de novos delitos, deu entrada em medida cautelar de guarda ao abrigo do proc nº 798/15.1 Y6LSB do J3 desse Tribunal, encontrando-se internado no CENP, pelo que a presente medida de AE, terá de ser interrompida.

Análise dos Processos Individuais:

Após a consulta dos processos estamos aptos a fazer uma análise no sentido de perceber o contributo das condições institucionais no processo de mudança destes 12 jovens, assim como apurar se a passagem pelo CE contribuiu para a aquisição de recursos que lhes permitam, no futuro, conduzir as suas vidas de modo social e juridicamente responsável.

Na sequência da explicitação anterior, iremos apresentar os dados recolhidos, que nos irão permitir a compreensão da trajetória dos jovens.

Será segundo estes pontos que faremos a análise dos processos

- Os factos ilícitos que fundamentaram a aplicação da medida:
- O regime de execução
- Quais foram os motivos da intervenção
- Qual a perceção que o jovem tem sobre os atos ilícitos que praticou

- Quais as atividades educativas e terapêuticas do PIE previstas para o jovem
- A progressividade do jovem na Execução da MI
- Qual o contributo das condições institucionais no processo de mudança

No que respeita aos factos ilícitos que fundamentaram a aplicação da medida, depois de analisarmos o processo dos 12 jovens, podemos constatar, de igual modo, como foi verbalizado em entrevista, que 9 jovens encontram-se a cumprir medida tutelar de internamento por roubo, 2 jovens por agressão e 1 por tentativa de homicídio.

Podemos notar, pela análise dos processos, que a maioria dos jovens praticou mais do que um crime. Verificamos que as narrativas em contexto da entrevista coincidem com os factos assentes nos processos.

Quanto aos regimes de execução, encontram-se em regime semiaberto 5 rapazes, regime aberto 1 rapaz e 1 rapariga, regime fechado 3 raparigas, 1 processo diz respeito a um jovem que se encontra a cumprir medida cautelar de guarda e há que referir neste momento que não tivemos acesso ao processo de uma jovem (Maria) pois esta encontrava-se no CE há apenas 5 dias aquando a data da realização das entrevistas. Ao findar a pesquisa no CE o processo da jovem ainda não se encontrava no CE pelo que não tivemos acesso à confirmação de alguns dados processuais, contando apenas com a veracidade dos relatos da jovem.

Ao passarmos para os motivos que levaram à intervenção, concluímos que são muito coincidentes com as histórias de vida narradas pelos jovens quando foram feitas as entrevistas. Percebemos, ao consultar os processos, que eventualmente encontramos a referência a um ou outro aspeto complementar mas regra geral as narrativas, em entrevista, são coincidentes. Pelo que nos parece pertinente afirmar que existiu uma grande verdade por parte dos jovens, facto esse, confirmado pela investigadora ao longo das entrevistas, através da postura aberta e disponível dos jovens e pela carga emocional em que decorreram as narrativas.

Achamos por bem salientar um facto no que toca aos motivos da intervenção, uma vez mais a família está na raiz desta problemática que vem desembocar na delinquência juvenil. A morte de um dos progenitores, o abandono, a institucionalização precoce, a falta de acompanhamento dos pais aleada à falta de regras, rotinas e horários, vida de rua, um forte desejo de autonomia, os grupos de pares assim como o insucesso ou desinteresse escolar são os fatores que estão na origem da intervenção.

“Aos 12 anos conheci um rapaz que passou a ser meu namorado, ele tinha 20 anos, era consumidor de droga (haxixe). A pedido dele comecei a fugir de casa e a consumir haxixe, e as fugas repetiram-se várias vezes. Acabei por aos 13 anos a CPCJ me mandar para um colégio temporário para X. Em X comecei a ter contacto com pessoas que eram traficantes e consumidoras (haxixe, cocaína). Nunca permanecia lá (colégio), nesta altura passei do haxixe para a cocaína. Acabei por ser transferida para uma instituição em X onde permaneci por volta dos 2 anos.” Madalena, 18 anos

Grande parte destes jovens esteve institucionalizada e foi durante a institucionalização, instância que se prevê que proteção e promoção, que estes jovens praticaram os atos considerados crime.

“Voltei ao colégio, mas continuei a ter fugas, onde numa delas consumi excessivamente cocaína. Acabei por me prostituir várias vezes, cheguei a trabalhar num bar de alterne, isto é, uma das coisas que me marcou e arrependo imenso, pois, acabei por perder o respeito por mim própria. Mas, na altura eu precisava mesmo de dinheiro para comprar cocaína. Isto aconteceu-me em várias fugas (do colégio) que eu tive, comecei a participar em assaltos. A última fuga que eu tive, foi a pior de todas, onde me prostitui imensas vezes, onde fiz um assalto a pessoas que mais amo na minha vida, onde tive consumos excessivos de cocaína e heroína e onde vivi durante vários dias na rua, junto do meu irmão que tem 19 anos, ao frio e à chuva.” Madalena, 18 anos

Só a consulta processual nos pode dar uma noção exata da forma como os jovens percecionam os atos ilícitos que praticaram. De uma forma geral têm uma consciência clara e distinta do que fizeram e do porquê. À data da prática dos crimes muitos deles não apresentavam qualquer noção do mal que causariam a terceiros, o que interessava no momento era o “eu” e o sentir-se parte de um grupo que praticava os mesmos atos de modo a que se pudesse sentir aceite por este.

“Eu reconheço e sei que errei mas por vezes nós só queremos ter mais dinheiro no bolso e fumar e depois corre-nos mal. Eu tinha tudo ainda queria mais e por querer mais perdi tudo. Perdi a liberdade, a sociedade.” Diogo, 18 anos

Durante a MI notámos a crescente consciencialização do comportamento desadequado, da gravidade dos atos praticados reconhecendo que não agiram segundo as normas e regras sociais nem segundo as regras fundamentais de respeito pelo outro. Alguns jovens desvalorizam a sua atitude e desculpabilizam-se através do grupo de pares a quem estavam afiliados.

“Fiz o que fiz porque via o meu grupo fazer e também queria fazer, experimentar, sentir satisfação por me sentir igual aos outros. Agora estou arrependido.” António, 17 anos

Os jovens a cumprir MI estão inseridos nas atividades educativas e terapêuticas do PIE previstas individualmente para cada jovem. Estas atividades são de certo modo a base que possibilita a mudança a par com as experiências na relação com a equipa de trabalhadores e com os seus pares no interior do CE. A intervenção, ainda que centrada no jovem, tem

necessariamente que compreender uma estratégia que envolva o seu contexto familiar e social.

Depois do que analisámos, no que diz respeito à progressividade do jovem na Execução da MI, podemos afirmar que existe uma verdadeira progressão na conceção de vida, na alteração de estruturas de pensamento e comportamento destes jovens. Não se trata de um processo meramente teórico uma vez que se registam e verificam verdadeiras alterações na estrutura emotiva, psíquica e comportamental destes 12 jovens que voluntariamente quiseram participar de uma forma ativa e responsável neste estudo. Mesmo em relação ao jovem que não concorda com a MI que lhe foi atribuída, existe uma modificação progressiva. Este jovem, no decorrer da MI, foi adquirindo uma certa consciencialização, quer dos seus atos, quer da forma como se perspetiva no tempo e no espaço.

No que decorre da análise efetuada, identificámos a existência de um conhecimento e aceitação das normas e regras institucionais e consequente cumprimento de forma autónoma e responsável, uma adesão às orientações e acompanhamento dos técnicos, um desenvolvimento dos recursos cognitivos e emocionais de forma consolidada e um reconhecimento da necessidade de adotar comportamentos mais ajustados.

“O acompanhamento ajuda-me a melhorar o que eu tenho dificuldade, trabalhar o autocontrole, reconhecer os meus erros, dizer o que está errado e corrigir, saber lidar com os outros.” António, 17 anos

Podemos corroborar, através da análise aos processos individuais, que os jovens insistentemente desejam uma mudança, uma vontade de viver de acordo com os normativos sociais, optando por uma vida honesta. A passagem pelo CE permite-lhes adotar um comportamento mais ajustado e adquirir competências pró-sociais que até então se encontravam deficitárias.

A passagem pelo CE contribuiu para a aquisição de recursos que lhes permite no futuro, conduzir as suas vidas de modo social e juridicamente responsável podemos salientar que a MI capacitou os jovens com competências sociais e pessoais importantes para a relação com a sociedade, numa adequada reinserção social.

“Melhorei muito as minhas atitudes. Orgulho-me de ser capaz de pensar antes de agir, falar de forma correta com os adultos. Estou mais responsável. Estou muito contente comigo próprio.” António, 17 anos

“Sou inteligente, tenho capacidade para mudar basta só querer. Quero usar a minha inteligência para o meu futuro e ter uma boa carreira.” André, 18 anos

Verifica-se igualmente que existe um contributo das condições institucionais no processo de mudança, mudança que se espelha nesta frase documentada num processo de um jovem: *“Fez-me mudar e eu fiz a minha escolha, eu quis mudar os meus comportamentos, a minha maneira de pensar, com os adultos, com os meus colegas. Aprendi a respeitar, aprendi a ver que não é tudo à minha maneira. Quando sair vou continuar a respeitar, voltar a respeitar a minha família, saber com quem devo andar, não andar com maus grupos. Eu sempre fui muito reativo, não pensava, as pessoas falavam comigo de uma maneira que eu não gostava. Agora penso antes de responder. Agora sei que não deveria ter feito aquilo.”* Diogo, 18 anos

4.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente ponto espera-se discutir os resultados já apresentados e analisados em confronto com a literatura de referência. Não será possível generalizar as conclusões obtidas, uma vez que se trata de um estudo qualitativo cujas conclusões apenas dizem respeito aos sujeitos estudados.

Como se verificou na definição de delinquência juvenil é difícil criar um conceito único que consiga explicar este fenómeno e contextualizar o tipo de comportamentos comuns do jovem delinquente, pois, este está intrinsecamente ligado a uma grande variedade de atitudes e comportamentos, sendo difícil prever o que desencadeará no jovem o comportamento delinquente, uma vez que existem demasiados fatores que influenciam o mesmo (Oliveira, 2011). Como se verificou através da análise de dados das entrevistas e dos processos individuais dos jovens, estes tinham diversos comportamentos antissociais como roubos de diversa ordem, furtos, consumos, agressões, fatores que os conduziram a uma medida de internamento.

Enquanto ser social, o ser humano passa por diversas fases ao longo da sua vida, no entanto a infância e a adolescência são as etapas de vida fundamentais para o desenvolvimento do processo de socialização. Estes jovens são adolescentes e a adolescência é uma fase conturbada na vida do individuo, marcada por alterações ao nível físico, afetivo, social, familiar e psicológico. É também na etapa da adolescência que o jovem desenvolve a sua própria identidade e constrói a sua personalidade em função das suas vivências, experiências e da sua história pessoal. Alguns destes jovens afirmam que nunca tiveram o apoio de ninguém, foram obrigados a crescer à força.

Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009), dizem-nos que os comportamentos socialmente inadequados podem ser o resultado de uma experiência social inapropriada. Há jovens que

referem que não tiveram infância, ou que esta foi triste e má, que não tiveram ajuda de ninguém durante a sua infância e adolescência, que foram abandonados.

Grande parte destes jovens já tinham estado institucionalizados ao abrigo da lei de promoção e proteção. No entanto, no mesmo período da sua institucionalização, ou iniciaram a prática do crime ou deram continuidade aos atos que já praticavam. No dizer de alguns, o pior que lhes aconteceu foi terem sido retirados do seu ambiente natural e colocados em Lares de Infância e Juventude. Se a causa da institucionalização era o mau comportamento e a falta de regras, estes jovens não deveriam ter piorado o seu comportamento e foi precisamente isso que aconteceu.

A nível individual, o temperamento difícil do indivíduo, assim como a sua baixa autoestima, a agressividade e impulsividade poderão ser fatores que contribuem para uma maior propensão à prática antissocial. Matos (2002, citado por Pral, 2007) explica que um jovem fragilizado, devido ao sofrimento incutido por um meio hostil, leva-o a expressar-se e a lidar com o acontecimento negativo de forma violenta, ou seja, o jovem pode adotar mecanismos de defesa desadequados através de comportamentos agressivos, de forma a tentar colmatar a dor que sente. Podemos retirar da análise, comportamentos que variavam desde a agressividade, a rebeldia, o falar mal, não ligar à família, o "era mau", repetido várias vezes, assim como indicadores de uma baixa autoestima e frustração.

O meio social em que o jovem se insere poderá ser também um fator a favor das práticas antissociais que constroem o conceito de delinquência juvenil. O facto de o jovem estar inserido num ambiente social instável, desfavorecido, onde a degradação física e social é uma constante e onde se vivenciam consumos, tráfico, furtos e toda uma vasta gama de comportamentos desviantes, poderão ser uma fonte de influência para o jovem consumir todos os comportamentos que experiencia (Dias (2012). Como podemos também verificar, através da análise dos dados, há jovens que se referem ao bairro como um local onde se sentiam bem apesar dos conflitos existentes. O bairro foi, em alguns casos, o encontro de gente "igual", uma aprendizagem da vida de rua.

Strech (2003) afirma que os primeiros anos são os mais decisivos para a construção emocional de cada um, são os alicerces do futuro equilíbrio psicossocial fundamentais para a construção do indivíduo enquanto pessoa. Uma vez que, os primeiros espelhos das crianças são a família, será na sua família que estes irão buscar a base da sua autoimagem. Sprinthall e Collins (1994) afirmam que a maioria dos casos de delinquência juvenil, têm as suas raízes

na família, facto que pudemos comprovar ao longo quer do estudo quer a nível de entrevistas quer a nível processual. O falecimento de um dos progenitores, o abandono, o divórcio dos pais e a reestruturação de um novo agregado familiar fizeram com que os jovens procurassem caminhos alternativos.

Para além da família há a considerar que é com o grupo que o jovem passa grande parte do seu tempo (Born, 2005). O jovens adere a um grupo de pares com o qual se identifica passando a ser o seu ponto de referência na sua construção identitária (Pral, 2007). Segundo o autor, as crianças ou jovens rejeitados e agressivos têm uma maior probabilidade do que os outros de virem a pertencer a grupos de pares desviantes dado confirmado pelos jovens quando se referem aos amigos como alguém que os ajudavam, não os deixando sozinhos.

O grupo de pares está intrinsecamente ligado ao percurso escolar uma vez que estes referem que faltam às aulas devido a quererem estar com os amigos, dando assim início ao consumo de drogas, álcool, fugas, furtos e comportamentos sexuais de risco, fundamentando estas práticas com as emoções fortes que estes atos proporcionavam.

A literatura tem associado frequentemente os diversos fatores individuais de risco, no que respeita à delinquência juvenil, como os baixos resultados académicos, absentismo escolar, expulsões e suspensões escolares (Ferreira, 1997), fatores que podemos verificar no estudo pois os jovens demonstram desinteresse generalizado pela escola marcado pelo absentismo, levando a que a maioria dos jovens ficasse pelo 5º ano de escolaridade.

Perante os atos cometidos, hoje, os jovens estão num CE com medidas tutelares de internamento diferentes, como apresentadas na análise dos processos.

O CE funciona segundo o princípio da educação para o direito, como descrito no RI e no PEI. Neste sentido, coloca-se a responsabilização no jovem levando a que este compreenda a natureza da sua infração, o que pressupõe que o mesmo efetue um reconhecimento apropriado do impacto dos seus atos nas vítimas. O jovem deve aceitar a medida de internamento como uma oportunidade de mudança perspetivando assim a intervenção como uma oportunidade.

Em relação aos jovens entrevistados, essa consciencialização foi sendo adquirida ao longo do tempo do cumprimento da medida que lhe foi aplicada. Todos sabiam o que determinou a medida de internamento. Maioritariamente (10 dos 12) aceitam a medida. Há quem a encare demasiado extensa.

Foi possível observar um nível do conhecimento sobre a Lei Tutelar Educativa (L.T.E.) muito diferenciado.

A medida de internamento tem como objetivo atingir a normalização, apagar as diferenças e dissemelhanças entre o mundo “normal” e o mundo da delinquência visando reproduzir em ambiente seguro e disciplinador a aquisição de normas, valores e comportamentos em moldes considerados aceitáveis e benéficos para a sociedade em geral. Mas a entrada no Centro não é fácil, como é referido quando falam no seu primeiro dia, e os dias que se seguem também não o são, e aí aludem às participações de ocorrências ou disciplinares e situações consideradas injustas, o levantar cedo, o quarto de isolamento, o estarem fechados, a falta de liberdade, as rotinas, as portas dos quartos serem trancadas à noite, o terem que lidar com dois mundos.

Para além do drama da institucionalização, o jovem tem que enfrentar as perdas, as separações e todas as situações problemáticas que lhe causaram perigo e que antecederam e originaram a sua Institucionalização (Ferreira, 1997). Para além disso o jovem tem que enfrentar todo um mundo novo para si dentro da Instituição e desligar-se de todos os vínculos, fortes ou fracos, que outrora havia construído mesmo que sejam ténues, como referenciam alguns jovens através do desejo de estar com a avó ou com a família, tendo a consciência da privação dos meios de subsistência primários.

Embora, por vezes, “lá fora” o mundo fosse hostil, perigoso e se encontra-se em situações de risco, era o mundo que conhecia, onde estavam presentes as suas referências, os seus alicerces. O jovem afasta-se assim da sua cultura familiar, dos seus valores e acima de tudo, afasta-se de onde surgiu todo o seu processo de aprendizagem e socialização, onde construiu as suas significações e desenvolveu a sua personalidade, o seu “eu”, onde já nada era estranho para si, era o seu mundo. Esse mundo que é, de repente substituído por um novo mundo, o da Institucionalização. É de extrema relevância que os adultos que recebem esses jovens estejam capazes de acolher toda a revolta e raiva que é exteriorizada, devolvendo-lhes um meio estável de confiança, privilegiando o estabelecimento de ligações afetivas seguras. A segurança interna que estas figuras traduzem funciona em certa medida como fator protetor, o que permite que esses jovens sejam mais capazes de enfrentar as adversidades de forma adaptativa (Matos, 1996). Os jovens relataram que sentem-se apoiados pelos técnicos deixando facilmente transparecer a ligação emocional que têm com muitos deles, reconhecendo que se trata de um aspeto fundamental na sua trajetória. Falam

dos técnicos e do Diretor como pessoas presentes que potenciam relações equiparadas às famílias, na sua vertente positiva de ajuda. As pessoas têm carinho por eles, carinho verdadeiro como é referido por um jovem.

As atividades educativas e de formação promovidas em CE podem ser decisivas na reabilitação. No entanto, a educação formal, por si só, não é suficiente para os objetivos da reabilitação, é importante considerar outras modalidades (educação informal) e ainda mais importantes são as atividades/programas especializados sobre as necessidades específicas de cada um no sentido de desenvolver sua autonomia responsável (Carvalho, 2012b). A escolha e o desenvolvimento dos Programas Específicos tem subjacente as necessidades diagnosticadas no jovem, as necessidades específicas que visem promover a alteração do comportamento delinquente, a promoção das competências pessoais e sociais subjacentes às necessidades de educação do jovem para o direito, a promoção de competências que estimulem a adoção de um estilo de vida saudável e facilitem a autonomia e a promoção de competências escolares e profissionais que facilitem a (re)inserção e autonomização social do jovem. Os jovens falam com agrado das atividades participando ativamente nelas, salientando o Chapitô e a Capoeira.

A relação é também um dos principais fatores que impulsionam a mudança, sendo a relação pedagógica entre agentes educativos e jovens potenciada através dos processos de aconselhamento e Tutorias. As Tutorias na sua dimensão de aconselhamento são referidas pelos jovens como uma relação de confiança, como algo importante na intervenção do CE.

Nos Centros Educativos pretende-se a reabilitação do jovem, o que, do ponto de vista educacional, pode significar capacitar com as competências e os conhecimentos necessários para o desenvolvimento e participação na sociedade de uma forma responsável. Para tal, deverá existir uma relação positiva entre o processo de reabilitação e os seus efeitos nos jovens.

Pela análise das entrevistas e dos processos individuais denota-se mudanças nestes jovens. A escola é considerada pelos jovens como o melhor e o mais importante no CE. Para os jovens o CE faculta a possibilidade de frequentarem o ensino, designadamente cursos de formação profissional, e de aumentarem as suas habilitações, a partir das quais adquirem maior responsabilidade, autonomia, autoestima e competências formativas. Mostra-se tão interessante como surpreendente, tendo em conta que se tratavam de jovens que possuíam o 5º ano com elevados níveis de absentismo, abandono e insucesso escolar. Podemos

identificar uma possível resposta para esta mudança operada jovens, perceberam a importância das habilitações para uma integração futura no contexto profissional, mostrando-se capazes de refletir sobre a importância de frequentar a escola e cursos de formação.

No que concerne à passagem pelo CE, a maior parte dos jovens estudados atribui-lhe importância, tendo em conta as mudanças atingidas e a forma como estas podem ser benéficas na concretização das suas expectativas futuras, percecionando um percurso útil no seu crescimento pessoal. Assinalam a maturidade, a responsabilidade, o empenho e a motivação no desenvolvimento das atividades escolares, o controlo da impulsividade e da agressividade como as principais mudanças adquiridas ao longo da trajetória em CE. Referem que aprenderem, aprenderam a respeitar, a ter rotinas... Aprendizagens que têm a ver com as competências pessoais e sociais que foram e estão a ser adquiridas.

Nota-se que existe uma consciência de que se estão a tornar melhores pessoas, mais responsáveis, mais confiantes em si próprios e que são capazes de pensar já num projeto de vida futuro, iniciado no presente, ali no CE.

Durante a investigação foi fulcral perceber o tipo de expectativas que vão sendo construídas pelos jovens ao longo da sua medida de internamento, ou seja, verificar como estes percecionam a sua vida após cessarem a medida de internamento. Estes jovens passaram a ter desejos, próprios de jovens da sua idade, fora de 4 paredes. Ao perspetivarem o futuro, os jovens demonstram a capacidade de identificar objetivos e delinear um projeto de vida. Os jovens manifestam várias expectativas relativamente ao futuro, nomeadamente ter uma profissão, tirar a carta de condução e constituir família. Querem ser felizes, felizes de modo a que os outros se orgulhem deles. Amor à vida.

Mas estas expectativas são conjugadas com receios face à reincidência com comportamentos desviantes. Falam com frequência em medo, medo de voltar à vida do crime, medo de terem falta de coragem para dizerem não ao grupo de amigos, medo de voltarem a cair, medo das más companhias, a falta de dinheiro. Todos denotaram uma enorme consciência sobre o quanto vai ser difícil a vida lá fora.

Strech (2003) considera que a via delinquente é, em última análise, a possibilidade de tornar visível um sofrimento que muitos teimam em não considerar.

O CE deverá ser potenciador da mudança. Os jovens, que fizeram parte do nosso estudo, entendem-no como responsável pela sua reeducação no regresso à sociedade de um modo socialmente ajustado.

“Eu sou uma pessoa diferente, conquistei objetivos, mostrei às pessoas que mudei, agora serei uma outra pessoa. Antes havia pessoas que não gostavam de estar comigo e agora quando eu vou a casa já estão comigo. A minha maior conquista é acabar o 12º ano. A minha maior vitória vai ser daqui em diante. Reinserção é estar bem na sociedade, ter apoio da minha família, ter rotinas, cumpri horários, ser um bom cidadão. Eu mudei desde que comecei a encaixar esta realidade dentro da minha cabeça.” António, 17 anos

5. CONCLUSÃO

“Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros... São iguais a nós”. República, 515a

Depois de “os” olharmos e de “os” escutarmos, deparamo-nos com uma estranha verdade “São iguais a nós”. Iguais a nós no que sentem, no que vivem, nas aspirações e perspetivas futuras... *“Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros... São iguais a nós”* diz Glauco a Platão na célebre Alegoria da Caverna, história transversal a qualquer sociedade e a qualquer época histórica, e ousamos mesmo dizer história transversal a qualquer ser humano independentemente do contexto em que se encontra.

Ouvimos uma notícia no telejornal sobre um jovem com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos que praticou um crime e o nosso instinto natural é julgar sem antes analisar ou tentar perceber o que esteve na origem desse ato, refugiamo-nos nas sombras e teimamos em deixar entrar a luz...

Pois bem, procurámos ao longo deste percurso, ir à raiz e escutar as “suas narrativas” e só posteriormente confirmá-las à luz dos processos vigentes em sede institucional. E algumas pessoas perguntaram “Porquê? Geralmente faz-se ao contrário! Lêem-se primeiro os processos para depois se saber orientar as entrevistas...” Disseram-nos ainda “Eles não vão falar muito e não vão dizer a verdade...” Pois bem, resolvemos inverter o processo, para podermos ter a mente aberta e disponível para escutar a verdade “deles”, sem histórias de vida em papel, numa procura de “dar corpo” às palavras deles para que elas ganhassem forma na nossa mente... e foi um processo maravilhoso... pois, uma vez mais, deparámo-nos com a estranha realidade de que estes “prisioneiros” são iguais a nós... atrevemo-nos a dizer “somos nós”, simplesmente tiveram um percurso de vida diferente.

A falta de uma família que servisse de sustento e de apoio para o seu desenvolvimento equilibrado e que fosse facilitadora de relações e competências foi como que um “grilhão” que os aprisionou a um “rótulo” – Delinquentes! Jovens Delinquentes... e continuamos a reforçar a ideia de Jovens e não o atributo de delinquentes...

Coubemos a nós, perguntar quem são, de onde vêm, como cresceram, o que viveram para terem chegado a um CE. Eis a resposta que ao mesmo tempo transparece uma grande

inquietação de um jovem a cumprir MI no CE onde foi efetuado o estudo: “(...) *não me defino por um ato isolado, a minha vida, eu, eu sou mais do que isso...*” Francisco, 17 anos

Pois bem, é isto que pretendemos comprovar com este estudo e voltamos à pergunta de partida: ***Será que a execução da medida tutelar de internamento em Centro Educativo, com a consequente aplicação de programas e métodos pedagógicos específicos, capacita os jovens para a sua (re)inserção social futura?***

Numa resposta rápida e simplista, depois da trajetória percorrida, poderíamos agradecer a quem nos ouve e a quem nos lê com um “sim” em tom minimalista... mas o ser humano é muito mais do que a sua circunstância, é muito mais do que aquilo que ele é agora enquanto sujeito em desenvolvimento, num espaço que se pretende próximo da realidade exterior, mas que na verdade se afigura como uma privação dela.

Voltando à Alegoria de Platão, na caverna há uma luz. Luz essa *que marca o absoluto da possibilidade de ver*, isto é, que marca o absoluto da possibilidade de inteligir.

No nosso entender, o CE é essa luz que faz e fará toda a diferença na vida do jovem a cumprir MI, é a condição de possibilidade para uma nova existência como um dos jovens dizia: “*[quando sair daqui] Vou recomeçar... renascer de novo...*”

É aí que se vislumbra a possibilidade de mudança “*A medida foi aplicada para eu não voltar a cometer os mesmos crimes, para aqui eu poder ser reeducado. Acredito que se não estivesse aqui se calhar estava ainda na vida do crime.*”

É numa perspetiva francamente positiva que olhamos para a intervenção educativa vigente no CENP uma vez que a entendemos no sentido da formação integral do ser humano... preparando integralmente o jovem para o seu papel próprio no seio da sociedade, onde a sua função não é a satisfação os seus interesses individuais, mas, neles e com eles, o interesse do todo, da sociedade ideia essa corroborada pelo artº 2 da LTE, as medidas tutelares educativas “*(...) visam a educação do menor para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade*”.

“*Eu já vejo as coisas de modo diferente, quando vou lá fora.*” Diz-nos um jovem que se encontra em contexto de estágio fora do CE, “*Sou livre de fazer o que bem entender mas sou prisioneiro das consequências. Na maioria das vezes esta frase orienta-me.*”

Há todo um processo a que ousamos chamar Paideia... há um caminho pedagógico na transformação da natureza humana pela educação e o processo na construção do ser humano

sábio e comprometido com a mudança da realidade social. A educação é um processo fundamental na formação do ser humano e só através da execução de programas que atendam às necessidades específicas das diferentes problemáticas associadas às diversas formas de delinquência se poderá alcançar um maior grau de eficácia.

E um novo desafio surge nesta trajetória, o *“homem que saiu da caverna vê o sol que representa a ideia do bem: “causa de quanto há de justo e belo” (517 c)*, a reintegração do jovem na sociedade... mas para que esta se efetue de forma consistente e segura há a necessidade de articulação entre o CE e a comunidade. O CE tem uma grande contribuição para a mudança da visão destes jovens, como uma passagem das sombras para a luz! Porém é fundamental que a sociedade faça parte desse apoio, ajudando na sua reintegração e promoção.

Sim, a execução da medida tutelar de internamento em CE, com a consequente aplicação de programas e métodos pedagógicos específicos, tem feito com que os jovens adquiram as competências necessárias para a sua reinserção social. Estes jovens simplesmente querem ser felizes, felizes como nós queremos, pois *são iguais a nós* no que sentem, no que vivem, nas aspirações e perspetivas futuras. Pois, quando a pessoa se sente apreciada e profundamente amada, isso dá-lhe autoestima. Não nos sentimos amados porque somos perfeitos, sinto-nos amados porque alguém nos fez experimentar que, nós valemos, mesmo que tenhamos um passado cheio de sombras.

Depois de “os” olharmos e de “os” escutarmos foi essa a conclusão do nosso estudo.

Limitações e perspetivas futuras

Uma das grandes limitações deste estudo foi a de ter uma amostra reduzida. Seria importante que futuras investigações procurassem abranger um maior número de jovens internados e de vários Centros Educativos. Além disso, seria também pertinente que futuros trabalhos acompanhassem o processo de internamento dos jovens, no que diz respeito ao planeamento e organização dos projetos de vida até alcançarem a sua plena reinserção, o que contribuiria para o aprofundamento do tema em investigação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alão, A. (2009). Menores entre a adversidade, o insucesso, o risco, o crime e a justiça tutelar portuguesa do final do século XX. In *Actas dos Ateliês do V Congresso Português de Sociologia – Direito, Crime e Dependências*. Braga: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Andreou, E. (2000). Bully/victim problems and their association with psychological constructs in 8 to 12 year old Greek school children. *Aggressive Behavior*, 26, 49-56.
- Ariès, P. (1988). *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*. Colecção Antropos. Lisboa: Relógio D'Água.
- Assis, S. G. & Souza, E. R. (1999). Criando Caim e Abel –Pensando a prevenção da infração juvenil. *Ciência e Saúde Coletiva*, (4)1, 131-144.
- Assis, S. G., Pesce, R. P. & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed
- Azevedo, T. N. C (2013). *Institucionalização e Lei Tutelar Educativa: As representações de jovens, profissionais e direção de um Centro Educativo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga. Acedido em: <http://hdl.handle.net/1822/28905>
- Barata, A. C. M. (2006). *Vinculação à família e delinquência juvenil em jovens urbanos e rurais em fase de escolarização*. Monografia de Especialização, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi.
- Borum, R. (2006). Assessing risk for violence among juvenile offenders. In S. N. Sparta & G. P. Koocher (Eds), *Forensic Mental Health Assessment of Children and Adolescents*. New York: Oxford University Press.
- Carvalho, M. J. L. (2003). *Entre as Malhas do Desvio. Jovens, espaços, trajectórias e delinquências*. Oeiras: Celta Editora.
- Carvalho, M. J. L. (2012). Imputabilidade penal e maioridade civil: à procura de uma idade. In *Plataforma Barómetro Social*, 4ª Série de 2012. Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Acedido em: <http://barometro.com.pt/archives/751>
- Castellan, Y. (1996). La Transmission de la Loi par la Famille. *Sauvegarde de l'enfance*, 2, 126-130.
- Bourdieu, P. (1997). *Razões práticas. Sobre a teoria da acção*. Oeiras: Celta Editora.
- Castro, P. C. B. M. (2000). *(A)normatividade familiar na desviância juvenil*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito da Universidade do Porto, Porto. Acedido em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64355>
- Chitas, V. (2010). *Consumo de Drogas e Outros Comportamentos de Risco na Adolescência: Factores de Risco e Factores de Protecção*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

- Costa, C. R. B. S. F. & Assis, S. G. (2006). Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. *Psicologia e Sociedade*, 18(3), 74-81. Acedido em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000300011&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-71822006000300011
- Cusson, M. (2007). *Criminologia*. Lisboa: Casa das Letras.
- Demartis, L. (2006). *Compêndio de Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Dias, M. C. S. (2012). *Factores de risco na delinquência juvenil: o grupo de pares, a impulsividade e o consumo de drogas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10216/67771>
- Diário da República. 1ª série A - N.º 12 - 17 de Janeiro de 2008. Dec. Lei n.º 12/2008: Regulamentação das Medidas de Promoção e Proteção em Meio Natural de Vida. Acedido em http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=1226&m=PDF.
- Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2015) *Estatística Mensal dos Centros Educativos*, Maio 2015. Acedido em: http://www.dgrs.mj.pt/c/portal/layout?p_l_id=PUB.1004.1&p_p_id=20&p_p_action=1&p_p_state=exclusive&p_p_mode=view&p_p_col_id=&p_p_col_pos=0&p_p_col_count=0&_20_struts_action=%2Fdocument_library%2Fget_file&_20_folderId=11&_20_name=Dados+estat%C3%ADsticos+CE+-+maio15.pdf
- Duarte-Fonseca, A. (2005). *Internamento de menores delinquentes - A Lei portuguesa e os seus modelos: um século de tensão entre protecção e repressão, educação e punição*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Emler, N. & Reicher, S. (1995). *Adolescence and Delinquency*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Farrington, D. P. (2001). Prevenção centrada no risco. *Infância e Juventude*, 3, 9-29.
- Ferreira, P. M. (1997). «Delinquência Juvenil», família e escola. *Análise Social*, vol. 32 (143-144), 913-924.
- Ferreira, J. (2011). *Serviço Social e Modelos de Bem-estar para a Infância – Modus Operandi do Assistente Social na Promoção e Protecção à Criança e à Família*. Lisboa: Quid Juris.
- Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J., & Ferreira, J. (1995). Comportamentos antissociais no ensino básico: as dimensões do problema. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 29 (3), 85-105.
- Fonseca, A. C. (2000). Comportamentos antissociais: Uma introdução. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 34 (1-3), 9-36.

- Funes, J. & González, C. (1998). Delincuencia Juvenil, Justicia e Intervención Comunitaria. *Menores*, 7, Madrid. Acedido em: http://www.iin.oea.org/Cursos_a_distancia/delincuencia_juvenil.pdf
- Gallo, A. E. & Williams, L. C. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 38 (133), 41-59. Acedido em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100003&lng=en&tlng=pt)
- Garcia, A. (2002). Instituição Total (Goffman) – Uma reflexão a propósito de Centros Educativos. *Gestin*, 1, 29-38. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.11/650>
- Garmezy, N. (1985). Effects of Residential Treatment on Adjudicated Delinquents: A Meta-Analysis. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 22, 287–308.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Glueck, S., & Glueck, E. (1950). *Unraveling juvenile delinquency*. New York: The Commonwealth Fund.
- Goffman, E. (1961). *Manicómios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Gomes, J. (2001). O Padre António de Oliveira (1867-1923), Grande Educador. *Interacções*, 1, 108-123.
- Gomes, C. (coord.), Trincão, C., Almeida, J., Duarte M., & Fernando, P. (2004). *Os caminhos difíceis da “Nova” Justiça Tutelar Educativa: uma avaliação de dois anos de aplicação da Lei Tutelar Educativa*. Coimbra: Observatório Permanente da Justiça Portuguesa do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – Faculdade de Economia.
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Alfragide: Texto Editora.
- Gonçalves, M. J. & Sani, A. I. (2013). Instrumentos jurídicos de proteção às crianças: do passado ao presente. In J. Pedroso, P. Branco & P. Casaleiro (orgs.), *Acesso ao direito e à justiça da família e das crianças* (pp. 186-200). Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Guimarães, J. V. da C. (2012). *Autoconceito, Autoestima e Comportamentos Desviantes em Adolescentes*. Dissertação de Mestrado, ISPA, Lisboa.
- Hawkins, J., Catalano, R., & Miller, J. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, 112, p. 64 – 105.
- Henggeler, S. (1950). *Delinquency in Adolescence*. California: SAGE Publications, Inc.
- Hirschi, T. (2002). *Causes of delinquency*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Jessor, R. (1992). Risk behaviour in adolescence: a psychological framework for understanding and action. *Developmental Review*, 12, 374-390.

- Jessor, R., Van Den Bos, J., Costa, F., & Turbin, M. (1995). Protective factors in adolescent problem behavior: moderator effects and developmental change. *Developmental Psychology*, 31, 923 – 933.
- Kazdin, A. & Buela-Casal, G. (2001). *Conduta anti-social: avaliação, tratamento e prevenção na infância e na adolescência*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Lipsey, M. W., & Derzon, J. H. (1998). Predictors of violent or serious delinquency in adolescence and early adulthood: A synthesis of longitudinal research. In R. Loeber & D. P. Farrington (Eds.), *Serious & violent juvenile offenders: Risk factors and successful interventions* (pp. 86-105). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Machado, H. (2008). *Manual de Sociologia do Crime*. Porto: Edições Afrontamento.
- Manso, A. (2006). *Educação para o Direito: Representações sociais de jovens institucionalizados em Centro Educativo*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Marques, A. S. (2012). *Comportamentos antissociais e fatores de risco da delinquência juvenil*. Projeto de Graduação. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Marteleira, J. (2004). Análise de um centro educativo à luz do conceito de instituição total de Erving Goffman. *Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, pp. 25-31.
- Martins, P. (2004). *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco, representações sociais, modos e espaços*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança. Universidade do Minho, Braga.
- Martins, D. S. M. & Carvalho, C. (2013). A identidade vocacional de jovens institucionalizados em centros educativos: um olhar na (re)educação em Portugal. *Revista Eletrônica de Educação*, 7, 25-39. Retirado de: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/652>
- Masten, A. S. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. In B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Eds.), *Advances in Clinical Child Psychology* (pp.1-52). New York: Plenum Press.
- Matos, M. (1996). Adolescer e Delinquir. *Análise Psicológica*, 14 (1), 23-29.
- Matos, M., Simões, C., Gaspar, T. & Negreiros, J. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Matza, David (1964). *Delinquency and Drift*. Nova Iorque: Wiley.
- Moffitt, T. (2006). Life-course-persistent versus adolescence-limited antisocial behavior. In D. Cicchetti, D. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: Risk, disorder and adaptation* (pp. 570-598). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Nardi, F. L., & Dell’aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13 (2), 69-77.

- Negreiros, J. (2001). *Delinquências juvenis: trajectórias, intervenções e prevenção*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Negreiros, J. (2010). *Definições do conceito de delinquência*. Porto: FPCEUP.
- Neves, T. (2007). A defesa institucional numa instituição total: o caso de um centro de internamento de menores delinquentes, in *Análise social*, vol. XLII (185), 1021-1039.
- Neves, T. (2008a). Educação para o direito e mediação de conflitos. *Educação Sociedade e Culturas*, 27, 73-88.
- Neves, T. (2008b). *Entre Educativo e Penitenciário: Etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes*. Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativas/Edições Afrontamento.
- Pais, J. M. (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Paludo, S. S. & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: Um estudo de caso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 187-195
- Perista, H., Cardoso, A., Silva, M., & Carrilho, P. (2012). *Delinquência e violência juvenil em Portugal. Traçando um retrato a diferentes vozes*. Lisboa: Centro de Estudos para a Intervenção Social. Acedido em: http://www.youprev.eu/pdf/YouPrev_NationalReport_PT.pdf
- Pinho, S. R., Dunningham, W., Aguiar, W. M., Filho, A. S. A., Guimarães, K., Guimarães, K., Almeida, T. R. P. & Dunningham, V. A. (2006). Morbidade psiquiátrica entre adolescentes em conflito com a lei. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 55(2), 126-130
- Piétte, B. (1985). *Platão: A República: Livro VII*. Tradução de Moreira Marcelina. Brasília: Universidade de Brasília.
- Pral, C. (2007). *Oportunidade e risco: suporte social e factores psicossociais associados ao fenómeno da delinquência juvenil*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Legal, ISPA, Lisboa.
- Quintãs, C. R. P. (2009). *Era uma vez a Instituição onde eu vivi: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização*. Tese de Mestrado, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.
- Quay, H. (1987). *Handbook of juvenile delinquency*. Canada: John Wiley & Sons, Inc.
- Ramos, C. V. P. (2013). *Crimes contra o Património - O adolescente enquanto potencial transgressor no crime de dano*, Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Sistema de segurança interna (2010). *Relatório Anual de Segurança Interna 2009*. Lisboa. Acedido em http://www.parlamento.pt/documents/XIILEG/RASI_%202010.pdf
- Sistema de segurança interna (2011). *Relatório Anual de Segurança Interna 2010*. Lisboa. Acedido em [https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Sistema+de+seguran%C3%A7a+interna+\(2011\)](https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Sistema+de+seguran%C3%A7a+interna+(2011))

- Sistema de segurança interna (2012). Relatório Anual de Segurança Interna 2011. Lisboa.
- Acedido em [https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Sistema+de+seguran%C3%A7a+interna+\(2012\)](https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Sistema+de+seguran%C3%A7a+interna+(2012))
- Sampaio, M. B. G. (2010). *O outro lado da vida: Delinquência juvenil*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto.
- Santos, B. S.(dir.); Gomes, C. (coord.); Trincão, C.; Almeida, J.; Duarte, M.; Fernando, P.; Sousa, F.; Silva, R.; Baptista, S.; Lopes, T. P. (2004). *Os Caminhos Difíceis da “Nova” Justiça Tutelar Educativa – Uma avaliação de dois anos de aplicação da Lei Tutelar Educativa*. Coimbra: Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Centro de Estudos Sociais.
- Silva, D. F. M. (2002). *O desenvolvimento das trajetórias do comportamento delinquente em adolescentes infratores*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Silva, A. (2010). *Estudo neuropsicológico em adolescentes institucionalizados*. Porto: ICBAS-UP.
- Simões, M. (2007). *Comportamentos de Risco na Adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Steinberg, L. (2000). The family at adolescence: Transition and transformation. *Journal of Adolescent Health*, 27, 170-178.
- Sutherland, E. H. (1993). *Ladrones Profesionales*. Madrid: Les Ediciones de La Piqueta.
- Vale, J. (2011). *Comportamentos anti-sociais sinalizados na CPCJ de Gaia Sul*. Projeto de Graduação de Licenciatura, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Veríssimo, M. (1990). A Psicologia Comunitária e o sistema judicial: uma nova forma de olhar e intervir sobre a delinquência. *Análise Psicológica*, 8 (2), 203-209.
- Webster-stratton, C. Early intervention for families of preschool children with conduct problems. In: Guralnick, M. (1998). *The Effectiveness of early intervention* (pp. 429-453) Baltimore: Paul H. Brookes.

7. APÊNDICES

APÊNDICE 1

Lisboa, 17 de março de 2015

Assunto: Pedido de recolha de dados nos Centro Educativo Navarro Paiva

*Exmo. Diretor Geral da Direcção Geral
de Reinserção e Serviços Prisionais*
Dr. Rui Sá Gomes

No âmbito do Mestrado em Educação Social – Intervenção com Crianças e Jovens em Risco, ministrado pelo Instituto Superior de Ciências da Educação, eu Patrícia Sofia Mendonça encontro-me a desenvolver, sob a orientação da Dr^a. Fernanda Carvalho, um estudo subordinado ao tema “*Olhar a vida em três registos: percursos de jovens em Centro Educativo*”.

A concretização deste estudo implica a recolha de dados relativos a jovens de ambos os sexos, entre os 12 e os 16 anos, identificados pelas instâncias formais (sistema de promoção e proteção e sistema tutelar educativo) da zona Sul do país como estando envolvidos atualmente em situações de delinquência ou pré-delinquência.

Pretende-se que a recolha de dados seja feita através de consulta dos processos individuais e mediante uma entrevista aos jovens atualmente em Centro Educativo.

Para que este estudo possa ser concretizado, venho, por este meio, solicitar junto de V. Exa. autorização para proceder à recolha de dados, consulta de processos e realização de entrevistas, no Centro Educativo Navarro de Paiva.

A recolha e tratamento destes dados serão realizados de acordo com todas as regras éticas e deontológicas inerentes a uma investigação científica, designadamente o anonimato e tratamento integrado/coletivo dos dados recolhidos e a garantia de sigilo em relação aos dados/processos consultados.

Caso seja necessário algum procedimento complementar a este pedido, solicito que me seja dada essa informação, para encetar todas as diligências necessárias.

Agradeço a atenção dispensada a este assunto, aguardo com expectativa uma resposta favorável da vossa parte, com os meus melhores cumprimentos.

Lisboa, 17 de março de 2015
A mestrand

Patrícia Sofia Mendonça

APÊNDICE 2



Lisboa, 19 de março de 2015

Assunto: Pedido de recolha de dados no Centro Educativo Navarro Paiva

Exmo. Diretor Geral da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
Dr. Rui Sá Gomes

No âmbito do Mestrado em Educação Social – Intervenção com Crianças e Jovens em Risco, ministrado pelo Instituto Superior de Ciências da Educação, a mestrande Patrícia Sofia Mendonça encontra-se a desenvolver, sob a orientação da Professora Especialista Fernanda Carvalho, um estudo com o título **“Olhar a vida em três registos: percursos de jovens em Centros Educativos”** que tem como objetivos gerais: Compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expetativas futuras; Analisar as representações dos jovens relativamente ao Centro Educativo, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos; Conhecer o modelo de intervenção educativa

Com esta investigação pretende-se contribuir para a análise da problemática da delinquência juvenil, bem como a perceção e significados que os jovens atribuem à sua vida antes de serem institucionalizados e às repercussões que a execução das medidas tutelares educativas de internamento terão nos seus comportamentos e futura inserção social

Apesar de esta ser uma temática bastante atual e de enorme pertinência, o facto é que no que respeita a jovens internados em centros educativos têm sido pouco explorada, pelo que os estudos científicos neste âmbito são sempre uma mais-valia na medida em que permitem conhecer melhor esta realidade. Este trabalho pretende demonstrar que para se intervir nesta problemática é necessário ter um conhecimento aprofundado.

A concretização deste estudo implica a recolha de dados relativos a uma amostra aleatória de 12 jovens de ambos os sexos, entre os 12 e os 16 anos. A recolha de dados será feita através da consulta dos processos e da realização de uma entrevista.

A recolha e tratamento destes dados serão, obviamente, realizados de acordo com todas as regras éticas e deontológicas inerentes a uma investigação científica,

designadamente o anonimato e tratamento dos dados recolhidos e a garantia de sigilo em relação aos dados/processos consultados.

Neste sentido, a Comissão de Coordenação do Mestrado em Educação Social: Intervenção com Crianças e Jovens em Risco do Instituto Superior de Ciências Educativas vem, por este meio, solicitar junto de V. Exa. autorização para que a mestranda Patrícia Mendonça possa proceder à recolha de dados atrás mencionados no Centro Educativo Navarro de Paiva, do qual é Diretor Geral.

Agradecendo a atenção dispensada, e na expectativa de uma resposta positiva, os nossos melhores cumprimentos.

Lisboa, 17 de março de 2015


Comissão de Coordenação

do Mestrado em Educação Social:
Intervenção com Crianças e Jovens em Risco

APÊNDICE 3

Grelha de entrevista

<p>Tema: Olhar a vida em três registos: Percursos de Jovens em Centro Educativo.</p> <p>Objetivos Gerais: Compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expetativas futuras; Analisar as representações dos jovens relativamente ao Centro Educativo, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos; Conhecer o modelo de intervenção educativa</p> <p>Entrevista semiestruturada: os blocos temáticos da entrevista encontram-se no guião ordenados logicamente; as temáticas inventariadas dentro de cada bloco e respetivas questões servem apenas de referência para o entrevistador; levar o entrevistado a explicitação e clarificação dos seus pontos de vista, relativamente às temáticas em causa.</p>			
Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões	Tópicos
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista, informando o entrevistado sobre a natureza e objetivos deste trabalho. - Garantir a confidencialidade dos dados. - Valorizar o contributo do entrevistado motivando a colaborar. - Agradecer a participação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Autoriza a gravação desta entrevista? - Deseja saber mais alguma coisa acerca deste trabalho? - Tem alguma pergunta a fazer? 	<ul style="list-style-type: none"> - Informar acerca da finalidade da investigação, entre outras informações. - Posição do orientador da entrevista. - Confidencialidade e anonimato das informações prestadas. - Importância da participação do entrevistado importante para a prossecução do trabalho.
Compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expetativas futuras.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Reconstituir as trajetórias de vida dos jovens em internamento e os motivos que estiveram na origem do mesmo. 2. Identificar as representações dos jovens face ao seu internamento em Centro Educativo 	<ol style="list-style-type: none"> 1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos... 1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo? 1.3. Que situações ao longo da tua existência determinaram a entrada em centro educativo (idade/situação)? 1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída? 2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições? 2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê? 2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo? 	<ul style="list-style-type: none"> - importância sobre a percepção da medida que lhe foi atribuída - Reconhecimento de mudanças durante o seu internamento

	3. Explicitar a percepção que os jovens têm do seu projeto de vida futuro.	3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo? 3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto? 3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê? 3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais? 3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?	- Importância das expectativas que tem sobre o seu futuro.
Analisar as representações dos jovens relativamente ao Centro Educativo, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos.	4. Identificar e caracterizar as representações dos jovens sobre a intervenção tutelar educativa.	4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê? 4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior? 4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo? 4.4. E qual o momento mais negativo? 4.5. A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa? 4.6. O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?	- Percepção sobre a intervenção a que estão sujeitos
Conhecer a lei tutelar educativa e o modelo de intervenção educativa	5. Identificar e descrever a lei tutelar educativa e os programas educativos implementados no decurso da execução da medida tutelar de internamento.	5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti? 5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei? 5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê? 5.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante? 5.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê? 5.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?	- Importância do conhecimento da Lei Tutelar Educativa e respectivos programas de intervenção

GUIÃO DE ENTREVISTA

No âmbito da elaboração de uma dissertação de Mestrado em Educação Social: Intervenção com Crianças e Jovens em Risco, do Instituto Superior de Ciências Educativas, estamos a desenvolver um projeto de investigação intitulado Olhar a vida em três registos: percursos de jovens em Centro Educativo.

O objetivo principal desta entrevista é compreender como é que os jovens percecionam a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expectativas futuras; analisar as representações dos jovens relativamente ao Centro Educativo, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos e conhecer o modelo de intervenção educativa.

A entrevista será anónima e confidencial, estando assim garantida a confidencialidade das pessoas envolvidas.

Obrigada pela colaboração e disponibilidade.

- 1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos...
- 1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?
- 1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em centro educativo (idade/situação)?
- 1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

- 2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?
- 2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?
- 2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

- 3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?
- 3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?
- 3.3. O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?
- 3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?
- 3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

- 4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?
- 4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?
- 4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?
- 4.4. E qual o momento mais negativo?
- 4.5. A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?
- 4.6. O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

- 5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?
- 5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?
- 5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?
- 5.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?
- 5.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?
- 5.6. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

APÊNDICE 5

GRELHA DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS

OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Compreender como é que os jovens percebem a sua trajetória socioeducativa, antes e durante o internamento e quais as suas expectativas futuras.	1. Reconstituir as trajetórias de vida dos jovens em internamento e os motivos que estiveram na origem do mesmo.	A. Relações familiares e sociais	A1 Representações familiares
			A2 Percorso escolar
			A3 Grupo de pares
		B. Comportamento e Motivo do internamento em C.E.	B1 Representações sobre o seu comportamento
			B 2 Representações sobre o que determinou a medida de internamento
			B3 Representações sobre a medida atribuída
	2. Identificar as representações dos jovens face ao seu internamento em Centro Educativo	C. Mudanças de Comportamento do jovem em C.E	C1 Impacto de estar no CE
			C2 Perceção e mudança acerca de si
		D. Representações sobre o Centro Educativo	D1 Opinião acerca da função dos Centros Educativos
			D2 Conhecimento e o que ouvia acerca dos C.E antes da sua entrada
			D3 O que considera pior no C.E
			D4 O que considera melhor no C.E
			D5 Identificação do mais importante no C.E
			D6 O momento mais negativo
			D7 No processo de intervenção o que poderia ser alterado, ou não.
			D8 O mais importante no C.E para a sua vida futura
	3 Explicitar a perceção que os jovens têm do seu projeto de vida futuro.	E. Expetativas futuras do jovem	E1 Projeto de vida
			E2 O que deseja após a saída
			E3 Antecipação de dificuldades após a saída do CE
			E4 Como seria a vida lá fora se não passasse pelo CE
			E5 Sentido da vida
Analisar as representações dos jovens relativamente ao Centro Educativo, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de intervenção a que são sujeitos.	4. Identificar e caracterizar as representações dos jovens sobre a intervenção tutelar educativa.	F. Representações do jovem acerca da sua trajetória em C.E	F1 Perceção da passagem pelo C.E
			F2 O que pensa da intervenção do C.E*
		G. Representações dos jovens sobre a intervenção tutelar educativa	G1 Competências adquiridas em Centro Educativo
Conhecer a lei tutelar educativa e o modelo de intervenção educativa	5. Identificar e descrever a lei tutelar educativa e os programas educativos implementados no decurso da execução da medida tutelar de internamento.	H. Conhecimento da Lei Tutelar Educativa	H1 Conhecimento da L.T.E
			H2 O que pensa da L.T.E

APÊNDICE 6

ENTREVISTA DE DIOGO

1.1. Fala-me, em traços gerais, dos momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupos de amigos...

A minha vida é... um pouco igual a de qualquer pessoa, qualquer ser humano...sou filho de uma mãe e tenho uma irmã que tem 26 anos. O meu pai faleceu à cerca de 10 anos, de ataque cardíaco tinha eu cerca de 5 anos... desde a morte do meu pai que fiquei um pouco virado do avesso, desorientado também...acho que foi a partir daí que começou a vir alguns problemas, a adolescência... vivi a minha vida com um pouco de revolta e também a minha mãe teve outra pessoa e eu não era muito de acordo até que me fui habituando... era um pouco estranho... pensava como é que as pessoas conseguiam viver sem um pai e uma mãe ou só com uma mãe...mas sempre me deram apoio... a minha família, a minha irmã principalmente. E cresci com alguns problemas porque segui uma vida que hoje sei que Não devia ter seguido... cometi atos ilícitos... assaltos... tinha droga e coisas assim e andava com pessoas que não devia, foi mais ou menos assim...

A escola... ao início eu não ligava muito à escola... mas não era por não querer porque eu era uma pessoa esperta e com vontade de estudar, de trabalhar mas havia sempre aquelas pessoas que... eu também era muito influenciável... aquelas pessoas diziam anda... e como era o meu grupo de amigos eu também gostava de ir, né? Eu era uma pessoa que se esforçava na escola mas com algumas dificuldades também... eu entrei no dia 20 de março de 2014 aqui no CE e estava a fazer... antes de vir para aqui eu estava a viver com a minha irmã e com o meu cunhado. E tenho 2 sobrinhos, uma menina de 3 anos e um menino que vai fazer 2 anos agora em agosto e estava a viver com eles, já estava a ficar bem, estava a fazer um curso. A escola estava tudo bem só que depois vim aqui parar... já acabei o 6º ano e agora vou fazer o 7º, 8º e 9º... mas não vou acabar por causa do fim da medida.

Eu relacionava-me sempre bem com a minha mãe... não muito com o meu padrasto ao início... ele foi morar lá em casa e eu aceitei-o, respeitei-o.

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Como é que eu hei-de explicar? Eu sempre fui um jovem com alguma revolta dentro de mim, sempre que me diziam alguma coisa, principalmente quando entrei para aqui, quando me diziam alguma coisa... eu era muito reativo, respondia, não pensava, agia logo, era aquela rotina lá de fora, não tinha regras, a minha mãe ou a minha irmã diziam-me para fazer aquilo e eu fazia mas depois saía, era muito reativo... o meu problema era mesmo esse... era muito influenciável também... é só mesmo esse o meu problema de ser muito influenciável assim... reativo...

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Explodiu mesmo...!!! Um grupo de amigos que Não era bom, que não estavam bem e então assaltaram numa noite duas pessoas e eu estava nesse grupo... mas não fiz nada... e quando fugiram e eu reparei que estavam a fugir...eu fugi com eles, foi em alcântara... eu não sabia o que é que estava a acontecer... eles fugiram para uma rua onde estava muita gente e a polícia apareceu e apanharam-nos todos... e então foi o que deu origem a esta medida. 15 meses... só faltam 59 dias... já cumpri um ano e um mês.... só faltam 59 dias... conto os dias... tem que ser... eu nunca fui apanhado a roubar nada... quem roubava eram as outras pessoas, o meu problema foi o grupo com quem eu estava, sempre foi esse o meu problema... não foi eu roubar ou não. Eu sempre que fui apanhado não foi de ser eu a roubar. Eram os outros que roubavam e como eu estava com eles era como se eu tivesse sido também. Para abrir o olho!

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Ao início eu pensei “o que é que isto era” não sabia o que que isto era né? Mas ao longo do tempo fui aprendendo, aprendendo a respeitar as pessoas, os meus colegas... comecei a estar mais perto da minha família. A comunicar mais e essas coisas assim... a ter e a dar mais mimos e essas coisas assim... aprendi muitas coisas aqui... também essa situação de pensar antes de agir... que tem-me ajudado bastante... mesmo muito. Tenho que respeitar aqui as pessoas e ao início ninguém gosta de estar fechado, certo? Eu principalmente não gosto... sempre vivi com liberdade, gostei de estar sempre na rua, era muito o meu passatempo estar na rua... sentia-me bem, mesmo estando sozinho sentia-me bem na rua. No final dos meus 15, 16 anos é que comecei a faltar mais às aulas foi mais aí o problema. Mas vir para o centro educativo, numa certa parte até que me fez bem, também me tem ajudado, acabei já a escola, também trabalho e vejo como é que é as coisas no trabalho... vai-me ajudar bastante!

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Não... de colégio já ouvi falar mas de CEnão. Mas o que eu penso é que colégio e centros educativos é muito diferente. Posso dizer que sou um jovem com sorte porque vim para o pé de pessoas que me ajudam, me apoiam...

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

É sempre um pouco importante porque aprendemos sempre um pouco mais, aprendemos um pouco na vida. Para mim foi importante porque lá fora se calhar neste momento, estava na rua com os meus amigos... acho que me fez mesmo bem vir para aqui. Ter regras e cumprir horários e os horários das refeições, de estar com a família, de estar com os colegas, com outras pessoas... é isso mesmo. Estou a contar os dias para me ir embora mas consigo aprender sempre mais alguma coisa aqui... se eu estivesse aqui revoltado também Não estaria na fase em que estou. Estou na fase II, não estaria na unidade de progressão... isso quer dizer que tenho andado a progredir, que tenho andado muito bem, tenho mais autonomia e essas coisas assim... e então acho que tenho feito um bom esforço, quero mesmo mudar, mudar a minha vida.

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Raiva! A Raiva! Sempre tive uma coisa... sempre que alguém falava assim comigo... que já me começasse a assim a subir a voz, sentia-me mal e não dava... depois eu falava e essa pessoa também falava e depois já ia para outro lado... eu sempre senti assim alguma coisa, sentia-me quente e o meu coração começava a bater muito rápido... sempre fui assim, tinha muita raiva... agora sinto raiva mas consigo controlar-me e isso tem sido muito bom para mim... conseguir controlar isso agora. Antes não tinha controlo em mim e agora já tenho ... foi uma evolução mesmo fantástica.

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

Respeito e humildade. Não sei... andar bem com as pessoas, manter-me sempre ocupado... escola, na formação, na unidade a jogar playstation ou a ver televisão... jogar com os meus amigos aqui dentro, tento sempre manter-me ocupado. Quanto mais ocupado estiver... melhor! E é exatamente o que eu quero fazer lá fora... tenho andado a falar com a minha família para tratar já da escola lá fora, que eu quero continuar a estudar... mas a minha família está a encontrar escolas é à noite. Então se eu for estudar à noite quero trabalhar durante o dia para me manter ocupado. Agora o meu cunhado tem um bar por baixo da minha casa e então eu vou trabalhar para lá, com ele... vou trabalhar com ele durante o dia e há noite vou estudar e também quero tirar a carta de condução. Quero mesmo manter-me assim ocupado. Vou

viver para a minha irmã... tenho ido de férias e tenho estado bem nas férias sem ir para aquele grupo de amigos. E tem corrido tudo muito bem.

2.5.Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Está e tem corrido muito bem.

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

20 de junho, faço anos no dia 10 e no dia 20 vou-me embora. 18 anos!

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Respondeu em cima

3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Respondeu em cima

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Dificuldades deveremos ter todos quando sairmos daqui... algumas pessoas... que moram perto de mim... vou tentar não voltar a estar muito tempo com elas para não me deixar ir outra vez... não vou deixar de falar mas simplesmente tenho que aprender a dizer NÃO... não posso, não quero e não vou. O meu medo mesmo é voltar...aquela vida... longe da família outra vez não... já perdi muitas pessoas que eu amava, por eu estar aqui... acabei com a minha namorada... já estávamos há 2 anos e 5 meses... ela era muito importante para mim... as amigas dela não estavam a ajudar e eu tive que pensar também um pouco em mim... ter namora enquanto estamos aqui fechados nao é bom... não é bom... muitas inseguranças... ciúmes... eu sou ciumento... protejo aquilo que é meu. Exatamente.

Eu digo: amava aquela rapariga... eu dava a minha vida por ela... eu fazia tudo, tudo mesmo por ela mas teve de ser...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Respondeu em cima

4.1.Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Para reeducar alguns jovens que tenham dificuldade em aprender por exemplo regras, que Não respeitam ninguém, que Não conseguem estra na sociedade e que cometem crimes, ficam a consumir drogas... Não estão bem para estar na sociedade.

4.2.O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

A melhor é vermos que estamos a fazer um esforço e sabermos que estamos a lutar por isso e que ao longo desse tempo temos as pessoas, os monitores e os nossos técnicos e diretor a apoiar-nos e a dizer-nos “estás a fazer bem! Continua!” termos os apoios e isso é bom... e o que é mau é que às vezes alguns jovens que não estão no bom caminho, e veem que outros jovens estão a fazer um bom percurso para irem a casa, para estar perto da família e querem mudar e eles tentam prejudicar esses jovens... vêm que eles estão a fazer um esforço e querem fazer de alguma maneira para os prejudicar. Acho isso um pouco mau e já me fizeram isso ao início... e eu cai na armadilha e aprendi e cresci.

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Não sei... já me aconteceram tantas coisas boas. Por exemplo: havia um monitor que estive cá já há algum tempo... era um senhor que eu gostava muito. Ao início tivemos alguns problemas mas depois gostei muito dele. Foi-se embora, foi para Faro... e era uma pessoa mesmo fantástica, gostava mesmo do senhor e quando ele se foi embora e se despediu de nós, foi a primeira pessoa por quem eu chorei cá dentro no centro educativo... foi mesmo uma coisa fantástica mesmo. E isso é uma delas... outra foi a minha primeira saída, fui ao exterior... penso que fui ao sporting... outra delas, é ver as pessoas que têm feito algum esforço mesmo tendo altos e baixos, vê-las terminar a sua medida. Isso também é muito bom... gosto sempre de saber qual é a sensação de cada um... fico feliz... toda a gente merece a liberdade apesar dos seus erros. Ninguém merece estar longe da família e de quem se ama.

4.4. E qual o momento mais negativo?

Mais negativo... foi numa das primeiras semanas, eu cheguei, não me dava assim com ninguém claro... né! E um dos jovens pregou-me uma partida e meteu necessidades à porta da casa de banho, como eu era daquele corredor e tinha saído do quarto, o sr. Pediu para limpar e eu disse “não fui eu” porque tinha ainda aquela mentalidade ainda da rua, lá de fora e disse que não apanhavam, que não tinha sido eu... e que Não ia apanhar... levei um 1... e ele conseguiu-me prejudicar. E levei procedimento disciplinar que é quando nos portamos mal vai um relatório para o tribunal a dizer o que é que aconteceu... e depois ou atrasam-nos um mês para passagem de fase ou se tivermos na II fase podemos regredir para a I, podemos não ir de férias... é isso o ponto negativo...

4.5.A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Deu-me muitas ferramentas... monitores e técnicos aqui dentro têm-me ajudado bastante... fizeram-me ver a realidade como tem que ser vista. Aprendi mesmo muitas coisas. Aprendi a respeitar as pessoas... essas coisas assim... tenho computadores... de manhã tenho a escola e esforço-me para aprender... lá fora quero estudar restauração e hotelaria.

4.6.O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

Não sei... algumas regras por exemplo. Pedirmos autorização para fazermos alguma coisa, se podemos ir à caixa, termos de mostrar o que é que tirámos de doces... pedirmos para entrar em algum lugar, casas de banho, arrecadação, tenho que pedir sempre posso entrar? Sempre fui bem educado, quando estava na casa de alguma amigo também pedia...

Levantar cedo, não é alguma coisa que eu goste, mas temos que nos habituar quando lá fora tivermos trabalho, escola... deitar cedo custou... estar fechado entre as paredes do quarto... não dá mesmo.ao início nem sabia o que é que me estava a acontecer, foi muito estranho mesmo... estar fechado num quarto para mim é um horror... quando precisamos de ir à casa de banho tocamos numa campainha e eles ouvem lá no gabinete e vêm à nossa porta.

Não alterava nem os monitores nem os técnicos, não alterava. São boas pessoas, vêm que quando algum jovem não está bem ou está em baixo, são os primeiros a ir ter connosco e ajudar. Há um ambiente de família entre alguns jovens e monitores. Esta é a minha família, estou na minha segunda casa, tenho que pensar assim porque senão vai-me dar uma coisinha má e vou morrer aqui dentro a pensar negativamente. Jovens, monitores é a minha família... lá em cima éramos muito unidos – na unidade de acolhimento... cá em baixo (unidade de progressão) temos mais autonomia, mais liberdade, mas não somos tão unidos...é diferente. Gosto muito do diretor ajuda-nos bastante também...

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

O que é que estaria a fazer agora... às vezes também penso... será que estaria melhor ou pior? E penso sempre um pouco nos dois... e se estivesse melhor ainda bem para mim... estaria a estudar, ao lado dos meus sobrinhos ou a trabalhar... a ver o crescimento deles que é uma coisa que eu adorava... mesmo. Ao lado da minha família... tinha tudo 5 estrelas...

Se estivesse mal, poderia estar talvez bem... poderia estar a pensar que estava bem mas não era com o pensamento que aprendi aqui. Com alguns remorsos talvez... eu via sempre a parte da outra pessoa que estava a ser vítima...

Sinto-me estranho às vezes quando vou lá fora... é outro mundo, às vezes parece que já nem sei andar na rua... eu quero sair daqui capaz de começar uma nova vida e estou-me a esforçar para tal.

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

É aquilo da lei e dos artigos.. é um livrinho que tem todos os artigos da lei... dos regimes... não percebo muito dessas coisas assim das leis. Essa lei é para os jovens que é têm entre 12 e 16 anos que fazem crimes...

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Ouvi no tribunal... mas não me explicavam muitas coisas... so me disseram o que ia fazer aqui.

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Se não houvesse essa lei eu estava em casa ou num sitio pior. Penso que ajuda os jovens e não são coisas assim muito pesadas. É conforme o ato que a pessoa fez. Para mim foi justa a medida que me deram...

ENTREVISTA DE LUÍS

1.1. Fala-me, em traços gerais, dos momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, o grupo de amigos...

Então... não tive infância. Vivi com os meus avós, mas depois tive com a minha mãe, o meu pai abandonou-me, tive com o meu pai em pouco tempo porque ele depois abandonou-me... tive com a minha mãe, não gostava de estar com ela porque era mal tratado. A minha mãe era tocodependente e depois vinha-me bater a mim quando não tinha o que queria. Tomei conta de uma irmã bebé com um atraso no desenvolvimento, sozinho, não tinha a ajuda de ninguém. Tinha o apoio dos meus avós mas não conseguia estar com eles. Fui um jovem sem infância... não tive tempo para ser criança... a minha vida não me deixou. Tive que aprender a tomar conta de mim sozinho desde pequenino. Não tinha familiares para isso... a minha mãe nunca se interessou muito por mim. Sempre foi outras coisas mas não os filhos. Eu é que depois fui crescendo, comecei desde pequeno com os hábitos de bairro e essas coisas e aprendi rápido. Ainda era jovem e não podia trabalhar comecei a traficar droga para poder ter comida, para pôr algum dinheiro em casa. Depois fui crescendo, fui para a casa Pia que é um Lar. Um ou dois anos antes disso, tive no meu padrinho, um padrinho que se interessou por mim. Eu não me portei bem com ele. Não era bom aluno na escola, tinha os amigos... as professoras gostavam de mim mas tinha dificuldade na aprendizagem. Depois fugi da casa do meu padrinho, fui ver a minha irmã à minha mãe e foi quando soube que a minha irmã tinha ido para um colégio também e fiquei em baixo com isso e então ainda comecei a fazer pior. Tava tão em baixo de estar maneira que não gostava que ninguém fala-se para mim. Se alguém passasse na rua e me olhasse de lado eu não gostava. Partia para a violência verbalmente ou fisicamente. Mas depois reconheci que isso não era bom. Fui para a casa Pia, entretanto a polícia foi-me buscar a casa. Fui para uma esquadra e depois fui para um Colégio da Casa Pia aqui em Belém. Tive lá um ano. Depois saí, o mínimo é 6 meses mas eu tive um ano. Fui para um Colégio ao pé do elevador da Bica que se chama Santa Catarina, ao pé do Cais do Sodré... Bairro Alto. Depois cresci. Antes de vir para aqui sempre tive o meu grupo de amigos, crescemos juntos, eles sabiam da minha vida. Alguma vez quando viam alguma coisa que se passasse comigo eles ajudavam-me, nunca me deixavam sozinho... Quando eu me comecei a meter na vida do crime aconselhavam-me a não fazer alguns deles... outros faziam comigo... pronto... diziam que me queriam ajudar e eu sempre os ajudei em tudo o que pude, alguma dificuldade que tivessem, tudo o que eu pudesse, procurava qualquer opção para os poder ajudar. Depois... fiz... cometi muitos erros, assaltei casas, roubei pessoas, mas eu não culpo a minha infância por isso. A minha infância não tem nada a ver com isso, eu podia não ter feito... podia ter dito que não a essas coisas... muitas delas ... o tráfico eu não tive opção. Com aquela idade, a única que eu tinha das ruas era a opção que eu via. Roubar pessoas... como eu não queria fazer mal às pessoas optei por isso. Ou fazia mal de certo modo em fisicamente estar com elas eu sei que fazia mal na mesma em vender droga... Depois isso foi passando... parei com isso. Continuava com os roubos. Entrei para a Casa Pia e os roubos acabaram, tive aquelas confusões de rebeldia quando se metiam comigo. Tinha 14 anos acho eu. Ainda estava com aqueles instintos de rua de me defender de tudo e de todos. Não confiava em ninguém, até hoje ainda não confio. Não vejo ninguém em quem posso confiar. Mas fui-me habituando a ouvir mais as pessoas. Conselhos do meu avó também, que sempre gostou muito de mim e foi o meu conselheiro para ouvir melhor os adultos. Ia lá passar o dia com eles, ou uma tarde era o suficiente. O meu avó sempre soube que eu nunca confiei em adultos. O meu avó sempre soube de tudo, os meus avós sempre souberam tudo o que eu fiz, nunca escondi nada. Achei que são pessoas que não mereciam, não merecem... havia algumas coisas mais graves que eu não conseguia contar. Não por cobardia mas por amor que eu sinto aos meus avós. Não gostava de ver eles tristes. Sempre gostei que eles tivessem orgulho em mim e não que me vissem como um bandido qualquer. Eles sempre me apoiaram e por isso sempre quis eles orgulhosos de mim. Depois foi quando eu vim para aqui. Estou aqui há 3 meses, quase 4. Os meus avós, a minha irmã mais nova e o meu padrinho costumam vir aqui ver-me. Tive um pouco de dificuldade em chegar aqui e me habituar a estas coisas. Já andei à porrada e já tive discussões. Quando cá cheguei andei à porrada com um colega meu, tive no quarto do castigo, eu não gostei mas deu para pensar. Dei a minha palavra ao Dr. Que não ia voltar para aquele quarto, tenho

feito um esforço para isso. Já lá vão dois meses e tal. Eu sou o educando que vai ser o mais antigo daqui. Que vai ficar cá mais tempo. Dei a minha palavra ao Dr. Que não voltava ao quarto do castigo e estou a cumprir, com alguma dificuldade. Tenho andado em baixo, sinto falta de estar lá fora. Só saí daqui para ir ao médico e a tribunais e à polícia.

A escola? Não ia à escola... Até ao 5º ano sempre fiz bem a escola. Nunca tinha chumbado. Porque o meu avó sempre me deu aquela ideia dos estudos, que podia melhorar a minha vida, para ajudar a família mas depois fui por maus caminhos, deixei-me levar. A partir do 6º ano nunca mais passei. Ia à escola mas não ia às aulas e quando ia não conseguia estar atento, sempre tive alguma dificuldade em me concentrar mas quando estava concentrado aprendia rápido. Gostava de ir à escola mas pronto... este ano antes de vir para aqui tava tudo a correr bem e que este ano ia conseguir fazer as coisas bem... quando depois tive de começar do zero mais uma vez... na minha vida... e vim para aqui...

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Tomava conta de mim, não precisava de adultos, como a maior parte da minha vida nunca precisei... tomava conta de mim... sabia fazer bem as coisas... sabia o que está bem e o que está certo... comecei a traficar com 9 anos... tinha amigos com uma história parecida com a minha e optamos por essa opção... eu sabia onde é que estava as coisas (droga) sempre soube tudo. Sabia onde é que se tinha que ir fazer... quando fui para Oeiras é que comecei a expandir, além de fazer dentro da escola fazia na rua também. Foi quando comecei a expandir mais... ganhava muito dinheiro com isso... depois de ir para Oeiras já não tinha a preocupação da minha irmã, porque sabia que ela estava num bom sítio... ela era bem tratada eu cheguei a ir lá vê-la... notava-se que gostavam da minha irmã e ensinavam-lhe as coisas... as senhoras lá diziam-me para eu estar descansado e eu lá reparava que tinham afeto, não era aquele fingido... tratavam bem da minha irmã então comecei a lucrar mais para mim... tive, tenho o meu grupo... São os meus rapazes e lucrávamos para nós. Roupas, íamos comer fora, ao cinema, íamos nos divertir.

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Mandaram-me uma carta para eu vir para aqui e eu vim pelo meu próprio pé. Eu... foi por causa de roubar, assaltar as casas, fazer bombas com ácido. Fazer coisas assim... eu lutava muito. Por isso é que tenho os meus dedos tortos, lutava com pessoas mais velhas. Lutava muito. E estou arrependido disso.

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Foi mau porque o tribunal sabia que eu já tinha construído uma vida do zero outra vez, e eu já estava bem e foram-me por a começar do zero outra vez... estava normal... eu já tava bem e estão-me a pôr a começar do zero de novo. Eu sabia que um dia tinha que pagar pelo que fiz mas dois anos para mim foi um exagero... mas pronto tenho que cumprir.

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Já. Desde pequeno. Os mais velhos diziam isso.

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

Sim é importante. Por um certo lado sim porque aqui pelos menos tenho gosto pela escola, tomei gosto pela escola... não é por me obrigarem a ir mas eu mesmo tomei gosto pela escola. Gosto da minha formação porque me puseram numa formação de jardinagem e eu sempre gostei muito de tudo o que tem a ver

com a natureza, animais... sempre gostei muito de trabalhar com as máquinas. Gosto de cortar relva com a roçadora, gosto bastante. Poder cortar as árvores e essas coisas... tratar das plantas... eu gosto.

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Já. Estou mais calmo. Já oiço mais os adultos, já tomo mais em conta o que me dizem. Não consigo confiar nos adultos mas sigo mais os conselhos que me dão. Tento... faço um esforço maior para seguir os conselhos que me dão.

Não confiar nos adultos porque? Deram-me tantas facadas nas costas que não... quando era mesmo novo atraíam-me tanto que...

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

A escola. A jardinagem, o meu curso. Aprendi que é bom saber sempre pensar. Pensar sempre no que se faz e no que se vai dizer. Pode-se dizer tudo mas de uma certa maneira que não magoe as pessoas. Eu aprendi isso que quando vim para aqui. Aprendi a falar melhor com os adultos, com as pessoas em geral. Sinto-me melhor assim não preciso estar sempre assim a levar tudo para a violência. O que é bom para mim e para o meu bem estar.

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

É bom para lidar lá fora também porque muitas das coisas que se passam aqui acontecem lá fora. Agente aqui habitua-se para depois poder aplicar lá fora. É bom porque ao menos aqui eu erro e tenho alguém que me corrige e diz “olha não é assim... é assim” e eu aprendo não é? Porque lá fora não ia ter depois ninguém para me ensinar isso.

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

2017

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Desde pequeno que sempre tive o sonho de ser cozinheiro. E é o que eu vou seguir quando sair daqui. Sempre lutei por isso. Cozinhava.... e fazia experiências em casa. Ia a minha avó e a minha avó ensinava-me e depois experimentava fazer sozinho. Umas corriam bem outras não mas nunca desisti. Gostava de ter um restaurante.

3.3. O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Ter uma boa vida lá fora, sossegada. Criar a minha família, cuidar dos meus e ser sossegado. Já chega de stresses e essas coisas todas.

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Algumas mas eu sei ultrapassar as minhas dificuldades. Aqui dentro estou a aprender também outras maneiras de ultrapassar certas situações. Eu chegando lá fora vou ultrapassá-las. E vou ser bem sucedido. Gostava de ir viver sozinho... sair daqui vou começar por um apartamento e faço questão de continuar os estudos. Seguir o meu curso de cozinha. Depois arranjar trabalho e uma casa grande com a família.

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

É importante porque aqui aprendo coisas novas.eu quero ser cozinheiro claro que não tem nada a ver com jardinagem mas é sempre bom saber. Eu tenho uma herança com casa grande com terreno... tenho uma no Alentejo e tenho uma herança de uma vivenda grande em Oeiras que tem terreno também. Eu já sabia cuidar disso mas agora aprendo mais, coisas novas... o que é bom lá para fora saber cuidar de alguma coisa... mesmo que não fosse para mim eu podia ajudar...

4.1.Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Para reeducar os jovens. Para aqueles que têm dificuldades saberem distinguir aquilo que está bem do que está mal. Eu acho que vir para um CE é mau não tenho aquela liberdade como temos lá fora mas aqui ensinam-nos que podemos ter um bom futuro, tudo o que fizemos mal fica lá para trás não volta só volta se nós quisermos e se tomarmos essa atitude. Quem quiser melhorar temos aqui ajuda. E então não dão uma pequena ajuda... dão uma grande ajuda até.

4.2.O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

Darem a oportunidade de termos um novo futuro. Estar longe de tudo o que estávamos habituados. Estar longe da família, dos amigos e da realidade que tinha antes. Eu falo por mim que tinha liberdade.

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Foi quando voltei a ver a minha irmã, aquele que eu tomei conta porque ela estava com o pai dela e eu não sabia o contacto e um dia ela apareceu aí. Fizeram-me uma surpresa, ela veio aí com o pai dela. O pai dela sempre gostou de mim também achava-me um bom rapaz... e eu quando vi a minha irmã fiquei todo contente. Foi a melhor coisa até hoje.

4.4. E qual o momento mais negativo?

Foi ter vindo para aqui. O mais negativo não foi andar à porrada... foi eu não ter tido capacidade para poder dizer que não. Não ter capacidade para me controlar, foi o que me frustrou mais. É não me conseguir controlar diante de certos impulsos não me controlo.

4.5.A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Estou-me a tornar uma melhor pessoa daquilo que já era. Sinto-me mais responsável e dou conta do meu crescimento em ocasião de lidar com varias coisas da vida boas e más. Eu acho que é importante saber lidar com coisas mais e saber trabalhá-las para se tornarem boas.

4.6.O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

A ajuda que dão aos jovens. Financeiramente e com os sentimentos. Não são pessoas que falam só por falar. São pessoas que falam para nos sentirmos bem. As pessoas aqui têm carinho por nós e isso é um carinho verdadeiro. Sinto-me acolhido. Se soubermos sempre lidar bem no sítio onde nos encontramos vamo-nos sentir sempre acolhidos.

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Estava na escola... estaria a continuar com os estudos, continuaria na casa pia, o que me aconteceria era ir para um lar de acolhimento... iria continuar a minha vida. Eu posso ter dinheiro e não ter respeito das pessoas que estão a minha volta. O dinheiro é fácil. Eu facilmente arranjo dinheiro mas eu prefiro ter o respeito das pessoas. Nunca deixei que o dinheiro me afeta-se.

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Hum. Hum... é a medida que nos dão para cumprir e dentro dessa medida temos objetivos que devemos cumprir. Um jovem que chega aqui com uma medida é sempre bom cumprir tudo o que há para cumprir... pode achar que não é bom para ele mas um dia mais tarde ele vai pensar “se não fosse aquela medida eu não tinha aprendido isto!”... é sempre bom.

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Já ouvi os adultos lá fora e a minha tutora já me falou nisso.

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Para alguns jovens sim... há jovens que pensam que nunca vão mudar e às vezes virem para um sítio assim como este tornam-me as melhores pessoas do mundo. Conseguem-se tornar das melhores pessoas do mundo.

Qual é o sentido da tua vida.

A minha vida é importante... não é ser convencido mas a minha vida é importante para bastantes pessoas... é importante para mim... porque posso fazer muito mais pelos outros... gosto de ajudar as pessoas. Sinto que posso fazer muito mais do que o que já fiz, sinto que posso ajudar as pessoas... que estejas piores que eu.

Além do respeito que já tenho quero ter mais respeito pelas pessoas aquelas que me conhecem sabem sempre que podem confiar em mim, podem sempre confiar, nunca as desiludi. **Ter o respeito dos outros.**

ENTREVISTA DE PEDRO

1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, o grupo de amigos...

A minha infância foi sempre assim do bairro... era sempre assim com as minhas companhias, com os meus amigos, os meus pais divorciaram-se também cedo... viva com o meu pai, mãe e o meu irmão. Fui sempre reguila mas quando eles se separaram era também novo, tinha para aí 6 anos 7... foi também quando comecei mais a desatinar... depois fiquei a viver só com a minha mãe e o meu irmão e depois tive um padrasto. Os meus amigos também muitos deles eram más influências, claro mas, sempre foram meus amigos... mas também tenho outros amigos que são bons amigos e em relação à escola, desde o 1º até ao 5º ano sempre fui bom aluno só que depois comecei a desleixar-me mais para a escola... comecei a faltar, a desrespeitar assim os adultos... com a minha mãe a relação sempre foi positiva, sempre admirei muito a minha mãe, a minha mãe sempre trabalhou muito também... para nos sustentar... o meu pai nunca foi assim muito agarrado a mim só depois de que eu vim para aqui é começou assim a ter mais ligação comigo, a querer ligar-se mais comigo. O meu padrasto a relação também é positiva, também me dava bem com ele. O meu irmão... era aquelas confusões de irmãos mas sempre gostamos muito um do outro também.

Comecei a fazer coisas que não devia, tipo roubos e coisas assim tinha pr' aí 12 anos, com outras pessoas e as vezes sozinho.

Desde que os meus pais se separaram até aos 12 anos, a minha mentalidade foi crescendo muito, os pensamentos que eu tinha desapareceram, comecei a lidar mais com outras pessoas, criei mais a má vida assim e a escola comecei-me a desleixar. Comecei a fumar, comecei a querer outras coisas para a minha vida, nem eu sabia quais. Basicamente isso, depois comecei a roubar...

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Muito mau, muito mau... sempre tive a consciência que isto (CE) para mim foi o melhor que me podia ter acontecido eu ter vindo parar ao CE porque senão eu não ia conseguir parar e já não ia parar aqui ia parar tipo aos serviços prisionais... eu estava mesmo a ficar um bocado cego, estava só no mundo da droga, com os amigos, já não ligava nenhuma à família... era basicamente essas a minha vida, a escola nem queria saber... já tava mesmo a chegar à minha sepultura.

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Tenho alguns processos, tenho uns 5 ou 6... uns foram de roubo... apanharam-me... um foi de roubo e esfaqueamento... apanharam-me pelas câmaras da estação. Outra foi também no comboio essa apanharam-me mesmo em flagrante... depois levaram-me para a esquadra e depois chamavam a minha mãe... passado algum tempo... e outros foram de roubo e ameaça. Essas coisas assim. Um processo que ainda está pendente é um que eu tinha 12 anos... mas depois de três meses quarto... fui a tribunal, falei com o procurador, o procurador mandou logo para julgamento porque era demasiado grave e depois desrespeitei um bocado a juíza e mandaram-me para Caxias... e estou aqui há um ano...

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Sinceramente acho que foi muito adequada mesmo. E até podia ter sido pior... podiam-me ter deixado em Caxias também. Podiam-me ter dado mais medida estavam a propor mais medida. Mas sinceramente acho que eu vou conseguir organizar a minha vida e já estou a conseguir.

Em Caxias era um clima muito mais tenso... é regime fechado. Aqui estamos sempre a apanhar ar... lá não... só apanhávamos ar duas vezes por semana e no máximo eram duas horas. Um dia íamos fazer ed.

Física ficávamos lá fora uma hora e entrávamos para a unidade, tínhamos as visitas ao fim de semana lá dentro da unidade, a escola era dentro da unidade... era um bocado mais pesado mas a nível de amigos criávamos mais ligações com os outros jovens, com TPRS... muito mais... depois também nos ajudam, ajudam-nos muito porque sabem que aquilo não é fácil.

Sinceramente, em Caxias era muito pesado mas gostava muito de lá estar porque gostava muito das pessoas... aqui apanhamos mais ar, estamos mais na rua mais abertos...

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Já... tinha muitos amigos que já tinham vindo parar aqui... eu também já tinha passado muitas vezes aqui de comboio e olhava para aqui...

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

Se é importante para mim? É! Para já porque ajudou-me em muitos aspetos a nível psicológico... e porque está a fazer com que eu crie mais ligações ainda de afetos com a minha família, está a fortificar mais a nossa relação. E também claro... para pensar mais na minha vida e criar outros objetivos para a minha vida, tornar-me mais resistente à facilidade de voltar para a mesma vida.

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Já mudei a maneira de ver as coisas... já criei mais objetivos para a minha vida. Já comecei a pensar mais na minha mãe, mais na minha namorada, no meu pai, no meu irmão, na minha família e nas pessoas que realmente me amam e me valorizam... claro, os meus amigos também... os verdadeiros.

A minha maneira de pensar, como é que hei-de explicar? Antes era muito frio... era muito... não tinha sentimentos para com as outras pessoas... fazia as coisas e não pensava nos outros, agora quando penso numa pessoa que eu fosse roubar já ia pensar mais “porque é que fui fazer aquilo?” aquela pessoa como é que vai ficar agora? Naquela altura não queria saber disso, era irrelevante para a minha vida.

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

Na formação já aprendi muitas coisas, estou na manutenção hoteleira... remodelar casas... aquela casa cor de rosa as paredes estavam todas a cair e nós é que estamos a arranjar aquilo tudo e vamos mantendo.

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

É muito importante. Porque sinto que as pessoas estão a lutar por mim e sabem que eu posso seguir outra vida e confiam em mim... querem confiar em mim... e que eu siga outra vida. Eu gosto de ver isso nas pessoas que confiam e apostam em mim que é para eu também lhes causar desilusões, e saber bem em quem é que eu posso confiar e como é que eu hei-de ver como é que são as pessoas mesmo.

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

28 de maio 2016

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Para já quero, tirar o 10º, 11º e 12º... quero tirar a carta, quero tirar um curso de segurança e claro ir também para o ginásio... estar entretido... constituir família e os meus filhos...

3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Que se realiza-se...

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Quando eu quero uma coisa quero mesmo... e não vou desistir facilmente... as maiores dificuldades vai ser para mim, se calhar agora já não porque já tenho outra maturidade mas claro que é voltar para o mesmo bairro, amigos, influências... fumo... roubos... aquelas coisas todas... mas eles já sabem o que é que eu quero para a minha vida... também já fui de férias e vou mostrando que já tenho as minhas mudanças e eles vão-me respeitando, é o que interessa. Estou na III Fase, no dia 16 de abril.

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

É importante porque estas pessoas estão-me a ajudar a criar os meus objetivos... ajudar-me a pensar e ver que na minha vida não pode ser tudo ao acaso. Tenho que pensar na vida com antecedência tenho que pensar no que eu quero para a minha vida e isso que eu estou a fazer... a reestruturar bem o que é que eu quero para a minha vida. Estou a pensar nisso dia para dia... e a tentar que isso se realize.

4.1.Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Para muitos rapazes, para os educar, nunca tiveram uma educação e outros mesmo, reeducar para o direito, para o bem estar...ajudar-nos a pensar nos outros... a criar mais ligações com a família porque nós saímos do mundo da bandidagem...

4.2.O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Quando passamos de fase é muito importante... porque é demonstrar que alguém confia em nós e que aposta em nós. E ir de férias... é o momento mais importante e mais feliz... é uma ansiedade...

4.4. E qual o momento mais negativo?

4.5.A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Deram... para que não desistisse tão facilmente dos meus objetivos... aprendemos a lidar mais com a frustração, a lidar com os outros... ajudam-nos muito à base nisso...

4.6.O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

O Chapatô, temos capoeira... e isso não mudava... porque ajuda-nos muito. Nem sequer as regras eu mudava, algumas eu não concordo mas não mudava... por exemplo: não podermos ter o cabelo como queremos, não podermos ter a barba grande, não podermos fazer a depilação...essas regras... não podermos deitar-nos mais tarde... mas se calhar são aquelas regras... obrigarem-nos a fazer as faxinas, isso é muito importante também para a nossa vida. Ajuda-nos a criar hábitos... que nós lá fora muitas vezes não tínhamos...

Quando entrei fui para o quarto de isolamento... não notei muito porque estava mesmo à deriva... mas depois aquela rotina de deitar às 8h... ficamos mesmo... desconfortáveis...

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Estava na rua com os meus amigos a fumar... e há espera que alguém dissesse vamos dar uma volta para ver os alvos e pumba... e agora estaria em casa com a minha namora e a minha mãe, mas claro que também ia ter com alguns amigos, passava um tempo com eles e depois voltava para casa. Já namoro com ela há 2 anos e tal, ela desconfiava que eu andava nessa vida, mas desde que estou aqui ela sempre me apoiou... nunca me abandonou... escreve-me cartas todos os fins de semana. É uma pessoa muito presente...

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Já! Já ouvi falar... é a lei dos jovens... tem lá os direitos e os deveres... medidas... os regimes... fala... das revisões de medidas... da gravidade dos crimes...

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Já... no tribunal e os Drs. Aqui também falam disso

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Claro... se não fosse assim muitas vezes, ninguém cumpria as leis, ninguém fazia nada de bom... Sentido da vida: o grande objetivo da minha vida é ter uma vida estável e ser o melhor pai do mundo. Mas principalmente ser um bom pai... quero que os meus filhos tenham orgulho de mim...

ENTREVISTA DE MARIA

1.1. Fala-me, em traços gerais, dos momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos...

Há palavras que eu não percebo porque sou um bocado assim... quem é a minha família? Vivia com a minha mãe, o meu pai... as minhas irmãs... nós somos 7, sou a mais nova mas também há dois mais novos que eu. Entretanto o meu pai faleceu há dois anos. Antes do meu pai falecer era tudo muito bonito. O meu pai trabalhava e a minha mãe tomava conta de nós. Mas as minhas irmãs sempre trabalhavam. Agente nunca... tava tudo bem. Aquando o meu pai faleceu as coisas mudaram muito. eu comecei a fazer porcarias, comecei a ficar assim... um bocado da cabeça... (transtornou-te o teu pai ter falecido, foi?) Sim. (davam-se todos bem...) sim. (o facto do teu pai ter falecido fez com que ficasses um bocado confusa e baralhada, foi isso?) sim.

Eu tenho o 9º feito, só que é um problema. Eu estou no pífio e tava a tirar um curso, no estágio, era cuidar das crianças, 3, 4 e 5 anos. Mas elas dão muito trabalho e fazem muito barulho... (ri-se)... que eu me lembre antes de o meu pai falecer eu não fazia desordem na escola. Depois eu faltava às aulas... e ia pra rua sempre... e às vezes não ia à escola... já uma semana, duas... já chegou a 1 mês... (ri-se) ia vadiar aí... tão quando eu era pequeninha eu dava-me bem com toda a gente... era tudo muito bonito e quando as pessoas crescem (ri-se) ainda melhor!!! (ri-se) depois comecei a fazer porcaria, comecei a fumar, a beber, e a sair e olha... os meus amigos eram muito mais velhos e vadiavam.

A relação com a minha mãe é e sempre foi muito boa. A minha mãe dava-me porrada por eu não ir à escola. Dava-me castigos, ficava trancada... dentro do quarto... já me partiu um telemóvel e tudo... e eu não queria saber, né? Sempre tipo tratei bem a minha mãe.

Ao perguntar pelas irmãs mais velhas a Mariana responde: Todas elas fizeram porcaria também, toda a gente... só que elas emendaram logo e a minha mãe dizia a elas, ah vou pôr no colégio... e não sei quê... e elas tinham medo. E eu... eu digo que há sempre uma que vai parar a um colégio ou coisa assim... e fui eu. Já é o segundo que eu estou. O primeiro foi no centro de acolhimento temporário de vila real ... um ano e três meses. Ia a casa de férias, de fim de semana, quando era feriado à sexta feira também ia. Era 40kms. Ia no comboio. A minha mãe ou as minhas irmãs dava o dinheiro. E eu ia... quando o meu pai faleceu passado 3 meses a minha mãe foi para a França trabalhar. Levou os meus irmãos mais novos os dois e eu fiquei com as minhas irmãs. Só que não deu resultado e fui para o colégio, só que entretanto melhorei e tudo. Tipo ficou as coisas bem. Eu quando sair daqui se Deus quiser vou para a França ter com ela, tenho que fazer a minha vida.

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Mau... mau... vejo que as coisas não correram bem... de eu andar a fumar e a sair e essas coisas não devia ter acontecido. Mas como os jovens de hoje em dia já querem tudo, já experimento aquilo e aquilo... é normal agente ter... como é que eu hei-de dizer.... passar por essas fases... acho que é normal e eu fiquei lá nessa fase.

No centro de acolhimento, fazia tudo direito, eu melhorei muito e graças a eles consegui mudar. Houve uma vez quando cheguei logo lá, fugi... foi só para ir dar uma volta à noite mas depois vim... mas depois tive a técnica à minha espera e tive a GNR. Fiquei de castigo, tive quando cheguei lá, tive 8 meses sem ir a casa. Mas depois comecei a ir a casa e a fazer de tudo e... elas já tinham confiança em mim e eu já era a melhor delas todas, porque elas faziam a porcaria e eu já tava bem. Tava tudo bem... depois houve este problema e eu tive que vir.

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Porque eu bati numa professora, tinha 15 anos, depois a polícia veio-me buscar, fui expulsa... e na se que... depois fui para o centro e depois fui a julgamento duas ou três vezes e disseram que tinha que vir pra qui. Depois tive um advogado, porque eu tinha 5 dias para ir para um colégio e o meu advogado recorreu. Depois na segunda feira é que me disseram. Quando eu estava à espera da resposta lá do tribunal eu tava no centro de acolhimento. Não pensei que vinha para aqui porque as técnicas me diziam “tá tudo bem contigo” porque tás a ser uma mulher aqui e não se que, na se que... mais... e depois eu vim para aqui...

Eu tinha fumado charutos... oh pá... só que eu tive um problema... é que eu nunca passei disso... nem eu queria... só o haxixe só... nunca passei disso. Ou cigarros ou haxixe... eu tinha... a minha mãe dava-me dinheiro para a escola ou isso... e eu dizia que comia mas era para comprar haxixe. Depois eu contei toda a verdade à minha mãe, a minha mãe soube de tudo... tem que ser.

Cheguei a sala, a professora também é manipuladora porque ela arranhava os alunos e depois diz que não..oh pá... pode ser professora mas também tem um feitio complicado, não é só os alunos.. há professoras que até dão raiva. E ela chegou ao pé de mim.. e eu tinha um casaco em cima da mesa... e eu já está assim meia almareada logo de manha... a professora chegou ao pé de mim tirou o casaco e mete na mala dela. Na mala dela... eu... oh atão onde é que tu vais? E ela assim... falou mal e eu cheguei ao pé dela e tirei o casaco... fui mesmo à mala dela e tirei o casaco. E fez-me assim e assim...(apertou o braço) e eu já tava nervosa... puxei-lhe no cabelo e bumba, e bumba... foi até ao quadro... (ri-se) não foi de propósito porque eu sei que tive mal mas a professora também teve. Se fosse hoje não lhe batia porque eu não queria estar aqui nesta... ela ficou toda arranhada, o quadro caiu-lhe para cima... a minha é da minha turma nessa altura e quem nos separou foi a minha irmã, mais ninguém. Depois chamaram os funcionários, chamaram tudo, a polícia veio a escola buscar, levou-me para casa, fui expulsa... da escola pois passado 3 meses fui para o CAT.

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Tenho que... como é que hei-de dizer... tenho que aceitar porque fiz mal e tenho que cumprir a medida... depois eu saio daqui como se fosse uma mulher... oh pá... o importante é que eu estou aqui e vou aprender mais coisas, cada dia nós aprendemos...

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Sim... lá no centro tá lá um assim meio louco, e que ele já teve em Coimbra. E ele diz que o centro dele é igual a este. E ele contou-me as coisas. É parecido com o que se passa aqui. Ele dizia que estava fechado no quarto e tenha só a janela e a campainha e aqui também tem. Temos fases... dos comportamentos e é tudo igual a ele. Para ver se agente atina. É sempre a mesma rotina... e isso afarta-me e não posso fazer nada porque estou assim fechada... não tenho vontade de bater em ninguém mas eu era para partir a janela ali do quarto mas não parti. contei até três, não vale a pena e depois eu é que ficava pior. Porque eu passados meses quero ir de férias, quero sair daqui um bocado para ver se eu alivio a cabeça ou isso. Estar aqui trancada todos os dias também faz mal, né? Acho eu. Não é por agente fazer um crime que vão torturar sempre agente... agente também tem direito de ir a casa. De férias ou se agente portar bem temos...

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

É. Para ver se eu aprendo, para ver se entra alguma coisa na minha cabeça.

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

A maneira de pensar é outra.

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

Respeitar. Respeitar os outros.

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

As pessoas aqui são boas pessoas. E ajudam-me. Quero cozinha para aprender para quando sair daqui... agente come... agente faz e come... ontem comecei e comecei logo a comer.

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

Daqui a um ano. 21 de abril 2016

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Devo ter... era para ir num curso... de mesa e bar. Não sei... cada vez é um dia... eu não penso muito... desde que se ganhe dinheiro e esteja tudo bem na vida isso é o mais importante.

3.3. O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Gostava de ir ter com a minha mãe, para a França, para trabalhar. Aprender francês.. quero ter uma vida normal. Eu daqui tenho de ter já uma ideia... eles aqui já querem saber... eu afastei-me dos meus amigos... quando fui lá para o cat.

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Todos nós temos dificuldades em algumas coisas... não sei.

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Por um lado, para as pessoas e o mundo ter consciência do que faz... porque senão não somos ninguém. Ajudam-nos... no que podem.

4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

É conviver com as colegas, com os tprs, com os diretores, agente falar é bom...

Fechada aqui o dia todo é obra. É sempre a mesma rotina até dá dó. O quarto... so tem a janela... assim um quadradinho... e não tem maçaneta... e de dentro não tem e agente não consegue abrir, sorte é que tenho lá a campainha... não consigo dormir à noite... deitar às 8h... aquilo é tijolos, não tem propriamente guarda-fatos é prateleiras... e é tipo um colchão mas tem tijolos... eu quando vim para aqui fiquei à toa... nunca pensei... aqueles quartos é para quando agente vem... os outros também são assim... mas depois agente começa a ter as nossas coisas... Chorava... o quarto. Detesto o quarto mas tem que ser.

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Houve... está tudo a ser simples e normal... o que eu fico mais contente é quando tenho telefonemas... ontem falei com a minha mãe...

4.4. E qual o momento mais negativo?

Chegar aqui. Fartei-me de chorar e era para partir a janela.. precisava de fumar... a cabeça já andava à roda... eu já andava a tremer. Pensei três vezes...pensei...

4.5.A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Sento-me à vontade... e que aprendo coisas que são importantes...

4.6.O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Ia correr bem porque eu estava noutro centro e lá também me ajudam, eu fiz-me uma mulher desde que estou lá, porque aqui só estou há uma semana.

5.1.Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

É isto. Não me lembro.

5.2.Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Para que as coisas não aconteçam... para não acontecerem coisas más.
A minha vida tem um sentido. Queria ter a minha família ao pé de ti, sinto-me bem e feliz. E temos que fazer por isso... para que a vinha tenha um sentido. Eu estou arrependida. Temos que bater com a cabeça na parede para aprender. Acho que as porcarias já foram.
As freiras não podem fazer as crianças?

ENTREVISTA DE MADALENA

1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos...

A família... eu aos nove meses fui adotada porque a minha mãe deixou-me, já tinha tido um filho, mas a minha mãe era muito novinha tinha 16 anos. Ela deixou-me e eu fui adotada pelos meus tios-avós. E vivi com eles até aos 12 anos, aos 12 anos fui abusada... sexualmente... e depois comecei a ter um comportamento diferente. Pelo meu treinador de atletismo. Depois comecei a ter um comportamento diferente a partir daí, não fala com os meus pais, nunca queria estar em casa e depois comecei-me a portar mal. Depois fui para um colégio e depois eu lá no colégio... eu nunca tinha contado aos meus pais... só quando fui para o colégio é que eu contei. Depois isso foi comprovado e essa pessoa foi presa. Mas a relação com os meus pais sempre foi boa até aí e eu sempre fui excelente aluna na escola. Depois eu fui para os colégios, eu acho que foi o pior que me aconteceu porque conheci pessoas... passei da família para o colégio porque portava-me mal e eles acharam que era melhor para ver se começava a portar bem mas eu comecei a portar-me ainda pior no colégio... conheci pessoas diferentes, pessoas com outros hábitos de vida... depois aos 14 anos comecei a andar na droga... e tornei-me toxicodependente... depois conheci o meu pai biológico. O meu pai biológico era toxicodependente. E alcoólico e eu tornei-me toxicodependente também. So de pois de conhecer o meu pai. (foste incentivada por ele?) Fui. Ele era muito agressivo às vezes quando eu estava lá em casa dele, ele era muito agressivo... ele tentou-me matar com um machado. Ele chegava a casa todo drogado e com álcool e partia tudo. Ele chegava aos móveis e arrastava tudo. Partia tudo. Tava também o meu irmão mas ele batia no meu irmão também... o meu irmão era mais velho do que eu...ele apontava a navalha ao meu irmão eu é que me punha sempre no meio.

Olhe a partir daí... o meu pai faz parte de um gang, a partir dai eu comecei-me a dar com essas pessoas. E pronto... e comecei a andar na má vida. Era o meu pai que fazia parte disso.

Estive no colégio até vir para aqui. Os meus pais adotivos às vezes iam-me visitar aos colégios... mas como eu me portava mal eles às vezes não falavam comigo. *Tenho boas recordações da minha infância gostava se pudesse voltava atrás com o tempo...* Eu chamo mãe e pai a eles, para mim eles foram os meus pais e os meus irmãos.

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Acho que não há explicação... acho que eu era uma pessoas completamente diferente... eu tive um comportamento desadequado sempre, mas nunca era para os outros, eu nunca fiz mal a ninguém... eu fazia mal a mim própria... quando consumia droga... ou quando estava mal... fazia mal a mim própria. Fiz assaltos... e era assim...

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

O crime? Foi um furto. Estou cá há 1 ano e 4 meses. Eu era menor. Foi uma casa. Fui acompanhada só que eu pus as culpas todas para mim... o meu pai está fugido da polícia... por causa de outros crimes. Eu tinha 14 anos e vim para aqui com 17... continuei no colégio e continuava a consumir...

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Para mim foi a melhor coisa que me aconteceu... senão hoje, se calhar, já não existia... ou estava aí pelo cantos...

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Sim... porque as pessoas diziam... olha se continuas assim qualquer dia vais parar a uma CE e explicaram-me o que é que era isto... só que eu pensava que nunca me ia acontecer isso. Nós pensamos sempre que só acontece aos outros... as pessoas lá do colégio é que me diziam isso. Eu falava com a minha técnica ela sabia que eu consumia e algumas coisas que eu fazia mas não tudo.

Eu quando consumia era quando fugia lá não podia consumir... passava a noite fora, ia para a casa dos amigos... tinha namorado mais velho...

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

Para mim é importante porque fez-me ver as coisas de outra maneira... pôr-me no lugar das outras pessoas a quem eu fazia mal. Pôr-me no lugar dos meus pais, o que eles sofreram por me verem a ir por esse caminho... e fez-me crescer em muitas coisas... ver a vida de outra forma... emocionalmente e fisicamente... mas mais emocionalmente... fez-me ser uma pessoa mais segura e mais confiante. Não me deixar influenciar pelos outros porque eu era muito influenciável.

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

A relação que eu tenho com as outras pessoas... eu antes fazia mal a mim própria e agora já consigo controlar isso. Já me tentei suicidar e às vezes cortava-me.

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

Acho que aqui aprendemos de tudo, aprendemos com os adultos, aprendemos com as nossas colegas... cada um tem a sua opinião e ouvimos a opinião dos outros e tiramos as nossas próprias conclusões. A maior parte das coisas são iguais ao outro colégio...

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Estou em cozinha... não é uma área que eu goste muito mas está a ser interessante porque vou aprendendo algumas coisas... eu já tenho o 9º ano. Já vim para cá com o 9º ano, o normal não era profissional... também estou nas aulas como elas... só que estou a dar as coisas que já dei antes...

Para mim foi o melhor que me aconteceu vir para aqui... por muito que custe estar fechada... valeu a pena. A primeira semana aqui foi um bocado difícil... nós temos que cumprir piii que é o plano de intervenção imediato. Temos que estar no quarto fechadas e só saímos de vez enquanto para fazer algumas coisas... foi o pior... e o facto de aceitar que ia ficar fechada... e ver só grades à minha volta foi um bocado difícil mas depois passadas essas duas três semanas eu comecei-me a integrar... melhor no grupo e foi diferente. Eu agora sinto-me de maneira diferente. *Sinto-me bem aqui... sinto-me protegida.*

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

Saio para a semana, dia 8. Estou aqui há 1 ano e 4 meses... a minha medida era de 1 ano mas eu tive 4 meses em medida cautelar. Até ir a julgamento.

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Sim. Quando eu sair de cá... eu vou... eu neste momento estou sem família... estou sem nenhum apoio e aqui estão-me a tentar ajudar...vou para um sítio que se chama CATA – centro de acolhimento

temporário para adultos- até conseguir receber o rendimento de reinserção social para poder ter um quarto, e depois estudar e trabalhar... são os meus planos. É para o norte... quero tirar o 12º ano, com um curso e depois quero seguir mais para a frente... é um bocado difícil sair daqui e não ter ninguém... mas eu vou falar com eles... é um bocado difícil principalmente quando nós passamos por as nossas experiências que nós temos de vida... temos medo de voltar a cair nelas...

3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

A primeira coisa era que as coisas com os meus pais se resolvessem e ficasse tudo bem... e a segunda era ter um aniversário diferente de todos estes que eu tive até agora...

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Claro que sim... não é fácil e eu ainda sou muito jovem. Tenho que aprender a gerir as coisas. E a vida lá fora não é fácil... principalmente eu que vou ficar sozinha... tenho que ter muita força... mas eu vou ser capaz...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Sem dúvida que foi importante... se eu não tivesse vindo para aqui se calhar hoje ou não estaria viva ou estaria numa prisão.

4.1.Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Primeiro eu acho que é uma oportunidade para nós. Para nós vermos o mundo de outra maneira e conseguirmos parar para pensar. Porque enquanto andamos lá fora nenhum de nós pára para pensar porque senão não cometia certos crimes e delitos que nós fazemos.

4.2.O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

O apoio que nós temos e a segurança que nos dão... o pior é estar fechada... mas eu acho que se também não fosse isso nós fugíamos daqui e não estaríamos aqui a aprender nada. E estar longe da família... estar sem liberdade.

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Olhe para mim acho que foi o meu aniversário porque desde que estou em colégios eu nunca tive um aniversário bom... e aqui proporcionaram-me um aniversário... eu sou do curso de cozinha e duas amigas minhas fizeram-me um bolo com dois andares... um bolo que eu nunca tive na minha vida. Era um círculo e depois por cima era um coração, o segundo andar. Bolo de brigadeiro... eu nunca tinha tido um bolo assim. Foi isso que me marcou. E conheci uma amiga aqui que me fez ver muitas coisas e me ajudou muito. Mas já se foi embora... para mim foi difícil eu conheci essa rapariga, ela era o meu apoio cá dentro e depois o facto de ela se ir embora... eu senti-me um bocado sozinha. Porque era a única pessoa em quem eu confiava mas é normal... isto é assim. Nós entramos aqui e sabemos que vamos sair. É temporário... mas não quer dizer que eu lá fora não me volte a encontrar com ela.

4.4. E qual o momento mais negativo?

Foi quando eu me tentei suicidar... porque estava numa fase em que não estava a conseguir gerir as coisas na minha cabeça... tentei enforcar-me... eles conseguiram-me salvar a tempo... foi em janeiro... mas sim eu já estou bem.

4.5.A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Sim. Aprendi a confiar mais em mim. A acreditar que sou capaz... porque eu era uma pessoa que dizia sempre “eu não consigo... não consigo...”. Acreditei que sou capaz. E mais coisas... saber como lidar em situações difíceis... uma discussão... um problema que me apareça... saber como lidar.

4.6.O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

O essencial é as tutorias... quando falamos com a nossa Técnica. Termos alguém com quem podemos confiar, estamos a falar com essa pessoa e sabermos que essa pessoa... vai ficar ali a conversa... aqui dentro disso é o mais importante porque nós precisamos... eu falo por mim... gosto de desabafar e preciso sentir a confiança da parte do outra pessoa. Termos mais ar livre.

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Talvez se calhar já não estivesse viva ou então se tivesse vivia numa prisão ou seria uma toxicodependente.

5.1.Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Sim... é o estamos a cumprir. É um percurso que é definido para nós, para nos ajudar a ter um futuro melhor... para nos fazer compreender o porquê de estarmos aqui e o porquê de ser errado aquilo que fizemos. Pôr-nos no lugar dos outros... é essencialmente para os jovens para que um dia mais tarde, poder-nos prevenir agora, para não irmos parar a uma prisão.

5.2.Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Já. Com a minha técnica.

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Claro que sim... porque eu acho que enquanto somos jovens, não são todos que saem daqui e que têm sucesso, alguns voltam à mesma vida. Mas para alguns eu acho que é importante porque saímos daqui e seguimos outro tipo de vida. Começamos a ver as coisas de outra maneira. E é uma oportunidade que nos estão a dar para um dia mais tarde não irmos parar na prisão.

Que sentido... Eu considero-me uma pessoa feliz mesmo estando aqui. Acho que isto fez-me muito bem. Foi um percurso que foi importante para mim. Por muito que eu ao princípio... me tenha custado muito e eu não tenha aceitado... isto para mim foi muito importante vir para aqui... eu agradeço a quem me pôs aqui...

Claro que sim... vivemos aqui 24h sobre 24h somos um grupo... já cheguei em alguns dias a dizer em reunião que isto é como se fôssemos uma família... temos que nos tratar como se fôssemos uma família. Conseguir-me orgulhar de mim própria... um dia mais tarde, chegar ao fim... e dizer: eu consegui... consegui superar todos os meus medos. E principalmente ter vontade de reconquistar a minha família.

ENTREVISTA DE ANTÓNIO

1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos...

A minha vida era muito boa... tive algumas retenções na escola... sim faltava muito... mas a minha família era muito unida e ainda continua a ser independentemente de eu estar em CE. Ainda estou mas falta pouco... a minha mãe o meu pai, 6 irmãos comigo 7... tenho 8 sobrinhos... e foi tudo assim ... erámos unidos estávamos sempre juntos... a minha mãe e o meu pai nunca se separaram... tínhamos uma boa relação... eles davam-me tudo o que eu precisava só que eu é que quis seguir outro caminho... na escola... chumbei no 3º e depois chumbei 3 vezes no 5º ano. Muitas faltas... por causa da minha turma... eram muitas crianças e eu já tinha uma certa idade e ainda estava no 5º ano... e não me dava vontade de estudar... em casa os meus pais davam-me alguns castigos mas eu tentava sempre quebrar as regras... não via o castigo como uma solução.

Gostava de fazer tudo à minha maneira... eu decidia por mim não ouvia os outros...

Tive muitos amigos ainda tenho alguns, mas os que eram maus amigos, já não me dou com eles... dou-me com as pessoas do meu bairro que sempre estiveram ao meu lado enquanto eu estou aqui...

Lá fora fiz só até ao 5º. Entrei para aqui tinha 15 anos... andei na escola até aos 15... sempre a reprovar.

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Um comportamento de um jovem rebelde, é verdade! E sinto-me arrependido de ter feito o que fiz.

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Tinha 11 anos quando cometi esse ato ilícito e aos 14 anos disseram-me para ir a tribunal e... para responder àquela notificação... fui a tribunal, falaram-me dos atos... e como já tinha sido à três anos eu já não me lembrava... foi uma confusão que tive com uns colegas meus e passados 7 meses mandaram-me uma carta e fui a tribunal 7 vezes e estavam sempre a adiar, adiar, adiar... e mandaram-me uma carta para me entregar no CE no dia 7 de abril.

Eu bati com um pau num jovem e fizeram queixa. Um jovem que não era do meu grupo de amigos... e apanhei 2 anos de medida. E fui o único que apanhei medida... os meus amigos não apanharam nada... só eu... é injusto... porque eles safaram-se porque um é filho de uma advogada e o outro de uma assistente social. Têm cunhas claro. É mais fácil apanhar pena suspensa do que cumprir medida de internamento.

Os meus pais trabalham os dois... a minha mãe é cozinheira e o meu pai é da construção civil... agora os pais deles dão Drs... Foi-me aplicada uma lei de acompanhamento lá fora, antes de vir para aqui... também de 2 anos por causa de outro processo... que foi um roubo de telemóvel. Tinha menos de 9 anos...

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Sempre concordei que tinha que vir... queria mudar também... mas não concordo com a extensão da medida... foram 2 anos... tá bem que me deu para acabar o 9º ano... mas foi muito grande.

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Sim. O meu irmão esteve num centro educativo. Por causa de bombas de ácido... cumpriu na bela vista. Apanhou 2 anos e saiu com 1 ano e 5 meses. Eu apanhei 2 anos e vou sair com 2 anos... são decisões...

2.2.É importante para ti estares aqui? Porquê?

Precisamente.... hoje não digo que preciso estar aqui... porque não preciso... estou aqui para acabar a formação tecnológica... mas dizem que há sempre alguma coisa para aprender mas eu digo que aqui já aprendi tudo... o que tinha a aprender. Estou na IV fase... eu praticamente já não estou cá... trabalho fora... estou a acabar um estágio... conclui o 9º ano no dia 25 de março e a partir daí , no dia 7 de abril comecei a tirar um estágio em animação sociocultural num lar de idosos. Venho cá jantar e dormir... estou lá há um mês... é o que eu gosto de fazer.

2.3.Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Cresci... interior e exterior... cresci muito. Abri os olhos, aprendi muitas coisas, fez-me bem acabar o 9º ano. É uma coisa fundamental. Fui-me matricular hoje para uma escola e fui aceite para o 10º ano. E mudei muito, a minha atitude , o meu auto controlo. A minha maneira de agir... [Achas que falhou alguma coisa lá atras na tua educação?] Não falhou nada, simplesmente os meus pais não tinham muito tempo para mim, tinham que trabalhar... e eu distrai-me e cometi os meus erros no passado.

2.4.O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

A dar valor às palavras da minha família, dar valor a muita gente... não pensava antes de agir...não tinha autocontrolo nenhum.

2.5.Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Foi e é importante porque dá para desabafar, dá para discutir o que tenho dentro de mim... o que acho que está bem e o que acho que não está bem... tento resolver e desabafo.

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

31 de maio.

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Inscrever-me na escola ASAS de apoio social e serviço. Penso os 3 meses de pois de sair daqui, junho, julho e agosto trabalhar para ter as minhas coisas e depois começar a escola. Vou para casa dos meus pais... e família toda.

3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Era ter logo um trabalho na mão. O que vai acontecer que é ir para junto da minha família... já lá vão dois anos e é muito...

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Dificuldades só se for a arranjar trabalho porque de resto não... (Nem com grupos de amigos?) Tenho amigos que têm problemas com a policia mas eu não vou deixar de lidar com eles apenas quando eles fizerem alguma asneira vou chamar-lhes a atenção... se não me quiserem ouvir, o conselho está dado. E vou-me embora... eu sou forte...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Deu para pensar e para refletir... o fundamental foi a escola.

4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Para melhorar a qualidade de vida dos jovens. Para nos prepararem para nos reinserirmos na sociedade de outra maneira.

4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

Para mim... sinceramente... é das 10h da noite às 7h da manhã que estou a dormir...

A pior coisa? Para mim a pior coisa mesmo é ter de lidar com dois mundos aqui dentro... quando eu vou lá para fora... sei que tenho que voltar e largar tudo... é outro mundo... lá fora, imagine, estou com telefone, mp3, não é o meu caso... quando vier cá para dentro tenho que me desligar de tudo. É outro mundo... é dois mundos mesmo.... quando cheguei cá, sabia o que era isto, porque tinha perguntado ao meu irmão. Já sabia que vinha para aqui, tinha que vir ele disse: “vais dormir num bocado de esponja em cima de uns tijolos... e é verdade quando cheguei cá tinha mesmo isso. mas quando cheguei cá consegui me adaptar facilmente.

Já tive conflitos com jovens cá dentro, isso toda a gente tem... cá dentro... de darem uns murros... sempre respeitei toda a gente... nunca fui para o quarto de isolamento... já tive suspensão de convívio mas nunca tive no quarto mesmo de isolamento. Participações de louvor tive várias... festa de natal – ajudei a fazerem as coisas no refeitório da unidade de acolhimento, ajudei de limpar tudo, a lavar a loiça, a pôr as mesas... a retirar as coisas das mesas... a limpar o chão... tive uma participação de louvor por causa disso.

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

A primeira vez quando fui a casa... a primeira apresentação que fiz cá de artes circenses.. acho que nunca nenhum jovem saiu com um certificado do Chapitô e eu vou sair com certificado...

4.4. E qual o momento mais negativo?

Foi uma noticia que recebi do mundo exterior... um grande amigo meu por acaso... não fazia porcaria, não fumava, não bebia... e deu-lhe um ataque cardíaco... tinha 19 anos... fiquei um pouco triste... mas geri bem... não pude ir ao funeral porque ainda estava na fase I.

4.5. A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Todas as ferramentas que me deram aqui dentro fui eu que as conquistei, ninguém me as deu de mão beijada... fui eu que lutei para tê-las sempre conquistando, conquistando e acabei por concluir. Sempre pensei que queria ficar pelo 9º ano e começar a trabalhar, mas não... decidi seguir até ao 12º... se gostar pode ser que vá para a universidade.

4.6. O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

A maneira como nos recebem... recebem-nos muito bem... eu mal cheguei, chorava ao telefone, quando falava com a minha família... foi uma coisa que me ajudou no principio foi falar com os meus familiares. O apoio que me deram...

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Estava preso... se calhar...

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Uma medida de internamento...

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

já ouvi falar porque tinha o meu irmão

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

É uma lei que deve ser aplicada a jovens como eu que se... portaram mal mas também têm que ver as medidas porque foi uma medida muito grande. Este mês de maio é o mês que eu vou sofrer mais, é o primeiro mês e o último mês... que eu vou sofrer mais porque estou quase a sair, ir para a minha família e para o meu meio ambiente...

Que sentido é que tem a tua vida?

Tem um sentido muito bom... desejo tirar a carta, ter a minha casa, a minha mulher... o meu filho... estar bem na vida... e ter o meu trabalho e ser feliz acima de tudo...

Família... CE

Vou levá-los para a minha vida... tem um jovem aqui dentro que é como se fosse meu irmão. Chorei a saída de um grande amigo... chorei de felicidade e também de saudade... e quando me for embora também vou deixar aqui muitas amizades... sei que vou chorar porque vai ser um momento importante...

Vou recomeçar... renascer de novo...

Já mudei muita coisa e vou ser eu mesmo como eu era em alguns aspetos mas mudei muito a nível das atitudes... das escolhas e dos caminhos... vou seguir o melhor para mim...

ENTREVISTA DE MANUEL

1.1. Fala-me, em traços gerais, dos momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, o grupo de amigos...

Desde pequeno... primeiro vivi na margem sul, na Trafaria, depois mudei-me quando tinha 6 anos vim aqui para Alfama. Depois fui passando com a minha mãe aqui em Alfama e depois arranjei muitos amigos... no bairro, depois fui crescendo com os amigos, andei na creche com eles. Depois já com 10 anos passei para a escola Gil Vicente. Depois comecei a estudar lá, tive três anos lá e chumbei as 3 vezes... depois passei para a casa Pia e depois na casa pia entrei em setembro e depois vim aqui para o CE. E a história que mais me marcou foi quando o meu amigo morreu afogado na Doca.

Vivia com a minha mãe e o meu padrasto. Conheci o meu pai. Tenho três irmãos... tenho um do meu pai e da minha mãe e dois do meu padrasto. Dei-me sempre bem com a minha mãe, falava com ela... tudo... já vivi com o meu pai e corria bem.

Chumbei uma vez no quarto ano... corria tudo bem e era bem comportado... chumbei 3 anos seguidos... quando entrei para lá... na outra escola... era pequena, não tínhamos muita liberdade, não saíamos da escola... quando me apanhei assim... também era o primeiro ano e não sabia muito bem... naquela escola... estraguei-me naquela escola... vinha para a rua... comecei a faltar às aulas... comecei a fugir da escola... e tinha amigos...

Quando era mais pequeno sentia-me sempre feliz. Fui para a casa pia porque lá na Gil não me expulsaram mas... mas também não me queriam mais naquela escola porque naquela escola causei muitas desordem... e o diretor me disse que não me queria mais na escola... depois, eu antes era para vir mais cedo para o centro educativo, depois fui a tribunal e o tribunal deu-me mais uma hipótese de ficar lá fora. Depois fui às minhas apresentações e disseram-me que iam-me dar mais uma oportunidade e para ir na escola de casa pia de xabregas. Eu aceitei... depois correu bem... custou-me um bocado a adaptar-me porque já não me faziam o que faziam na outra escola... não havia contínuos... já andava direito. Depois quando chegou o dia 22 de março tive um deslize. Lá no bairro... no primeiro dia de férias tive um deslize... fui para a esquadra e como fui a tribunal já não me deixaram sair e que tinha que vir para um centro educativo. A minha mãe não reagiu assim muito mal porque sabia que eu não tinha a experiência da escola assim... mas depois começou a ficar chateada...

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

O meu comportamento, se eu não viesse agora para aqui... mais dia menos dia eu vinha parar aqui porque lá fora o comportamento era... eu andava sempre aí com os meus amigos e depois... o meu bairro tinha confusões e confusões com outros bairros... menos dia mais dia eu vinha para aqui... já sabia que vinha...

Era mau, não respeitava, falava mal, dizia asneiras... a partir do 5º ano também comecei a fumar também... a minha cabeça já não deu, comecei a explodir... depois respondia às pessoas... menos à minha mãe e à minha família...

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE (idade/situação)?

Um deslize foi um assalto com um amigo. Um assalto mas não foi nada... eu tava lá no bairro, nós tínhamos um sítio onde nós parávamos mais abaixo havia um monhé... uma loja de coisas... nós todos os dias íamos lá mas naquele dia... eu tinha uma faca na manga... depois nós... o meu amigo pediu dinheiro ao homem ele não deu, depois veio a polícia... e disse tudo o que tiverem, armas brancas... deitem a arma para o chão. Depois fui para a esquadra... depois vim a tribunal no dia a seguir de manhã, às 9h da manhã mas depois foi adiado e foi às 5h. Depois fui julgado, a juíza disse que não me ia dar medida já e que era difícil no meu caso dar medida já... e para não fazer mais porcarias mais lá fora... deu-me medida cautelar de três meses... e eu vim para aqui. Eu nunca fui assim de assaltos...

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Acho que foi uma medida bem aplicada... se eu apanhasse medida o meu comportamento ia mudar aqui dentro. Já não precisava de me portar assim como me estou a portar. Ia-me portar de outra forma. Às vezes os TPRS falam comigo e eu não respondo... se eu me portar mal aqui dentro apanho logo medida.

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Já. O meu irmão já teve aqui. Saiu daqui no dia 2 de janeiro. Ele fazia assaltos.

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

É importante estar no CE porque quando eu sair vou ser outra pessoa. Vou respeitar, eu às vezes estou no quarto... estou fechado e penso... porque é que eu vim parar aqui.. isto aqui não é lugar para ninguém mas os erros que eu fiz lá fora... foi bem merecida a medida que me deram... assim vou-me portar bem aqui... para ver se mudo e desde que estou aqui as minhas atitudes mudaram completamente...

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Sim já... já mudei os comportamentos e a maneira de falar... já sei ser educado antes não sabia.. e assim essas coisas...

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

Já aprendi várias coisas... antes quando eu estava em casa eu arrumava o meu quarto mas a minha mãe é que fazia a limpeza à casa... agora já aprendi a fazer limpezas... antes não sabia lavar pratos, não fazia nada na cozinha porque a minha mãe também não gostava... dizia que não era lugar de homens na cozinha... agora já aprendi e já sei fazer as minhas coisas... lá em casa agora ...já vou ajudar a minha mãe...

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Está sim... é importante porque lá fora eu não tinha desabafos com ninguém... e aqui dentro o tutor dá-me vários conselhos... que eu não vim para aqui porque a justiça foi má comigo, a justiça só foi boa porque vou mudar os meus comportamentos... daqui para amanhã posso ter... um futuro lá fora... e se estivesse lá fora não tinha ninguém que me falasse assim... a minha mãe falava mas eu não lhe ligava muito. Só queria era os meus amigos e andar com eles na rua e desde que vim para aqui estou diferente...

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

Daqui a dois meses...

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Vou ser diferente... não vou roubar mais, não vou fazer essas parvoíces assim porque senão tenho que ser castigado... eu não gosto de estar longe da minha família, só vejo a minha mãe no fim de semana... estava habituado a estar com a minha mãe todos os dias... e estar com os meus irmãos todos os dias... e essas coisas... eu não quero voltar mesmo aquela vida, porque a rua não me dá um futuro nem vai fazer de mim um homem.

3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Dificuldades como assim??? Vou ter que saber dizer não. Desde que entrei aqui já aprendi a dizer não. Porque não é bom estar aqui fechado e se apanhar medida só vou no natal a casa...e é difícil para mim... porque eu estou aqui dentro e eles estão lá fora a divertir, a rir... e eu aqui às choro e penso, porque é que não liguei aos conselhos da minha mãe. Não andar nesta vida... vou ter aquela dificuldade de dizer que não... porque eu cresci com eles... e agora vou ter que chegar lá fora e vou ter que dar um não.

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Vou achar bem a minha adolescência... na minha adolescência passei por muitas coisas... que se calhar pessoas mais velhas nunca passaram por esta adolescência... já vi um amigo a morrer à minha frente... morreu afogado... ele tinha 16 anos... fazíamos sempre... e nunca aconteceu... ele não sabia nadar... e atirou-se por vontade dele... e afogou-se...

4.1.Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Acho que é para os jovens se endireitarem... depende dos jovens... há aqueles que quiserem sempre a má vida vão estar sempre na má vida... mesmo que tenham vindo para o CE... o CE é para mudar as atitudes dos jovens... as formas de falar... dar educação...

4.2.O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

As pessoas daqui são simpáticas... falam bem... Às vezes ralham mas têm razão e como eu não estou habituado... de ser ralhado às vezes também respondo... mas raramente... A pior coisa é estar fechado aqui...

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Foi passar o PII e estar os meus amigos... a melhor coisa foi quando acabei o PII e fui apresentado aos meus amigos... tomar as refeições com os meus amigos... fiquei sempre contente e o tempo passou mais rápido.

4.4. E qual o momento mais negativo?

Foi o primeiro dia que vim para aqui... cheguei olhei para isto e disse: não acredito que estou aqui dentro... depois vi o aspeto dos quartos... terrível... um bocado de pedra e depois tem um colchão... todos os dias temos que tirar os lençóis e dar nós... para ficar bem esticado... não estava habituado a dobrar roupa e já aprendi isso tudo...foi o pior dia. Não gostei... os horários já estava habituado... deitar cedo... agora não me custa mas as primeiras semanas... custou-me imenso... dormia tarde... e aqui é às 9h... agora já consigo dormir...

4.5.A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Já estou mais concentrado na escola... estou a fazer jardinagem e gosto... a melhor coisa que está aqui dentro é jogar futebol... eu gostava de ser futebolista... todos os sábados de manhã jogamos... gostava de ser cozinheiro... gostava de trabalhar numa cozinha... gostava de aprender a cozinhar...

4.6.O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Esta na mesma... até que não viesse cá para dentro...

5.1.Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Não...

5.2.Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Se não houvesse leis toda a gente fazia o que queria... roubar... matar... essas coisas...

Achas que a tua vida tem sentido?

Tenho que me aplicar... tenho que ir atrás do meu sonho. Quero ter um emprego... quero ter filhos... dinheiro... ser feliz...

ENTREVISTA DE FRANCISCO

1.1. Fala-me, em traços gerais, dos momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, o grupo de amigos...

Então eu nasci, né... e aos três meses fui para uma instituição em Alverca onde estive lá até aos 6 anos... comecei a fazer lá a pré... e a infância toda... a creche e a pré escola e depois fiz lá o primeiro ano e depois fui para casa da minha avó. Tive lá a fazer o 2º e o 3º... foi só isso só esses dois anos... depois fui para a casa da minha mãe... e fiquei mais dois anos, fiz outra vez o 3º, o 4º e o 5º... depois fui para a casa do meu pai em Mértola... fiquei lá três anos, acho eu... fiquei aí até dia 23 de 2012. Fui para uma instituição da Santa Casa, a LIJ X em Loures. Fiquei lá, fiz esta asneira que me levou a entrar aqui. E estou aqui até dia 26 de maio apanhei um ano.

Estive desde os 3 meses até aos 6 anos lá porque a minha mãe não tinha condições para me ter, ia ver-me de vez enquanto... ia mais a minha avó... eu era criança... eu era feliz.. eu precisava de estar lá. É normal. Quando passei para casa da minha avó foi bom, porque eles iam-me sempre lá ver... iam lá buscar a mim e ao meu irmão gémeo. Ele está na Belavista agora, entrou à pouco tempo. Tivemos lá e nós gostávamos de estar lá quando eles nos iam buscar ao fim de semana. Dávamo-nos bem eu obedeci sempre. Fiz um furto quando estava na LIJ X... passei da casa do meu pai para a casa da minha mãe, depois tinha problemas na escola, e a cpcj interveio e eu fui para a LIJ X... com a minha mãe dava-me mais ou menos... não era assim... tão bom. Fomos sempre os dois, onde eu ia ele também ia...

O meu grupo de amigos na LIJ X era tudo tranquilo... a minha infância e adolescência foi bom... eu danço, eu ia a espetáculos, toco, sou DJ... costumava sair com os meus amigos, quando eu ia a alguma festa eu convidava-lhes e eles vinham comigo. Foi sempre assim a relação com o meu pai era boa, ele estava lá sozinho. Só tenho até ao 5º ano... só fiz até ao 5º...

1.5. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

O meu comportamento era razoavelmente bom, só que depois deu-me uma paranoia, fiz este furto mas só foi isso o único problema, não tive mais problemas com a justiça nem nada.

1.6. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Tinha 15 anos. Foi em abril... estava lá com os meus amigos e eles disseram “vamos aí procurar telemóveis”... eu disse está bem. Aí encontrámo-nos com uns miúdos que tinham telemóveis e fomos lá... depois parece que um deles conhecia um que estava comigo e foram atrás dele, a polícia... depois nós já estávamos na LIJ X e eles foram lá. Fomos para a esquadra... esperei um ano para entrar aqui, fui várias vezes ao procurador e ao juiz... depois o advogado abriu recurso para eu apanhar menos tempo e para mudar o regime.

1.7. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

O diretor e os técnicos da das Marés também entrevistaram, eles abriram recurso e não me disseram nada. Eles ficaram mesmo do contra, diziam que não fazia sentido... eu também concordei mas... mas era preciso pagar por aquilo que fiz... já apanhei menos 6 meses... e mudaram-me o regime para semiaberto... Sim apesar de tudo... um ano é das melhores medidas.

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Já... porque na LIJ X já alguns tinham vindo para aqui... e por acaso até antes de eu entrar tinha lá um que tinha acabado de sair daqui...já sabia mais ou menos... o impacto de chegar aqui foi mau mas eu quis vir o mais rápido possível... deram-me 10 dias para me apresentar mas eu disse vou já para despachar já isto... quanto mais rápido for lá para dentro mais rápido volto para fora...

2.2.É importante para ti estares aqui? Porquê?

Para mim não é importante... nunca concordei com nada disto... para mim estar aqui ou não é igual... tenho que obedecer né... faço tudo normal... só espero é o meu tempo de saída. Eles sabem... eu estou na II fase, não passei mais porque eu sou transparente.

2.3.Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Que eu veja assim... nada... porque eu sou contra as mudanças aqui do CE... porque não é por estar aqui que vai mudar a minha vida... são as situações lá fora que me vão mudar... a minha maneira de ser... não é estar aqui porque tenho que cumprir isto... e aquilo que vai mudar alguma coisa.

2.4.O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

A tomar rotinas... aqui temos sempre horários para tudo... e a mantermo-nos ocupados... não temos assim um grande espaço livre... isso é bom... no meio do mal é bom.

2.5.Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Não... aquilo que eu cometi foi um caso isolado. Sem ser isso eu lá fora sou chamado um menino exemplar eu não tenho nada, nada...

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

26 de maio... de hoje a 22 dias...

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Já tinha... em termos de trabalho... curso... eu estava a fazer um curso de eletricidade na aldeia de santa isabel. Estava lá a fazer, estava no nível I... vou voltar para lá porque também já fiz a inscrição. E vou continuar na LIJ X...Eu toco... tenho sempre convites... quando fui a casa na Páscoa tive convites mas não pude aceitar... porque estava aqui... mas quando sair daqui continuo.

3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Continuar a ser feliz... conseguir acabar os cursos que tenho para fazer...

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Não... há coisas que vão ser difíceis mas assim em geral não...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

É para abrir o olho... tem que ser... mais nada...

4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Para reeducar para não haverem reincidentes outra vez... para os jovens não voltarem a cometer crimes outra vez.

4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

Não sei... em comparação com lá fora isto aqui não é nada bom... o desporto... aqui fazemos muito desporto... temos capoeira e rap também... mas não é assim grande coisa... eu lá fora tenho o meu estúdio... faço as minhas coisas lá... O pior é estar fechado e não ter contacto com as pessoas lá fora.

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Não estou a ver...

4.4. E qual o momento mais negativo?

Tem vários... quando temos situações injustas ou quando nos dão uma PO eu fico passado da cabeça... não gosto... só porque uns se sentem superiores tentam... nós temos que seguir as regras que um adulto nos manda... o adulto pode mandar assim (faz uma curva) mas gosta de mandar assim (faz uma linha reta) então por exemplo, vai por aqui... mas dá para ir por ali... mas ele quer que eu vá por aqui... e eu nessas coisas não... vou mesmo pelo sítio errado. Temos uma PO que depois é relatado ao DR. José Reis. Quando eu fiz anos claro... aqui dentro não gostei nada... em comparação com os outros anos...

O PII vivi isso muito mal... estava habituado lá fora... mas depois tive que me habituar... isso de andarem a bater-se uns aos outros acontece pouco. Desde que estou cá só vi isso duas vezes... e já foi há muito tempo.

4.5. A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

4.6. O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

As regras e os horários, as faxinas também não... e a relação com os adultos também não mudava porque é muito positivo. As tutorias são muito positivas até porque nos safa aí das aulas e isso.

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Bem... já estava no curso... tocava como sempre... namorava... ela não me vem visitar porque eu disse que não queria que ela viesse aqui... não quero que ela veja isso aqui.

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

É a que eu tenho. É a lei dos aos jovens entre os 12 e os 16.

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Já da nova lei que saiu agora, o Drs. explicou, fez ai uma reunião com todos... o Dr. X com todos os técnicos...

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Há coisas mais importantes do que o crime que as pessoas cometeram ... estou a falar no meu caso, né... às vezes há outras coisas que sobressaem... se é só um ato isolado... não é preciso fazer grandes filmes...

Que sentido é que tem a tua vida?

Como assim? A tua vida tem sentido ou não? Tem... Gosto da vida e gosto da aproveitar ao máximo... o meu maior sonho é ter família e tocar para muita gente, no meo arena assim... saídas não me faltam... e empenho não me falta...

ENTREVISTA DE ANDRÉ

1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, o grupo de amigos...

Eu nasci na Moldávia, não sou de famílias nem muito pobres nem muito ricas. O meu pai veio para cá em 2000, depois veio a minha mãe ter com o meu pai em 2005 e passado um ano viemos nós, eu e a minha irmã. Na Moldávia eu vivi com os meu avós... respeitava-os. Sempre fui um menino exemplar, a escola lá... o ensino é muito mais rigoroso. Depois vim para cá vim para o terceiro ano, fui para uma turma em que aprendia muito rápido o português. Tive uma professora que me ensinou muito bem. E aprendi o português na primária, o meu irmão aprendeu no ciclo... a minha professora explicava-me assim, assim, assim... e o meu irmão tinha o sotaque e teve dificuldade em aprender. Eu aprendi rápido e tive sempre boas notas... sempre fui um bom jovem até que comecei a descambar isso foi no 6º ano... comecei a faltar às aulas... comecei a fumar, a fumar haxixe, a sair à noite... a ter namorada, a sair com os grupos, comecei a descambar e a escola já não me dizia nada. Não tinha muito interesse, ia à escola mas não ia às aulas... era só os amigos... depois comecei a praticar alguns crimes... mas nunca tive falta de nada... não foi por falta de dinheiro, nem de comida... tive sempre as condições... sempre tudo... e às vezes é por pensar que sempre tive tudo que entrei nestes modos... às vezes a minha mãe dava-me dinheiro para comer e eu comprava haxixe... depois quando queríamos mais e mais comecei a roubar e isso... também com os grupos e alguns colegas... a fazer asneiras, era a adrenalina... era o grupo... com quem eu me dava... era com eles que eu praticava. Queríamos era loucuras, droga, álcool... e nunca tive falta de nada... sempre fui um jovem exemplar... depois entretanto faleceu o meu pai. O meu pai faleceu ao pé de mim... antes de vir para cá estava sempre a praticar boxe... tinha que ir para umas competições a nível europeu. Eu e o meu pai acordávamos de manhã para irmos correr...entretanto ele teve um enfarte morreu logo ao pé de mim... fui para a Moldávia... nunca chumbei na escola, entretanto fui para a Moldávia... e foi quando chumbei o meu primeiro ano... faltei 4 meses e depois não consegui acompanhar. Foi o meu único ano de retenção na minha vida toda... depois vim para cá, ainda continuei com os grupos... andava no ciclo, e fui sozinho inscrever-me num curso no centro de emprego, falei com a minha mãe e ela deu-me autorização... mas lá também comecei... não ia ao curso... tinha ainda uma turma pior do que no ciclo... depois chumbei por faltas... entretanto vim para aqui, deram-me medida... e é assim e estou quase a acabar... fez-me bem. Há males que vêm por bem... e acho que isto fez-me muito bem... está-me a custar agora... eu estou estes dois dias, segunda e terça, no OMH. Porque eu fiz aí umas asneiras.... já há quatro meses que estou a trabalhar lá fora... estou a acabar um estágio de informática. Estou na III Fase. Também para a IV já não dei tempo porque também falhei... eu não passei para a IV foi porque cheguei atrasado ao fim de semana, vim no autocarro, depois estive aí com uma rapariga que eu conheço, passou duas horas e tal... depois também outra vez, tiraram-me uns dias porque consumi no fim de semana quando fui a casa, mas nada de especial... foi só uns bafinhos mas... por mais que me compreendam... está escrito e é a lei... e é assim... e às vezes quando fumo lá fora tabaco... quando estou a estagiar... e a trabalhar e isso... mas também não falta muito, faltam dois meses e é por aí... e estes dois dias, segunda e terça, estou na OMH a trabalhar com eles... de resto estou o dia todo lá fora só venho aqui jantar e dormir.

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Estou muito arrependido... foi muito o mal que fiz às pessoas... que não mereciam isso... fiz isso sem consciência, sem pensar nas consequências, nos meus pais e em tudo o que era importante para mim... simplesmente sinto-me arrependido de coisas que foram muitas vezes por brincadeiras... sinto-me muitas vezes arrependido... ao olhar para mim, agora que fiz 18 anos... *olho para mim e digo “tu és um miúdo agora”... e fico a pensar “Antes eras o quê?”* há uns anos atrás quando começaste a fumar eras o quê? Quando começaste a roubar? E às vezes fico muito sentido... eu comecei a fumar tabaco com 7 anos... se agora com 18 anos sou um miúdo... o que era eu com 7 anos? Estes tempos para trás tu eras o quê André...?

É bom pensar... para refletir e ver que as coisas não são realmente como nós pensamos que são. Queremos crescer à força... e eu quis crescer à força... com o falecimento do meu irmão... a minha mãe começou a trabalhar para me sustentar a mim e ao meu irmão. E nós tínhamos mais liberdade... a minha mãe com tanto esforço para não nos faltar nada e nós... (comoveu-se)... e fez-se silêncio...

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE (idade/situação)?

Assaltos... o que mais me prejudicou e me trouxe para cá foi um assalto a uma casa... eu estou muito sentido com isso, não foi por falta de cuidado nosso... mas foi por um colega se “xibar”... é este o termo que nós usamos... estava muita gente envolvida... mas houve outras.. conduzir sem carta... não estar na escola, ajuda muito a eles pegarem logo no jovem se ele não frequenta a escola, a pô-lo num colégio... porque aqui fazem a escola, cursos tecnológicos, eles contam muito com isso... na altura eu tinha sido expulso...por faltas... e quando consumia...

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

2 anos... quando eu estava no julgamento eles disseram um ano, um ano e meio... já nem me lembro bem o que é que eles disseram... depois o juiz pediu a uma senhora que estava lá sentada para ligar para o Colégio CE para confirmar quanto tempo era preciso para acabar a escola com curso e explicaram como é que era as coisas porque eu tinha o 8º ano e disseram que era um ano e meio que era preciso. Depois eles deram-me dois anos e se me porta-se bem, saia quatro meses mais cedo. No início quando entrei, devia encarar isto bem porque eu sempre fiz um percurso aqui dentro... agora no final é que me está a custar mais porque eu acabei a escola, e o meu curso todo... e só faltava 6 meses e eles puseram-me a estagiar lá fora. Custa porque são dois ambientes em simultâneo, eu não P’OS fazer isto e aquilo porque estou no CE, eu não posso fumar um cigarro porque estou no CE, eu estou a trabalhar o dia todo e quero descansar um bocadinho mas às 6h tenho que apanhar o autocarro para entrar para aqui... esquecer o mundo exterior, e esquecer tudo o que está lá fora... e isso custa um bocado....são quatro meses... acho que a lição que eu tinha que apanhar já apanhei...há muito tempo. Agora nem que eu tenha que fazer a meta de joelhos eu vou acabar e acabar em grande mesmo com as falhas não são grandes falhas, mas são as falhas que me podem aparecer ao longo da vida, que podem desmanchar o meu caminho.

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Já. Tinha um rapaz da minha zona que tinha estado mesmo neste colégio. Mas depois dele sair, saiu bem, voltou a estudar... mas quando ele saiu passados uns meses entrei eu... as minhas companhias eram outras, também nunca lidei muito com ele... mas se o vi-a falava... entretanto também tenho um colega que o acompanho sempre... ele esteve no Mondego, as coisas são parecidas mas também são diferentes... quando eu vim para aqui pensei que vinha para uma coisa aberta, em que saís, vais para a escola... tens as tuas coisas no quarto e não sei quê... pensava que isto não era assim...

2.2.É importante para ti estares aqui? Porquê?

Porque... aprendi... aprendi a dar valor ao que tenho, ao pouco que tenho ... o mal que eu fiz entendi... custa-me... as pessoas sempre me respeitaram... o tempo que nós temos aqui é para refletir... estou sentado e estou a pensar... estou no quarto, fecham-me `s 10h e eu fico sempre a pensar... estás a ver? O maior tempo que nós temos aqui é para refletir... e custa-me ver a pessoa que eu era... era um bom jovem, era atleta... com futuro garantido se tivesse andado sempre no bom caminho... por causa de umas boas noites estraguei a minha vida... mas ainda vou a caminho porque só tenho 18 anos... e está tudo a começar agora... O CE fez-me perceber muita coisa e dar valor ao pouco que tenho...

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

As mudanças... mexeram muito comigo... mexeram muito com a minha mentalidade... há uma coisa que para mim faz muito sentido... maturidade não é aquilo que já vivemos... mas é o que já aprendemos porque nós os jovens que estamos neste mundo, a vivência de muitos jovens que estão noutra tipo de vida não têm as mesmas vivências que nós... da nossa idade.... nós vivemos muito quer sejam nas más condições, boas, nas que fizemos... penso que mexeu muito... fiquei mais maduro... com mais... penso mais sobre as coisas, já não penso só em mim... parar para pensar...

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

De importante? Engolir sapos... saber levar sopapos no estômago... e continuar calado... na vida temos destes momentos... nós lá fora às vezes salta-nos a tampa muito rápido... às vezes mesmo que não tenhamos razão nós achamos que temos razão... mas isso é uma coisa que se aprende aqui... aprende-se... depende de pessoa para pessoa... quem quer aprender aprende... mas eu já tive colegas que se estão a borrifar... não aprendem nada... e daqui saís pior porque só ganhamos uns com os outros... basicamente somos todos uns delinquentes, uns bandidos que partilhamos muitas coisas... de bandidagem... se nós quisermos daqui saímos piores... isto aqui só muda quem quer. **Aqui eles dão-nos as ferramentas, se tu quiseres trabalhar trabalhas...** porque senão estás só aqui a ver a vida passar... e isso custa mais...

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

O estágio acaba praticamente quando eu sair... daqui a dois meses... não quero voltar para o Algarve, quero ficar cá em Lisboa. Trabalhar, quero começar a trabalhar para me arranjar um pouco... depois lá mais para a frente quero acabar o 12º ano... a estudar à noite... mas quero acabar.

Cá em Lisboa se ficar cá vou ficar em casa de um afilhado da minha mãe e depois, se me arranjar bem também gosto da minha independência.

3.3. O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Ter um trabalho.... e estudar... Voltar a praticar desporto.

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Não... a vida está cheia delas... mas temos que superá-las... nós estamos privados de tudo aqui... só temos os bens essenciais...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Muito... fez-me muito bem estar aqui... agora já custa porque já lá vão 22 meses... ajudou-me porque se eu não estivesse cá não pensava desta forma, não via a realidade desta forma...

4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Pelo que eu percebi é para investir nas pessoas... eu vejo o quanto se gasta por cada jovem, roupas, monitores, cozinha, Drs., todas as pessoas que trabalham aqui... temos as condições básicas e não nos falta nada... quando estamos em baixo temos quem nos apoie... quando estamos em alta temos quem nos abaixe o ritmo... e é assim... eles aqui investem nas pessoas... muitas vezes é bom eles querem que agente mude, mas eu digo por mim... eu não posso mudar tudo... mudei algumas coisas e melhorei outras mas mudar... assim uma pessoa que tem 17 anos... fazer uma lavagem cerebral... isso não é possível... e mesmo aqueles que não querem saber nada disto aprendem sempre algumas coisas...

4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

Silêncio... os Drs.... ajudam-te sempre, ajudam toda a gente com o que podem mesmo... o Diretor é o primeiro a ajudar... sempre o primeiro. E isso é muito bom... Outra coisa boa, é irmos a casa e termos férias depende do regime... A rotina é a pior coisa... raramente muda aqui alguma coisa...

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Estou a gostar muito de estar a estagiar lá fora... é uma empresa de informática, estou lá em contexto de trabalho... trabalho com outras pessoas... e isso é espetacular pelo menos posso experimentar o que é trabalhar... e ver as coisas que fazem sentido para mim.

4.4. E qual o momento mais negativo?

É estar no quarto de isolamento... eu sou uma pessoa que não... que não consegue estar fechada, mesmo lá fora eu não conseguia estar todo o dia em casa... nem pensar nisso... só tem uma janelinha... fiquei lá uma vez... fiquei lá dois dias... foi o pior... eu não consigo...

4.5. A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Sim... deu-me ferramentas

4.6. O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

Que continuem sempre e investir nos jovens mesmo que existam falhas da nossa parte... chegar atrasado, cheirar a tabaco, beber uma cerveja... nunca devem desistir das pessoas porque há momentos baixos, momentos altos... e nunca deixarem de investir em mim... tipo cortar as asas a uma pessoa que está a aprender a voar... nunca se deve fazer... ajudar e dar o mais que podes... nós às vezes chegamos a um certo ponto que não dá mais... que continuem sempre assim a apoiar os jovens...

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Não imagino... nem quero pensar... não sei como é que seria... não sei...

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Já ouvi falar nisso só que já não me lembro bem...

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Nunca a li mas já falamos numa reunião temática.

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Normas, regras... sem lei não havia esta sociedade... não havia respeito... cada um fazia o que queria... se mesmo com lei já é uma bocado à balda... umas leis fazem-me sentido... outras nem tanto...

ENTREVISTA DE DANIELA

1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos...

Tenho 18 anos, estou aqui há 2 anos e 9 meses...

Cresci no Barreiro na casa na minha avó materna... e sempre tive uma suposta liberdade, tinha 6 anos e chegava a casa à hora que queria e sempre fui assim um pouco liberta... sim... fazia porcarias... quando estava na rua e pronto... o meu pai foi-me buscar quando eu tinha 6 anos... ele ia-me visitando mas depois foi-me buscar quando eu tinha 6 anos... e ele exigiu de mim tudo aquilo que eu não tinha. Eu não tinha liberdade com ele e eu já tava habituada a ter aquilo e foi como quando eu cheguei aqui... foi-me tirado tudo... não correu lá muito bem... comecei a fugir de casa... com 10 anos... primeiro comecei a fazer porcaria... o meu pai começou-me a dar porrada... fui para s. Bento... depois estudava... faltava à escola... fugia.. a primeira fuga foi com 10 anos depois a CPCJ viu que as coisas não estavam a correr bem e meteu-me num colégio de freiras... e a coisa também não correu muito bem. Portava-me mal na escola... roubava, agredia... rebuçados no minipreço e pastilhas... depois correu tudo bem uns tempos, durante um ano estava a correr tudo bem, o meu pai até estava a estranhar... e sai o colégio, fui para casa do meu pai e as coisas não correram bem outra vez. Fiquei um ano com o meu pai e depois voltei outra vez para um colégio... fugi do colégio, já era mais velha, já tinha 13 anos já fugia para outros bairros para ir para discotecas, drogas, já roubava coisas maiores, e pronto foi a partir daí que a minha vida começou-se a estragar completamente. E neste momento estou aqui...

A minha mãe faleceu quando eu tinha um ano... esqueci-me de lhe dizer essa parte... o meu pai tem uma família e teve um filho agora... quando fui viver com ele, ele já tinha outra pessoa, mas eu estava a viver com a minha avó, mãe do meu pai, que eu chamo de mãe.

A escola... eu tenho o 9º ano... eu sempre fui boa aluna, percebe? Só como andava fugida não podia ir à escola... porque senão era apanhada, percebe? Eu adoro mesmo escola... eu adoro estudar, percebe? Eu só não estudava porque não podia ir para a escola... porque senão era apanhada.

Quando fugi com 10 anos fui para o Cacém para a casa de uma amiga. A mãe dela queria-me adotar... fiquei lá um dia... o meu pai depois foi-me buscar, a chorar e a pedir para eu não fazer mais isso... eu achei piada, senti-me o centro das atenções e continuei a fazer...

A minha infância... foi triste... eu não tive infância praticamente.

A partir dos 6 anos, tudo foi diferente.... foram tantas coisas más que não me lembro das boas... a pior da minha infância foi levar com o cinto na cara... fiquei com a marca... tipo do zorro.

Dos 10 aos 16... com 13 anos fui violada... andava metida em coisas que não devia... em coisas muito avançadas... e... foi-me proposto ir para a prostituição... e eu disse que não, tipo de maneira nenhuma... e agarraram em mim para eu não saber das coisas... com cordas... foi praticamente um... sequestro... vendaram-me... depois consegui fugir... e fui para o pé do meu pai... o meu pai quase que ia matar as pessoas... mas eu disse para ele não fazer isso porque eu depois fico sem pai... fico sem ninguém no mundo... denunciei mas não deu em nada... disseram que eu fiz por própria vontade. Desestabilizou-me um bocadinho.

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Eu era um bocadinho como não sou agora... era diferente.. era mais frustrada. Mais agressiva... não me preocupava muito do que vinha... eu fazia porcaria e sabia que ia para a esquadra e não me preocupava muito com isso... continuei sempre a roubar até vir para aqui...

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Tinha 15 anos, foi no ano em que eu vim para aqui... fiz uma tentativa de homicídio... a uma suposta conhecida... que até apareceu no telejornal... e foi o mais complicado disso tudo, foi o que me aconteceu a seguir. A rapariga roubou 500 euros ao meu ex-namorado e ele disse que tinha sido ela, só que ela disse que tinha guardado num sítio e fomos lá e não estava e eles começaram a bater nela, mesmo eu não querendo... so que ela começou a gozar tanto com a nossa cara “ai eu não digo onde é que tá...” que começaram a bater nela e eu depois também participei no ato. E prejudiquei-me um bocadinho e apanhei mais medida, desde que eu estou aqui dentro.

Bati nela, mandei-a despir... e abandonamos-lhe na praia e ela estava quase em perigo de morrer... foi na Ericeira, nós não tínhamos estado lá há muito tempo, e quando vamos para lá toda a gente nos conhece porque é uma vila pequena, e vêm logo quem é que são os estranhos... e pronto... e já tínhamos feito porcarias numa pensão. Estragamos a pensão toda. E tivemos que dar o nosso nome na esquadra para pagar e foi nesse mesmo dia... já tínhamos a notificação na esquadra... e depois a polícia apanhou-me quando eu estava aqui dentro... estes processos que eu estou aqui são de... roubos... fugir de táxis e essas coisas e esse processo veio quando eu já estava aqui dentro... porque ela identificou-me.. esse foi o mais graves... esses roubos eu era apanhada pela polícia... eles batiam-me e levavam-me para a esquadra... e depois levavam-me para o colégio... era o LIJ X.

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

2 anos + 1 ano de medida... foi muito trágico porque eu fugi... eu já fugi três vezes aqui do CE e sempre foi apanhada. Eu não consigo perceber isso de andar sempre a fugir... percebe? Eu falo sobre isso mas as pessoas não me percebem , isto é um coisa que eu tenho dentro de mim... porque eu já fujo dos problemas desde muito pequena, percebe? Isto é um problema, eu fujo dos colégios, o colégio é um problema, percebe? Sim o colégio é que é um problema, porque eu quero estar em casa, percebe? O problema está dentro de mim... eu consigo perceber... eu já fujo desde muito pequena... e quando eu entrei aqui dentro eu disse “não vou aguentar” ,,, não consigo ficar fechada, eu não consigo... e fugi a primeira... estava numa saída... lúdica... eu já estava numa fase avançada... e fugi do monitor... fugi sozinha... 11 dia sem me encontrarem.. foi um monitor que me viu e chamou a polícia. Estava na II fase e passei para a I.... depois passei novamente para II... correu tudo bem andava-me a portar bem... conseguia-me controlar... passei para a III, depois apanhei mais um ano, foi no ano passado e não consegui lidar com isso... fugi novamente... durante 6 dias... nas duas primeiras vezes fui para casa de amigas... um dessas já estive cá... há 3º vez não correu muito bem... fugi com uma rapariga daqui de dentro, foi em janeiro... tivemos uma saída... e depois fugimos para Aveiro... no comboio... fomos escondidas na casa de banho... quando o pica passava nós colocávamos a porta no verde para ele pensar que não estava lá ninguém... fomos de lisboa até pombal e depois apanhamos outro comboio para Coimbra e depois apanhámos o autocarro, algumas pessoas nos ajudaram, deram-nos dinheiro... apanhámos o autocarro e fomos ate Viseu... e ficámos em casa de uns amigos dela... depois, procuraram porque já sabiam que estávamos lá... e porque a terra também é pequena... e apanharam-nos... não aceito bem as medidas... mas não sei explicar... eu sei que fui incorreta com as pessoas, percebe? Mas dois anos bastava... três anos é um exagero de medida... é exagero mesmo... eu não consigo lidar com isso... e parece que nunca mais me vou embora... ainda vão muitas à minha frente antes de mim...

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Já... já conhecia... o namorado de uma amiga minha tinha andado aqui... e nós vínhamos-lhe buscar todos os dias aqui... quando ele ia de fim de semanas... ele explicava tudo como isto era... ele explicava de uma forma negativa e positiva... mais negativa do que positiva...

2.2.É importante para ti estares aqui? Porquê?

Não é... porque eu vou sair mais revoltado do que o que estou... se eu tivesse apanhado 2 anos de medida... não... já ia sair daqui com a capacidade de perceber que não voltava aqui outra vez, percebe? Mas eu apanhei um exagero de medida... e só me vai deixar mais revoltada, percebe? E eu acho que para mim foi a pior coisa que me aconteceu mesmo...

2.3.Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Mudanças? Com a minha família... aproximei-me mais da minha família... é o mais importante.

2.4.O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

Aprendi a lidar melhor com a frustração... a conhecer-me a mim mesma... e só...

2.5.Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Acho que sim... acho que sim... a escola principalmente... porque acabamos aqui a escola, praticamente em 1 anos e meio os 3 anos...

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

Dezembro 2015

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Quero ser técnica de turismo... ou cabeleireira... quero trabalhar e estudar ao mesmo tempo... vou para a casa do meu pai... o meu pai costuma vir visitar-me

3.3.O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Ser feliz....e ter saúde...

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

As más companhias... as amizades que eu tinha antes... tenho medo de... claro que eu vou lidar com elas... mas não quero se guir o que elas seguem... ter a minha opinião, dizer que isso não se faz... antes era tudo fora do destino... havia uma festa e nós íamos... era tudo assim...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Acho... para o meu futuro sim mas para mim não... por causa dos estudos só... mais nada... todas estas regras que eu tenho aqui já as tinha praticamente todas... já sabia fazer quase tudo das regras que eles têm aqui dentro...

4.1.Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Para mudar... nós... para nos fazer revoltadas... para ficarmos revoltadas... eu não gosto muito de falar do CE.

4.2.O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

Melhor??? Os telefonemas com o meu pai e as visitas...

Pior? Ir para o quarto quando vamos de castigo... já fui muitas... quando falto ao respeito a alguém... ficamos três dias fechadas no quarto e no máximo sete... no de isolamento... não dá para abrir a janela... um colchão e tijoleira... já me aconteceu muitas vezes... já tive muitas PO... porque faltamos ao respeito a alguém... também já levei P'os de Louvor... e as P'os também me fizeram pensar....

Mas eu quando estou no quarto de isolamento durmo só ... nem penso... ou então penso no meu futuro lá fora... não penso nas coisas daqui...

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Quando eu fugi o meu pai não desistiu de mim e veio-me visitar.

4.4. E qual o momento mais negativo?

Quando eu fugi... e sentia culpa... porque eu sentia que o meu pai sentia que eu fugia por causa dele...

4.5.A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Fez-me ser mais mulher, só isso... fez-me crescer... porque eu cresci muito aqui dentro... eu entrei aqui com... 15 anos... e estou quase a fazer 19...

4.6.O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

Não sei... não estou a ver... levantar cedo... porque custa mas tem que ser... não é? Dou-me bem com as pessoas...

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

A esta hora estava em Tires... já há muito tempo... porque eu não ia parar....

5.1.Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

É a lei de faz com que tenhamos regras aqui dentro penso eu... é para os menores que cometem crimes até aos 15 anos...

5.2.Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Já com a minha técnica...

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Depende eu não concordo com tudo o que a lei diz como é obvio mas... acho que é importante porque era uma rebaldaria...

A tua vida e qual o sentido?

A minha vida tem sentido porque se não tivesse já me tinha matado aí num quarto... já me tinha suicidado... mas isso nunca me passou pela cabeça porque eu tenho amor à vida... tenho a minha

família e isso faz-me ter sentido... no futuro vejo-me com um filho... com um marido. Mas não casada... não quero casar... queria ser batizada porque eu quero ser madrinha... gostava que o meu filho meu filho se orgulhasse de mim...

ENTREVISTA DE MARGARIDA

1.1. Fala-me, em traços gerais, dos momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos...

Sou da ilha Terceira, vivi com os meus pais e a minha avó até aos 9 anos... fui para uma instituição com os 9 anos... fui para lá por causa de umas coisas que se passou... comecei a fugir... porque na escola conheci assim uns amigos, e quando estava com eles só fazia era porcarias... fugia muito da instituição, quase nunca estava lá... e quando estava só fazia era confusão... eu não tinha uma boa relação com a minha família mas às vezes fugia para ir para casa... tenho mais irmãos... a minha irmã também foi para a instituição... e quando ela saiu foi aí que eu comecei a fugir mais... tenho um irmão também mas não foi para a instituição...

Conheci uma rapariga, namorei com ela, morei com ela... parei de fazer asneira só que fiquei o tempo todo a fugir da instituição... Depois quando eu acabei com ela fui para a instituição, pouco tempo antes de vir para cá... fui para a instituição porque cometi um crime com 16 anos... e era obrigada a ir à esquadra e por isso tinha que estar na instituição... a minha infância? Não tive infância...

Dos 10 aos 16 anos foi horrível... diverti-me... houve momentos em que diverti mas foi horrível... eu roubava... e tenho família na ilha quase toda e ia para casa deles... só ao princípio é que ia... andar fugida parecia que tinha a sensação que toda a gente me estava a ver... e andava revoltada...

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

Era mau... era mal criada, não respeitava ninguém...

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE(idade/situação)?

Desde que comecei a fazer crimes...? com 16 anos... fui julgada e acusada de assalto à mão armada... a maioria dos meus crimes são roubos de carros. E entrada em propriedade privada... roubava os carros, os meus amigos conduziam e eu ia atrás... eu não sabia conduzir nessa altura... [Recusou-se a falar sobre o assalto à mão armada...]

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

Por um lado foi mau... mas por outro... se não fosse isso acho que a minha vida estava... não ia ter futuro... fui a julgamento e depois fiquei na esquadra, ia dormir à instituição... porque o voo foi cancelado... ficava de dia na esquadra e ia dormir à instituição. Ficava o dia todo lá sentada, foi horrível mesmo... horrível.. a minha irmã ia-me lá ver à esquadra... eu não sei do meu pai... não sei quem é o meu pai... e com a minha mãe tenho uma relação assim... sou mais chegada à minha avó... a minha avó reagiu um bocado mal... aqui nunca tenho visitas...

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Já... amigos meus... e eu tinha uma amiga que já tinha estado aqui... dizia-se que nos batiam... e ouvia-se falar muito mal disto...

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

É importante... porque eu lá fora não ia estudar... e aqui dentro sou obrigada a estudar. Quando vim para aqui tinha a 6ª... e agora aqui estou a fazer até ao 9º.

Eu aqui, quando olho para trás... não pensava como penso agora...

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

Mudanças? Muitas... a minha maneira de estar... eu não me punha muito à vontade... ensinaram-me a respeitar porque eu não respeitava...

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

Não sei... silêncio... eu não gosto muito de falar sobre mim...

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Claro que sim... ajuda-nos a ser pessoas diferentes. Não gosto de falar sobre essas coisas...

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Quando sair de cá quero ir para o Exército... quero ir para os Açores... é algo que eu gosto... vou ter com a minha família. Estou a pensar em estudar, gosto de aulas... talvez quero estudar mas ainda não sei bem...

3.3. O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Quero estar com a minha avó mais do que tudo...

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Não quero falar sobre isso... acordar cedo... isso é uma grande dificuldade se tiver que trabalhar... os meus amigos estão lá na mesma... vou arranjar outros amigos... é muito difícil continuar com esses amigos...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Sim...

4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Lá fora eu pensava que isto era um castigo, não é? Para nos tornar pessoas diferentes... para nos educar...

4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

(Silêncio longo...) ter alguém com quem falar...

A pior... trancarem-nos a porta do quarto à noite... agora já estou habituada mas no princípio era mau... ficava com medo mesmo... quando eu cheguei, eu ainda almocei cá... foi puré de batata... logo para começar... depois fazemos umas tarefas mas eu cumpro... nos primeiros dias, estava com medo... estava longe de casa... naquela altura é que eu pensava, fogo... ao princípio tinha dificuldade em conversar e em estar com outras pessoas...

Tive muitas Participações de ocorrência por falta de respeito... por exemplo, aqui não podemos dar a última palavra... eu falava também muito alto... dizer é pá é também uma falta de respeito...

Também tive participações de louvor porque eu gosto muito de trabalhar...

Estou em regime fechado e estou na II fase... e estou a pedir mudança de regime para semiaberto...

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Os dias passam e temos coisas boas... mas coisas felizes não... é tudo o mesmo, os dias aqui são todos iguais...

4.4. E qual o momento mais negativo?

Acordar às 6h30 para ir arrancar erva, quando levo P'os. São castigos... já fiquei 3 dias no quarto... já acordei duas ou três vezes Às 6h30 para ir arrancar “relvas”... vamos para a cama às 8h...

4.5. A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

Estão sim... tem sempre a sua razão de ser... vou sair daqui uma pessoa melhor...

4.6. O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

Tudo tem a sua razão de ser... silêncio longo... o acompanhamento com a técnica...

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

Estava na mesma ou pior...

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Sim... é a lei com que nos julgam... aos jovens que cometem crimes dos 12 anos 16 Anos

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Com a minha técnica.

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

A lei é muito importante...

Achas que a tua vida tem sentido? E qual o sentido?

Acho que sim a minha vida tem sentido né? Quero ter um futuro e quero ser feliz... eu tenho objetivos... muitos...

ENTREVISTA DE CATARINA

1.1. Fala-me, em traços gerais, do momentos mais marcantes da tua vida não esquecendo de referir com quem vivias, como era a relação familiar, o teu percurso escolar, os grupo de amigos...

Algumas partes não vou falar...

Quando eu tinha 5 anos estava a viver com os meus pais mas depois fui parar a um colégio... o meu primeiro colégio... era de freiras... e foi lá que eu vivi a minha vida toda, depois a minha irmã... saiu e eu comecei-me a portar mal... e então fui para outro colégio mais longe... a minha irmã saiu porque já tinha 18 anos... e eu tinha um irmão também mas ele não foi... depois eu portei-me mal e fui para outro colégio para mais longe, para eu não fugir e isso, porque eu fugia... e depois fiz a minha vida toda lá... para os lados de Mafra... Ericeira... faltava às aulas... não tinha bons amigos... era isso... fomos para o colégio porque não tínhamos condições em casa e o meu pai batia na minha mãe. A minha ia ver-me mas agora aqui não vêm muitas vezes porque a minha mãe não tem dinheiro e a minha irmã está a trabalhar.

Fiz até ao 6º ano... ia para a escola mas não ia às aulas... estava com amigos, queria ir com eles e eles faltavam e eu também queria ir... isso começou quando eu tinha 12 anos... fui quando mudei de colégio... mas eu já fugia... porque queria ir para o pé dos meus pais porque via o meu pai a bater na minha mãe... e não queria que ele fizesse isso e ia...

A minha infância... achava que... gosto da família que tenho mas achava que dentro dela tinha montes de problemas... e que precisavam de ser resolvidos... e comecei a falar com pessoas... para compreender melhor porque antes eu estava do lado do meu pai... e depois é que fiquei a perceber o lado da minha mãe... porque era mau o meu pai estar a bater na minha mãe e eu estar a favor do meu pai. A minha infância foi má...

E dos 10 anos até agora como é que defines essa fase da tua vida? Foi má... eu não gostei de estar sempre em colégios... e nunca podia estar com a minha família por esses motivos... sentia-me bem com alguns amigos... com outros não... eram mais velhos que eu.

1.2. Ao olhares para o passado, o que pensas do teu comportamento antes da entrada no Centro Educativo?

O meu comportamento era mau... eu roubava, tratava mal as pessoas...

1.3. Que situações ao longo da tua vida determinaram a entrada em CE (idade/situação)?

Drogas... vendia drogas e fui apanhada... estava a vender na Ericeira e chegou a polícia... já tinha tido problemas com a polícia por roubos mas nunca tinha tido nada assim... levavam-me para a esquadra, tinha que ir lá a pessoa encarregada por mim... e quando chegava ao colégio ficava de castigo mas não cumpria... e fugia.

Eu também consumia... quando vim para cá foi difícil, mesmo difícil... porque comecei a consumir com 13 anos...

1.4. O que pensas relativamente à medida que te foi atribuída?

1 ano e meio regime fechado por Tráfico e 1 ano em semiaberto por roubos, de dinheiro em casas... ia armada e com mais gente... e apanhamos todos... foram presos... e outros foram para outros centros ou medida lá fora...

Acho que 1 ano e meio chegava, não era preciso mais um ano... foi bom para eu pensar e refletir sobre as coisas que fiz... e pensar no mal que fiz às pessoas que roubei e isso, porque eu também não gostava que me fizessem a mim... e pensar no porque do que eu fiz às outras pessoas...

A minha mãe ficou triste quando soube dessas coisas... mas nós nunca falámos muito sobre isso... e a minha irmã também... mas eu vou-me compor.

2.1. Antes de vires para o Centro Educativo, alguma vez tinhas ouvido falar deste tipo de Instituições?

Não... só ouvia falar de casas de correção... disseram que eu vinha para uma casa de correção. As pessoas lá fora não sabem nada disto... disseram-me que me iam bater... eu vinha frustrada... estava ali naquele portão e disseram-me para tirar as coisas dos bolsos e isso... e que não podia ter nada. As senhoras do outro colégio é que me trouxeram... depois de passar o portão senti uma dor... forte... depois fui fazer aquela revista ali... de abaixamentos... depois entrei... deram-me roupas todas largas e sapatilhas mesmo grandes e depois fui para o quarto de isolamento. Eu só pensava em lá fora e em porque é que eu fiz isso e na minha mãe... pensava assim...

2.2. É importante para ti estares aqui? Porquê?

Sim... porque saio com algumas competências que eu não tinha e com as coisas que aprendi aqui..

2.3. Que mudanças aconteceram em ti, na tua vida, após a entrada no Centro Educativo?

A maneira de falar... a minha relação com o meu pai mudou um bocado...

2.4. O que é que achas que já aprendeste aqui de importante?

A lidar com outro tipo de pessoas... e a saber ouvir...

2.5. Consideras que a intervenção foi/está a ser importante? Porquê?

Para adquirir algumas competências e para a vida futura...

3.1. Para quando está prevista a saída do Centro Educativo?

12 Maio de 2016

3.2. Quando saíres de cá, já tens algum projeto/plano? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?

Sim... quero ter uma casa para mim e para a minha mãe e quero ter uma profissão, ser polícia...

3.3. O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres do Centro Educativo? Podes dizer-me porquê?

Que a minha família seja toda unida... temos que trabalhar todos juntos... a minha mãe e o meu pai estão na mesma casa mas não se falam... a minha mãe não trabalha mas tem a minha irmã que lhe ajuda e isso...

3.4. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?

Claro que sim.. não ter dinheiro para sustentar a minha família... mas eu quero ajudar...

3.5. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?

Acho... porque isto vai-me ajudar a crescer e também vou sair daqui com formação e com escola que eu não tinha... vou sair daqui com o 9º e com o curso de operadora de pré-impressão e depois vou ainda para a de cozinha... não sei se vou conseguir concluir o de cozinha...

4.1. Na tua opinião os Centros Educativos existem para quê?

Para educar... (ri-se...)

4.2. O que consideras melhor no Centro Educativo? E pior?

Para mim é a escola... e o pior são algumas pessoas... falsidade aqui dentro... entre as colegas e adultos... já tive p'os por causa de coisas mesmo estupidas... às vezes toques... não nos podemos tocar e essas coisas... por partilhar comida... isso tipo de coisas estupidas... se eu tiver uma p'o por partilhar comida vou arrancar ervas... e vão para o tribunal... só os 1 e os 2 é que não... mas é nota negativa...

4.3. Qual o acontecimento/momento mais positivo durante este teu percurso no Centro Educativo?

Foi ter uma pessoa que me dava grande suporte de apoio. Mas já se foi embora, uma colega. Senti raiva mesmo mas eu sei que era o melhor para ela, ela tinha que sair... e fazer a vida dela... porque ela ia embora e não ia ficar com ninguém que me apoia-se tanto quanto ela.

4.4. E qual o momento mais negativo?

Estar no quarto quando tentei fugir... fui ao dentista e depois tentei fugir e fui para um beco sem saída... já foi a algum tempo... eu não conhecia a rua e fui para um beco sem saída e depois um senhor veio atrás de mim porque ele queria uma recompensa... por ele me ter apanhado... depois ele disse para eu me por de joelhos e com as mãos na cabeça... e para me deitar no chão e depois fizeram-me contenção... e depois cheguei cá dentro e quarto de isolamento... depois isso passou e percebi que foi o melhor para mim... mas fiquei mesmo mal... três dias naquele quarto fechada sem sair mesmo... só estar lá fechada e não se via nada... comia lá e tudo...

4.5. A intervenção a que foste sujeito foi importante para ti em que sentido? Capacitou-te para alguma coisa?

A nível de educação sim... tem muito sentido... eu lá fora não tinha ninguém que me ouvisse... e aqui as pessoas aqui têm mais tempo para nós...

4.6. O que é que achas que é essencial no processo de intervenção e que não alterarias?

As regras e as reuniões... porque é importante nós falarmos sobre o dia... o que é que aconteceu para vermos o que é que estamos mal e em que é que podemos mudar e isso... quem quiser falar fala... há monitores que perguntam diretamente como é que correu o teu dia e há outros que não... fala quem quiser...

4.7. Imagina que não tinhas vindo para o Centro Educativo, como é que achas que seria a tua vida neste momento lá fora?

A cometer grandes crimes... vou ter receio quando for lá para fora de voltar a fazer crimes... eu não quero voltar a fazer mas... se as situações se proporcionarem vou tentar ter força.

5.1. Já ouviste falar em L.T.E? Se sim, o que significa para ti?

Sim... nós aqui já falámos nisso sobre as leis... lei que é aplicada para os jovens que estão no CE...

5.2. Já alguma vez leste ou falaste com alguém sobre esta Lei?

Sim... os técnicos...

5.3. O que pensas desta Lei? Achas que é importante? Porquê?

Sem lei o mundo era uma porcaria... estavam aí as pessoas a fazer tudo o que queria... eu não sabia quando estava lá fora... que havia esta lei... se eu tivesse alguém que falasse comigo eu não estava aqui...

Sentido para a tua vida?

Aqui dentro não... mas eu sou obrigada a estar aqui... mas a minha vida tem sentido. Fazer a minha mãe feliz... era o meu sonho e o objetivo da minha vida.